



Lloyd John Ogilvie



**DO IMPOSSÍVEL**



ISBN 0-8297-1701-3

Categoria: Devocional

Traduzido do original em inglês: *Lord of the Impossible*

Copyright © 1984 by Abingdon Press copyright © 1988 by Editora Vida

Impressão, 1989 Impressão, 1991

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 - E. U. A.

Capa: Hector Lozano

PARA EILEEN ROACH OGILVIE Nora Irmã em Cristo Amiga na fé E para quem as impossibilidades são um prelúdio para as maravilhosas possibilidades de Deus

## ÍNDICE

Prefácio

1. Nada é impossível

*Abraão*

2. O lutador obstinado

*Jacó*

3. Deixe Deus ser Deus

*José*

4. O Senhor jamais esquece

*Moisés, o homem de Deus*

5. O Senhor do impossível

*Moisés, o libertador*

6. Graça renovada

*Moisés, o líder*

7. O milagre fundamental

*Moisés e a presença de Deus*

8. Mais tarde *Israel na fronteira de Canaã*

9. Molhando os nossos pés

*Josué atravessa o Jordão!*

10. Seis chaves para desvendar o impossível

*Gideão*

11. Uma questão de lealdade

*Rute*

12. Ebenézer

*Samuel*

13. Retardando a ação do impossível

*Saul, um rei obstinado*

14. Uma pessoa segundo o coração de Deus

*Davi*

15. Fogo saído das cinzas

*Elias*

16. A luta pelo poder

*Jonas*

*6 O Senhor do Impossível*

17. A solidão de Deus

*Oséias*

18. Nova a cada manhã

*Jeremias*

19. Um quarto homem no fogo

*Sadraque, Mesaque e Abede-Nego*

20. Quando nada mais dá certo

*Ezequiel*

## **PREFÁCIO**

Fato curioso acerca dos heróis é que nem sempre demonstraram o mesmo tipo de entusiasmo. Coragem a convicção, associados, os capacitaram a realizar feitos espetaculares, que a história mais tarde registrou como heroísmo. Era vital que executassem esses atos. Uma criativa compulsão ditava as ações de homens e mulheres dinâmicos, os quais honramos como nossos heróis bíblicos. De um encontro misterioso com Deus surgia o impulso para tentar o impossível. O segredo do poder de Deus ao alcance deles achava-se na perigosa confluência do que eles eram e do que deveriam ser e realizar por convocação divina. Fé! Maravilhas se realizavam mediante o dom da fé.

A fé incorre em risco. A fé não é real se não exige risco. Uma disposição ao risco era tudo o que Deus pedia deles. Quanto maior fosse o risco, tanto maior seria o poder de fé concedido. E aqueles que ousaram tentar o impossível encontraram a verdade que liberta, da qual tanto carecemos para os enormes desafios da vida. Esses heróis constataram que o Criador e Sustentador do Universo é o Senhor do impossível!

Em cada etapa da dramática história de Israel há um personagem central, por meio do qual Deus procurou conduzir adiante o seu povo, numa demonstração de que se tratava do seu povo escolhido. E muito honesto o relato bíblico acerca de seus heróis. Eles eram falíveis, pessoas humanamente inadequadas e cientes de que a obra de Deus realizada pelo poder dele produz os resultados que ele espera.

Neste livro quero ajudar os leitores, através dessas pessoas, a ter um

encontro com o Senhor do impossível. Selecionei alguns dos muitos fiéis e obedientes heróis da fé, com o propósito de vê-los no contexto da época em que viveram, e de descobrir, através deles, o que o Senhor ensinou ao seu povo.

Meu intuito é apresentar mais que uma série de perfis de personalidades. Antes, através destas, desejo confrontar as dores e as esperanças que nos envolvem hoje. Usei uma aproximação tópica — textual — e expositiva. Cada capítulo é uma explanação dos textos bíblicos mais salientes acerca de cada personagem, a fim de descobrir o que Deus esteve tentando comunicar acerca desses seus servos e o que isso significa para nós atualmente. Enfocaremos os mesmos problemas também confrontados e vividos a fundo por essas figuras do Antigo Testamento.

A fim de apreciar as condições de vida desses heróis à luz dos problemas atuais, pedi à minha congregação de Hollywood e aos telespectadores do programa "Deixe Deus Amar Você", que partilhassem comigo os maiores desafios de suas vidas. Organizei esses desafios em categorias e conservei-os em mente, enquanto buscava as passagens bíblicas que destacavam o poder sobrenatural do Senhor do impossível.

Um estudo amplo e detalhado de como Deus chamou e preparou seu povo para realizar o que eles sozinhos não podiam, revela o poder que está à nossa disposição. É o desejo do Senhor de nos surpreender com o que ele pode realizar, se ousarmos nos arriscar a aceitar o seu dom de fé e a deixar os resultados com ele.

Cada capítulo deste livro conduz ao Calvário e à intervenção final do Senhor do impossível. O Senhor de Abraão, Jacó, José, Moisés, Josué, Gideão, Rute, grandes reis e incisivos profetas, foi o Senhor da encarnação, da cruz, de um túmulo vazio e do nascimento do novo Israel no Pentecoste. Deparar-se com os heróis do Antigo Testamento é encontrar-se, de um modo novo, com o Salvador do Novo Testamento.

Qualquer que tenha sido a descoberta deles do sobrenatural, não passa de um prelúdio comparado com a revelação final do Senhor do impossível vivendo entre nós. Por maiores que esses homens e mulheres se tornaram graças à mediação de Deus, sua grandeza nada mais é que um vislumbre da nova criação ao nosso alcance.

Minha maior dificuldade, ao escrever este livro, foi limitar o número de personagens. Era necessário escolher entre uma descrição sucinta de muitos deles ou um estudo mais profundo de algumas figuras típicas. Tive de omitir muitos de meus heróis favoritos do período de centenas de anos que vai de Abraão a Ezequiel. Meu interesse foi concentrar-me no Senhor do impossível e no seu poder de intervenção acessível na atualidade. Esse poder se tornou a medida final de quem seria incluído entre os precursores da aventura da fé.

Assim como todos os meus livros anteriores, também este visa, com esmero, atender às necessidades das pessoas hoje em dia. Meu compromisso ao ouvir as pessoas com atenção e, então, a Deus, quando ele se expressa através da Bíblia, reflete-se no estilo e propósito deste livro.

Todos nós nos defrontamos com impossibilidades. A vida traz os seus problemas e perplexidades, para os quais parece não haver saída. Pessoas exigentes e oportunidades enormes fazem frente a todos nós. Quando a vida nos desafia e declaramos: "Ora, isso é impossível", precisamos fazer da liberadora afirmação do anjo de Deus o nosso lema: "Para Deus nada é impossível". Encontrar o Senhor do impossível nas páginas do Antigo Testamento, em pessoas humanas e vulneráveis, porém corajosas, renovou o meu próprio "todas as coisas

são possíveis para Deus", e dispus-me a correr o risco. Minha oração é que esta renovação também aconteça ao leitor.

Sou muito grato a minha assistente administrativa, Jeri Gonzalez, por datilografar o manuscrito, aprontando-o para o prelo. Sua comunhão com Deus e sua experiência com ele como o Senhor do impossível fez do projeto uma fonte de muitas conversas de incentivo mútuo.

E a você agora, caro leitor, companheiro de aventura e parceiro na fé, confio este livro na esperança de que ele o ajude a crer com ousadia que "as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus".

## CAPÍTULO UM

# **NADA É IMPOSSÍVEL** ***Abraão***

O que você está empreendendo que não possa concluir sem uma mediação do Senhor? Há anos venho fazendo essa pergunta a mim mesmo e aos outros. Muitos de nós passamos a vida dentro dos estreitos limites de nossos talentos e capacidade. Tomamos o maior cuidado para comprimir e manter todas as coisas sob o nosso controle. Na realidade, não precisamos de Deus. Nosso temor ao risco nos mantém longe do que não podemos dominar ou realizar com nossa própria habilidade.

Embora estejamos cercados de problemas, desafios e oportunidades, dedicamo-nos somente às coisas inevitáveis. Nossa visão do futuro é quase sempre baseada no que podemos realizar com os nossos próprios recursos e experiências. Quando oramos, pedimos a Deus o seu poder a fim de realizarmos o que achamos melhor. Ele se mostra sensível e misericordioso e o nosso cristianismo entra nos moldes de nossas possibilidades auto-determinadas.

Partilhei esses pensamentos com a minha congregação certa manhã de domingo. Então, ao final do culto, estendemos o período de oração. Pedi que cada um meditasse essas questões em vários níveis da vida. Orientei-os no sentido de que as orações refletissem o poder ilimitado de Deus. O que faríamos se estivéssemos certos de que o Senhor interviria em nosso auxílio? O que

estávamos evitando ao afirmar: "Ora, isto é impossível"? Onde havíamos evitado um envolvimento com o que nos parecia impossível realizar sozinhos? Pedi que os irmãos pensassem na pessoa intolerável, no relacionamento problemático, na limitação, na enfermidade, na crise, ou no encargo, por segurança mantidos à distância. Depois nos atrevemos a pedir a Deus um quadro mental de como viveríamos se estivéssemos certos de que ele liberaria o mesmo poder revelado na vida de nossos heróis bíblicos, na ressurreição de Jesus e no livro de Atos.

Para eliminar os obstáculos à nossa percepção do possível, lemos João 14:12-14: "Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei."

No final da oração, o ambiente no santuário era de intensa vibração. Tínhamos recebido o mesmo poder para amar, perdoar, curar, reconciliar e aceitar a nossa cruz de obediência? Sim! E mais do que isso. Fomos chamados para realizar aquilo que Jesus de Nazaré não pôde antes da crucificação, da ressurreição e do Pentecoste: conduzir as pessoas até ele como o Senhor vivo e triunfante! Para quem, em nossas vidas, precisamos despende tempo e atenção sacrificial a fim de comunicar o amor de Jesus? Que oportunidades de servir à nossa comunidade socialmente enferma estamos com sutileza a evitar? Que metas o Senhor deseja que busquemos para nossa família, nosso trabalho, nossa igreja, mesmo com o risco de perder nossa segurança?

Depois desse inventário cortante, pedi que as pessoas estendessem as mãos abertas. Nelas colocamos a pessoa, a situação, o problema, ou a ação, objeto de nossas orações. O que deveríamos ser, realizar ou obter, que era impossível sem o seu poder e mediação? Então, quando todos estavam prontos, erguemos aquelas impossibilidades em esperançosa rendição. Observando a congregação, vi mãos levantarem-se, a princípio devagar, depois com vigor, até que quase todos estavam com os braços erguidos e as mãos abertas, liberando suas impossibilidades a Deus. O hino oficial chegou a estremecer as vigas de sustentação do teto.

Ainda mais empolgante que o culto foi a mudança nas pessoas e em nossa igreja. As cartas e as conversas das semanas seguintes relatavam coisas surpreendentes. Muitos jamais haviam tido uma visão da vontade de Deus, impossível de realizar sem o auxílio divino. Porém, agora, mediante essa nova visão e a disposição de aventurar-se ao impossível, Deus concedeu cura, poder sobrenatural, ajuste de relacionamentos, reconciliação de casais, mudanças de emprego, evangelização pessoal e projetos missionários na comunidade. Uma mini-experiência do Pentecoste teve início quando as pessoas ousaram arriscar-se a fazer o que apenas sob a mediação do Senhor seria possível. Essas pessoas constataram que o Senhor supre as suas necessidades e as orienta nas suas impossibilidades.

Com o objetivo de reciclar o fluxo de poder do Senhor a cada semana, os anciãos da igreja colocam-se à disposição das pessoas após os cultos de adoração. Eles partilham, em pequenos grupos, suas impossibilidades com outros irmãos. Esses anciãos tomaram--se líderes de confiança no estímulo a seus companheiros de aventura.

Quando os crentes percebem que uma chamada vem de mãos dadas com o discipulado sacrificial, de repente todo o programa da igreja assume um novo propósito e significado. As atividades de comunhão, educação e adoração tornam-se parte da preparação para o ministério.

Quanto mais vivo a aventura da fé e partilho com outros em profundidade o que estão descobrindo acerca de Deus, mais sou possuído desta convicção: o Senhor nos ama e se importa mais com nossos interesses que nós mesmos. Ele é o Senhor das intervenções radicais. Em tempo e a tempo, ele invade os nossos problemas e as nossas perplexidades com poder sobrenatural. Há ocasiões em que ele de fato nos conduz a desafios e oportunidades, a fim de nos maravilhar com o que ele é capaz de fazer com as nossas impossibilidades.

O que essa aventura da fé significa para você? Você já pediu a Deus que o ajude a encarar, sem receio, o risco de aventurar-se em algo por ele revelado? Isso é importante. Deus opera o impossível por meio de uma intervenção radical naquilo que ele orientou. Mantenha isso em mente. Tudo o que eu afirmo neste livro fará mais sentido se diante de nós conservarmos a nossa impossibilidade orientada por Deus enquanto estudamos os personagens do Antigo Testamento, pois deles podemos aprender o que descobriram em suas circunstâncias, acerca do Senhor do impossível. Eles nos ajudarão a perceber o poder divino nas nossas próprias circunstâncias.

Em um dos seus livros, Oswald Chambers diz que nossas impossibilidades "fornecem uma plataforma na qual o seu [de Deus] grande poder e graça se manifestam. Ele não apenas nos libertará, mas, ao fazê-lo, nos dará uma lição que jamais esqueceremos, e à qual nos volveremos com alegria. Jamais agradeceremos a Deus o bastante por ter feito exatamente o que prometeu."

Abraão constatou esse interessante fato em sua crescente amizade com Deus. Na Bíblia, esse precursor da aventura da fé recebe distinta honra: "Abraão, teu amigo" (2 Crônicas 20:7). Deus mesmo sustenta esta afirmação através do profeta Isaías: "Abraão, meu amigo" (Isaías 41:8). Tiago resumiu o desenvolvimento daquela amizade nestes termos: "Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça"; e: "Foi chamado amigo de Deus" (Tiago 2:23).

Abraão não obteve facilmente sua amizade com Deus, a qual só conquistada através de repetidas provas da intervenção divina. Tudo o que ele intentou fazer contribuiu para levá-lo a afirmar: "O Senhor provera". Através das provas, Abraão tornou-se um herói da fé que sobressai a todos os outros do Antigo Testamento. O segredo de sua vida foi o dom da fé, recebido do Senhor. Ele se destaca pelos riscos que assumiu e pela seqüência de intervenções divinas em sua vida.

A vida heróica de Abraão pode ser dividida em três fases: a chamada à fé, a realização da fé, e a prova definitiva dessa fé. A fase principal é a terceira, mas os eventos das outras ajudam-nos a compreender e a avaliar a ousada afirmação: "O Senhor provera". É a certeza do patriarca na experiência mais angustiante de sua amizade com Deus.

A *chamada à fé* ocorreu quando Abrão era conhecido como o filho de Terá e vivia no meio do povo semítico que migrou e se estabeleceu em Ur, uma civilização muito avançada do Norte da Mesopotâmia. Uma gama variada de deuses e cultos aos ídolos saturava o politeísmo sumeriano da região e da época: um problema que se evidencia com freqüência nesse período limiar da história do povo de Deus. Por algum tempo esses bons semitas sincretizaram o seu Deus da criação, do dilúvio e de Noé com os deuses locais — o deus da lua em particular. Comprova-se tal fato no nome de Terá, que em hebraico tem relação com a palavra "lua". Esta pode ser a razão por que o Senhor o despreendeu, bem como a sua família, dos laços daquela civilização próspera e sofisticada. Deus provocou um sentimento de desconforto em Terá que o induziu a partir de Ur com seu filho



Abrão, a esposa deste, Sarai, e Ló, sobrinho de Abrão, impelindo-os em direção à terra de Canaã. Viajaram ao longo do vale do Eufrates até Harã.

Em Harã, anos mais tarde, o mesmo Deus que orientou Terá a mudar-se de Ur apareceu em revelação direta a Abrão, deixando-o em pânico. O Senhor tinha grandes planos para Abrão, e este talvez vivesse toda uma vida de amizade com Deus antes de perceber que o Senhor proferia para cada passo do caminho. "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei" (Gênesis 12:1). Os riscos que o Senhor nos desafia a assumir são sempre para o nosso bem, mesmo que pareçam assustadores. O Senhor prossegue: "De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gênesis 12:2-3).

É uma promessa e tanto, mas agir baseado nela exigia risco. Nela e somente nela, Abrão se apoiava. Assim, apesar da pouca orientação que possuía, ele partiu, e nos anos seguintes conheceu a amizade e a fidelidade de Deus. Muitos anos foram necessários para que Abrão amadurecesse nessa amizade — confiasse nela, mediante a prova da sua realidade em épocas de dúvida e desespero.

Após a morte de Terá, Abrão deixou a segurança de Harã e seguiu para Canaã. Os altares que construiu ao longo do percurso falam da sua crescente fé em Deus, a qual o capacitava a assumir novos riscos. Contudo, quando uma escassez de víveres atingiu Canaã, ele se dirigiu mais além, ao sul, para o Egito. Aí Abrão revelou o outro lado de sua personalidade — o lado tímido que reagia contra o risco, que não confiava. No Egito, Abrão ordenou a Sarai que dissesse ser sua irmã — uma mentira decorrente da sua falta de fé na promessa de Deus. Sarai era linda, e Abrão temia que os egípcios, para ficarem com ela, o matassem. O próprio faraó atraído pelo encanto de Sarai, conduziu-a ao seu lar e conferiu honras a Abrão, que supunha ser irmão dela. Mas o Senhor tinha outros planos. Enviou pragas contra faraó e toda a sua casa, até que a verdade viesse à tona. Abrão quase frustrou o plano de Deus de torná-lo o pai de uma grande nação. Por pouco ele e Sarai não escaparam com vida.

*A realização da fé*, o segundo ato do drama de Abrão que logo seria Abraão, surgiu quando o Senhor o tirou do Egito e o levou para Canaã. O Senhor manifestou-se a ele em seu primeiro acampamento e lembrou-lhe as bênçãos, comprovadas em gado, ouro e prata, e mostrou-lhe a terra prometida a ele e à sua posteridade.

"Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda essa terra que vês, eu te darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência" (Gênesis 13:14-16).

A seguir, o Senhor mandou que Abrão fizesse algo estranho: "Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu te darei" (Gênesis 13:17). Com o propósito de desenvolver em Abrão a ousadia de um aventureiro, o Senhor tinha de ajudá-lo a apossar-se da realidade do aparentemente impossível. Deus-lhe não apenas uma visão, mas também fê-lo gozar-se por ela até que dela se apossasse por completo.

Da mesma forma Deus age comigo e com você. Primeiro, ele nos dá o sonho impossível, depois nos ajuda a ver um quadro desse sonho já em nosso poder, e em seguida, através de nossa imaginação, ele nos ajuda com persistência a

formar uma imagem da realidade. Qual é o seu sonho?

Abrão edificou um altar para agradecer ao Senhor e mostrar-lhe a sua fé. Como podemos demonstrar ao mesmo Senhor do impossível que cremos?

A segunda fase encerra-se com a prova da bênção do Senhor sobre Abrão. Não apenas ele derrotou o rei de Sodoma na batalha, mas Melquisedeque, rei de Salém e também sacerdote do Senhor, saiu-lhe ao encontro para celebrar com pão e vinho a sua vitória. Com bastante expressividade, ele abençoa a Abrão: "Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos" (Gênesis 14:19-20). Talvez fosse confortador para Abrão ouvir da parte de um ser humano a mesma promessa que repetidas vezes ouvira de Deus. O vínculo de amizade entre ele e o Senhor tomava-se cada vez mais forte e estável.

Excelente! Pois na terceira fase dar-se-á o maior teste dessa amizade, conforme veremos. Abrão encontrava-se num dilema. A promessa de Deus anunciava que ele teria inúmeros descendentes, porém Sarai era estéril. Como poderia ser pai de multidões sem um filho? Seria o herdeiro um dos meninos nascidos em sua casa? Não. Em vez disso o Senhor prometeu a Abrão o que parecia impossível. Ele e Sarai teriam um filho. Abrão achou muito difícil acreditar em tal coisa. Sua idade já atingia a casa dos cem anos e a de Sarai a dos noventa! Foi então que o Senhor providenciou-lhe um presente, que é dado com liberalidade a todos os que ousam arriscar-se — o dom da fé. Mostrou-lhe as estrelas do céu e ordenou-lhe que as contasse. "Será assim a tua posteridade".

A seguir vem o versículo 6 do capítulo 15 do Gênesis, um dos mais importantes do Antigo Testamento. "Ele creu no Senhor, e Isso lhe foi imputado para justiça". Abrão recebeu de Deus a única coisa de que este se agrada e nos une a ele, e que ele anseia se libere de nosso interior. E só pela fé — não por obras ou expressão de nossa bondade própria — que se estabelece e se mantém um correto relacionamento com Deus. Mais tarde essa questão se tornou crucial, tanto para a igreja primitiva quanto para a Reforma. Como nos unimos a Deus? Pela fé somente. E o que Deus deseja de nós ele implanta em nosso íntimo. *Fé é um dom.*

Abrão precisou de uma renovação constante desse dom enquanto travava uma luta interior com a promessa impossível, em termos humanos, de um filho. O Senhor proveu no passado, mas como poderia uma mulher de noventa anos gerar um filho? Depois dessa promessa bem auspiciosa, Sarai insistiu com Abrão a que engravidasse Hagar, sua serva egípcia. Outra vez expõe-se a dificuldade de nosso herói em acreditar na espantosa promessa de Deus. "E Abrão anuiu ao conselho de Sarai" (Gênesis 16:2b). Um erro lamentável que relegou Abrão e Sarai a um estado de desconcerto com a vontade pessoal de Deus por algum tempo.

Ismael nasceu da relação não abençoada de Abrão e Hagar. Como sempre se constata na revelação clara e gradual do Senhor do impossível, alguns de nossos heróis tiveram de se contentar com o segundo lugar porque não souberam esperar pelo primeiro, pelo melhor que Deus tinha para eles. Contudo, o Senhor jamais se esquece de quem escolheu, nem volta atrás em suas promessas.

O Senhor reconduz Abrão ao "ponto zero". Uma vez mais ele faz a sua promessa, e desta vez dá novos nomes a Abrão e Sarai. Abrão será Abraão, pai de multidões, e Sarai será Sara, mãe de nações. Além da nova visão sugerida pelos novos nomes, o Senhor, a fim de encorajar novamente a Abraão, adota um nome definitivo para si mesmo: El Shaddai, Deus Todo-poderoso — aquele que detém todo o poder. Como se tudo isso não bastasse, o poderoso El Shaddai propõe uma aliança e promete abençoar a Abraão e a sua posteridade para sempre. A garantia

dessa bênção é um filho que se chamaria Isaque.

E qual foi a reação de Abraão? Ele riu! E mais tarde Sara também riu, ao saber da promessa impossível, isso magoou o Amigo. Era desejo de Deus que eles rissem *com ele* em puro deleite e alegria pelo que ele estava prestes a fazer, e não *dele* ou de sua promessa. Não é de surpreender que ele insistisse na mesma tecla. Há humor no coração de Deus que suscita em nós riso de espanto, não de zombaria. Lute com Deus até apropriar-se de suas promessas, mas jamais ria dele! Ele é um Amigo bom demais para isso.

Quando Isaque nasceu, Sara aprendera a sua lição. Assim se expressou em louvor e gratidão: "Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso, vai rir-se juntamente *comigo*. . . Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho? pois na sua velhice lhe dei um filho" (Gênesis 21:6-7). Quem, senão Deus, o Senhor do impossível!

Isaque tomou-se um rapaz vistoso e estimado. Seus pais nutriam um profundo amor por ele, não apenas por terem finalmente um filho, mas porque agora os termos da aliança se cumpririam. Isaque era mais que o orgulho, a alegria e a esperança de Abraão; era a sua vida!

Agora, entre no coração de Abraão e veja o pânico do patriarca quando o Senhor lhe pediu o impossível como *prova de sua fé*. Podemos sentir as punhaladas de dor em cada palavra da ordem do Senhor: "Toma teu filho, tem único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gênesis 22:2). O que significava essa ordem? A angústia de Abraão era inexplicável. "Por quê, Deus? Por quê?" ele deve ter clamado, sentindo-se completamente arrasado. "Meu filho, Deus? Como se cumprirá sem Isaque a tua promessa de que eu serei o pai de multidões?" Nenhum pedido pode ser pior. Nada pode parecer mais horrendo.

Já tentei meditar nessas perguntas vindas do íntimo da alma de Abraão. Sentei-me na Cúpula da Rocha, em Jerusalém, abaixo da qual está o monte Moriá, e perguntei a mim mesmo por que Deus pediu isso de Abraão. Alguns dizem que o próprio Abraão inventou a idéia pelo fato de os sacrifícios de crianças moabitas serem a suprema expressão de obediência aos deuses. Mas se o Deus verdadeiro era tão bom, para que apaziguá-lo com um sacrifício pagão?

Além disso, se a ordem divina fosse apenas o produto da imaginação de Abraão para a sua autojustificação, o que pensar das outras vezes que Deus conversou com ele? Não! a ordem para oferecer Isaque era real — uma prova definitiva da fé que Abraão possuía em Deus.

Restava saber se Isaque era uma dádiva de Deus ou uma posse de Abraão. Como ocorre a muitos de nós, teria Abraão permitido que seu orgulho por Isaque empanasse seu louvor a Deus? Há uma diferença sutil entre "tudo o que eu sou e possuo é dádiva de Deus" e "tudo o que eu sou e possuo é meu — pertence a mim e a Deus — e nesta ordem".

Todos nós incidimos nesse tipo de orgulho auto-gratificante. Damos demasiada importância ao que realizamos para Deus com nossas forças, esquecidos de que não podemos sequer respirar um sopro de ar sem a bênção de Deus a cada momento.

Penso nas épocas de crise, em que tive de abrir mão do governo de minha família, ou profissão, ou futuro, e me vi forçado a perceber que eles não são meus, mas um encargo, um dom de Deus. Doença, dificuldades, desapontamentos despertaram-me para o fato de que não posso me apoderar com avareza das dádivas da vida. Com o passar dos anos de amizade com Deus, vi-me obrigado a entregar os pontos, uma rendição decisiva à idéia tola de que eu

possuía alguma coisa por causa de meu direito ou trabalho árduo.

O ponto em questão é: Quem ou o que é o seu Isaque? Quem em sua vida disputa com Deus o primeiro lugar? O que você possui ou realizou que disputa com Deus o significado de sua vida? É freqüente, durante uma crise, percebermos que Deus não recebe de nós a máxima lealdade ou energia na vida diária. Falsos deuses não são apenas ídolos nos campos ou templos de uma antiga época paga; eles invadem nossos lares, identificam-se em diplomas nas paredes de nossos escritórios e estabelecem-se nos alvos e planos de nossa auto-gerada autoridade sobre nosso destino.

Mas devemos aprofundar-nos a fim de perceber o que Deus pretendia ao conduzir Abraão por essa prova cruciante. Fé é risco. É a crença de que Deus provera, a confiança inabalável de que ele nos dará, no momento certo, exatamente aquilo de que precisaremos em tempos difíceis. Foi esse tipo de fé que Deus deu a Abraão. A importância dessa história para nós está em que Deus deu a Abraão mais que um desafio; deu-lhe a certeza de que ele não negaria o seu pacto. Deus foi até ao fundo com Abraão e o levou à sólida segurança da Rocha Eterna.

Com o coração e mente, imagine-se escalando o monte Moriá em companhia de Abraão e Isaque. O rapaz gostava de estar com o pai e estava encantado em ir com ele a um sacrifício. Mas atente para a preocupação com o cordeiro para o sacrifício, que se transforma em pânico enquanto eles, com dificuldade, caminham mais adiante morro acima. — Meu pai! — disse Isaque. — "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (Gênesis 22:7). Isaque confiava em seu pai, porém Abraão confiava em Deus ainda mais, e responde comovido: — "Deus provera para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto" (Gênesis 22:8). E persistiam na caminhada sem que a pergunta real de Isaque obtivesse resposta. Certamente ele estava a par dos sacrifícios de crianças praticados naquela área. "Podia ser? Não Abraão, meu pai!"

Atreva-se a imaginar o que se passou entre pai e filho quando alcançaram o topo do Moriá, e Abraão em silêncio, quase compulsivamente, edificando o altar, preparando a lenha, e então começando a amarrar o filho. Sinta o íntimo de Abraão, quando os seus olhos se deparam com os olhos incrédulos de Isaque. E então o momento fatal se aproxima. Antes que o fogo fosse aceso, Abraão retira a faca para imolar o filho. No momento que ele estava para enfiar a faca no peito de Isaque, o Senhor clama: "Abraão, Abraão!"

Nem um segundo a mais, nem um segundo a menos. As palavras intervieram a tempo e com precisão! E então disse Deus: "Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho" (Gênesis 22:12). Abraão havia assumido o risco máximo e Deus? foi fiel à sua promessa.

A pintura de Rembrandt desta intervenção dramática retrata a notável verdade. Quando Abraão está prestes a enfiar a faca, ergue os olhos em resposta à chamada interceptora de Deus. É de puro realismo o lançar da faca ao ar com toda a força. Abraão aguardava a voz, e quando a ouve, arremessa a faca para longe com um triunfante: "Eu sabia que virias! eu sabia que proverias uma saída!" Rembrandt retratou um misto de pavor, assombro e certeza na face de Abraão. Comovo-me ao pensar que Rembrandt serviu-se do mesmo modelo para a face de Abraão, ao retratar o pai na pintura do filho pródigo quando este retornava. O coração amoroso de Deus mostra-se patente em ambos.

Após o momento da extrema intervenção, Abraão olhou por cima dos

ombros e notou atrás de si, entre os arbustos, um carneiro preso pelos chifres. De fato, Deus havia provido! Ali estava o sacrifício substitutivo. Depois de sentir a angústia de Abraão, deixe agora a sua imaginação captar a alegria dele. Ele ofereceu o carneiro em vez do filho, e chamou o lugar: "YHWH Jireh", que significa: "O Senhor provera". Estas palavras, transformadas em metáfora da intervenção majestosa de Deus, têm sido repetidas pelas gerações seguintes em épocas de dificuldades, e carregadas à frente de exércitos e procissões.

A história familiar de Gênesis 22 reluz como um diamante, ao expor novos raios de verdade cada vez que a meditamos. Jamais nos cansamos dela, não apenas porque o drama nos prende a atenção, mas também porque exprime a nossa mais profunda necessidade de confiar em Deus em ocasiões de risco e nos reanima com as oportunas intervenções divinas.

Acima de tudo, nossa atenção se volta para outro monte não muito distante do Moriá — o Calvário. Ali Deus fez o que era na realidade impossível. Ele deu o seu próprio Filho como sacrifício pelos pecados de todos os povos, em todas as gerações. O que ele não exigiu de Abraão, exigiu de si mesmo, oferecendo Jesus para que pudéssemos conhecer o seu supremo amor e perdão.

Senti um arrepio terrível ao descer o monte Moriá em direção do Jardim do Sepulcro, nas cercanias do túmulo vazio, e ao seguir até à rocha irregular que assume a forma de um crânio — o Gólgota. Visitas a locais históricos podem parecer sentimentais, mas não se revivemos no coração e mente o que aí aconteceu. Deus é o mesmo — ontem, hoje e amanhã. Ele é o Senhor do impossível — Moriá e Calvário. Havia uma cruz no coração de Deus quando ele interveio com Abraão e curou a síndrome do pecado através do sacrifício de Jesus Cristo na cruz. E o mesmo coração em forma de cruz está batendo por você e por mim. Ele nos ama com extremo ardor e veio para que pudéssemos saber que somos o seu povo amado e querido.

Aprendemos três coisas importantes com Abraão acerca do Senhor do impossível. As três estão intrinsecamente entrelaçadas numa grande promessa que nos ajuda a viver agora e para sempre.

A primeira é que o *Senhor criou a mim e a você para sermos amigos dele*. Esta convicção não é irreverente. Na verdade, ela gera a reverência. Ele veio em Jesus Cristo para estabelecer uma profunda amizade conosco e revelou esse desejo mediante um amor incansável consumado na cruz. Tendo como base essa amizade, podemos buscar sua direção, arriscar-nos, e conhecer sua presença permanente conosco. Quando contemplamos a face de Deus em Cristo, percebemos nela afirmação, aceitação, apoio ilimitado e amor infindo. Enquanto olhamos para ele, maravilhados e gratos, ele nos lembra que a sua amizade não se fia em nossa eficiência e perfeição. "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos" (João 15:1315). Coloque-se no lugar de Abraão e ouça o Senhor dizer: "Abraão, meu amigo".

A segunda coisa que Abraão nos ensinou é que *a essência da fé é risco*. Podemos atrever-nos ao risco, ao sabermos que o Senhor ama o nosso "Isaque" mais que nós mesmos. Foi essa a descoberta espantosa de Abraão. Ao pormos o Moriá e o Calvário sob foco, podemos ver o nosso Isaque de uma perspectiva completamente diferente. Deus é por nós e não contra nós. Ele não deseja um sacrifício religioso de nosso Isaque, mas uma rendição total de nossa vontade obstinada, seja quem for ou o que quer que se tenha tomado o nosso Isaque. Pense nas pessoas que se transformam na extensão do seu ego — cujo sucesso

produz em você um falso orgulho ou cujo fracasso lhe parte o coração. Ou considere aquilo que você mais aprecia, ou seja, saúde, reputação, posição ou planos para o futuro. E então medite nas oportunidades que podem ter-se transformado em obsessões. O emprego, uma causa, a igreja, ou uma responsabilidade que se tenha transformado na paixão de sua vida. Nosso Isaque é aquela pessoa ou coisa que lance uma ponte sobre o espaço vazio entre os nossos sonhos mais acariciados e nosso desejo de vê-los realizados. A aventura da amizade com Deus baseia-se em nossa renúncia ao domínio daquilo que jamais nos coube dominar. Entregamos o que não é nosso a fim de ganhar o que não podemos perder. Abraão deu a Deus o seu Isaque, seu futuro e seu destino de pai de multidões. Em troca, o Senhor doou Isaque como um presente e uma garantia de que amava o rapaz e acreditava no futuro de Abraão mais que o próprio Abraão.

Pode acontecer o mesmo com você e comigo. Mas não sem a terceira coisa que aprendemos com Abraão. O legado de visão ampla e liberal que o grande herói da fé nos deixou foi *a fiel convicção de que o Senhor proverá*. Era real a sua fé na intervenção de Deus. Não seria possível suportar a provação cruciante, a menos que ele já possuísse aquela fé. Quando confiamos o nosso Isaque ao Senhor, podemos estar certos de que ele há de prover uma rota de escape através de nossas dificuldades. Podemos enfrentar qualquer coisa porque em Jesus Cristo as temos sublimadas em sua intensidade na cruz. O Senhor da intervenção radical assumiu a completa responsabilidade de nosso pecado, fracasso e rebelião. Cristo é o carneiro entre os arbustos, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Deus não apenas permitiu que Jesus levasse o pecado sobre si mesmo, mas também ressuscitou a seu Filho dentre os mortos como nosso Senhor triunfante sobre a morte e o mal. Não é preciso que sacrifiquemos a nós mesmos ou ao nosso Isaque para obter o seu favor. Ele já tomou a ambos de nossas mãos. Agora estamos livres para aguardar com prazer o mesmo poder que intervém em tudo o que lhe confiamos.

E o que podemos fazer em resposta? Dar-lhe completo domínio de nossa vida, nosso Isaque e nosso futuro. E, como expressão da sinceridade da nossa fé, arriscar-nos ao impossível sob a orientação dele. Agite a bandeira "O Senhor proverá!" nas trincheiras de seu coração. E ele proverá — esteja certo disso.

CAPITULO DOIS  
**O LUTADOR OBSTINADO**  
*Jacó*

Todos nós carecemos dela com desespero. É aquela grande necessidade de todos nós. Nascemos por causa dela e não há alegria que dure sem ela. Ela é para a alma o que o oxigênio é para os pulmões e a proteína para o corpo. Ela é a única fonte de segurança espiritual e saúde psicológica, a base da confiança e da auto-estima. Com ela nos tomamos livres e atraentes; sem ela somos tímidos e obstinados. Ela é o que as pessoas mais esperam de nós, porém não a podemos dar enquanto não a recebemos. Quando não a recebemos de nossos pais, por lhes ter sido negada, despendemos o resto de nossas vidas a exigí-la ou tentando merecê-la. Contudo, nenhum ser humano pode satisfazer ao nosso ardente desejo por ela. Ela é o bem mais precioso da vida.

Que é esse bem tão ansiado, esse poder dinâmico? *A bênção*. Cada um de nós necessita ser abençoado, sentir-se abençoado e por sua vez se tornar um comunicador de bênçãos.

Uma das palavras mais mal interpretadas e mal empregadas é bênção. Significa mais que prosperidade ou bens, sucesso ou realização. Dos remotos tempos bíblicos até agora, a bênção de Deus é a plena certeza de que a ele pertencemos, de que ele se deleita em nós e de que ele nos escolheu como o alvo de seu ilimitado amor. Ser uma pessoa abençoada é conhecer, sentir e comprazer--se na firme promessa de Deus, na sua aceitação e aprovação. É a experiência de ser escolhida e estimada, valorizada e apreciada. Uma pessoa

abençoada pode dizer, nas palavras de Karl Barth: "Deus é por mim!" com quatro auspiciosas ênfases: *Deus é por mim!* Deus é por mim! Deus é *por* mim! Deus é por *mim!*

Este capítulo é para aqueles que precisam sentir essa bênção, que não conseguem permitir que Deus os abençoe e que são, muitas vezes, mesquinhos para com os outros com a bênção que receberam. É para pessoas como eu e você. O mistério da vida está em resistirmos ao que necessitamos e em desejarmos muitas outras coisas. Assim é que muitos se sentem não abençoados nesta dimensão mais profunda. Alguma coisa em nós impede a entrada das riquezas das bênçãos divinas. Muitos dos que possuem dons e talentos, oportunidades e sucesso material ainda se sentem não abençoados.

O que significa isso? A síndrome misteriosa da vida consiste em recusarmos a bênção se não nos sentimos abençoados. Se os pais e outras pessoas mais achegadas em nossos anos de crescimento retiveram de nós a bênção, recusaram dar-nos afirmação, aprovação e a plena certeza de sermos especiais, acharemos difícil permitir que Deus nos abençoe. Esta é a razão por que muitos, embora possuindo uma compreensão intelectual da fé e uma confiança sólida em Deus, não sentem o amor divino ou não se apegam a um relacionamento pessoal e familiar com Deus. Se a bênção da afirmação foi recusada em termos humanos, será difícil a sua aceitação em termos divinos.

Minha tese é que as pessoas que se sentem não abençoadas se tornam obstinadas. Quanto mais elas se sentem não abençoadas, mais desenvolvem, sem perceber, uma obstinação para manter o autocontrole e guardar-se de ser magoadas. Ocorre exatamente o oposto com as pessoas abençoadas. As pessoas que se sentem afirmadas e amadas são flexíveis, receptivas e dispostas. Mas as não abençoadas se tornam lutadoras obstinadas. Elas se esforçam por obter a bênção de outros, expressa em aprovação e estima, mas amiúde questionam a bênção dos outros e, acima de tudo, resistem à bênção de Deus. Lutar e resistir se torna uma tática de sobrevivência.

A vontade é uma função muito importante de nossa natureza. É um dom de Deus que visa à complementação de sentimentos e convicções. A vontade aciona as decisões, quanto ao que desejamos e ao que pensamos ser melhor. Com ela conduzimos as nossas vidas. A obstinação é uma distorção do dom da vontade. Ela busca o domínio do comportamento, e, para esse fim, faz com que manipulemos os outros e nos tornemos intratáveis. As pessoas obstinadas devem estar no controle. Eles se tornam competitivas e combativas. Em cada situação a pergunta é: "Quem é o responsável aqui?", o que leva a concluir que desejam ser responsáveis e fazer tudo o que for necessário para assegurar que o sejam.

Com o tempo, os lutadores obstinados se arrojam em luta com Deus. Ele então travará combate conosco até que possamos declarar: "Seja feita a tua vontade". Ele nos deixará imobilizados até que finalmente reclamemos a bênção, que ele está mais disposto a dar do que nós a pedir. Ele não ultrapassará o limite de nossa obstinação, mas disporá as circunstâncias da vida, levando-nos ao ponto de reconhecermos que a necessidade de afirmar nosso valor e importância, comparada com a fome de origem divina, não passa de um pequeno desejo que só ele pode satisfazer. Foi exatamente isso o que ele fez por Jacó.

Jacó, filho de Isaque, de vontade forte, impaciente, inseguro e não abençoado, faz que nos vejamos com espanto no espelho. O lutador obstinado em mim estende a mão ao lutador obstinado em você e juntos vamos nos identificar com o nosso patriarca-modelo. A Bíblia é muito honesta acerca da luta de Jacó para ser abençoado. Ótimo! Um estudo em profundidade dele nos auxilia a



identificar nossas lutas e a perceber o que Deus pode fazer com elas. A vida do Jacó forma um perfil clássico de alguém cuja infância não abençoada deu origem a uma obstinação que dificulta a bênção divina. Sua vida seguia na direção de um choque da sua vontade com a de Deus. Como me agrada mencionar o maior combate corpo-a-corpo da história ocorrido certa madrugada no Jaboque (vau do Jordão), quando Jacó passava por uma enorme crise e o Senhor batalhou fisicamente com ele. Podemos apreciar as implicações dessa luta para nós hoje, analisando as suas causas e o seu resultado. Na história de Jacó vemos o sentimento da falta da bênção, o que acontece quando permitimos que Deus nos abençoe, e a bênção que podemos ser para os outros logo que nos sentimos abençoados.

Jacó e seu irmão gêmeo Esaú eram filhos de Isaque e Rebeca. O primeiro a nascer foi Esaú, mas com apenas segundos de diferença, pois Jacó saiu do útero agarrado ao calcanhar do irmão. Foi aí que seu nome teve origem. "Jacó" quer dizer: "Alguém que toma pelo calcanhar", "agarrador de calcanhar" ou "suplantador". Desde o início Esaú foi o favorito de seu pai. Ele veio a ser um caçador, um homem do campo. Tal como Isaque, ele gostava da emoção da caça, da liberdade da aventura e do sabor da carne de animais selvagens. Jacó era o favorito de Rebeca. Dizem as Escrituras que ele era um jovem pacato, que morava em tendas. Já me perguntei muitas vezes se Esaú se sentia livre em seu espírito para vagar buscando agradar ao seu pai, pelo fato deste manifestar--lhe afirmação enquanto Jacó, nas imediações do lar, ansiava recebê-la. A rivalidade entre os dois filhos originava-se do conflito de vontades dos pais. Isaque e Rebeca, por não se amarem o suficiente, não amaram de igual modo os dois rapazes. O ambiente psicológico da família era de competição pela supremacia. No lar em que o marido e a esposa contendem entre si, a família inteira perde. O favoritismo de um pai por um filho, em geral vem de um casamento muito instável.

O ponto em questão na família de Isaque era qual dos dois filhos teria o direito maior — o direito de primogenitura. Nos tempos bíblicos dava-se ao primeiro que nascesse o direito de receber a propriedade e o governo da casa, por ocasião da morte do pai. Mas, de semelhante importância espiritual era a bênção do pai sobre todos os filhos. Essa dádiva preciosa de aprovação, afirmação e amor dava a cada filho um senso de identidade e importância para toda a vida. O intenso anseio de Rebeca não era simplesmente que Jacó fosse abençoado, mas que ele obtivesse o direito à primogenitura. Ela inculcou sua compulsão em Jacó de tal modo que ele se aliou a ela para obter esse direito quando o que ele realmente desejava era a bênção de Isaque. Esaú pouco se importava com a primogenitura, porque ele achava que já tinha a bênção de Isaque.

Um incidente demonstra a constante rivalidade dos irmãos. Certo dia, Esaú chegou faminto dos campos após um dia árduo de trabalho. Jacó cozinhava um ensopado e Esaú, com impetuosidade juvenil, exigiu uma porção dele, dizendo que morreria se não comesse imediatamente!

Jacó desejava tanto o direito de primogenitura que ele poderia morrer! "Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura", disse a Esaú. A atitude de indiferença de Esaú para com a primogenitura se depreende da sua resposta: "Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura?" Assim Esaú vendeu o direito e recebeu o cozinhado de lentilhas. A barganha revela a natureza obstinada de Jacó e seus esforços para obter auto-estima e segurança.

A trama se intensificou algum tempo mais tarde, quando Isaque percebeu

que estava às portas da morte. Chamou Esaú à sua tenda I pediu que ele saísse a caçar e trouxesse carne para um prato saboroso. "E traze-ma para que eu coma, e te abençoe antes que eu morra" (Gênesis 27:4). O primogênito saiu ao campo, mas Rebeca estivera ouvindo através das finas paredes da tenda. O momento que ela tanto esperava havia chegado! Rápida como um raio ela corre para Jacó, ordena-lhe que mate uma ovelha, prepare o prato saboroso que seu pai desejava e receba a bênção e o direito de primogenitura prometidos a Esaú. Jacó alega que sua pele é lisa e que Esaú é cabeludo. Seu pai ao tocá-lo, reconheceria logo que não se tratava de Esaú. Rebeca havia preparado um plano para essa circunstância. Manda que Jacó vista as roupas de Esaú e cubra o pescoço e as mãos com pele de cabra, de modo que Isaque seja enganado.

O plano dos dois teve êxito. Isaque comeu uma suntuosa refeição e, depois que suas suspeitas foram desfeitas por meio dos disfarces de Jacó, o abençoou e deu-lhe o direito de primogenitura. O teor da preciosa bênção nos auxilia a compreender por que era um galardão e tanto:

Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto. Sirvam-te povos, e nações te reverenciem: sê senhor de teus irmãos, e os frutos de tua mãe se encurvem a ti: maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar" (Gênesis 27:28-29).

Que grande bênção! Examinando-a percebemos que ela contém a afirmação que cada filho busca. Por que os dois filhos não podiam receber a mesma bênção? Não era esse o costume da época. Contudo, o resquício de favoritismo tem causado e ainda causa rivalidades entre os filhos. A síndrome: "ele ama a você mais do que a mim" ainda está em circulação.

Quando Esaú retornou a casa, soube do que sua mãe e o irmão haviam feito, e rogou a Isaque uma bênção. "Acaso tens uma única bênção, meu pai? Abençoa-me, também a mim, meu pai", clamou ele com a dor da rejeição. Achamos difícil compreender a severidade de Isaque para com o destino de Esaú. Seria a cólera por ter sido enganado pela esposa que o tornou tão intratável? Contudo, o que ele predisse para Esaú se cumpriu.

"Longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto. Viverás da tua espada, e servirás a teu irmão; quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz" (Gênesis 27:39-40).

Assim, um ressentimento profundo tomou conta de Esaú, provocando um clima de rivalidade, ódio e inveja entre os dois irmãos. Esaú planejou matar o irmão tão logo Isaque viesse a falecer.

Coube a Deus tirar Jacó dessa complicada trama de vontades em conflito e levá-lo a um lugar onde pudesse permitir que Deus o abençoasse. E fascinante ver como Deus usou o temor de Rebeca de que Jacó se casasse com uma das mulheres locais, bem como a angústia dela sobre o que Esaú poderia fazer ao irmão. A idéia de Rebeca (era dela mesmo?) consistia em enviar Jacó a Labão, seu irmão. Segundo nos parece, ela apresentou o plano a Isaque, pois este despediu Jacó com a sua "bênção" para Padã-Arã, onde morava Labão. Em muitas decisões como esta no Antigo Testamento, o que parece uma escolha humana lógica é, na verdade, o mais íntimo propósito do Senhor.

Jacó partiu para a terra de Labão sentindo-se não abençoado como sempre. Ele estava derrotado e amargurado. Embora Isaque o houvesse abençoado, estava cômico de que era uma bênção obtida através de fraude, que não podia satisfazer ao seu anseio de afirmação. E como qualquer amor forçado, que deixa tanto o que dá como o que recebe vazios. Jacó foi lançado ao mundo sem o sentimento de que seu pai tinha prazer nele, e com a sensação de ter sido

um brinquedo nas mãos de sua mãe obstinada. Deixou o lar ávido pelos importantes nutrientes de caráter que constituem a estima e a autoconfiança. Tudo o que possuía era a lembrança do que tinha feito a Esaú e de como seus pais falharam em dar-lhe segurança íntima. O resultado foi um homem de conduta ardilosa e manipuladora, empedernido em sua determinação de viver por sua própria astúcia e resolução. Tomou-se naquele tipo de pessoa que diz: "Se há algo a ser feito é minha obrigação fazê-lo por minha própria conta" — uma pessoa que confia em si mesma e está pronta a aceitar qualquer incumbência. Com toda a certeza, Isaque e Rebeca instruíram-no a respeito do Deus de seu avô e de todas as promessas que deveriam ser suas como descendente de Abraão, mas o condicionamento psicológico da família era de uma contradição tão descarada que foi difícil a Jacó acreditar nessas promessas. Ele possuía fê intelectual em Deus, mas uma indiferença envolvia o seu coração sensível e não abençoado. A ferida na mente de Jacó cicatrizava-se agora mediante os efeitos de sua obstinação.

A síndrome de Jacó. Em todas as gerações as pessoas vêm sofrendo desse mal em níveis variados. É notório em alguns; em outros acha-se encoberto de modo cuidadoso, mas se manifesta de formas sutis; em outros ainda, esse mal aparece numa conduta arrogante. Não me surpreendo mais quando, num inesperado momento de franqueza pessoal, alguém aparentando segurança confessa que quando pequeno seus pais lhe negaram afirmação ou que se sentiu rejeitado por outros, resultando disso uma vida inteira de esforço pela aprovação. Os pais, a família e os heróis dos impressionáveis anos de nosso crescimento têm tanto o poder de dar como o de estorvar a bênção da afirmação. Quando ela é estorvada ou irrefletidamente mal expressa por um doador em potencial, porém inseguro e não abençoado, passamos à idade adulta com uma dualidade: Uma superfície polida mantida por uma vontade forte, e uma ansiedade interior por aprovação e afirmação. Atravessamos a vida à procura de um pai, mãe, irmã ou irmão mais velho substituto, ou de uma autoridade que nos diga, afinal, que estamos OK.

Durante minhas viagens ao Oriente Médio em preparação para este livro, encontrei um ilustre professor de Chicago. Passava o seu verão em busca de um propósito e significado na vida. Nossos caminhos se cruzaram várias vezes em locais arqueológicos no Egito e em Israel. Certa tarde iniciamos uma conversa, que chegou a ser longa e profunda. Ele era de formação católica romana. Detalhe insignificante. Bem que poderia ser presbiteriano, fundamentalista ou pentecostal. De todos eles tenho ouvido a mesma lamúria — e muito mais. É surpreendente como viajantes conversam acerca de sentimentos pessoais com outros viajantes, na suposição e esperança de que jamais venham a se encontrar de novo.

O homem não era capaz de lembrar se os pais alguma vez lhe disseram que o amava. Na época em que ele mais precisava do pai, este faleceu; e a mãe até hoje se esconde atrás da evasiva: "Não sou a pessoa certa para falar dos meus sentimentos." O jovem erudito possui uma ficha distinta, tanto em formação como em profissão. Mas dote algum pode preencher o vazio interior.

Suponho que sentisse a necessidade de contar a alguém sobre sua última visita à mãe inválida, antes de começar a sua peregrinação. Ele lhe havia suplicado por uma confissão de que o amava.

Afinal, ela atalhou: "Por que você se sente obrigado a insistir nesse ponto? Sempre o amei. Meus atos deveriam ter-lhe assegurado isso!" Em seguida ela

passou um sabão nesse homem já realizado como se ele ainda fosse um colegial, mostrando-lhe como devia viver a sua vida e como estava deixando de lado a sua mãe. A atitude dela apagava a pequena afirmação que havia dado ao filho. O homem estava sofrendo. Ele precisava ser abençoado.

O nosso ministério de televisão atrai centenas de cartas de telespectadores todas as semanas. Muitas são expressões explícitas ou implícitas da insegurança em relação a Deus, a outras pessoas e a si mesmos. Certa mulher inteligente, atraente e muito talentosa não era muito diferente do homem que acabei de descrever. Todos pensavam isso a seu respeito, exceto uma pessoa — ela mesma. Seu pai não lhe havia dado a afirmação sadia que toda menina precisa para começar a sentir a alegria de ser mulher. Sua mãe era um complexo nervoso de repressões e temores. A escola dominical havia sido um reembasamento da disciplina materna, e a igreja uma religião institucional de "não faça isso, não faça aquilo". Após ter-se formado na faculdade, a mulher casou-se com um homem distinto e amável, que nutria sentimentos profundos de amor, nos quais ela achava difícil confiar. Agora, após uma sucessão de bebês e distrações domésticas, pela primeira vez essa mulher tem uma oportunidade de conhecer-se a si própria.

Certo dia, ao achar-se sozinha em casa, ligou a televisão e levou o nosso programa para dentro do sossego de seu lar. A mensagem daquele programa aludia ao amor ilimitado de Deus por nós em Jesus Cristo. O convite para responder por carta deu-lhe a oportunidade de expressar sentimentos sepultados há anos. A sétima página da carta não provinha de uma queixosa compulsiva, ranzinza ou neurótica. Antes, uma pessoa amável escrevia para perguntar o que fazer quando não se sente amável, quando todos os sentimentos interiores acerca de si mesma resistem à possibilidade de permitir que Deus ou alguém mais a ame. Que resposta você daria? O que você teria para oferecer-lhe de sua própria experiência de vida, como o segredo da auto-estima? Como seria ela capaz de experimentar realmente a satisfação de ser uma pessoa abençoada?

Apresentei estas histórias verídicas não porque sejam invulgares, mas por simbolizarem o sentimento de tantas outras pessoas. Elas estão em toda a parte. Talvez uma delas retrate o seu sofrimento com a síndrome de Jacó.

O Senhor tinha grandes planos para Jacó. Por isso, tão logo o levou para longe da aceitação limitada de Isaque e do domínio de Rebeca, ele começou a moldar o homem a fim de tomá-lo no que deveria ser. O Senhor sabia que o que Jacó mais ansiava era a sua bênção.

A caminho de Padã-Arã Jacó certa noite sonhou com uma escada firmada na terra, e que se estendia até o céu, na qual os anjos de Deus subiam e desciam. A mensagem era clara: a glória de Deus descia até Jacó e este era elevado à presença do Senhor, introduzido ao esplendor da glória de Deus. O de que o jovem obstinado precisava era da plenitude de Deus para encher o seu vazio. No sonho, o Senhor assegurava-lhe um direito de primogenitura mais importante — de recebedor das promessas dadas a Abraão e a Isaque.

"Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti, e à tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte, e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo de que te hei referido" (Gênesis 28:13-15).

A reação de Jacó ao despertar-se revela por que o Senhor teve de arrancá-lo das garras de Rebeca e da situação abençoada-não-abençoada que ele tinha na casa de Isaque. O temor se apossou dele. "Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. . . Quão temível é este lugar! É a casa de Deus, a porta dos céus" (Gênesis 28:16-17). Jacó não esperava encontrar-se com o Senhor sob as estrelas em Luz. Aparentemente, em casa ele nutria pouca ou nenhuma fé. Não sabia que precisava dela até ter de encarar a vida sozinho. O Senhor, para quem todas as coisas são possíveis, sempre tem de conduzir as pessoas sagazes, de vontade forte, a um lugar de solidão frente ao impossível, de modo que possa revelar-lhes o seu poder.

O sonho de Jacó emocionou-o profundamente. Ele erigiu um altar e o chamou de Betel, que quer dizer "Casa de Deus". Quando se pôs a refletir sobre a espantosa promessa de Deus, ele fez um voto de dar um décimo de tudo quanto o Senhor lhe desse. Com toda a certeza, ele havia recebido de Abraão a idéia do dízimo, por intermédio de seu pai Isaque. Jacó começava a sentir os primeiros sintomas da sensação de ser abençoado.

Percebem-se esses sinais em seu encontro com Labão. Seu tio era um embusteiro dos maiores! Rebeca havia recebido esse traço familiar de modo natural. Se a achamos manipuladora, Labão era pior. Mas Jacó trabalhou árdua e honestamente para ele. Apaixonou-se por Raquel, filha de Labão. Verdadeiro à sua maneira, Labão não ofereceu salário, mas pediu que Jacó fizesse uma proposta. Jacó ofereceu-se para trabalhar sete anos pela mão de Raquel. Labão aceitou, mas não gostou da idéia de a filha mais jovem, Raquel, se casar antes de Lia, a irmã mais velha. Jacó deu um duro pela mão de Raquel. "Serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava" (Gênesis 29:20). Uma nova qualidade de homem vinha à superfície. É freqüente Deus introduzir na nossa vida um exemplo assustador do tipo de pessoa que somos propensos a ser, de modo que possamos mudar o nosso curso. Labão e Jacó eram sangue do mesmo sangue, mas os desígnios de Deus eram muito diferentes para o caráter de Jacó.

Completados os sete anos, Jacó exigiu sua amada Raquel. Labão ofereceu um festa de casamento e, tarde da noite, enviou Lia para a tenda de Jacó, em lugar de Raquel. A festa deve ter tido bebedeira mais que suficiente, pois Jacó não percebeu a troca até de manhã, com o casamento já consumado. Estranha ironia — reminiscências da fraude que realizara no intento de obter o direito de primogenitura.

Jacó ficou furioso. Labão, o embusteiro, manobrou melhor que Jacó, o manipulador. Labão convenceu-o a trabalhar outra semana, antes que ele pudesse se casar com Raquel, isto é, trabalhar mais outros sete anos para mantê-la, e seis anos mais! Esses treze anos foram prósperos e produtivos, mas não sem conflitos entre as mulheres da sua vida. Raquel e Lia estavam sempre lutando pelas afeições de Jacó. Para Raquel, isso era um tanto difícil, pois foi estéril durante os primeiros anos de casamento, enquanto Lia deu a Jacó seis filhos e uma filha. Esse fato impeliu Raquel a ter dois filhos por intermédio da criada que deu a Jacó. Sem querer ser sobrepujada, Lia, numa época em que parou de conceber por algum tempo, deu a Jacó sua criada para mais dois filhos. Com estes, eram dez. Por fim, Raquel teve José que se tomou o filho favorito do pai. Jacó deu a José toda a atenção que seu pai Isaque lhe negara e que quase o arruinou quando rapaz, conforme veremos no capítulo seguinte. Com o tempo, Raquel morreu ao dar à luz o seu segundo filho, Benjamim.

Completados os longos vinte anos, Jacó sentia-se intranquilo. Havia um

assunto não terminado em seu coração. Não fora capaz de esquecer o que havia feito a Esaú, e ansiava por retornar ao lar. Não foi fácil fugir de Labão, que a essa altura havia constatado que a grande prosperidade de Jacó devia-se à bênção do Senhor. Labão não desistiria de tudo sem luta. Outra vez tentou enganar a Jacó. O acordo deles consistia em que Jacó viesse a possuir todas as ovelhas malhadas e salpicadas e negras entre os cordeiros, e os malhados e salpicados entre as cabras. Labão maquinou outra trapaça. Tomou todos os cordeiros e as cabras que pertenciam a Jacó e ocultou-os em algum lugar a três dias de jornada dali. Assim Jacó teve de partir do nada novamente, mas desta vez com algo mais que a sua astúcia contra a de Labão. O Senhor era com ele, e Jacó sabia disso. Quando ele acasalou os cordeiros, nasceram malhados e salpicados. A estes acasalou o rebanho forte e os separou de Labão. Quando ele contou a Raquel o que acontecera, deu a Deus a glória. O Jacó obstinado aprendia que com Deus todas as coisas são possíveis. Ele estava pronto a obedecer à voz do Senhor, quando este lhe ordenou que retomasse à terra de seus pais e deu-lhe a segurança de que estaria com ele.

E assim, Jacó, suas esposas, filhos, gado, rebanhos, com grande prosperidade e força deixaram secretamente a terra de Labão. Quando Labão os alcançou, a trégua para negociação entre os dois homens só foi possível por causa de outra intervenção do Senhor. Labão recebeu um aviso de Deus para que fosse justo ao negociar com Jacó, e o deixasse ir. Não foi a astúcia ou a vontade quem ganhou a vitória. Na verdade, o Senhor era com Jacó. Deus o estava preparando para um encontro muito decisivo, não apenas com Esaú, mas com ele próprio. Como haveremos de constatar com muitas pessoas importantes, um rompimento com a vontade própria tornou-se o ponto de partida para a formação da pessoa que Deus tinha em mente. Seria improvável que Jacó estivesse preparado para o que Deus lhe reservara em sua viagem de volta ao lar, se ele não tivesse suportado as provações e sido forçado a perceber que o Senhor — não sua garra, tutano ou astúcia — tornou possível os triunfos.

Livre de Labão, Jacó podia agora dedicar-se à próxima tarefa, que tanto temia. Ao pensar no encontro com Esaú, o pânico se apoderou dele e trouxe-lhe à memória recordações do que havia feito a seu irmão, bem como todas as sensações que sentira, quando criança, de não ser abençoado. Outra vez o velho manipulador vem à tona. Por alguns momentos ele cedeu à antiga natureza em vez de exercer sua nova fé no Deus que se revelara tão capaz de lidar com o impossível. Jacó enviou mensageiros adiante para garantir a Esaú que dispunha de enormes rebanhos para partilhar.

Em qualquer de nós, a transformação espiritual se dá com lentidão. Havia dentro de um Jacó obstinado duas naturezas em conflito, uma nova e outra velha. Ao ir até onde foi com o plano de preparar um presente espetacular para Esaú, demonstra que Jacó ainda preferia depender mais de meios manipuladores que de Deus. Instruiu Jacó a seus enviados de paz: "Falareis desta maneira a Esaú, quando vos encontrardes com ele. . . 'Eis que o teu *servo* Jacó vem vindo atrás de nós". Em seguida ele expõe sua cuidadosa estratégia: "Eu o aplacarei com o presente que me antecede, depois o verei; porventura me aceitará a presença" (Gênesis 32:19-20). Aí está de novo. Aceitação. Jacó tinha necessitado da aceitação de Esaú toda a sua vida. O que ele não percebia era que apenas Deus era capaz de dar-lhe esse presente precioso. Quando aceitamos a dádiva da aceitação de Deus, ficamos isentos de reclamá-la ou de manipular pessoas para assegurar o seu fluxo. E é exatamente isso o que aconteceu a Jacó na noite do seu encontro com Esaú.

O que é lutar com Deus? É uma luta com o passado e uma batalha que há de decidir quem vai assumir o governo no futuro. O Senhor deseja tornar-nos dispostos a ser, e dispostos a buscar e fazer a sua vontade mediante a força dele para os resultados que ele espera. Uma combinação de medo, culpa e uma vida de astúcia manipuladora opunha-se à presença e ao poder de Deus na vida de Jacó. Você sabe como é isso? Você já reviveu o passado, com cada fracasso a desfilar diante dos olhos da sua mente? Você já levantou no meio da noite em estado de pânico e se ajoelhou perante o Senhor, perturbado pela preocupação? Então saiba, como eu já sei, o que é ter o Senhor a batalhar pelo domínio de sua vontade até que você permita que ele perdoe o passado e assuma o governo do futuro.

E vivido o relato de Gênesis 32:24-32 desta batalha pelo coração de Jacó. A Escritura informa que um homem entrou em luta corporal com Jacó durante toda a noite. Alguns comentaristas propõem que o conflito interior de Jacó era tão grande que ele se manifestou em um sonho, no qual lutava com um "homem". Mas o próprio testemunho de Jacó e o nome que ele deu ao vau de Jaboque nos apresenta a verdade real. Chamou ele o lugar de Peniel, que significa "a face de Deus", e disse: "Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva". Na realidade, sua nova vida só estava no princípio. Quando a noite decisiva do encontro chegou ao final, Jacó tinha a coxa aleijada. G. Campbell Morgan foi muito espirituoso ao intitular assim essa experiência: "Aleijado para ser rei", uma descrição apropriada. Jacó não permitiu que o Senhor se fosse, até que este o abençoasse. Esta era a sua maior necessidade desde a infância. A reação do Senhor foi dar-lhe um novo nome. Não mais Jacó, o suplantador, mas agora Israel, que quer dizer "Deus luta". Esta é a saída para o novo homem emergir do velho Jacó. Deus teria de lutar e sempre lutaria com, por e a favor dele e de seus descendentes.

E de surpreender que Jacó, agora Israel, pergunte pelo nome daquele com quem ele lutara. "Dize, rogo-te, como te chamas?" A resposta do Senhor foi uma pergunta que pôs fim a todas as indagações de Israel. "Por que perguntas pelo meu nome?" Por quê, deveras! Depois de todas as vezes que Deus se interpôs a seu favor e falou com ele, já devia saber. Mas a obstinação não tem apenas um pavio curto, mas também uma memória curta. E Jacó desejava se certificar. Ele sabia que esse era o encontro decisivo de sua vida e não queria que ele passasse deixando-o não abençoado de novo. Deus era a única pessoa que Jacó não podia manipular. Ele deu a bênção pela qual Jacó ansiava, porque é sua natureza abençoar. Jacó nada fez para merecê-la ou ganhá-la. Na realidade, por toda a sua vida até aquela noite auspiciosa ele já havia feito tudo o que podia para negá-la. Agora ele tinha uma coxeadura que o faria lembrar que Deus não apenas tocara a sua coxa, mas também o mais íntimo de seu coração.

A manhã trouxe consigo o princípio de uma nova vida. Deparamo-nos com um Jacó totalmente novo, agora chamado Israel. Após aquela noite, seu novo nome o lembrava que Deus havia lutado com ele e agora lutaria por ele. O manipulador obstinado se tomara disposto a ser moldado pelo Pai eterno. Daquele dia em diante percebemos compaixão, bondade, sinceridade e receptividade em Israel. Ele já não tinha que se empenhar para ser amado. Ele havia recebido a bênção.

Quando a luta chegou ao fim e o sol da manhã ergueu o véu da noite, Israel levantou os olhos e viu que Esaú se aproximava. A Escritura não menciona nenhum espasmo de pânico em Israel dessa vez. A luta com o Senhor havia efetuado uma transformação. Israel permitira que Deus o abençoasse e, por conseguinte, sentia-se livre para receber a bênção de Esaú. E uma cena de

ternura. Esaú, com graça notável, correu ao encontro de Israel e atirou-se ao seu pescoço, beijando o irmão, e as lágrimas escorriam de ambos. Em seguida, Israel disse algo que revela a expressão de um coração abençoado: "Vi o teu rosto como se tivesse contemplado o semblante de Deus; e te agradaste de mim" (Gênesis 33:10).

O que tudo isso significa para mim e para você? Três coisas importantes. Primeiro, todos os nossos esforços para ganhar e obter a bênção de outros jamais hão de preencher o nosso vazio interior em forma de Deus. *Somente a afirmação de Deus pode construir uma segurança duradoura.* O mesmo Deus que lutou com Jacó e o transformou em Israel é o Deus que abençoou o mundo em Jesus Cristo. Este viveu, ensinou, morreu, ressurgiu e, no Pentecoste, retornou na pessoa do Espírito Santo, com poder de habitar em nós de modo que pudéssemos nos tomar parte do novo Israel, o próprio povo do Senhor, perdoado, amado e abençoado.

A segunda coisa que Jacó tem para nos ensinar é que, se persistirmos, *Deus nos dará um novo nome* que significará a nova pessoa que ele pretende que sejamos. Que característica traduz o oposto do que você era antes de permitir que o Senhor o abençoasse? Se a longa noite de embate com Deus ainda está à sua frente, imagine a pessoa que você deseja ser, se já está de antemão seguro da afirmação e aceitação de Deus. Em seguida, permita que o Senhor lhe dê um novo nome. No que me diz respeito, uma pessoa cuja insegurança de meninice desenvolveu uma resolução obstinada de vencer pelo esforço humano e manipulação, meu nome seria "Lloyd, o indefeso, afirmado". Não preciso mais estar na defensiva. E você?

Finalmente, *uma pessoa afirmada se toma uma pessoa afirma-dora.* Rompemos o ciclo humano de amor reservado e nos tornamos amantes generosos dos não abençoados do mundo. E, desde que a experiência psicológica da maior parte das pessoas as tem deixado com uma necessidade desatinada de afirmação, podemos nos importar com elas e falar-lhes da única bênção que satisfaz permanece e dura. O inventário a seguir determina até que ponto você permitiu que Deus o abençoasse.

1. Existe em você a sensação permanente e profunda de ter a estima de Deus como uma pessoa especial a serviço dele?
2. Você já aceitou o seu perdão e amor libertador em Cristo?
3. Você possui a segurança de que nada do que você possa fazer impedirá a Deus de continuar a amá-lo?
4. Você já avaliou os prós e os contras de sua infância e aceitou o que seus pais e pessoas mais achegadas fizeram ou não fizeram por você?
5. Você é capaz de abandonar o passado e permitir que Deus o abençoe agora e no futuro?
6. Você está disposto a permitir que a bênção da afirmação de Deus o torne um afirmador, alguém abençoado para ser uma bênção?
7. Você é capaz de subjugar a sua vontade e permitir que Deus o faça disposto a estar disposto para fazer a vontade dele como um afirmador?
8. Você vai perguntar a Deus quem ele colocou em sua agenda para que receba de você uma bênção?
9. Você está disposto a se entregar a essas pessoas — a empregar tempo, energia e recursos para ajudá-las a certificarem-se de seu amor e da graça de Deus?
10. Você vai aceitar o novo nome que Deus tem para você — ao se concentrar em seu novo propósito e poder para transformar-se na pessoa que



deve ser? Se você disse sim a estas perguntas, você não é mais um lutador obstinado contra Deus, mas um Israel por quem Deus lutará, a quem abençoará e continuará a abençoar por toda a vida — agora e para sempre.

CAPÍTULO TRÊS  
**DEIXE DEUS SER DEUS**  
**José**

É desconcertante ver como a vida torna algumas pessoas tristes e outras graciosas. Duas pessoas podem atravessar o mesmo vale de circunstâncias desanimadoras. Uma sai com ressentimento e desânimo, a outra com renovado vigor e alegria. Para alguns, a tragédia os edifica; mas para outros, os desmorona. Alguns crescem; outros murcham. Por quê?

O que acontece a nossos sonhos pode nos tomar rudes ou afá-veis. Todos nós possuímos planos, esperanças e perspectivas para a vida. Raras vezes eles chegam a se concretizar do modo exato como antecipamos. Não obstante, alguns superam os contratempos na realização de seus sonhos certos de que Deus está elaborando um plano mais importante, enquanto outros imobilizam-se pela derrota, mergulham em amarga auto-incriminação ou culpam as pessoas ao seu redor pelas desigualdades da vida. O ponto em questão é: como você procede quando as circunstâncias parecem se opor aos seus sonhos mais acalentados? Ou, como uma mulher perguntou indignada: "O que você faz quando a vida lhe dá um duro golpe?"

Veja o que acontece a alguns de nós. Deus nos chama para ser sonhadores. Ele deseja dar-nos uma visão do que a vida pode ser. Em seguida, mediante a nossa oração perseverante, ele nos oferece uma chamada especial que se ajuste

com perfeição aos talentos que nos concedeu e aos dons espirituais que nos confiará. Forma--se em nossa mente um quadro de nosso destino. Sua chamada ressoa em nossa alma. Firmamos um compromisso de seguir o Mestre até às aventuras mais sublimes. E, então, as circunstâncias adversas se levantam qual nevoeiro a nos separar do calor e do esplendor do sol. O que aconteceu? Deus inverteu a sua orientação?

Era nosso sonho apenas auto-engrandecimento?

Uma das lições mais difíceis e de maior desafio na escola da obediência e da fé, é que o Deus que concede o sonho também prepara o sonhador para concretizá-lo. O que atravessamos quando nos movemos em direção aos alvos que Deus nos dá, foi idealizado com perfeição para formar grandes pessoas, capazes de lidar com um grande sonho. Esta é a importante verdade que José tem para nos ensinar.

Faça um presente a si mesmo. Leia os capítulos trinta e sete até o cinqüenta de Gênesis. Conheça um dos mais notáveis sonhadores do Antigo Testamento. O homem afável com quem nos deparamos ao final do relato não poderia ter apreciado ou se apropriado de seu sonho sem atravessar o vale das vicissitudes. Enquanto acompanhamos a peregrinação de José, vemos cinco poderosas diretrizes para sonhadores desapontados.

A primeira é: *Deixe Deus ser Deus de seus sonhos*. José, um jovem de dezessete anos, era o filho favorito de Jacó. O patriarca criou o rapaz com um sentimento de que ele era especial e querido, e lhe deu um senso de destino. A sua fé foi bem alicerçada no que aprendeu dos encontros de seu pai com Deus. Mas a infância de Jacó afetou a educação de José. Como acontece na maioria dos casos, o que se nega ao pai este prodigaliza no filho. O esforço de Jacó para obter a bênção de Isaque tornou-o solícito demais em abençoar José. O resultado foi a rivalidade com seus irmãos. José possuía confiança própria, mas era uma segurança próxima à arrogância. O favoritismo de Jacó chegou ao cúmulo de dar a José uma longa túnica, com a qual ele andava nos arredores, orgulhoso feito um pavão. Ela simbolizava a aristocracia e a isenção de trabalho árduo. A túnica inflamava o ciúme dos irmãos de José.

Nem José nem seus irmãos estavam preparados para o sonho que ele teve certa noite. Sua família e ele atavam feixes no campo. Em dado momento, um feixe se pôs de pé e os outros se curvavam diante dele. O feixe era José! Como se isto não bastasse, o sonho vinha acompanhado de outro com o mesmo impacto: o Sol, a Lua e onze estrelas se curvavam ao sonhador. Para um rapaz de dezessete anos, este é um sonho envaidecedor. A proteção do pai e a falta dos rigores da disciplina e do trabalho árduo deixaram-no mal preparado para lidar com o sonho. Faltou-lhe a humildade para refletir em silêncio no seu coração. Em vez disso, ele contou o sonho a toda a família. Jacó censurou o filho, mas o sonho já tinha causado dano ao ego conturbado de seus irmãos. A sorte fora lançada e uma coisa terrível estava para acontecer.

Esse fato se deu no vale de Dota. Jacó enviara José para supervisionar os irmãos no trabalho de pastorear os rebanhos. Quando estes notaram que José se aproximava, a ira e o ciúme de longo tempo subiram-lhes à cabeça: "Vem lá o tal sonhador!", diziam com desdém. "Vinde, pois, agora, matemo-lo, e lancemo-lo numa destas cisternas; e diremos: Um animal selvagem o comeu; e vejamos em que lhe darão os sonhos!" (Gênesis 37:19-20).

Somente a intervenção de Rubem (quem colocou a idéia em sua mente?) salvou a José. "Não derrameis sangue; lança-o nesta cisterna que está no deserto, e não ponhais mão sobre ele" (Gênesis 37:22). Assim eles lançaram *mão*

da linda túnica talar de mangas compridas e a rasgaram, e a José lançaram num poço de boca estreita e fundo largo. Enquanto José gritava, suplicando por socorro, os irmãos comiam pão. Nada, senão o próprio homicídio poderia ter expressado melhor o sentimento deles. Uma refeição para celebrar a morte de um irmão!

Mas os desígnios de Deus eram outros. Uma caravana de ismaelitas que ia de Gileade para o Egito se aproximava enquanto os irmãos saboreavam a refeição. Ah! a singular estratégia de um Deus capaz de fazer descobertas felizes! Agora, Judá alia-se a Rubem em sua advertência. "De que nos aproveita matar o nosso irmão e esconder-lhe o sangue? Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas; não ponhamos sobre ele a nossa mão, pois é nosso irmão e nossa carne" (Gênesis 37:26-27). José foi vendido por vinte ciclos de prata e levado para o Egito. Seus irmãos pegaram a túnica repugnante, molharam-na em sangue de bode e foram a Jacó com a mentira de que seu amado filho estava morto.

Você poderia esperar uma série de circunstâncias mais adequadas para contradizer um sonho? Penetre na mente de José levado embora, preso com correias às costas de um camelo. Sinta o que ele sentiu ao agachar-se cautelosamente em volta da fogueira do acampamento dos ismaelitas à noite. Passe a viver através de noites de solidão e dias exaustivos, da perspectiva de um rapaz de dezessete anos, assustado, só e com saudades de casa. É, contudo, o primeiro passo da preparação do sonhador para o cumprimento do seu sonho havia começado. Grandes coisas Deus reservara para José.

A arrogância devia ceder ao caráter, a autoconfiança à dependência e confiança em Deus apenas. Nada havia de acontecer com José que o Senhor não usasse para torná-lo num útil instrumento.

Deixar Deus ser Deus de nossos sonhos é reconhecê-lo como a fonte da visão para a nossa vida. A essência é o louvor e não o orgulho. Tudo o que temos e somos são uma dádiva dele. Não podemos interpretar nossa chamada como superioridade. Ela exige responsabilidade e obediência. Quando Deus dá uma esperança e uma expectativa, estas devem ser-lhe devolvidas para que a seu tempo, e segundo o seu plano se realizem. José interpretou mal o seu sonho. Ele seria abençoado para que pudesse ser uma bênção. Após a comunicação do sonho, convinha que se seguisse a transformação do sonhador. Essa transformação jamais poderia acontecer em meio à complexa trama de favoritismo do pai e rivalidade dos irmãos. Deus cerra e abre portas. Ele sabe o que faz.

Algo aconteceu a José no caminho para o Egito. Não poderia ser o homem de fé em que se tornou sem essa transformação. Toda a obstinação herdada de Jacó estava-se acabando. É surpreendente como cada geração deve aprender por si mesma. A única coisa que Jacó não havia sido capaz de partilhar ao filho era que, na luta com o Senhor, o Senhor sempre vence.

Isso nos leva à segunda parte da história de José e à outra verdade que podemos aprender com ele — *Deixe Deus ser Deus quando as circunstâncias parecem contestar o seu sonho*. José foi vendido a Potifar, comandante da guarda pessoal de Faraó. Embora jovem, José alcançou poder e prosperidade e ficou encarregado de toda a casa do oficial egípcio e de tudo o que tinha. A história, neste ponto, podia ter chegado ao fim; se a família de José soubesse, com toda a certeza se curvaria à sua posição. Mais uma vez as circunstâncias pareciam contra o sonhador. Ele foi preso sob falsa acusação. Contudo, o relato nos diz muito do que acontecia à fé que José tinha. Por causa de sua lealdade a Potifar e

submissão a Deus, ele recusou as propostas sexuais da esposa de Potifar. "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?" (Gênesis 39:9). Quão diferente do rapaz comodista que observamos alguns anos anteriores. O Senhor era a segurança e o centro de sua vida. Uma fé infantil se transformara em autenticidade e integridade varonis. Nenhuma circunstância seria capaz de contradizer esse fato. Mas sua moralidade centrada em Deus custou-lhe caro. Levou-o à prisão. O Salmo 105:18 nos informa que seus pés foram posto em ferros. Mas Deus usou essa experiência para pôr ferro em sua alma. José aprendeu que não achamos a Deus nas circunstâncias; nós é que o trazemos às nossas circunstâncias. A graça de Deus é maior que a aflição da vida.

Uma heresia que engana e confunde a muitos diz que quanto mais crescemos na graça de Deus mais fáceis as coisas se tornam. Por isso quando nos deparamos com provações, nosso primeiro pensamento é: Deus está me punindo. Ou então supomos que, se orássemos mais, as circunstâncias não frustrariam os nossos sonhos. Esse pensamento não se coaduna com a vida dos grandes homens e mulheres do Antigo Testamento, com a vida e mensagem de Jesus Cristo, nem com os santos, mártires e fiéis seguidores do Mestre. Precisamos ser mais duros em nossa maneira de pensar. Nossa oração não deve ser por vidas fáceis, mas por vidas capacitadas por Deus, que se tornam grandes pela sua graça. Algumas dificuldades são, sim, o resultado de rebelião e desobediência, mas se confessarmos a nossa falta poderemos então prosseguir para as questões elevadas que ampliem e abram os nossos corações o bastante para conter o Espírito de Deus.

As épocas em que mais tenho amadurecido e sido moldado na pessoa que Deus pretende que eu seja, têm sido de desafios e contratemplos que exigem pura dependência. Quando mais me senti só, encontrei um Amigo que jamais esquece ou abandona. Eis um exemplo recente: Quando lancei um programa nacional de televisão, as necessidades financeiras foram tão grandes que o futuro desse ministério estava em jogo. Uma noite, foi tal a minha preocupação que não podia dormir. O orgulho me impedia de levar as necessidades ao conhecimento dos telespectadores. Não desejava pedir donativos nem dar a impressão de que tais ofertas fossem um requisito da amizade que partilhávamos no programa. No entanto, sem uma significativa arrecadação de fundos eu não poderia continuar. "Que posso fazer, Senhor?" perguntei repetidas vezes durante a longa noite em luta com o problema. "Você deve confiar em mim e contar aos telespectadores a urgente necessidade", o Senhor parecia responder. "Porei a resposta nos corações deles."

Até essa altura, o ministério pela televisão era algo que eu tentava realizar para o Senhor. Agora, percebia que o ministério pertencia a ele e não a mim. Eu tinha de abrir mão de seu futuro. Cumpria-se o inverso do velho ditado: "o Senhor dá, o Senhor tira". Neste caso, o Senhor parecia tirar e dar de volta. Nas semanas que se seguiram à renúncia do futuro do ministério, engoli o meu orgulho e pedi a ajuda das pessoas. A resposta veio esmagadora. Não apenas ficou assegurado o futuro do programa, mas os fundos permitiram uma grande expansão. Tornou-se possível, como conseqüência, a estruturação do programa para toda uma rede nacional.

Após essa crise, senti nova liberdade a respeito do programa. O pânico se foi. Em seu lugar surgiu uma firme confiança, não em minha habilidade de manter o programa no ar, mas na providência do Senhor. Seus planos estavam acima do que eu ousava imaginar. Eu tinha de ceder.

Tive a mesma experiência no casamento. Alguns anos atrás, quando minha

esposa e eu discutíamos por questões insignificantes, constatei que o rompimento em nossa comunhão resultava de minha própria insegurança, manifestada em forma de controle. Novamente aqui tive de clamar: "Senhor, ajuda-me! Não posso com isso sozinho. Transforma o meu casamento, mostrando-me o tipo de marido que preciso ser para minha esposa." Esse foi o início de minha cura, que resultou numa nova vida de felicidade e romance no meu casamento.

A mesma coisa tem acontecido com frequência nos relacionamentos difíceis decorrentes de minha posição de líder. Quando chegam as crises, e elas vêm para todos, volto-me para o Senhor em busca de solução e conforto. Então com paciência ele me revela o que fazer e abre o caminho para a solução humanamente impossível.

Ao longo da jornada da vida, como é natural, já tive oásis de descanso e gratidão, pausas para a renovação de forças e rejuvenescimento. Mas essas épocas de espera, após a renúncia dos cru-ciantes problemas, têm sido de crescimento. E para você?

A grandeza no Espírito surge da confiança e da antecipação. Quando realmente cremos que o Senhor está no comando, podemos descansar na certeza de que seus planos prosseguem através do que está acontecendo conosco e ao nosso redor.

Certa frase repete-se por todo o relato das provações de José: "Mas o Senhor era com José". Substitua o nome de José pelo seu próprio. O Senhor é com você. Podemos assumir qualquer coisa com base nesse conhecimento. Mark Twain, com seu característico humor, falou da constância da irregularidade: "Não espere que a vida se estabeleça numa suave regularidade antes de crer que Deus está com você, pois você terá uma longa espera e não perceberá a verdade de que a realização do seu sonho não é metade da aventura, mas a própria aventura!"

A capacidade de José para a liderança, mais seu caráter e personalidade compelidores e cheios de Deus, atraíram o carcereiro. Uma vez mais ele subiu ao poder, dessa vez como encarregado de todo o cárcere! Deus possui senso de humor, não é verdade?

Se José não tivesse sido lançado na prisão não teria encontrado os desleais padeiro e copeiro de Faraó. Estamos falando de circunstâncias contraditórias. Que lhe parecem essas situações preparadas por Deus para nos compelir ao sonho que ele nos deu? Tanto o padeiro como o copeiro tiveram sonhos. O sonho estratégico arranjado por Deus foi o do copeiro. Em seu sonho havia uma videira com três ramos que produziam uvas. Ele tomava o copo de Faraó, espremia nele as uvas e dava o vinho a Faraó. José, o sonhador de Deus, num instante fez a interpretação: em três dias o copeiro seria solto e voltaria a servir a Faraó. E aconteceu. Agora, dois anos mais tarde, o copeiro se achava numa posição decisiva para se lembrar do talentoso e enigmático hebreu que encontrara na prisão, pois Faraó teve um sonho estratégico nos planos de Deus para o Egito, para José e, com o tempo, para o nascimento da nação hebraica.

Faraó sonhou com sete vacas magras e sete gordas. As magras devoravam as gordas. E a este sonho seguia-se outro de sete espigas cheias e boas, que cresciam de uma só haste, acompanhadas de sete espigas mirradas e crestadas do vento oriental. "Qual o significado disso?" desejava saber Faraó. Os sonhos desafiavam os poderes de interpretação dos magos do soberano. Ah, o humor de Deus! O copeiro lembrou-se de José e mencionou-o a Faraó. Concedida a audiência, José informou a Faraó que não possuía poderes de interpretação de sonhos, mas servia a um Deus poderoso. José aprendera uma dura lição através do sofrimento. O que vemos diante de Faraó é um homem dependente de Deus,

que permitira que Deus fosse o Senhor de seus próprios sonhos. A arrogância dos anos anteriores se fora, deixando em seu lugar a humildade que apenas o sofrimento é capaz de produzir.

Lembra-se da interpretação que ele deu ao sonho de Faraó? O Egito teria sete anos de prosperidade, seguidos de sete anos de escassez. A inteligência elevada que Deus concedeu a José é aproveitada para dar a Faraó conselho muito importante: nos anos de prosperidade, preparar-se para os anos de escassez, enchendo os celeiros. Faraó ficou tão surpreso com o discernimento de José e com a aplicação prática, que o fez primeiro-ministro, vice-governador de todo o Egito, segundo no poder! Na realidade, não o segundo apenas em relação a Faraó — o Senhor do Universo vinha em primeiro lugar na vida de José.

Gostaria de salientar o que Deus está tentando nos transmitir nesse ponto da história de José. Ele não apenas nos dá sonhos e nos prepara para vivê-los, mas a outros também concede sonhos que se ajustem aos nossos e nos levem para a frente, cumprindo assim os seus propósitos para a nossa vida. O Senhor está sempre pronto a desdobrar as necessidades de uma pessoa a fim de cumprir seus propósitos em outra. Pense nas pessoas que chegaram na hora certa para nos ajudar. Algumas eram amigas, outras hostis. Mas Deus a todas usou.

Chegamos, assim, à terceira grande descoberta em nosso estudo da vida de José — *deixe Deus ser Deus nos sucessos da vida*. A crescente grandeza de José se manifestava não somente no modo como suportava as dificuldades, mas em como lidava com o sucesso. Em nenhuma época, no relato de sua magistral liderança do Egito, ele usou o poder para o seu próprio engrandecimento. Serviu a Deus ao servir o Egito, como se sua tarefa fosse nomeação divina. Construiu celeiros e os preparou para os tempos de fome. Ao fazer isso, ele salvou ao Egito e a todos os povos circunvizinhos nos anos de escassez.

Deus dá sucesso espiritual aos que lhe dão a glória. Não devemos ter aversão ao sucesso mais que às dificuldades. Há épocas de triunfo, bem como de turbulência na vida cristã. Podemos agradecer ambos a Deus. Eficiência na vida cristã, reconhecimento e ascensão na liderança são boas ocasiões para adoração e confiança mais profundas.

Deus havia preparado um homem e agora estava pronto para usá-lo em sua estratégia de criar um povo escolhido. Ele levaria Jacó e sua família para o Egito, não somente a fim de livrá-los da fome, mas a fim de desenvolver através deles uma nação digna da terra prometida, e distinta como seu povo.

A fome que atingiu o Egito também devorou Canaã. Jacó foi forçado a enviar seus filhos ao Egito em busca de trigo. O temor de que algum mal lhes sobreviesse fê-lo reter o filho mais jovem, Benjamim, único remanescente de sua amada Raquel. Isso nos leva ao ponto seguinte, no qual se desenrola a parte final do sonho de José, e também a outro discernimento — *deixe Deus ser Deus sobre os fracassos dos que frustraram os sonhos que ele lhe deu*.

Em sua primeira viagem ao Egito para comprar comida, os irmãos de José não o reconheceram. Havia decorridos mais de vinte anos desde que o viram pela última vez, e além disso ele se vestia como egípcio. Imagine o misto de sentimentos que se apossou de José ao avistar seus irmãos — os mesmos que no auge do ódio e ciúme venderam-no aos ismaelitas! Ele tinha poder para executá-los imediatamente, torturá-los até que admitissem o crime que cometeram, abalá-los ao revelar sua identidade naquele instante. Em vez disso, ele expressa imensa bondade, porém acompanhada de um pouco de humor e intriga. A provação que José impôs a seus irmãos, antes de se dar a conhecer, está de acordo com al-

gumas leis espirituais muito básicas e profundas de relacionamento e reconciliação. Quando permitimos que Deus seja Deus dos pecados de outras pessoas contra nós, devemos servir de mediador do perdão de uma maneira adequada e aceitável. Isso não é fácil, como se percebe pela forma como José tratou seus irmãos. Era preciso que eles reconhecessem o seu próprio pecado antes que José pudesse oferecer-lhes o perdão. Esse processo o feriu mais que a seus irmãos.

Ao acusá-los de espíões, José colocou seus irmãos na defensiva. A história que contaram, protestando inocência e repetindo a mesma mentira acerca de José, partiu o coração deste. O temor deles era tanto que não puderam captar a nuance de ternura na voz do irmão, quando indagou: "Vosso pai ainda vive?" "Nós, teus servos, somos doze irmãos, filhos de um homem na terra de Canaã; o mais novo está hoje com nosso pai, outro já não existe". Já não existe! É bem provável que José se sentisse tentado a se revelar e confrontar seus irmãos com a verdade. Mas o momento ainda não havia chegado.

"E como já vos disse: sois espíões" — e acrescentou: — "Nisto sereis provados: pela vida de Faraó, daqui não saireis, sem que primeiro venha o vosso irmão mais novo!" Após lançá-los na prisão por três dias, José jurou-lhes por Deus que manteria um deles na cadeia enquanto os outros fossem a Canaã e trouxessem seu irmão mais novo.

O desafio teve o impacto que José pretendia: a fria repressão da culpa, encoberta com camadas de mentira através dos anos, fendia-se de alto a baixo. Sentiram-se forçados a conferenciar entre si acerca do pecado deles contra José. E estranho como as crises de uma nova situação trazem de volta uma culpa não solucionada. Ao atentar para a auto-incriminação deles, José tem de retirar-se para chorar. Contudo, ele não revelou a sua verdadeira identidade. Uma ferida tão profunda não se curaria com fáceis e baratas ofertas de perdão. Haja vista que José não amoleceu: manteve Simeão e enviou os nove irmãos a caminho de Canaã, com suas sacolas cheias de trigo. E mais: por ordem secreta, desconhecida deles, o dinheiro que pagaram pelo trigo fora devolvido. Quando abriram o saco e viram o dinheiro, manifestaram novamente o sentimento de culpa. Em vez de satisfação, apoderou-se deles o temor e indagaram: "Que é isto que Deus fez a nós?"

Jacó, ao saber que Simeão fora mantido como refém, foi acometido pela dor e recusou-se a aceder ao pedido do governador do Egito. Mas a fome piorou deixando-lhe pouca escolha. Finalmente, decidiu enviar os filhos de volta ao Egito, levando Benjamim. O risco, para Jacó, era perder todos os herdeiros. O que aconteceria às promessas feitas a Abraão e Isaque? O que ele não sabia era que a promessa estava a cumprir-se em sua renúncia, agravada pela dor de ver todos os seus filhos retornando ao Egito.

José foi brando em sua estratégia por ocasião do segundo encontro com seus irmãos. Ele os cumprimentou de maneira calorosa e, comovido, chorou na presença de Benjamim. Simeão foi solto da prisão e celebrou-se uma grande festa. Gênesis 43:32-34 capta o drama encenado por José. O lugar de José era em uma mesa separada, com os egípcios. Para seus irmãos, dispuseram a mesa com todo o aparato segundo a ordem de nascimento: o mais velho no lugar de honra. Não admira que os irmãos se entreolhassem com espanto. Somente alguém que conhecia a família poderia ter planejado isso! Quem seria esse misterioso vice-governador do Egito? Mas ainda não chegara o momento da revelação. Os irmãos não estavam prontos.

Uma vez mais José os enviou de volta e, novamente, tomou providências para um novo encontro a caminho de casa. Seu próprio copo de prata fora oculto no saco de Benjamim. Depois que os irmãos seguiam satisfeitos o seu caminho, enviou José os seus servos para os deter e acusá-los do furto. Os irmãos alegaram inocência. Quando os sacos foram revistados, acharam o copo no de Benjamim. Eles rasgaram as suas vestes — um antigo gesto hebraico de total desespero e indignação — e quase tiveram um colapso nervoso.

Levados de volta à presença de José, prostraram-se em terra e repetiram a mesma cena do ambíguo relacionamento que tiveram com ele como vice-governador. Judá fez um fervoroso apelo para que não culpassem a Benjamim e o detivessem no Egito. Se voltassem sem Benjamim, Jacó, seu pobre pai, não poderia suportar a dor. Judá se dispôs a tomar o lugar do irmão. Foi a descrição do pesar de Jacó e a nobre oferta de Judá que, por fim, abriu completamente o coração de José. A prova de amor pelo pai e pelo irmão, que tanto lhes faltava na época em que estivera com eles, era o que ele estava esperando.

José deu ordens para que todos, exceto seus irmãos, se retirassem. Então, todo o amor e a solidão reprimidos para com sua família se sublimaram em lágrimas e choros tão altos que toda a casa dos egípcios ouviu. Poucas são, nas Escrituras, as exclamações com tanta emoção de dor como do clamor de José a seus irmãos: "Eu sou José; vive ainda meu pai?" (Gênesis 45:3). Ao ficarem espantados ao ponto de perderem a fala, José fez que se aproximassem para constatar que o vice-governador, na verdade, era o irmão que haviam vendido como escravo.

Vendo a culpa estampada na face deles, José suplicou-lhes que não se contristassem ou se indignassem consigo mesmos, mas percebessem que Deus tinha utilizado para bem o mal que haviam cometido. Atente para as suas palavras: "Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra, e para vos preservar a vida por um grande livramento. Assim não fostes vós que me enviastes para cá, e, sim, Deus" (Gênesis 45:7-8). Quando os irmãos estavam preparados, José concedeu o perdão que havia contido em seu coração. Este, porém, foi dado com a consciência de que Deus usa o pior para produzir o melhor.

Dessa vez os irmãos partiram com provisões completas. A missão deles era trazer Jacó e a família para o Egito. Se o encontro de José com seus irmãos foi triste e emocionante, seu reencontro com o pai haveria de ser o de maior ternura e alegria do Antigo Testamento. São bem vivas as cores com que a Escritura pincela José correndo em sua carruagem, indo ter com seu pai. No momento que os dois se encontraram, José abraçou a Jacó "e chorou assim longo tempo". José atravessara uma angústia incrível, esperando por esse momento. Ele confiou em Deus quando tudo parecia impossível. O Senhor do impossível teve a palavra final.

Após a morte de Jacó, os irmãos vieram a José com as derradeiras palavras de instrução do pai: que deveriam buscar o perdão de José. Tal perdão já havia sido concedido, mas o velho e sábio Jacó sabia que os irmãos deviam fazer uma confissão mais clara. A reação a essa confissão tem ressoado através dos tempos como uma das mais belas explicações da providência divina. O sonho de José, segundo o qual seus irmãos se curvavam diante dele, era apenas o invólucro de um propósito muito mais importante: o plano de Deus. Deus usaria José como um instrumento estratégico na realização desse plano, e também como uma bênção para a sua família.

Assim é conosco. Precisamos dar mais importância aos sonhos e visões de



nossa vida. Nossa vocação é parte de um plano maior que não pode falhar. Por conseguinte, podemos lidar com os outros de forma mais carinhosa e perdoadora. Todas as coisas que José teve de suportar o capacitaram a declarar: "Não temais; acaso estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, incitastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim os consolou, e lhes falou ao coração" (Gênesis 50:19-21).

Em retrospecto, José foi capaz de fazer essa declaração. Se pudermos também olhar para trás e aplicar essa mesma declaração ao que nos aconteceu, então ela se tomará, em meio à frustração e aos problemas que nos assaltam, nosso lema, nossa missão, e sólida base de esperança para o futuro. Deus usará a vida, as pessoas e as circunstâncias a fim de apressar a realização do sonho que tem para nós.

A história de José nos leva a uma introspecção sincera e sugere-nos fazer um inventário. Os conflitos da vida porventura aproximam-nos da confiança de José na providência divina? Além disso, tem-nos essa convicção transformado em pessoas perdoadoras e agradáveis? Quando percebemos o carinho com que Deus nos trata, ao mover-nos para frente em direção ao nosso sonho, podemos fazer menos pelos outros? Ele usou a cruz para nos dar a esperança de que além de nossos alvos terrenos temos um destino eterno. E daquela cruz de graça mediadora um, maior que José, disse: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem".

Um último princípio abrange todos os anteriores — *Deixe Deus ser Deus do futuro, enquanto ele executa o seu propósito maior na história*. Quando José expirava, fez uma formidável declaração que ressalta sua confiança inabalável em Deus. "Eu morro; porém Deus certamente vos visitará, e vos fará subir desta terra para a terra que jurou dar a Abraão, a Isaque e a Jacó. . . Certamente Deus vos visitará, e fareis transportar os meus ossos daqui" (Gênesis 50:24-25). Na morte, José tinha tanta confiança no cuidado de Deus como ele tivera durante todos os anos aflitivos da sua vida. Seu sonho pessoal se tornou parte do plano de Deus para o nascimento futuro de Israel como uma nação.

José podia morrer sabendo que nada inverteria a estratégia irrevogável, imutável e impulsionadora de Deus. Podia tirar da mente a preocupação sobre o futuro, porque ele aprendera que Deus é digno de plena confiança. As sessenta e seis pessoas que Jacó levou para o Egito, além de José, sua esposa e dois filhos, perfaziam setenta. Quatrocentos e trinta anos mais tarde Israel deixaria o Egito com mais de dois milhões. Deus tinha um plano.

José é lembrado como um dos maiores homens da história porque permitiu que Deus fosse o Deus de seus sonhos. Ele tornou-se melhor apesar de tudo, em vez de amargo por causa de tudo. E quanto a nós? A vida nos torna azedos ou amáveis? A prova de sermos amáveis é podermos afirmar com José: "Atendem para a vida, meus amigos. Ouçam-me os que vêem os outros como inimigos. O que no momento parece mal, Deus tomará em bem. Eu vou guardar o meu sonho!"

CAPÍTULO QUATRO  
**O SENHOR JAMAIS ESQUECE**  
***Moisés, Homem de Deus***

Quando pensamos que não há para onde ir, Deus está prestes a fazer e seu grande lance. O que muitas vezes julgamos ser o pior, nada mais é que a última etapa da preparação para o melhor. Nosso desespero é o prelúdio para o nascimento da esperança genuína. O que nos parece o fim não passa de uma pausa para um novo começo.

E esta a poderosa mensagem do primeiro capítulo de Êxodo. No momento dramático em que os hebreus estavam prestes a sucumbir, Deus preparava a Moisés. Os dois últimos versículos do capítulo 2 de Êxodo servem de um ponto de exclamação, que acompanha com detalhes cruciantes o sofrimento de Israel em cativeiro no Egito, o nascimento de Moisés, seu crescimento e identificação com o seu povo. "Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel, e atentou para a sua condição" (Êxodo 2:24-25).

O Senhor jamais se esquece de nós. As circunstâncias podem levar à conclusão humana e limitada de que Deus se esqueceu de nós, ou de que ele sofreu um lapso de memória acerca de nossa condição pessoal ou das perplexidades de seu povo como um todo. Mas o Êxodo nos revela que, no exato momento em que nos desesperamos, Deus prepara uma saída. Sempre acima do

que nos parece possível, acima do alcance de nossas maiores expectativas, Deus opera. O mesmo Deus que fez uma aliança com seu amigo Abraão, que lutou com o obstinado Jacó, que tornou a amargura de José em amabilidade, é também o Senhor que encontra uma saída para Moisés e libera o Êxodo. Deus não se esqueceu de seu povo no Egito. Quando pensavam que tudo havia acabado para eles, o Senhor preparava tanto a libertação como um libertador, que se tornaria o homem mais poderoso do Antigo Testamento.

O povo de Israel estava no Egito havia cerca de trezentos e cinquenta anos quando Moisés nasceu. Depois da morte de José, a situação do povo foi aos poucos mudando para pior: de honrados convidados chegaram à condição de escravos. O Faraó que havia confiado a José tão grande poder e dignidade teve como sucessores soberanos menos magnânimos, que temiam o crescimento do povo hebreu, como agora era chamado. Temiam que, no caso de uma guerra, os hebreus passassem para o lado do inimigo. As parteiras receberam ordens para matar os recém-nascidos do sexo masculino, mas quando isso não deu resultado, Faraó ordenou que os meninos hebreus fossem jogados ao Nilo. Ao mesmo tempo em que aumentavam a produção de tijolos, para que templos e cidades alcançassem esplendor cada vez maior, os egípcios obrigavam os judeus a ajuntar a palha que antes lhes era fornecida. A vida se tornou intolerável. Cada novo rei aumentava a exigência e designava capatazes cada vez mais cruéis para afligir o povo. Todavia, quanto mais os israelitas eram afligidos, tanto mais se multiplicavam. E no auge do seu sofrimento, nasceu um menino a um casal da linhagem de Levi, o qual deveria tomar-se poderoso profeta do Senhor do impossível!

O relato do nascimento e crescimento de Moisés nos é tão familiar que a maravilhosa verdade de como Deus nos prepara para o que ele tem para nós pode passar despercebida. A história de como sua mãe sobrepujou em astúcia a Faraó, salvando o menino, contém um toque de humor. Ela conseguiu ocultá-lo por três meses cheios de horror. Imagine a apreensão dela a cada passo que se aproximava. A qualquer momento o belo menino poderia ser arrancado de seus braços e morto perante seus olhos!

Logo, a tarefa de ocultá-lo tomou-se muito perigosa. Acredito que o Senhor lhe deu o brilhante plano de deitá-lo num cesto de vime recoberto de piche e breu, e colocá-lo no Nilo, no exato lugar onde ela sabia que a filha de Faraó viria banhar-se. Vocês sabem o que aconteceu. A princesa achou a criança, sentiu-se movida a salvar-lhe a vida e decidiu levá-la para o palácio. Mas quem iria amamentá-la? Aqui está o humor. Miriã, a irmã do bebê, encontrava-se nas proximidades com uma solução prática. Por que não chamar uma das mulheres hebréias para amamentar a criança? A filha de Faraó concordou. E quem foi chamada? A própria mãe da criança. Creio que Deus sorriu naquele dia! Ele estava operando o seu plano. Deram à criança o nome de Moisés, que significa "retirado das águas". Um nome apropriado para alguém que Deus, em tempo oportuno, usaria para tirar o seu povo das altas ondas de perseguição e sofrimento. Enquanto o povo gemia, Deus estava agindo!

Na casa de Faraó, Moisés teve o melhor de dois mundos. Ele foi criado com a herança hebréia, do próprio peito e colo de sua mãe. Sua mãe adotiva lhe deu o mais excelente treinamento na educação e cultura egípcia. Desde que a sucessão ao trono sempre procedia da filha mais velha de Faraó, Moisés destinava-se a ser príncipe e sucessor de Faraó. Isso significava que ele deveria receber educação acadêmica, militar e de liderança que o preparariam para governar todo o Egito. O luxo e esplendor do Egito estavam a seu comando, como o filho privilegiado da

filha de Faraó. Mas todos esses preparativos seriam úteis para um propósito maior!

A fim de apreciar o Egito no qual Moisés foi criado, passei boa parte de um verão velejando pelo Nilo. Visitas aos antigos templos de Luxor e Carnaque, ao Vale dos Reis, Kom Ombo, Aswan e a outros lugares deram-me a sensação do esplendor do Egito do tempo de Moisés. Impressionaram-me a mitologia dos deuses do Egito antigo e a ênfase à adoração de Rá, o deus-sol. Os rituais de coroação dos Faraós, pintados nas paredes dos templos, me impressionaram pelo elevado poder que aguardava o filho adotivo da filha de Faraó. Enquanto olhava os pilares dos templos e os obeliscos gigantescos, comentava com o meu guia muito versado sobre o assunto, que para a construção e o levantamento foram necessários, com certeza, milhares de operários. Ele esquivou-se de uma resposta direta por causa das implicações da minha observação. Muitos dos templos foram construídos durante os quatrocentos anos ou mais da escravidão hebréia. Essa escravidão vai do século dezesseis ao treze e inclui os projetos de construção de Hatshepsut, no século quinze, e Ramessés II, no século treze. Talvez os hebreus tivessem sido forçados a confeccionar mais do que tijolos!

Toda essa investigação aumentou minha conscientização da grandeza do treinamento e educação de Moisés, e ajudou-me a compreender sua agitação quando o Espírito de Deus levou-o a indagar acerca de sua verdadeira origem. É bem possível que o treinamento de sua mãe tivesse tido uma influência duradoura. Talvez alguém lhe sussurrasse a verdade quando era já homem feito. Ou foi um toque do Espírito que o despertou para o fato de que talvez ele não fosse um egípcio, mas um hebreu? Possivelmente uma ou a combinação de todas as três coisas. Não sabemos. O que sabemos, na verdade, é que a mais profunda fidelidade do futuro Faraó cristalizou-se de forma decisiva quando este completou quarenta anos. Certo dia, saiu Moisés em direção a uma área de escravos em Gósen e viu um feitor egípcio surrando um dos escravos. Tomado de ira e indignação, ele matou o egípcio. Pensou que ninguém tivesse observado o seu ato, mas a espantosa notícia correu rápido entre os hebreus e por fim chegou ao conhecimento de Faraó. A sorte estava lançada: nada mais restava a fazer *senão* fugir para o deserto de Midiã a fim de salvar a vida.

Essa fuga também fazia parte do plano de Deus. Ele fez que Moisés deixasse a corte de Faraó a fim de prepará-lo para ser o libertador de Israel. Sabemos que ele permaneceu no deserto quarenta anos. Todo esse tempo ele esteve sob a influência de Jetro, um sacerdote midianita que adorava ao Senhor. Moisés se casou com Zípora, filha de Jetro, e teve dois filhos, Gérson e Eliezer. Como pastor do rebanho de Jetro, Moisés aprendeu acerca da vida no deserto, tomou conhecimento das rotas de viagem e das fontes de água. Deus o preparava para a tarefa que estava pela frente.

Mais importante que *tudo isso* era que o Senhor estava preparando um homem para confiar nele completamente. Horas intermináveis de silêncio nas vastidões do ermo substituíram a vida suntuosa da corte de Faraó. Toda a autoconfiança teria de ser escoada gradativamente. A dependência da inteligência e habilidade humanas, enraizada no treinamento egípcio para as responsabilidades de sucessor de Faraó, tinha de ser redirecionada para uma nova dependência — a de Deus. Moisés esvaziou-se do orgulho, de modo que pudesse começar a fazer as perguntas certas.

Quando nos colocamos no lugar de Moisés, durante esse longo período no deserto, começamos a perceber as perguntas que, por certo, devem ter rolado em sua mente na ânsia de uma resposta. Quem era esse Deus de seu povo? Ele

havia herdado de sua mãe hebréia certo *senso* intuitivo do poder de Deus. Talvez o contato com os hebreus tivesse ajudado a aumentar essa conscientização. E bem possível que Jetro o tivesse levado a conhecer, pelo nome de El Shaddai, o Deus Todo-poderoso. Mas isso, por certo, levantou outras perguntas. Se esse Deus é Todo-poderoso e se ele firmou uma aliança com o seu povo através de Abraão, por que não faz alguma coisa para ajudar o seu povo que definha no Egito? Sem dúvida, Moisés pôs-se a refletir sobre isso através dos anos, enquanto cuidava dos rebanhos do seu sogro. Ele sabia acerca de Deus, mas não conhecia a Deus. E a resposta a essa necessidade foi a parte final da preparação do solitário pastor para ser o libertador de seu povo. Outro dia vi um velho amigo.

— Como vai você? — perguntei, sem contar com a resposta que ele me deu.

— Não muito bem, obrigado!

Com certeza, minha expressão facial foi de alarme, porque ele prosseguiu dizendo que passava por algumas provações, as quais diminuía a sua confiança na promessa de que Deus se importa conosco e faz alguma coisa para ajudar-nos.

— Por tudo que já passei vi-me forçado a admitir que não conheço a Deus muito bem. De fato, quero saber se ele é Todo--poderoso quando necessitamos dele — concluiu o amigo.

Foi essa a pergunta de Moisés em Midiã. O de que meu amigo precisava era o de que Moisés precisava — um encontro genuíno com Deus.

Foi isso o que aconteceu naquele dia decisivo, pouco antes do final da permanência de Moisés no deserto. Enquanto cuidava dos rebanhos junto ao monte Horebe, assustou-se com uma sarça em chamas, a qual não se consumia. Moisés observava com atenção. Certamente ele já tinha visto a combustão espontânea, efeito dos raios solares nos arbustos secos. Mas a sarça parecia queimar-se e não se consumir. Estando ele em pé, petrificado diante da visão assustadora, soou uma voz de dentro da sarça: "Moisés! Moisés!" Moisés era gago nessa época de sua vida. Estou certo de que sua reação foi gaguejar. "Eis-me aqui". O Senhor havia captado sua atenção!

O que nos pode surpreender ao ponto de deixar nossos pés pregados no chão — ou melhor ainda — nos colocar de joelhos, em total atenção? Às vezes é preciso uma catástrofe ou uma bênção alarmante. *As sarças ardentes de Deus estão ao nosso redor* — maravilhas naturais nas quais sua assinatura apresenta tons fortes e brilhantes. Pessoas através das quais ele resplandece em chamas de amor. Problemas cruciantes nos quais ele é a nossa única esperança. O tempo no deserto, de espera e indagações, é sempre recompensado com uma sarça ardente especialmente adaptada às nossas necessidades. O que poderia surpreendê-lo? Neste instante, enquanto lê, o Senhor está a chamá-lo pelo nome através dessa sarça. Você consegue ouvi-lo? Então responda com prontidão: "Eis--me aqui!" Não deixe para ouvir mais tarde o que o Senhor tem para dizer *agora*. Mostre que você confia nele, precisa dele e da sua presença.

Em resposta à abertura atenciosa e reverente de Moisés, o Senhor revelou sua natureza essencial. Ele alcançara o íntimo de Moisés nos anos de silêncio e agora poderia expor sua natureza real a ele. Ele era o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Ele tinha escutado o gemido de seu povo e estava pronto para libertá-lo. Moisés devia ser o agente dessa libertação. O confronto com o Senhor agora se transforma em consternação. "Como, Senhor, como?" Moisés conhecia o poderio militar de Faraó e de sua dependência dos escravos hebreus para a expansão contínua da grandeza do Egito. Para Moisés, o mais impossível de supor-se, era que fosse ele capaz de tirar o povo de Israel do Egito.

Ponha-se no lugar de Moisés. Qual a possibilidade mais inimaginável que o Senhor poderia sugerir-lhe? Descreva-a. Mas note que o desafio para Moisés era realizar exatamente o que estivera em sua mente todos aqueles anos no deserto. Por que Deus não fazia alguma coisa acerca da situação do seu povo? Agora vinha a resposta. O próprio Moisés seria aquele através de quem sua própria oração seria respondida. *Um encontro real com Deus sempre nos inclui na resposta. O que desejamos que Deus faça para nós, ele deseja realizar através de nós.*

E respondemos com medo e trepidação: "Quem sou eu? Como poderia realizar tal coisa?" Não podemos. Mas com o Senhor ao nosso lado, de que mais precisamos? Que mais desejamos por garantia? Precisamos exatamente do que Moisés precisava: conhecer a natureza verdadeira do Deus que estaria com ele. Quando informado de que ele deveria ir até ao povo e declarar que o Deus de seus pais o havia enviado, ele protestou: "Eles me perguntarão qual o nome do Deus que deu essa ordem impossível. O que lhes direi a eles?" Então o Deus da sarça ardente deu a Moisés uma dádiva que o animaria através dos futuros anos de perigo. "EU **SOU** O QUE SOU". O Senhor emprega o verbo hebraico causativo *ser* no futuro. *O Criador de tudo, que causou o aparecimento de todas as coisas, fará as coisas acontecerem.*

Através dos anos, intérpretes eruditos vêm apresentando várias traduções. Como já escrevi em outro lugar, minha convicção é que o verbo hebraico *ser no futuro*, significa: "Farei acontecer", ou: "Farei com que aconteça o que faço acontecer". Veja o meu livro, *A Sarça Ainda Arde*. O Verbo, que tem poder para mudar toda a criação, operará sua estratégia na história e em nossas vidas pessoais. Ele é todo-poderoso, onisciente e todo-amor, e, portanto, será o Deus que torna todas as coisas possíveis, acima do que consideramos impossível. Moisés encontrou o Senhor do impossível!

O novo nome pelo qual Deus se fez conhecer a Moisés é Hayah, do verbo *ser*, que se traduziu por YHWH, ou Yahweh — o Senhor. Em anos posteriores, esse nome tornou-se tão sagrado para os hebreus que era proibido enunciá-lo. A palavra *Adonai*, o Senhor, passou a ser usada como sinônimo de Deus. Mas para Moisés, EU SOU era um toque de clarim à esperança e à ação. Deus não era apenas o El Shaddai distante, o Deus poderoso das montanhas, mas o Deus que faria acontecer o que parecia impossível.

O Senhor não havia esquecido! Ele esperava para levar Moisés ao ponto em que este aceitasse a espantosa verdade de que Deus era capaz de fazer qualquer coisa que desejasse. Enquanto o povo definhava no Egito, pensando que Deus o havia esquecido, a libertação tinha início no deserto!

É-nos difícil imaginar Moisés questionando acerca de como Deus o usaria para tirar o seu povo do Egito. Mas antes que nos tomemos demasiadamente críticos, lembremo-nos das muitas vezes que chegamos a argumentar com Deus sobre suas promessas e orientação. As perguntas de Moisés são as mesmas que a maioria de nós faz todas as vezes que EU SOU se oferece para realizar milagres. Desejamos examinar cada aspecto de como ele os fará.

"E o que pode acontecer se eles não acreditarem em mim?" inquiriu Moisés. O verdadeiro problema era que Moisés ainda não cria. Ele transferiu ao povo seus receios mais íntimos. Por isso o Senhor ordenou-lhe que atirasse a vara ao chão — ela transformou-se numa serpente. A seguir, o Senhor ordenou-lhe que a tomasse pela cauda. Moisés havia desenvolvido um sadio temor às serpentes no deserto, imagine o seu temor ao obedecer a essa ordem! Ao apanhá-la, a serpente se transformou em vara novamente. Só que agora era a vara de Deus.

O sinal seguinte foi igualmente assombroso. "Mete agora tua mão no peito, Moisés", ordenou o Senhor. Ao fazê-lo, sua mão estava leprosa. A lepra era a doença mais repugnante e temível da época. "Torna a meter tua mão no peito, Moisés", retorquiu o Senhor. E ela voltou a ficar sã. De que mais o futuro libertador precisava? Esse sinal não seria suficiente para você? Tenha cuidado com sua resposta. E quanto aos sinais do poder de Deus que rejeitamos como insuficientes?

Moisés levantou outra questão. Como já vimos antes, nessa época ele era gago. Como reuniria o povo e enfrentaria a Faraó? Por causa dessa falta de fé, creio que o Senhor deixou de providenciar o melhor que tinha para ele. É óbvio que o EU SOU, que prometeu fazer as coisas acontecerem, poderia soltar a língua de Moisés. Na verdade, há evidências de que isso tenho ocorrido mais tarde. Mas, por ora, o Senhor dispôs-se a usar Arão, irmão de Moisés, como o porta-voz do libertador. Muitas vezes perdemos o melhor de Deus porque argumentamos demais. Sua vontade permissível substitui sua vontade perfeita por causa da nossa dúvida. Já lhe aconteceu isso?

Mas o inovador EU SOU, que faz as coisas acontecerem apesar de nós, sempre tem uma estratégia secundária para o cumprimento da sua obra. Ele nos aceita como somos. Mais tarde Moisés falou em nome de Iavé com clareza e poder. O Senhor nunca desiste!

Moisés regressou ao Egito com as palavras do Senhor ressoando em seu coração. Sua tarefa era humanamente impossível, mas ele havia tido um encontro real com o Senhor do impossível.

Voltemos ao início deste capítulo para não perdermos a admirável mensagem de que o Senhor jamais se esquece de nós. Ele ouve, esteja certo disso. E quando menos esperarmos, ou merecermos, ou termos coragem de acreditar, ele vem a nós e assegura-nos da libertação. O que pensávamos ser o fim, não passava do começo. Não estamos no fim porque Deus ainda não terminou sua obra em nós! Na verdade, ele nos prepara para um Êxodo. E por isso que devemos prosseguir com a sarça ardente em nossos calcanhares e sua radiante e viva segurança em nossos corações. A prova infalível de que tivemos uma experiência da sarça ardente é que o fogo saltou para dentro de nós e incendiou os gravetos secos da nossa desesperança. Podemos entrar em nosso Egito como homens e mulheres movidos por uma coragem centrada no EU SOU.

Deus jamais nos abandona, ele nunca se vai  
Assim, conte com a sua presença na escuridão e na alvorada.  
Creia somente, creia somente;  
Todas as coisas são possíveis, creia somente;  
Todas as coisas são possíveis, creia somente!  
Paul Rader

CAPÍTULO CINCO  
**O SENHOR DO IMPOSSÍVEL**  
***Moisés, o Libertador***

Moisés partiu de Midiã para o Egito com ordens claras. A idéia de um êxodo não era produto de auto-engrandecimento ou de uma necessidade pelo espetacular. Moisés não recebeu a estratégia completa do Êxodo. O que ele tinha era uma visão e um primeiro passo. Tudo o que devia fazer era dizer ao povo que EU SOU, Iavé, o havia enviado. Deus tinha ouvido a súplica do seu povo e iria levá-los do Egito para uma terra prometida. Moisés deveria se dirigir a Faraó com uma ordem do Senhor: "Deixa ir o meu povo!"

Isso era o bastante para começar. É raro o Senhor nos revelar mais do que precisamos para a obediência diária. Realizar a tarefa de hoje é abrir caminho para a revelação de amanhã.

Não devemos esperar aplausos em nossa tentativa audaciosa do impossível. É por demais arriscado agir sob a influência de outras pessoas. O progresso sempre passa por cima das costas enrijecidas dos cautelosos e obstinados. *Moisés teve de aprender a confiar totalmente em Deus.* O povo não acolheu com entusiasmo a direção do Senhor, e Faraó endureceu o coração à idéia de deixar ir a sua força escrava. Mas o Senhor estava em ação. Ele arranhou as circunstâncias. O povo suplicou a Deus por libertação, e quando esta veio, resistiram a seu nomeado libertador. Espantoso! O Egito tinha de se tornar



insuportável por completo antes que aceitassem a possibilidade do que parecia impossível. A escravidão em que se encontravam era mais profunda do que a imposta pelos egípcios: era a escravidão ao medo.

A disputa de Moisés com Faraó não foi menos formidável. O desprezo que o soberano tinha por Moisés era um misto de ódio virulento e competição. Minha teoria é que esse Faraó foi o que subiu ao trono destinado a Moisés. Talvez se tivessem conhecido na juventude. Êxodo 2:23 informa que o Faraó pai da mãe egípcia de Moisés morreu "muitos dias depois", um longo período após a fuga de Moisés para Midiã. O Faraó com quem Moisés disputava devia saber da deserção deste e desejava vencer a batalha que se seguiu. O que Faraó não aceitou, até que fosse tarde demais, era que sua disputa não era com Moisés, mas com Iavé. As pragas, especialmente a última, na qual o anjo da morte tirou a vida dos primogênitos egípcios, foram demais para ele.

Podemos aprender muito acerca do Senhor do impossível nos eventos dramáticos do êxodo do Egito. Deus concedeu a Moisés e ao povo uma prova segura de orientação numa nuvem de dia e numa coluna de fogo de noite. E Moisés conduziu o povo com obediência. Quando a nuvem avançava, ele mandava o povo seguir; quando ela parava, eles acampavam e aguardavam. Consta nas Escrituras que a procissão triunfante dos israelitas para fora do Egito compreendia seiscentos homens a pé, além de mulheres e crianças. Se calcularmos em torno de cinco pessoas para cada família, o número total alcançaria a significativa casa dos dois milhões. De particular importância para a nossa consideração é a rota pela qual o Senhor os conduziu. Para evitar uma guerra com os filisteus, o Senhor não os levou direto a Canaã pelas rotas comerciais que passavam através das terras deles. Disse Deus a Moisés: "Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e retornem ao Egito." Além disso, o Senhor queria preparar o povo a fim de demonstrar o seu poder, de modo que jamais se esquecessem. Moisés teve a sarça ardente; agora o povo precisava de uma experiência do mesmo teor.

O salmista captou a urgência dessa necessidade, ao meditar na segurança dupla que o Senhor providenciou: "O Senhor faz justiça, e julga todos os oprimidos. Manifestou os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos, aos filhos de Israel" (Salmo 103:67). A sarça ardente revelara a Moisés a natureza poderosa do EU SOU, Iavé, que faria as coisas acontecerem apesar das circunstâncias humanas. Naquele momento era necessária uma manifestação de poder para provar, acima de qualquer dúvida, que Deus estava com o povo e que Moisés era o seu líder escolhido.

Um estudo cuidadoso do caminho pelo qual o Senhor guiou o povo proporciona um quadro esclarecedor e fascinante. Êxodo 12:37 relata que Deus os conduziu de Ramessés, ao norte do delta do Nilo, até o sul de Sucote. Ali eles observaram o dia da Páscoa em celebração do livramento do Egito e em lembrança de que o anjo da morte passou por cima das casas dos hebreus na décima praga. Ainda não estavam muito longe, pois Sucote ficava no centro de Gósen, onde alguns haviam servido como escravos. Êxodo 13:20 indica que o Senhor a seguir levou o povo de Sucote novamente para o sul até Etã, que fica no lado norte dos Lagos Amargos; a leste desses lagos fica o deserto de Sur. De fato, eles se encontravam no deserto, além de Etã, quando Deus deu a Moisés uma surpreendente instrução: "Fala aos filhos de Israel que retrocedam e se acampem defronte de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom; em frente dele vos acampareis junto ao mar" (Êxodo 14:2). O povo deveria voltar para o norte, e em seguida para o oeste, de volta ao Egito. O Senhor deu a Moisés o motivo mais

profundo para esse estranho retrocesso. "Então Faraó dirá dos filhos de Israel: Estão desorientados na terra, o deserto os encerrou. Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o Senhor" (Êxodo 14:3-4). E também o saberia o povo de Israel! O Senhor estava prestes a realizar um milagre que se tomaria um sinal de seu poder para todas as gerações.

Estudei os mapas do Egito antigo e da narrativa bíblica, em particular Êxodo 14:2 e 9, tentando identificar o que aconteceu. Visitas ao local me ajudaram a fazer um quadro mental do acontecido, embora o canal de Suez tenha mudado radicalmente a topografia. Meu postulado é que os israelitas receberam instrução de voltar ao Egito, rodeando o que naquela época eram os Lagos Amargos, indo para o sul, em direção de Pi-Hairote, uma das campinas a oeste dos lagos; daí para Migdol, uma torre e um posto avançado das tropas egípcias. Baal-Zefom era um deus egípcio adorado numa cadeia de montanhas na costa ocidental, onde hoje fica o Golfo de Suez.

Os israelitas estavam cercados pelas montanhas de um lado, a guarnição de Migdol do outro e as extremidades do lado norte do mar Vermelho. Então entraram em pânico, ao avistarem a nuvem de pó das carruagens de Faraó, movendo-se através das campinas da única área aberta. O povo fora apanhado numa armadilha. Uma impossibilidade. Um "beco-sem-saída". E o Senhor os havia conduzido para lá!

Imagine a situação: Moisés não podia ir para o sul por causa das montanhas, ou para o oeste por causa da aproximação de Faraó, ou para o norte por causa da guarnição de Migdol, ou para o leste por causa do mar. Êxodo 14:9-10 torna vivida a situação dos israelitas. "Perseguiram-nos os egípcios, todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavalarianos e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Pi-Hairote, defronte de Baal-Zefom. E, chegando Faraó, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então os filhos de Israel clamaram ao Senhor."

A análise que os israelitas fizeram da situação baseava-se no potencial humano, não no poder divino. Não eram capazes de perceber o que Deus estava fazendo. Em cinco dias eles haviam-se esquecido das pragas, da intervenção de Deus e da libertação do Egito.

Achei útil dividir essa seção do Êxodo nos diversos segmentos de diálogo: o que o povo disse a Moisés; o que Moisés disse ao povo; o que Moisés disse ao Senhor; e o que o Senhor disse a Moisés, em preparação para a realização da grande revelação do seu poder como o Senhor do impossível.

O que o povo disse a Moisés é típico da *análise humana do impossível*. "Será por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isto o que te dissemos no Egito: Deixa-nos, para que sirvamos aos egípcios? pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto" (Êxodo 14:11-12). É fácil ficar espantado com a falta de gratidão. Note a transferência da culpa causada pelo medo — é tudo culpa de Moisés. Por que nos meteu nesta enrascada? O povo clamava por confirmação de que a decisão de deixar o Egito fora correta, realmente dirigida por Iavé e que ele viria em seu auxílio.

Nesse momento percebemos a grandeza de Moisés começar a emergir. Por estar seguro do EU SOU da sarça ardente, ele não precisa se pôr na defensiva. Ele não desce ao nível do povo para argumentar ou defender a sua liderança. Sua

experiência com Deus o tomou gracioso em vez de amargo. As pessoas fazem o que fazem por causa do que são. São incapazes de mudar seu comportamento até que Deus lhes cure o medo. Moisés era sustido pela percepção • de que Deus providenciara o beco-sem-saída, mas que daria um escape!

O que Moisés disse ao povo e o que Deus disse a todos eles, dá-nos *cinco pontos básicos sobre o que fazer diante do impossível*. Note as cinco formas verbais de Êxodo 14:13-15. Elas nos revelam primeiramente o natural, a reação humana ante o impossível; a seguir, o que Deus deseja que façamos e sejamos quando nos defrontamos com o impossível, e, por fim, o que ele pode fazer com o impossível, se confiarmos nele. Moisés disse ao povo tomado de pânico: "Não temais: aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tomareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis." Em seguida, o Senhor disse a Moisés: "Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem."

Aqui está a receita contra a perplexidade: (1) Não temais, (2) aquietai-vos, (3) vede o livramento do Senhor, (4) calai-vos, (5) marchai. Esses verbos formam um antídoto para a ansiedade! Sei disso, através de anos em confronto com impossibilidades. O que escrevo aqui já provei e vivi.

A primeira instrução de Moisés ao povo é *Não temais*. A única maneira de nos livrarmos do medo é conscientizar-nos da companhia de Deus. Ele se encarrega da impossibilidade. E não apenas isso: Deus muitas vezes a permite para o nosso crescimento e sua glória. Com freqüência censuramos as pessoas por causa do mal e culpamos a vida pelo que nos está fazendo. Crescemos na graça quando acreditamos que nada nos pode acontecer sem a permissão divina. Com esse firme pensamento podemos pedir a Deus seu poder e intervenção.

O mesmo canal de nossas emoções através do qual o medo flui, pode ser o leito fluvial para a confiança e a obediência em amor. O medo não está muito longe da fé. Quando abandonamos o medo, expressando nosso sentimento a Deus, permitimos que a fé expulse o medo. Diga a Deus: "Estou com medo. Não posso compreender o que estás fazendo comigo! Mas sei que estás no controle e que nada há de permitir que não me leve para uma comunhão mais profunda contigo. O que dás ou tiras é para que eu possa vir a conhecer-te melhor." Essa é a oração de coragem numa situação impossível.

É tolice afirmar que jamais teremos medo de novo. Isso significa reduzir os desafios da vida de modo que não nos deparemos com aquilo que não podemos resolver por nós mesmos. Normalmente, o medo é a nossa primeira reação em face da impossibilidade. Não o *receie*. Ele nos lembra que estamos vivos, que somos humanos. Assim como a dor, o medo é um grito para Deus — um prelúdio à fé. Não teríamos necessidade de Deus se não tentássemos algo além de nossa capacidade. O medo é uma reação negativa ante a realidade, a qual deve ser substituída por fé positiva. Fé é dom. Somente Deus pode concedê-lo. E ele o oferece aos que possuem ousadia bastante para se atrever a necessitar desse dom. Mas, se é dado, como podemos recebê-lo? Essa pergunta nos leva ao segundo verbo.

*Aquietai-vos!* O medo nos deixa frenéticos. A tendência é correr em todas as direções para escapar ao perigo. Em vez disso, aquietai--vos. Em épocas de medo não devemos tomar decisões cruciais nem fazer mudanças. Primeiro, permita que Deus o aquiete até que você esteja novamente certo de sua presença e do que ele afirmou que iria fazer, e, à luz dessa circunstância, o que ele deseja que você faça. Necessitamos de perspectiva divina renovada acerca da impossibilidade.

*Vede o livramento do Senhor.* Isso é expectativa firmada na promessa. Deus

assegurou a Moisés que faria um grande milagre. Moisés, portanto, estava na expectativa. As palavras hebraicas aqui possuem um sentido tanto retrospectivo como prospectivo. Ver a salvação do Senhor é olhar para o que o ele já fez no passado, e para o que ele promete fazer no futuro. Moisés traz à lembrança do povo as obras espetaculares de Deus, como uma base suficiente para confiarem a ele o problema presente. Cada milagre em nossas vidas é uma preparação para maior confiança no futuro. Mas nós os esquecemos com tanta rapidez! O povo de Israel havia substituído a paz interior pelo pânico. Eles avistaram o mar, à sua frente, aparentemente impossível, e os exércitos do Faraó atrás. Olharam ao norte, ao sul, ao leste e ao oeste, mas não olharam para cima — para Deus e a sua fidelidade!

Deus já fez tanto por mim e você. Estamos do lado de cá do Calvário e do sepulcro aberto, e contudo queremos saber se Deus pode fazer alguma coisa acerca da impossibilidade que ele determinou para nos levar a uma comunhão mais íntima com ele. A ordem de ver a salvação do Senhor apresenta profundas implicações. No Antigo Testamento, salvação significava segurança, livramento, desembaraço do sofrimento. No Novo Testamento, através de Jesus Cristo, significa perdão, reconciliação, aceitação, unidade

a vida abundante agora e na eternidade. O que vale a energia dissipada em pânico à luz da salvação? As únicas coisas que nos podem fazer mal são as que recusamos apresentar a Deus. Aquietai-vos e vede o que ele fará, porque pertencemos a ele mediante a salvação. Somos seus amados.

A seguir, *calai-vos*. Essa ordem indica que Deus pelejará por nós. A instrução de Moisés era que se mantivessem quietos, *enquanto* o Senhor lutava na batalha. Não devemos intrometer-nos em sua maneira de agir! Não raro, em conflitos, ficamos na defensiva com elaboradas explicações de auto-justificação. Ou insistimos em dizer a última palavra ou caímos na batalha que o Senhor está vencendo por nós. Imagine o que teria acontecido naquele dia se, ao invés de esperar em Deus, os israelitas decidissem lutar com Faraó! A nação hebréia já não existiria. Sem dúvida, há um tempo certo para uma confrontação justa, mas somente sob a direção e a oportunidade de Deus. Mais tarde os israelitas cooperaram com o Senhor em muitas batalhas. Mas, desta vez, os egípcios estavam medindo forças com Deus e não com Israel. Eles eram problema de Deus e este exibiria seu poder diante do seu povo.

Há um tempo para ficarmos quietos, atentos, e observarmos Deus lutando a batalha por nós. Algumas das nossas batalhas perdidas jamais foram ordenadas para nós, ou então eram muito especiais e nelas o Senhor desejou lutar por nós. Só em silêncio somos capazes de saber a diferença.

Há um tempo certo para agir, mas só podemos conhecê-lo em completo silêncio. E essa é a palavra final dessa passagem bíblica: *Marchai!* Ela nos revela muito acerca de Moisés e de Deus.

Moisés mostrou coragem e ousadia diante do povo. Dentro de si ele também tremia com a crise que se avolumava. Sua eficiente instrução militar calculava o movimento e o poderio dos exércitos de Faraó. Moisés olhou para os seus homens mal preparados e desordenados. Depois olhou para Deus. Sua oração não foi registrada. De experiências semelhantes em nossas próprias vidas, podemos pô-la nestas palavras: "Senhor, o que desejas que eu faça? O povo está em pânico. O temor deles me influencia cada vez mais. Deus, ajuda-me!"

A resposta do Senhor é surpreendente. Ele não se impressiona com a oração de Moisés. "Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem". *Seguir em frente! Mas, Senhor, por que caminho? Estamos bloqueados*

*por todos os lados!*. Estava Deus a provar Moisés? E pouco provável. Na verdade, ensinava-o que tanto a direção quanto o poder são dados no momento certo. Nunca adiantado ou atrasado. A forma específica da visão há de ser revelada. O único movimento da alma é seguir em frente.

Era hora de o Senhor dizer a Moisés como e em que caminho seguir em frente. Ao povo era ordenado o que deviam fazer mediante a fé; a Moisés, o que devia fazer em obediência. E Deus assegurou-lhe o que faria em resposta. A vara de Moisés, que se tornara a vara de Deus, veio a ser um instrumento de poder magnífico. Determinou o Senhor: "E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco. Eis que endurecerei o coração dos egípcios para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros" (Êxodo 14:16-17).

A nuvem que havia conduzido o povo a esse lugar de impossibilidade agora passou para trás deles, separando-os dos egípcios que avançavam com rapidez. A proteção do Senhor ocultou-os de Faraó por um dia e uma noite. Isso deve ter sido muito penoso para Faraó, um adorador do deus-sol. As letras do meio de seu título, "ra", indicam ser ele um descendente divino desse deus. Mas alguém maior que Rá estava dando as ordens naquele dia. Iavé, que fez o Sol, estava dando luz espiritual para guiar o seu povo.

A Escritura dá a entender que isso aconteceu na noite em que Moisés foi persuadido a seguir as instruções misteriosas do Senhor. "Então Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o Senhor, por um forte vento oriental que soprou toda aquela noite, fez retirar-se o mar, que se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas lhes foram qual muro à sua direita e à sua esquerda" (Êxodo 14:21-22).

Os mapas do Egito, anteriores à construção do canal de Suez, mostram uma porção superior do mar dos Juncos, que estendia para o sudoeste. Um vento oriental da força descrita na Escritura o dividiria, de fato. Uma península perto de Baal-Zefom em forma de dedo, entrava no mar. Proponho que foi esse o lugar de origem da passagem que se estendia ao sudoeste até a outra margem. Era fundo o bastante para que o mar partido se assemelhasse a paredes, e comprido o bastante para que os exércitos de Faraó caíssem na armadilha quando o mar se juntasse.

Vocês sabem o que aconteceu. Mas não permitam que a familiaridade abrande o impacto. Quando a nuvem de proteção que ocultara Moisés e os israelitas se levantou, eles estavam bem no meio do mar, próximos da outra margem. Faraó estava tomado de compulsão e ira cega. Ele bem que poderia ter esperado e tomado a rota mais longa ao redor do mar. Em vez disso, ordenou que suas tropas e carruagens entrassem na passagem, tal era a sua confiança arrogante de que Rá era maior que Iavé. Sua confiança foi contraditada quando o fundo do mar, que se endurecera por ação milagrosa para os hebreus, tornou-se macio novamente e cedia às rodas das carruagens.

Quando o exército se encontrava completamente dentro da passagem, Moisés recebeu ordens claras: "Estende a mão sobre o mar, para que as águas se voltem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavalarianos" (Êxodo 14:26). Aconteceu, na íntegra, como o Senhor prometeu. As águas retornaram e o exército se afogou. O Senhor do impossível salvara o povo de Israel. "E viu Israel o grande poder que o Senhor exercitara contra os egípcios; e o povo temeu ao Senhor, e confiaram no Senhor, e em Moisés, seu servo" (Êxodo 14:31).

Iavê, aquele que seria o que seria, o Todo-poderoso criador de tudo, fez o que prometeu a Moisés — fazer as coisas acontecerem! Deveras! Assim como a sarça ardente fez com que Moisés se movesse, assim também a divisão do mar Vermelho despertou Israel para crer que o que Moisés afirmou acerca de Deus era verdade. Israel foi introduzido no Egito como um povo nômade e desorganizado. Ao sair de lá, era uma nação através da divisão do mar, e este passou a ser o símbolo do que Deus pode fazer com as impossibilidades. Nada seria impossível agora.

O mesmo Deus, que realizou o impossível ao abrir o mar, é o Senhor que veio e viveu entre nós. Jesus Cristo, ao declarar quem era — Iavê conosco, usou com ousadia as palavras EU SOU! E o Calvário foi o lugar onde ele partiu as águas da morte, de modo que pudéssemos atravessar para a vida eterna. Todo o poder de Deus repousava em Jesus Cristo e esse mesmo poder está à nossa disposição através de sua presença viva, e sempre presente! Nós *temos* mais que uma sarça ardente, mais que uma abertura do mar, mais que alguma lembrança. O tempo e a recordação se desvanecem, porém o Senhor é o mesmo ontem, hoje e amanhã. Temos o mesmo amor libertador que abençoou Israel, livrou-nos da escravidão do pecado, da culpa, da dúvida interior e da condenação — tudo por meio de uma cruz, de um túmulo vazio e do poder permanente do Pentecoste!

Empilhe o impossível contra isso! Amontoe as coisas que o impeliram para um beco-sem-saída e então devolva a Deus tudo o que o faz gritar bem alto: "Impossível!" Ele está com você. É o raiar do dia. A noite é passada. Estenda a sua vara, a cruz, sobre o seu mar impossível. As águas se abrirão!

## CAPÍTULO SEIS

# **GRAÇA RENOVADA *Moisés,* *o Líder***

Ao cumprimentar uma amiga com um costumeiro "Como vai?" sua face se anuviou de preocupação e ela respondeu tensa e sinistra: "Irei bem, se tão-somente conseguir chegar ao final do dia!"

Minha resposta a surpreendeu! "Querida amiga", disse-lhe com compaixão, "hoje é tudo o que você deve agüentar. Na verdade, hoje é tudo o que você tem!"

Isso a fez rir e afrouxar os problemas daquele dia. A seguir fiz-lhe uma pergunta a que eu preciso responder para mim mesmo nos dias em que as tensões se avolumam: "O influxo equivale à vazão?" Ela sabia o que eu queria dizer, e confessou que havia entrado na batalha daquele dia sem passar algum tempo com Deus em busca de poder e direção. O melhor que podia fazer era suportar as provações do dia e aguardar o amanhã. Em seguida, atrevi-me a pedir-lhe algo que eu gostaria que meus amigos me pedissem quando me tornasse sinistro. Incentivei-a a partilhar comigo as pressões e me ofereci para orar com ela. Para meu espanto, ela demonstrou boa vontade. Perguntamos a Deus o que ele desejava dela naquele dia e pedimos que lhe desse uma proporção igual do seu poder para o que ela deveria fazer. Você acertou. Muito mais que apenas suportar o dia, ela viveu de maneira triunfante, cheia de poder.

A minha mais difícil descoberta acerca da vida abundante foi esta: viver um dia de cada vez e receber a graça renovada do Senhor para cada dia. Deus, em sua bondade, dispôs a vida em compartimentos diários, de modo que podemos viver o presente com o poder da sua presença. Mas isso não é fácil de ouvir nem de lembrar.

E a verdade mais importante que Deus ensinou a Moisés e a seu povo durante os primeiros poucos meses no deserto, depois que atravessaram o mar Vermelho. Esse é o período que vai da entrada no deserto até ao Sinai, onde receberam os Dez Mandamentos e contemplaram a glória de Deus. Foi uma época em que o Senhor do impossível ensinou a Moisés e ao seu povo a respeito de sua graça ilimitada para satisfazer às necessidades diárias. Em todas as crises o Senhor levantou Moisés como um grande líder, e seu povo como uma grande nação.

O povo estava mal preparado para os rigores do deserto. A areia e a pedra calcária transformaram-se em forno sob o sol escaldante. Logo, a água e a comida chegaram ao fim. Quarenta e cinco dias no deserto e já estavam esfaimados e encarquilhados. A água de suas bolsas de couro, que apanharam no oásis de Elim ao longo do caminho, havia acabado. O gado trazido do Egito havia sido abatido e comido. Os lábios estavam ressequidos e a fome corroía--lhes os estômagos.

Uma vez mais criticaram a Moisés por separá-los das panelas de carne e do pão do Egito, e a murmuração deles crescia numa rebelião ameaçadora. Imagine dois milhões de pessoas cheias de desprezo e ódio, exteriorizando descontentamento, execrações e vaias! Não mais entoavam louvores acompanhados de tamborins e címbalos, haviam feito um mês e meio atrás, ao celebrarem a vitória do Senhor sobre os egípcios. Agora havia impaciência misturada com pânico. A falta de fé tem memória curta. O medo do futuro produz o esquecimento fácil das bênçãos passadas. O povo se tornava inquieto e rebelde. O que Moisés podia fazer? A única coisa que ele sabia fazer era clamar a Deus. "Iavé, o que desejas que eu faça?" O que o Senhor lhe disse dá-nos o segredo de como ele deseja cuidar de nós. Levando-se em consideração as circunstâncias do deserto assolador, sua promessa foi espantosa.

O Senhor prometeu enviar carne à tarde e pão pela manhã. E aconteceu tal como ele disse a Moisés que faria. Veja o quadro com os olhos da mente. Ao final do dia, enquanto o sol escarlate se punha no horizonte, o povo, fraco de fome, se arrastava para um local de descanso. Sem esperanças, eles se preparavam para mais uma noite de luta com a angústia da fome, com as gargantas ressequidas, o que torna difícil dormir.

A princípio, somente alguns a viram. Em seguida, toda a multidão estava de pé, com os olhos fixos na estranha nuvem escura que aparecia no horizonte e se movia em sua direção. Logo ouviram um som espantoso. Trinado de codornizes! Um enorme bando de codornizes voava direto para eles. Seria isso possível? Sim! Em instantes, como se tentassem desesperadamente percorrer mais um trecho da sua estabelecida jornada, os pássaros voaram baixo e caíram exaustos aos pés dos atônitos hebreus. As codornizes, fracas, podiam ser apanhadas com facilidade. O povo mais que depressa preparou-se para assá-las em fogueiras. Enquanto a carne chiava ao fogo, a gordura inflamava as chamas com estalidos e centenas de faíscas enchiam de pontos luminosos a escuridão do deserto. Comeram com avidez, e mais uma vez cantaram louvores a Deus. Agora podiam dormir.

As pesquisas sobre os hábitos migratórios de codornizes no Oriente Médio

tornam o milagre da provisão bem mais emocionante. A cada outono, os pássaros voam da Europa central para a Turquia, onde se preparam para a travessia do Mediterrâneo. Atravessam o mar com um único e rápido vôo. Ao se aproximarem da terra eles diminuem a altitude, mas mantêm alta velocidade. Tão logo alcançam o litoral, pousam exaustos e completamente esgotados. Por horas ficam sem se mover, enquanto recuperam as forças. Durante anos, os beduínos que viviam próximos do litoral recolhiam a presa fácil. Recentemente passou-se uma lei proibindo pegar codornizes em armadilhas.

O fato espantoso acerca do relato bíblico da provisão das codornizes é que as aves devem ter voado até o deserto do Sinai, onde se tomaram a fonte de sobrevivência para os hebreus famintos. Como foi que as codornizes continuaram a voar bem mais além de sua já exaustiva jornada aérea? Somente o Senhor que as criou teria sido capaz de estimulá-las a prosseguir, como a bênção dele para o seu povo em necessidade.

Despertando o povo pela manhã, ficou assombrado com outra evidência do cuidado amoroso do Senhor. Por toda a terra havia uma substância semelhante a semente de coentro, fina como a geada; de cor amarela e aparência resinosa, semelhante ao bdélio. O povo clamou: "Manhu!", que significa: "Que é isto?" E daí que vem o vocábulo "maná". Quando eles o provaram, sabia a mel ou a óleo fresco. Descobriram que podiam moê-lo, socá-lo, e, depois de cozido, transformá-lo em bolos.

Moisés se apressou a dizer ao povo que o Senhor lhes providenciara pão dos céus. E também instruiu com todo o cuidado acerca do que o Senhor lhe havia dito a respeito do maná. Este lhes seria dado a cada manhã. Eles deviam colher apenas o suficiente para cada dia e para dois dias na véspera do sábado. Sempre que o povo tentava guardar mais de uma provisão diária, exceto por ocasião do sábado, o maná se tornava rançoso e cheio de bichos. A mensagem era clara: o Senhor proferia diariamente. Eles teriam de aceitar a sua bênção renovada a cada dia. O maná não ficaria velho.

A mesma verdade se aplica a nós. Há graça renovada para cada novo dia. Não podemos viver da inspiração de ontem. À medida que o Senhor nos dá cada novo dia, ele nos mostra o caminho. Antigas experiências de sua graça não são suficientes para hoje. Carecemos, a cada dia, de nova direção e novo poder. Quando oramos e estudamos as Escrituras a cada manhã, o Senhor nos dá exatamente o necessário para aquele dia. Precisamos renunciar a temores, frustrações, problemas e perplexidades, e confiar nele completamente. Ele nos concederá poder, discernimento, sabedoria e plena comunhão com ele.

Moisés e o povo tiveram de aprender isso através da peregrinação no deserto. E Deus foi fiel. Quanto mais penetravam no deserto, tanto mais tinham de confiar nele a cada passo do caminho. Não demorou muito para que os amalequitas, descendentes de Esaú e parentes próximos dos israelitas, os atacassem. O receio de perder seus pastos para as tribos invasoras os tornava ferozes em seus ataques. Os israelitas não estavam preparados para a guerra. O Senhor havia lutado por eles no mar Vermelho, mas agora eles tinham de aprender a lutar com a ajuda divina. Ele deu a Moisés a fórmula. Tudo o que ele tinha de fazer era erguer no ar sua vara santa, e os exércitos de Israel prevaleceriam. A mesma vara que abriu o mar Vermelho era o símbolo, escolhido pelo Senhor, de sua presença na batalha. Mas o povo precisava cooperar com o Senhor e uns com os outros. Deus os ensinou que deviam depender uns dos outros e apoiar-se mutuamente para que a sua bênção pudesse fluir.

Enquanto Moisés erguia a sua vara, Israel vencia; mas quando ele abaixava



os braços, os soldados de Amaleque venciam. Como a batalha se estendeu por longo tempo, Moisés não agüentou manter a sua vara erguida. Ele percebeu que dependia não só de Deus, mas também de Arão e de Hur. Estes se dispuseram a manter seus braços levantados, enquanto Josué conduzia o exército israelita à vitória. Moisés aprendeu que ser grande é estar disposto a receber força dos outros, da mesma maneira como a recebia do Senhor.

Jamais nos coube realizar algo sozinhos. Precisamos uns dos outros para vencer as batalhas da vida. Nosso ministério mútuo requer oração e envolvimento. O Senhor determinou que suas bênçãos serão liberadas quando orarmos. Ele deseja que seus filhos se identifiquem como família, na qualidade de irmãos e irmãs em sua família eterna. Essa é a razão por que muitas vezes ele retém o que tem de melhor, até orarmos por suas intervenções. Eu não poderia chegar ao fim do dia sem o conhecimento de que as pessoas, através de suas orações, estão erguendo os meus braços na batalha. Mas a oração deve ser completada com o envolvimento com as pessoas e com suas lutas. Arão e Hur levantaram os braços de Moisés, e Josué lutou como o general do exército. Todos foram indispensáveis à vitória. E também o somos nós. A chave é buscar a orientação de Deus para saber quem ele colocou em nossa agenda e o que ele deseja que façamos para expressar o seu amor. A batalha é do Senhor, mas ele prefere vencer através de nossa cooperação. Moisés tinha de descobrir isso repetidas vezes.

Esses dois eventos, ocorridos entre a travessia do mar e a chegada ao monte Sinai, nos ensinam muito a respeito do Senhor do impossível e do modo como ele opera em nossas vidas. Ele concede a sua graça em porções diárias e precisamos uns dos outros para nos apropriarmos de seu poder.

Toda manhã de domingo, os presbíteros de minha igreja se reúnem em meu escritório para orarmos juntos. Um pouco antes da oração, um deles pergunta: "Lloyd, de que você precisa hoje?" A pergunta focaliza a bênção, em particular, de que eu preciso nesse domingo. Fico espantado diante da mudança que se opera nas minhas necessidades. O que foi necessário no domingo anterior pode não ser a necessidade do domingo seguinte. Às vezes preciso de forças físicas após uma semana exaustiva. Outras vezes preciso confessar problemas que me incomodam, ou então necessito de coragem e segurança para expor as Escrituras segundo as descobertas de minha própria vida. Depois que especifico a graça renovada de que necessito, os presbíteros começam a orar. Eles conversam com Deus de um modo franco e espontâneo. Não se trata de um simples e comum pedido: "Abençoe o culto, Senhor", mas, pelo contrário, uma intercessão direta por uma necessidade específica. Dessa forma, antes e durante a pregação, os presbíteros erguem os meus braços.

Sempre que recebo um cumprimento após um sermão, e as pessoas dizem como o Senhor respondeu às suas necessidades, apresso-me em explicar que a honra se deve à ordem de Arão e de Hur, constituída dos presbíteros que oram e que são fiéis ao clamar pelo melhor que Deus tem a cada domingo. A pergunta que me fazem é aquela que necessito ouvir não só no domingo, mas também todos os dias da semana. De um modo mais incisivo é a pergunta que o Senhor me faz toda manhã, quando começo minhas orações para aquele dia.

Ao escrever este capítulo acerca da graça renovada e da interdependência na família de Deus, vi-me forçado de novo a enfrentar uma fraqueza na minha vida. Detesto admitir fraquezas! Gostaria de poder viver a vida cristã para o Senhor, mas não pelo seu poder. E gostaria de poder ficar livre da necessidade de constantes orações. Meu condicionamento, quando criança, deu grande

prioridade à autoconfiança e à independência. Quando adolescente, meu treinamento foi para liderar, *não* para ser liderado. Por anos, depois que me tornei ministro do evangelho, sentia que seria um mau exemplo se admitisse minhas próprias necessidades. Quando faço um retrospecto de todo o poder que o Senhor me ofereceu e de todo o estímulo que as pessoas me deram aos quais resisti por causa do orgulho, fico alarmado com o que perdi. Sou grato ao Senhor por me ajudar a acabar com essa falsa independência.

Um dia, em minha primeira congregação, minhas forças se acabaram. Exausto ao extremo física, emocional e espiritualmente, clamei ao Senhor por forças. Sua resposta espantou-me. "Diga aos presbíteros de sua igreja como você se sente e peça-lhes que orem com você." Não foi fácil obedecer a essa ordem. Revelar minha fraqueza? O que pensariam eles? Perderiam a confiança que tinham em mim? A necessidade era tão grande que pus essas questões de lado e contei aos presbíteros o quanto eu precisava deles. A reação deles foi surpreendente. Sentiram que eu os amava e confiava neles. Não mais mantidos à distância, eles se puseram a organizar um estudo bíblico semanal, um encontro de oração e participação, além das reuniões administrativas. Ao admitir minha necessidade, eles se sentiram livres para falar acerca das suas. Ao permitir que eles me amassem, tomaram-se receptivos ao meu amor e liderança. A tensão de ser perfeito se desfez. Um autêntico avivamento fluiu através da reunião e marcou o início de um despertar espiritual na igreja inteira.

Mediante aquela nova liberdade, descobri o segredo da exposição dinâmica da Escritura. Além de erudição cuidadosa, usei ser pessoal acerca de minha própria peregrinação. O ímpeto de cada mensagem era exemplificado não só por citações de eruditos, mas também pelo que eu experimentara ou precisava experimentar. Isso revolucionou a minha pregação, que se tomou um diálogo com o meu povo. Jamais me esquecerei da reação de um homem: "O que aconteceu a você? Já não o sinto pregando para mim. Você deu-me entrada em seu coração e agora somos companheiros de uma grande aventura." Isso aconteceu anos atrás, mas o que descobri continua a ser uma fonte de alegria no contato com as pessoas. Sem dúvida, em certas ocasiões sou de difícil tato e me recolho à minha vida privada. Mas não por muito tempo. Agora sei quando tal acontece e percebo que bloqueei a graça renovada de Deus e a ajuda de outros. A aflição de tentar ser adequado me impele de volta à oração e comunhão sincera com os outros.

O Senhor do impossível deseja que descubramos o que ele ensinou ao povo de Israel. Como mencionei no início deste capítulo, tudo o que temos é o dia de hoje. Nosso desafio é vivê-lo como se fosse o nosso último dia, e vivê-lo em toda a plenitude. O Senhor nos oferece graça renovada para as nossas necessidades específicas, e amigos fiéis que continuem a nos incentivar. Conte a ele a sua necessidade. Peça aos outros que intercedam por você. Não dependa da inspiração de ontem ou do discernimento da última semana. O novo maná está à sua disposição, e Arão e Hur estão ao seu lado.

CAPÍTULO SETE

## **O MILAGRE FUNDAMENTAL**

### **Moisés e a *Presença de Deus***

Morando *no* Sul da Califórnia ouço, com freqüência, as pessoas declarar: "Vou até às montanhas para fugir de tudo isso!" A maioria, contudo, descobre que o único problema que não pode deixar no vale são eles próprios. A razão de alguns se sentirem renovados após um período de quietude e descanso nas montanhas é que deram ao Senhor a oportunidade para lidar com as suas necessidades, prioridades e objetivos. Retornam ao vale da vida com novo poder e propósito.

Recentemente, um membro da minha igreja aplicou o conceito "ir às montanhas para fugir de tudo isso" de um modo bem diferente. Disse ele: "Vou às montanhas por alguns dias, não para escapar da vida, mas para apreciar de modo mais satisfatório as coisas maravilhosas que vêm acontecendo na minha vida." Esse homem é um grande guerreiro da oração, e, não muito tempo atrás, ele recebeu, através de suas orações, uma sucessão de milagres pela intervenção de Deus nas vidas das pessoas. Foi-lhe confiado o dom de curar as mágoas dessas pessoas. Não decorreu muito tempo até que se visse sem fôlego em seu ministério de distribuir a bênção do Senhor. Através da oração ele administrou cura a problemas de relacionamento, físico e psicológico. Ele partilhou um discernimento importante: "O tempo que eu preciso para ficar em silêncio não é

logo após o fracasso e a fadiga, mas após o sucesso. Sou tentado a esquecer-me de onde ele vem. Aprendi que as épocas mais positivas *no* ministério com as pessoas são um prelúdio para uma experiência mais profunda com o Senhor em minha própria vida."

Em essência, isso é o que o Senhor desejava fazer com Moisés. O líder vinha sendo submetido a desafios exigentes e exaustivos.

Também fora testemunha de intervenções espetaculares do Senhor do impossível. O livramento dos israelitas do Egito, a abertura extraordinária do mar, a vinda das codornizes e do maná e a vitória contra os amalequitas — tudo isso o deixou meio tonto de admiração e espanto. A maior impossibilidade se estendia à frente. Corria entre o povo um adágio segundo o qual ninguém jamais viu a Deus e viveu. Agora, depois de demonstrar o que podia fazer, Deus queria revelar-se ainda mais a Moisés. Com esse intento, ele conduziu o libertador ao monte Sinai para uma libertação de sua própria alma. O Senhor sabia que a necessidade mais premente de Moisés não era de um milagre, mas do milagre fundamental — conhecê-lo em pessoa.

Em preparação para escrever este livro perguntei a um grupo de pessoas o que criam fosse o maior milagre do Senhor do impossível em suas vidas. Um homem declarou confiante, em alto e bom som, com brilho em sua face: "Não há dúvida em minha mente", disse ele, e acrescentou: "O maior milagre para mim é que eu posso conhecê-lo. Qualquer coisa mais que ele faça em minhas impossibilidades é uma recompensa extra. Só em poder conversar com o Senhor do Universo, experimentar o seu amor e ser guiado por ele, é maravilha suficiente para mim. Pode parecer impossível, mas acontece todo o dia!" Tantas pessoas anseiam por essa alegria. Por quê?

Não podemos conhecer a Deus até que ele decida revelar-se. Reclusos em nós mesmos, nossas mentes se fecham, nossas vontades ficam cativas e nossas emoções impedidas. Somente quando ele se aproxima de nós é que desejamos ir a ele. O desejo de conhecer a Deus é o seu presente. Fazendo um retrospecto da minha conversão, vejo que foi dele a iniciativa, do início ao fim. Hoje, depois de tantos anos, posso afirmar com sinceridade que ele sempre foi o iniciador. Ele principia a oração estimulando o desejo de orar. Sinto ânsia de conhecer a sua vontade porque ele tem pronta direção para me dar. Sinto a expectativa de suas intervenções porque ele está pronto a conceder discernimento, sabedoria ou a solução de algum problema. E, em tudo isso, o próprio Senhor é o seu melhor presente. Desejar conhecer a Deus pelo que ele é e não pelo que desejamos dele, é preparação para a comunhão com ele para a qual nascemos.

Esse é o presente que o Senhor quis dar a Moisés e ao povo de Israel no Sinai. Ele convidou o libertador a subir ao mais alto da montanha. A cada etapa da subida Moisés aprendia mais acerca do misterioso lade, cujo poder se manifestara de maneira tão espetacular em sua vida. O Senhor revelou sua santidade nas densas trevas da nuvem, no fogo, nos relâmpagos e nos trovões. Em seguida, mostrou sua justiça ao dar ao povo os Dez Mandamentos, como base de um relacionamento correto com ele e entre eles. Sua compaixão pela nova nação, ainda inexperiente em noções fundamentais de saúde, asseio e na gerência da vida, se manifestava através de regulamentos específicos para o viver diário. Em encontros repetidos com Moisés, o Senhor deu ao povo festas nas quais pudessem expressar sua gratidão a ele como fonte de prosperidade na terra prometida. Deus ensinou o povo a expiar com sacrifícios os pecados deles e a edificar um tabernáculo onde ele pudesse ser adorado. A seguir, ele empenhou

sua perene fidelidade à aliança, prometendo-lhes ser o seu Deus e abençoá-los como seu povo. Contudo, Moisés ansiava conhecer melhor a Deus, de maneira mais pessoal.

Enquanto Moisés estava na montanha e era conduzido a um conhecimento mais profundo acerca de Deus, o povo pecava ao forjar e adorar um bezerro de ouro. Moisés aprendeu, na experiência, o significado de uma palavra: expiação. O Senhor fez uso dela ao tratar das ofertas de sacrifício que o povo devia apresentar pelos pecados. Num momento de angústia cruciante pelo que o povo havia feito, Moisés ofereceu-se a si mesmo como sacrifício pelo pecado do povo. O Senhor não se impressionou com a sua oferta, pois ele mesmo, o Senhor, iria lidar com o pecado do povo. A tarefa de Moisés era conduzi-los e não ser um sacrifício substitutivo. Seu amor não era suficiente. Somente Deus poderia expiar a idolatria deles.

Esses foram meses tempestuosos, nos quais Moisés chegou a uma compreensão mais clara e gradual de seu Deus. Quando o líder estava preparado, o Senhor mostrou-lhe mais de si mesmo. "Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo" (Êxodo 33:11). Quando o Senhor disse a Moisés que era hora de deixar o Sinai e partir para Canaã, a terra prometida, ele começou a inquietar-se. Seu desejo de conhecer a Deus era maior e ele temia deixar a montanha. Isso resultou numa oração cuja resposta veio a ser uma das maiores revelações da natureza do Senhor do impossível. O que aconteceu traz tremendas implicações para nós hoje. O Senhor deseja dar-nos o que deu a Moisés, isto é, a garantia da sua presença e a dádiva da sua glória.

À semelhança de muitas de nossas orações, Moisés conversou com Deus até que soubesse o que desejava dizer-lhe. Ele começou com uma queixa: "Tu me dizes: Faze subir este povo, porém, não me deste saber a quem há de enviar comigo; contudo disseste: Conheço-te pelo teu nome, também achaste graça aos meus olhos. Agora, pois, se achei graça aos teus olhos, rogo-te que me faças saber neste momento o teu caminho, para que eu te conheça, e ache graça aos teus olhos; e considera que esta nação é teu povo" (Êxodo 33:12-13).

Chegara o momento sublime. O Senhor havia dado a Moisés a liberdade de abrir-lhe o coração de par em par. Note como ele passou das reclamações ao desejo da comunhão. O Senhor permitiu que ele se aprofundasse em cada pedido. Moisés desejava conhecer ao seu Deus. Possuímos o mesmo anseio. Queremos derrubar todas as barreiras que levantamos a fim de deixar que Deus nos conheça como somos. Mas também ansiávamos conhecê-lo tal como ele é.

A resposta do Senhor é uma das maiores promessas do Antigo Testamento. Muitos, através dos séculos, têm arriscado nela as suas vidas; mártires têm enfrentado a morte com ela em seus lábios, e os angustiados têm-se agarrado a ela como a sua única esperança. O Senhor declarou: "A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso" (Êxodo 33:14). Minha presença! Presença no hebraico quer dizer "face". A face do Senhor com o seu olhar vigilante não abandonaria o seu povo. *Ele estaria com eles.*

Moisés respondeu de uma maneira muito humana: "Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? não é porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra?" (Êxodo 33:15-16). A compreensão de Moisés acerca de seu Deus se alargava. Ele não era somente uma divindade local do Sinai. Moisés e o povo podiam partir e fazer jus às promessas do Senhor como um presente para o futuro deles. Nada tem significado sem Deus. Nenhum lugar é seguro ou satisfatório sem ele.

Agora Moisés não só conhecia o poder, a santidade, a justiça, a compaixão e o perdão de Iave, mas também estava convencido da sua onipresença.

Por longo tempo Moisés ocultara o seu desejo mais profundo, que os meses no Sinai só serviram para tornar mais agudo e acentuado. Desejava contá-lo a Deus, mas faltava-lhe coragem. Quando o Senhor garantiu-lhe a sua presença, disse conhecê-lo pelo nome e que achara graça nele, Moisés ousou expressar o anseio do seu coração, o qual vinha crescendo desde a sarça ardente: "Rogo-te que me mostres a tua glória".

"Glória" no hebraico é *cabod*. Quando usada para descrever uma pessoa, significava sua riqueza, estatura, posição social, valor e poder. O que desejava Moisés ao pedir para ver a glória de Deus? Desejava ver a presença de Deus em uma manifestação física? Não, mais que isso. O que ele pedia era um encontro e uma experiência com a natureza real de Deus. De certo modo, ele declarava: "Senhor, desejo conhecer-te melhor, amar-te pelo que és, concretizar uma intimidade de coração-a-coração." Audácia? Blasfêmia? O Senhor mesmo havia instigado e iniciado o desejo, e isso nos dá a mais preciosa de todas as lições. Deus não só deseja nos conhecer, mas deseja também que nós o conheçamos, amemos, cultuemos e adoremos como nosso Deus. Esse é o motivo por que ele nos criou. À luz de tudo isso, nossa oração mais profunda deve ser: "Senhor, mostra-nos a tua glória!" Você já pediu para ver a glória de Deus? É o sinal certo de que ele vem trabalhando em nós para nos conduzir à entrada do santo dos santos, em seu próprio coração. Há um vazio no coração de Deus que somente você e eu podemos preencher. Ele anela que voltemos para casa e o aceitemos, como a Alguém mais importante que qualquer pessoa ou coisa.

Ao responder ao espantoso pedido de Moisés, o Senhor indica o que quer dizer por sua glória: "Farei passar toda a minha bondade diante de ti, e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer" (Êxodo 33:19). Aí está. A natureza essencial de Deus é bondade, poder capacitador e graça.

A palavra "bondade" no hebraico significa "constância" e "coerência". Bondade é a natureza fidedigna, confiável e imutável de Deus; a mesma ontem, hoje e eternamente. Em um mundo de mudanças, podemos contar com um Deus que é o que disse ser. Sua mente não flutua à nossa volta. Essa bondade se expressa na coerência de seu caráter. Seu nome é o seu caráter. E este se revela em seu poder para criar e recriar. Seu nome é Iavé, que, conforme já aprendemos, significa ser ele o poder fundamental do Universo. Mas poder para quê? Esta pergunta nos leva a outra palavra que o Senhor empregou para definir sua glória. "Terei misericórdia". Misericórdia é o amor eterno, ilimitado e imutável de Deus. Não depende de nosso desempenho nem é estimulado por nossa suficiência. Nós não a merecemos e não podemos conquistá-la. Deus ama porque é amor. Sua misericórdia é o que ele faz para nos alcançar, perdoar e justificar.

Nossas mentes saltam de Moisés para Jesus, do Sinai para o Calvário. Cristo é a glória de Deus que podemos ver, contemplar, experimentar e receber. Tudo o que Deus esclareceu a Moisés acerca da sua glória se manifesta em Cristo. Paulo expressou essa verdade com sublime retórica, que jamais cessa de enlevar a nossa alma: "De trevas resplandecerá luz —, ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2 Coríntios 4:6). O apóstolo fez esta afirmação doxológica após descrever a experiência que Moisés teve da glória de Deus no Sinai. Moisés contemplou a glória do Senhor e, ao retornar ao povo, cobriu sua face com um

vêu. O véu foi necessário porque o brilho da face de Moisés, produzido pela contemplação do Senhor, se desvanecia. Paulo desejava que os primeiros cristãos percebessem que Cristo é a glória inextinguível de Deus continuamente com eles. Ele disse aos colossenses: "Cristo em vós, a esperança da glória" (1:27). Não somente contemplamos a Cristo; ele vem para dentro de nós. A bondade, o poder e a graça do Senhor são implantados em nosso íntimo. Tornamo-nos semelhantes a nosso Senhor!

Agora o pedido de Moisés: "mostra-me a tua glória" assume profundas implicações. O Senhor não somente promete ir conosco, mas *também deseja viver dentro de nós*. Pode tal coisa acontecer? Agora você percebe por que conhecer ao Senhor é, na verdade, a maior impossibilidade da vida — exceto quando ele nos escolhe, nos chama, nos condiciona com uma fome e sede dele.

Para tornar possível esse conhecimento, ele próprio veio como mediador. Fale das impossibilidades! Foi com elas que ele se defrontou no mundo caído, hostil e rebelde. Somente uma expiação universal poderia consumir a reconciliação do homem com Deus. Foi o mesmo poder revelado nos milagres de Cristo e esclarecido em sua mensagem que derrotou na cruz a morte e todo o poder do mal na cruz. Esse poder ressuscitou a Jesus dentre os mortos. Impossível? Sim, mas o Senhor do impossível o fez! E, além disso, o mesmo poder voltou para encher os dispostos seguidores de Jesus no cenáculo. Nasceu a igreja e uma nova humanidade. Com o poder de habitar nas pessoas, o Senhor as regenerou e as transformou em novas criaturas, capacitando-as a realizar o que ele fez como Cristo encarnado, e assombrou o mundo com o resplendor da sua glória na face dos apóstolos. E o que aconteceu então pode acontecer a mim e a você. Quando fazemos a oração de Moisés: "Mostra-me a tua glória!", o Senhor nos dá mais que uma visão de um Senhor distante que se desvanece. Ela é um convite para que o Senhor da glória estabeleça residência dentro de nós.

Muitas de nossas conversas acerca das impossibilidades da vida enfocam os problemas e as perplexidades como imperfeição humana. Porém, quando seguimos Moisés até ao Sinai, abre-se diante de nós uma nova perspectiva. Para ser exato, precisamos, não de uma intervenção em nossos problemas, mas de uma efusão do Senhor do impossível em nossa pessoa interior. Moisés recebeu a promessa de que o Senhor estaria com ele; nós temos a promessa de que ele fará de nós o seu lar. Não é ali ao lado, acima, ao redor, mas dentro!

Apresentei essa promessa com detalhes porque ela alarga a nossa compreensão de que o mesmo Senhor que interveio nas necessidades do povo de Israel é aquele que desfez as impossibilidades do pecado, da morte e da recriação da natureza humana, quando viveu entre nós como o Cristo. Cada evento prenuncia a derrota final do impossível.

Ficamos a imaginar por que reivindicamos tão pouco da glória que nos é oferecida. Continuamos a lutar mediante nossas próprias energias. E por isso que podemos nos identificar com a relutância de Israel em crer que a presença do Senhor estaria com eles. Conhecemos bem mais que eles da glória de Deus. Ainda assim, receamos reivindicar a sua oferta de poder. No próximo capítulo atentaremos para as causas mais profundas desse medo.

CAPÍTULO OITO

**MAIS TARDE**

***Israel na Fronteira de Canã***

Um amigo meu termina cada telefonema com um abrupto: "Ok, certo. . . mais tarde!", e desliga. Estava eu, outro dia, engalfinhado com alguns problemas que envolviam toda a minha alma nas minhas orações, e por isso pedia, como resposta, uma renovada dedicação ao Senhor. De repente, a frase surgiu em minha mente. Desejava terminar a oração e fugir da difícil situação em que o Senhor me havia colocado. Meu impulso era adiar as decisões e dizer ao Senhor: "Mais tarde!"

A menos que eu esteja enganado, cada um de nós se encontra em luta com alguma decisão ou resposta que nos inclina a desejar pôr um fim ao nosso diálogo com o Senhor mediante um: "Mais tarde, Senhor, muito mais tarde!" Qual é a sua luta? Que desafio você vem adiando? Que promessa você vem adiando cumprir? Que oportunidade tem você arquivado para o dia seguinte, que deveria ser aproveitada hoje?

"Mais tarde" era uma expressão que Agostinho usava constantemente, enquanto mantinha Deus longe de si. "E quando vós, de todos os modos, mostráveis a mim a veracidade de vossas palavras, eu, convencido pela verdade, nada tinha com que responder, a não ser com aquelas palavras monótonas e sonolentas: 'logo, logo', 'depois', 'deixe-me apenas por um pouco'". Identificamo-



nos com Agostinho. Temos frito o mesmo em relação à decisão básica de deixarmos Deus nos amar e dirigir nossas vidas, e também em milhares de outras coisas que sabemos ser da sua vontade. Porém, mais perigoso que tudo, dizemos "mais tarde" para o Senhor quando ele finalmente nos abre uma oportunidade pela qual temosorado há muito. Recuamos, com frequência, receosos de agarrar o presente que ele nos oferece e pelo qual temosorado.

Mark Twain deu um conselho que aceitamos sem pestanejar: "Nunca deixe para amanhã o que você pode deixar para depois de amanhã". Esse é um conselho perigoso. Sabemos disso. Contudo, todos nós o aplicamos, quase como uma doutrina, adiando até algum distante amanhã as urgentes oportunidades que o Senhor nos oferece.

A esse tipo de vida chama-se de procrastinação. "Procrastinação" vem de duas raízes latinas: *pro*, que significa "para adiante"; e *eras*, que significa "amanhã". Procrastinar é prorrogar para amanhã o que o Senhor deseja realizar hoje — agora! E o ladrão do tempo que rouba hoje a liberdade e enche de frustração o amanhã. Hesídio estava certo: "O homem que procrastina está sempre em luta com a ruína". E Erasmo foi ainda mais incisivo: "A procrastinação traz perda, atraso e perigo". Acima de tudo, a procrastinação impede a realização das promessas de Deus. O estranho mistério de nossa natureza obstinada consiste em resistirmos às promessas de vida abundante — paz, alegria e bênção — ao adiar, para um futuro distante, a decisão ou ação que Deus programou para hoje. E muitas vezes o fazemos com razões belamente formuladas e com sutis evasivas. Mas uma frase resume a nossa atitude: *Mais tardei*

Foi essa a doença que acometeu o povo de Israel em proporções virulentas durante os catorze meses do êxodo. Três meses da saída do Egito levaram-nos ao deserto do Sinai. Aí, durante nove meses, o Senhor deu-lhes os Dez Mandamentos, as instruções para a construção do tabernáculo e o sistema de sacrifício. Então disse o Senhor: "Tempo bastante haveis estado neste monte" (Deuteronômio 1:6). De acordo com Números 10:11, foi no vigésimo dia do segundo mês do segundo ano, depois de deixarem o Egito, que a nuvem se moveu dali, convocando o povo para avançar e tomar posse de Canaã, a terra prometida. Foram conduzidos para o norte até o deserto de Para, em Cades, nos limites de Canaã. Ali o Senhor disse a Moisés que enviasse doze homens para espiar a terra. A ordem não era determinar a possibilidade ou não de invadir a terra, mas assegurar ao povo que as promessas, que vinham soando em seus corações havia catorze meses, em breve se tornariam realidade. "Envia homens que espie a terra de Canaã, *que eu hei de dar aos filhos de Israel* (Números 13:2), era a favorável reafirmação que o Senhor fazia de sua promessa. O propósito do reconhecimento era encorajar o povo.

Moisés não procrastinou. Selecionou doze homens fortes e valorosos, um de cada tribo, e os enviou ao Neguebe, a parte rochosa no Sul da Palestina, uma região montanhosa. Demoraram-se quarenta dias em sua missão. Ao retomarem, deram dois diferentes relatórios de seu reconhecimento. O relatório da maioria era negativo e estava impregnado de temor e pânico. O relatório da minoria, dado por Calebe e Josué, era corajoso e ousado. Calebe atrai a nossa atenção e admiração quando diz: "Eia! subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela" (Números 13:30). Admiramos sua prontidão, ousadia e intrepidez. Ele mereceu um dos mais honrosos elogios que o Senhor já deu a uma pessoa: "Porém o meu servo Calebe, visto que nele houve outro espírito, e

perseverou em seguir-me, eu o farei entrar na terra que espiou, e a sua descendência a possuirá" (Números 14:24). O espírito de Calebe estava cheio do Espírito do Senhor e ele seguia ao Senhor sem discussão. Mais tarde, Josué fez um retrospecto da carreira de Calebe, e fez soar a mesma nota de louvor: "Visto que perseverara em seguir ao Senhor Deus de Israel" (Josué 14:14).

É lamentável que o relatório de Calebe, que representava a minoria, não tivesse saído vencedor. A exposição da maioria temerosa atraiu a atenção do povo. Eles adiaram a aceitação da promessa de Deus. O capítulo treze de Números apresenta quatro coisas perturbadoras acerca da causa e da cura da doença espiritual da procrastinação. Elas alargam a nossa compreensão desse evento estratégico na experiência das pessoas com o Senhor do impossível. O relato adquire um cunho pessoal, pois a terra prometida de bênçãos antecipadas de nosso Senhor só será nossa se ousarmos avançar e possuí-la.

Em primeiro lugar, *procrastinar é questionar no escuro o que Deus prometeu em claro*. A promessa do Senhor não havia mudado enquanto o povo esteve acampado na fronteira da bênção. No silêncio da oração, o Senhor afirmava a Moisés e ao povo, repetidas vezes, que ele seria fiel em dar-lhes a terra prometida. O relato dos dez espias negou a veracidade dessa promessa e ignorou o poder prometido para entrar na sua posse. Eles deixaram o Senhor, o fator primário, fora da equação da vitória. Sim, a terra manava leite e mel, como o Senhor e Moisés haviam dito. Mas havia grandes perigos. O povo que ali vivia era forte, e as cidades fortificadas. E o mais assustador de tudo é que haviam visto os filhos de Enaque, "o povo do pescoço", assim chamado por causa de seus pescoços longos e proporções gigantescas. Esses foram os antecessores de Golias, mercenários dos amalequitas e mais tarde dos filisteus. "É muito arriscado e por demais perigoso; as chances estão contra nós", disseram os dez furtivos espias. E prosseguiram a apresentar fatos de enregelar o sangue, confirmando a procrastinação de Israel: "A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de grande estatura" (Números 13:32).

A procrastinação é, geralmente, a alternativa preferida do covarde. Todos sabemos disso. Quando ignoramos a presença e o poder do Senhor na análise de um desafio, o pânico nos atinge e adiamos uma ação ou decisão importante. O que Deus esclareceu na luz, questionamos na escuridão. Coragem é o temor que fez suas orações. Procrastinação é o temor que esqueceu o prometido nas orações.

Duvidar do que sabemos ser a vontade de Deus é um grande mal. Ele é o mesmo ontem, hoje e amanhã. O Senhor nunca volta atrás em sua palavra. Ele não muda a sua estratégia nem remove o seu poder de cumpri-la. Nosso Deus deseja dar-nos poder permanente quando as coisas ficam difíceis. Certo escritor traçou o perfil de um editor bem conhecido, ao declarar: "Ele vivia no extremo da preocupação e do trabalho". Que posição imprópria em relação à vida! Deus, trabalho, disposição e esperança ficariam bem melhor. Qual o nosso endereço? Quais os ingredientes de vida para nós? Eu gostaria de viver na esquina da fé, da esperança e do amor. E você? Cristo não é só a verdade e a vida para nós. Ele é também o caminho! Ele nos conduz à nossa terra prometida de vida abundante agora, e de vida eterna para sempre. Agora é o momento de começar a seguir o Caminho. Não amanhã. William Temple, certa vez, afirmou acerca do Caminho: "Não é necessário procurarmos o seu ponto de partida. Ele começa onde estamos!"

A procrastinação nos deixa em ponto morto. Ela nos imobiliza enquanto

tentamos parar a vida por algum tempo. Mas a vida segue o seu curso, passando pelo procrastinador, deixando-o com sonhos e esperanças não realizados. Em sua base, procrastinação é pecado, como disse R. E. C. Brown: "A recusa de controlar o que pode ser controlado e a tentativa de controlar o que não pode ser controlado".

A segunda coisa que este relato nos diz é que as coisas *se transformam no que aparentam*. Os israelitas usaram a capacidade dada por Deus de imaginação para formar um quadro do pior. O epitáfio da morte da coragem deles foi expresso nas palavras da maioria: "E éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos" (Números 13:33). A imagem que eles faziam dos filhos de Enaque era distorcida e a imagem que tinham de si mesmos era depreciativa. Os israelitas se tomaram no que eles pareciam aos seus próprios olhos: gafanhotos impotentes e insuficientes! Esse foi o modo de agir e reagir deles. O medo nos torna gafanhotos primeiro aos nossos próprios olhos e em seguida aos olhos dos outros. Nathaniel Hawthorne escreveu: "Que outro calabouço é tão escuro quanto o nosso próprio coração! Que carcereira tão implacável quanto nós mesmos!"

Deus deseja dar-nos uma auto-imagem criativa, que inclua todos os talentos e habilidades que ele tem para nós, mais o poder do seu Espírito e mais um quadro de nós mesmos realizando o que ele nos deu para realizar. Com essa imagem podemos ser mais que vencedores. Paulo constatou essa verdade. Ele não disse: "Posso fazer todas as coisas para Cristo", mas sim: "Posso todas as coisas por meio daquele que me fortalece!" E nós também. Faça um quadro mental do desafio que você é tentado a adiar. Veja a si próprio no grosso da batalha, equipado com vigor sobre-humano. Agora, mantenha esse quadro. Nós somos gigantes!

Terceiro, considere a *infecção contagiosa da procrastinação*. O medo dos dez espias apelou para o medo da nação inteira. Espalhou-se por todo o Israel, deixando a nação prostrada. Quando você e eu damos um passo atrás em vez de enfrentarmos a vida de cabeça erguida, espalhamos essa disposição de espírito para o atraso de familiares, amigos e companheiros de aventura em Cristo. Precisamos de Calebe como nosso exemplo à medida que levamos os outros a perseverar. O que o Senhor orienta, ele prove.

O que decidimos e realizamos hoje afetará, de forma radical, a ousadia espiritual ou a falta dela em outros. Eles nos observam e estão atentos o tempo todo! Conversei com um jovem cujo pai dera um passo atrás no difícil desafio de confiar em Deus e salvar seu casamento. Ele evitava o confronto e a cura. Em vez de resolver os problemas, ele aceitou o fácil caminho de ter um caso com outra mulher. As exortações de seu filho para que evitasse um relacionamento amoroso com outra mulher foram impetuosamente rejeitadas. Declarou o filho: "Meu pai se pôs de pé para rebater a bola a favor de sua vida, mas quando não conseguiu rebater e marcou um ponto contra, ele deixou o campo. Com alguma coragem ele poderia ter acertado as coisas entre ele e minha mãe. Em vez disso, ele tirou o corpo fora. Agora, não sei em quem acreditar ou em quem confiar. Não quero ser simplista. Nem todo divórcio significa tirar o corpo fora. Mas para ele foi. Ele demorou tanto tempo para acertar as coisas que perdeu a coragem."

Mesmo que as circunstâncias variem, isso acontece a todos nós. Atrasar uma decisão ou não decidir é desastroso. Naturalmente, há tempos de espera quando ficamos atentos às ordens de Deus para avançar. Essa é uma época criativa e necessária. Não é procrastinação esperar até obter sinais claros do

Senhor antes de agir. Procrastinação é a relutância em pôr em ação que ele já tornou abundantemente claro. De novo, Mark Twain: "Não é tanto o que não compreendo na Bíblia que me incomoda; é o que compreendo e falho em obedecer". Podemos começar com amor, perdão e afirmação. A maioria tem pouca dúvida acerca das disciplinas do discipulado. E nas áreas escuras das decisões da vida, o Senhor afirma que dará toda a orientação para agirmos de acordo com o seu horário. É uma lei espiritual que devemos pôr em ação hoje, qualquer que seja a orientação que tivermos, se desejamos mais amanhãs.

A quarta verdade do relato da procrastinação de Israel é que podemos *perder o melhor de Deus* dizendo: "Mais tarde!" Por esperar tempo demasiado podemos perder a capacidade de dizer "Agora!" O povo de Israel disse "Não!" não apenas às promessas de Deus, mas também ao seu líder. Sua culpa levou-os à sedição contra Moisés. Mesmo depois de catorze meses de todas as evidências dos milagres de Deus e de sua provisão, eles desejaram voltar para o Egito! É difícil de acreditar. Ou não é? Quando a procrastinação é alimentada em nosso banco de memória como os únicos dados para as exigências da vida, o computador dos tecidos do nosso cérebro não pode dar uma resposta que não seja: "Mais tarde".

Como resultado, a maior parte da geração de Israel que seguiu o relato da maioria procrastinadora jamais viu a terra prometida. Foram forçados a vagar outros trinta e oito anos *no deserto*, até que Calebe e Josué oferecessem de novo a Israel uma oportunidade de entrar na terra e possuí-la. Muitos cristãos vivem num deserto, sem espírito de aventura, impotentes e frios, sem a plenitude do poder de Cristo, porque sempre dão um passo atrás nos desafios em que poderiam obter sucesso apenas com a sua presença. Ficamos contentes com substitutos.

Desejo concluir esse capítulo com algumas perguntas a que preciso responder. O que eu faria hoje se soubesse que o sucesso, de acordo com os padrões de Deus, está assegurado? O que tentaria se estivesse certo de que o Senhor está comigo, infundindo-me sabedoria, amor, coragem e ousadia? Que passo de crescimento pessoal na fé você tem adiado? Que perdão precisa oferecer a pessoas ou receber delas em sua vida? Quem precisa de seu amor e segurança hoje, tanto em palavras como em ações? Se *este fosse o seu último dia*, o que você faria? (Ao responder a estas perguntas, faça-o por escrito).

Vamos unir-nos ao relatório da minoria. Com Calebe, vamos entrar e possuir nossa terra prometida, afirmando: "Eia! subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevaleceremos contra ela" (Números 13:30).

Mais tarde? Não! Agora!

CAPÍTULO NOVE

**MOLHANDO OS NOSSOS PÉS**  
*Josué Atravessa o Jordão!*

Ao responder às perguntas com as quais concluí o capítulo anterior, senti-me impelido à ação. Nada sei a respeito do leitor, mas as respostas que escrevi encorajaram-me a avançar. Percebeu você como suas respostas positivas ampliaram sua visão do Senhor do impossível? De repente, percebemos que o Senhor nos mostra o caminho, nos oferece o seu poder, promete nos ajudar e em seguida convoca-nos a darmos o primeiro passo. É quase como se ele esperasse para ter certeza de que realmente desejamos receber as respostas às orações que fazemos. É tão grande o seu amor que ele deseja que cooperemos com ele na realização da sua vontade para nós.

Esse é o ponto saliente deste capítulo. Nosso estudo do desenrolar desse drama da revelação do Senhor, no tocante ao seu poder para o povo de Israel, leva-nos à margem do Jordão. O povo, depois de peregrinar no deserto por trinta e oito anos, adiando o desafio de entrar e possuir a terra que o Senhor lhes havia preparado, havia chegado à fronteira da terra prometida. E para pôr fim ao período de evasivas e dar início ao movimento para a frente, o Senhor convocou um homem chamado Josué. Quando Deus deseja realizar o seu propósito em

nós, ele cria em nós o desejo de avançar e a seguir revela os passos específicos.

Josué, sucessor de Moisés, assume com autoridade o centro do livro que leva o seu nome. O Senhor, através de Moisés, vinha treinando-o com todo o cuidado para a invasão e ocupação de Canaã. Ele passara com Moisés por conflitos e preocupações, por vitórias e vicissitudes. Josué ouvira as orações e as mensagens do grande libertador. Ele conhecia os vales dos fracassos e os picos dos sucessos. Com Moisés, ele fora testado até ao ponto máximo de resistência, através de um povo murmurador, rebelde e obstinado. Josué se tornou um homem de Deus experimentado, um general brilhante e um crente fiel na realização do impossível mediante o poder do Senhor. Ele partilhou do amargo desapontamento de Moisés quando o povo não deu atenção a Calebe e a sua admoestação de possuir a terra prometida. Agora, após trinta e oito longos e cruciantes anos de vida nômade, Josué estava decidido a seguir a estratégia de Deus para atravessar o Jordão. Selecionei este episódio na liderança de Josué porque ele nos diz *como fazer do futuro um amigo*.

Depois de passar um longo tempo com Deus, Josué anunciou ao povo: "Santificai-vos, porque amanhã o Senhor fará maravilhas no meio de vós" (Josué 3:5). Podemos imaginar o efeito eletrizante dessa chamada sobre o povo abatido e desencorajado. Trinta e oito anos de peregrinação haviam cobrado o seu preço sobre a expectativa. Como pessoas esgotadas, o amanhã não passava de mais um dia.

Como você se sente acerca de seu amanhã, do futuro? Você está na expectativa? Um sinal certo de que você está em comunhão com o Deus vivo é acreditar no futuro mais que no passado.

Josué prometeu um amanhã cheio de maravilhas para os israelitas encarquilhados pelo sol. Devido ao excesso de uso, a palavra *maravilhoso* se tornou muito comum. Mas precisamos redefinir e reivindicar o seu verdadeiro significado. Ela significa "repleto de maravilha". É uma combinação de surpresa, temor e deleite. É a nossa reação às intervenções felizes de Deus. *Um amanhã maravilhoso é aquele no qual Deus nos surpreende com o desprendimento de seu poder em face dos desafios, à primeira vista impossíveis*.

Há uma terra prometida a alcançar num amanhã cheio de esplendor. Para os israelitas era Canaã, — uma terra em que viveriam sob sua providência, seu poder e sua provisão. Canaã os identificava como o povo escolhido, chamado e querido por Iavé. Nossa terra prometida é essa e muito mais ainda. É uma combinação de todas as bênçãos de Deus, da vida abundante em Cristo e da plenitude de seu Espírito em nós. É a alegria de viver com Cristo uma nova vida, a solução de impossibilidades há tanto tempo suportadas, e a realização de nosso potencial. Sob essa luz, um amanhã maravilhoso é aquele em que reclamamos mais de nossa terra prometida.

Mas o Jordão corre entre nós e nossas esperanças mais acalentadas — o rio das perplexidades da vida. O terceiro e quarto capítulos de Josué nos dão uma estratégia para atravessar esse rio. Eles nos falam das promessas de Deus, e de como devemos responder a elas; do que Deus nos manda fazer e como fazê-lo, e de como Deus usa a nossa cooperação e como devemos louvá-lo.

*As maravilhas de Deus para um amanhã diferente requerem a consagração do povo*. Algumas traduções da ordem de Josué empregam a palavra *consagrar*. Tanto consagrar como santificar são boas traduções do hebraico. Alguns eruditos afirmam que ela vem da raiz que significa "lapidar", enquanto outros sugerem "ficar alegres". Um e outro significado da raiz são aspectos do que está implícito

em ser santo, pertencer a Deus. A base latina de ambas, *consagração* e *santificação*, traz implícito o significado "santo". O povo de Israel devia lapidar-se a si mesmo do passado e de qualquer coisa que impedisse a sua absoluta devoção. Deviam "alegrar-se" ao perceber outra vez que pertenciam a Deus e que este os levaria à terra prometida. Para nós, significa nos desligarmos do passado, que retém a nossa capacidade de imaginar o que Deus pode fazer. Hoje pode haver alegria antecipada pela futura realização de Deus, tal como descrita em nossa imaginação. Muitos esperam tão pouco e ficam desapontados quando o recebem!

Era necessária a consagração do povo, porque o que o Senhor estava prestes a fazer por eles exigia sua cooperação, confiança e coragem. Josué partilhou com o povo a estratégia que o Senhor lhe deu. Ele selecionou um sacerdote de cada tribo para levar a Arca da Aliança adiante do povo. A promessa era que, quando as solas dos pés dos sacerdotes tocassem o Jordão, teria início a maravilha da separação das águas. O leito do rio se secaria e todo o Israel atravessaria de pé enxuto. As águas do Jordão eram particularmente altas na época da colheita, quando o fluxo regular do rio (cerca de quinze metros de largura) transbordava, alagando até a área mais ampla ao longo das margens. Que o ímpeto de toda aquela água seria refreado, era uma promessa e tanto!

Foi um desafio, especialmente para os sacerdotes que levavam a Arca. Imagine a coragem que deles se exigia. O Senhor do impossível decidira fazer com que o milagre dependesse dos sacerdotes molharem os seus pés.

Ponha-se no lugar de um desses sacerdotes quando, bem cedo *de manhã*, você coloca a Arca aos ombros e desce em direção do rio transbordante. Agora sinta o estranho misto de pânico e promessa em seu coração ao aproximar-se o momento da decisão. Um passo mais e seu pé tocará a água. Sempre imaginei que a necessária coragem para aquele passo proveio da própria Arca, mas havia nesse passo uma boa dose de ousadia e sangue frio. No interior da Arca estavam as tábuas dos Dez Mandamentos, que falam da vontade de Deus, e em cima estava o propiciatório, que lembra o perdão, o amor expiatório de Iave. Sem dúvida, aqueles sacerdotes reivindicaram tanto o pacto dos mandamentos como a misericórdia do Senhor, quando consideraram o espantoso passo de fé. Não havia como voltar atrás. Deus e o povo dependiam deles. E assim os doze, com a Arca aos ombros entraram na água. Tinham feito a sua parte.

Nada aconteceu! Pelo menos de imediato nada aconteceu que pudessem notar. O relato de Josué 3:16 é muito conciso ao dizer que foi "mui longe da cidade Adão, que fica ao lado de Zaretã", que "pararam-se as águas, que vinham de cima; levantaram-se num montão". Os mapas históricos mostram que isso ocorreu a trinta quilômetros de distância. Os sacerdotes tiveram de permanecer em pé dentro da água — esperar, confiar, orar — enquanto pouco a pouco o refluxo das águas, a trinta quilômetros de distância, secasse o leito do rio. Suponho que eles tenham entrado nas águas até a altura dos pescoços, na expectativa de um milagre instantâneo, como na divisão do mar Vermelho, quando Moisés tocou a água com sua vara. Nada disso. Deus é original em cada uma de suas intervenções.

Sem dúvida, Josué se encontrava nas fortes correntezas, a encorajar os sacerdotes a que permanecessem firmes e esperassem no Senhor. Com os olhos da mente, capte a expressão do rosto deles quando a água começou a diminuir pouco a pouco, até chegar abaixo da cintura, depois do joelho, por fim do tornozelo e, logo a seguir, o leito do rio estava seco. O Senhor havia sido fiel à sua promessa. "Afinal de contas, você estava certo, Josué!"

Muitas das maravilhas que Deus deseja realizar em nossos amanhã *exigirão essa crise de espera para o seu cumprimento*. O que teria acontecido se aqueles sacerdotes tivessem saído da água, dizendo: "Olha só Josué, não funcionou!" É preciso que Deus nos dê tanto a coragem para arriscar como a paciência para esperar pelo seu tempo oportuno. Precisamos de pés jubilantes enquanto esperamos, sabendo que Deus é fiel.

Mas esse não foi o fim da prova de resistência daqueles sacerdotes. Eles teriam de permanecer no meio do leito até que todos os milhares de israelitas tivessem atravessado. Quando o rio começaria a fluir de novo? Só Deus sabia, e ele era digno da confiança deles.

A história registra dois outros casos em que o Jordão foi de uma forma similar represado no mesmo lugar. Um ocorreu em 7 de dezembro de 1267, quando, devido a um desabamento das margens do Jordão, as águas foram represadas por dez horas. Em 1927 um fenômeno semelhante durou vinte e uma horas e meia. As margens altas e secas de marga, sem a proteção da turfa e devido à ação das fortes correntezas nas camadas subterrâneas, se desabaram e as águas foram contidas pela represa natural. Algumas pessoas acham que foi isso o que aconteceu na época de Josué, dando a entender que não foi milagre algum. Mas é preciso também perguntar por que aconteceu naquele dia e em cumprimento a uma promessa. Se foi um terremoto que causou o colapso das margens do rio, quem estava por trás do terremoto? Não podemos explicar a maravilha do horário e das circunstâncias. Precisamos reivindicar a palavra *coincidência*. Para mim, significa que dois incidentes ao mesmo tempo produzem um efeito além da compreensão. Ou, como alguém advertiu: "Pare de orar e as coincidências param de acontecer!" Foi Deus quem deteve o Jordão, quaisquer que fossem as circunstâncias naturais que ele usou.

Josué jamais teria questionado essa verdade, ainda que tivesse podido ir até Adão e visto o milagre. Ele estava muito ocupado em atravessar as pessoas para se preocupar com esse tipo de comprovação. Quando a pessoa é alvo de um milagre, não fica a analisá-lo. Josué estava tão envolvido no milagre de Deus que só poderia louvá-lo e ajudar Israel a lembrar-se do que Deus estava a realizar.

Isso nos leva ao término de um grande dia. Precisamos saber como concluir um maravilhoso amanhã. O Senhor mandou Josué selecionar doze homens dentre as doze tribos. Enquanto os sacerdotes permaneciam firmes, com a arca, esses homens deviam tirar doze pedras do leito do rio e levá-las para o outro lado, como um memorial do milagre de Deus. Estimulados pela coragem de Josué e pela fidelidade dos sacerdotes no meio do Jordão, os doze homens atravessaram o rio. As pedras se tomaram algo muito querido como um memorial do poder e da providência de Deus.

Mas isso não foi tudo. A resistência dos sacerdotes foi testada um pouco mais, pois Josué levantou doze pedras no meio do Jordão, no lugar em que, parados, sustentaram a Arca. Ele não conseguia louvar a Deus o suficiente pelo que ele tinha feito. *Ação de graças no final de um dia de maravilhas, torna-o o primeiro numa sucessão de amanhã maravilhosos*. O livro de Josué está repleto de vitórias desse general, orientadas pelo Espírito. A confrontação com o inimigo, a batalha de Jerico, a invasão que se seguiu e a posse da terra foram o resultado da capacidade de Josué de dar a Deus toda a glória.

E quanto a mim e a você — nosso amanhã, nossa terra prometida? Há algum Jordão no caminho? O primeiro passo é o mais difícil. Devemos molhar os pés. Por que estão eles tantas vezes secos e sujos com a poeira da relutância? Entre no seu Jordão! Neste momento, vamos esperar pela parada das águas?



Deus é fiel. Ele decidiu fazer com que seu milagre dependesse dos sacerdotes, mas certamente eles não poderiam realizá-lo sozinhos. Quem está dependendo de que eu ou você fiquemos parados no Jordão, a fim de passar à terra prometida?

CAPÍTULO DEZ

**SEIS CHAVES PARA DESVENDAR  
O IMPOSSÍVEL**

Gideão

Nos últimos anos tenho tido o privilégio de fazer a oração de abertura do encontro anual da Fundação Filantrópica de Los Angeles. Essa instituição confere a pessoas importantes e realmente de projeção o Prêmio Americano de Distinção. Tem sido um prazer encontrar e conhecer pessoas às quais tenho admirado de longe, muitas delas possuidoras de profunda fé vivida com heroísmo. Antes de um desses encontros, alguém disse algo que eu jamais esquecerei.

"Por favor, não me idealize nem me sentimentalize. Se realizei alguma coisa digna de admiração, foi por causa da grandeza de Deus. Ele tomou uma pessoa comum e fez coisas extraordinárias."

Uma pessoa comum que fez coisas extraordinárias! Pode-se dizer o mesmo de todos os heróis da fé. E tão confortante como desafiador descobrir as pessoas comuns atrás das realizações extraordinárias. Somos confortados ao descobrirmos que essas pessoas enfrentaram as mesmas lutas e imperfeições que todos nós enfrentamos. Mas, também, somos desafiados a perceber que a causa

da sua grandeza é o que Deus realizou nelas e através delas. Não poderia Deus fazer o mesmo conosco se estivéssemos dispostos?

Admiramos os amigos que parecem viver a vida abundante com toda a ousadia. Ansiamos ser como eles. Então, quanto mais chegamos a conhecê-los, mais surpresos ficamos com a sua humanidade. Constatamos que sentem as mesmas dificuldades emocionais e físicas que todos sentimos. Ao penetrarmos em suas personalidades, vemos os mesmos traços da fragilidade humana, comuns a todos os homens. Contudo, eles realizam coisas extraordinárias. Por quê?

Alguns anos atrás vivi uma parábola que estrondeou essa verdade em minha alma. Fui apanhado num furacão enquanto me encontrava numa pequena ilha. Passada a tempestade, percebi que uma tábua, arrancada de um velho edifício, penetrara cinco centímetros numa parede de concreto. Ao tirá-la da parede, notei que não passava de um velho pedaço de madeira, já surrado pelo tempo. Contudo, sob a velocidade e propulsão violenta do vento, ele havia penetrado a parede de concreto. Grandes pessoas são como essa tábua. Seu poder e proeza não têm explicação, a não ser que foram impelidas pelo Espírito de Deus. E nossa pergunta é: "Qual o segredo para receber e experimentar esse poder?"

A honestidade da Bíblia acerca de seus heróis nos dá uma resposta esperançosa. Ela nos informa da inaptidão e impotência das pessoas comuns que, pelo poder de Deus, realizaram coisas extraordinárias. Somos tentados a pensar nelas como tendo inteligência superior e talentos espetaculares empregados para a glória de Deus. Nada disso! Foram pessoas apanhadas pelo Espírito do Senhor, capacitadas para lutar com o impossível, e que receberam a graça de ser grandes.

Gideão é um exemplo bíblico clássico de uma pessoa comum, mediante a qual Deus realizou coisas extraordinárias. Um estudo de sua biografia em Juizes, capítulos seis a oito, revela seis chaves que desvendam o impossível. O exame de cada uma delas nos dá tanto uma progressão para uma análise de sua vida, quanto uma compreensão aprofundada dos ingredientes básicos da grandeza, comuns à maioria dos gigantes espirituais da história. E, mais importante de tudo: essas chaves se encontram à disposição de todos nós.

*A primeira é uma chamada inegável dada a uma pessoa que enfrenta circunstâncias insustentáveis.* O Gideão que encontramos em Juizes 6 destrói a ilusão de que alguns não são qualificados para a grandeza, Nenhum perfil biográfico nas Escrituras tem início com uma exposição mais honesta de inadequação e frustração. Encontramos o jovem Gideão num pequeno vale, às escondidas, malhando o trigo de uma colheita escassa. Podemos imaginar o seu medo, vigiando à sua volta com ansiedade, isso nos diz muito acerca do homem e sua época. Ele não malhava o seu trigo num lugar visível, por causa do perigo dos saqueadores midianitas.

Israel conheceu pouca paz desde que entrou na Terra Prometida. Como povo nômade, mal treinados para uma vida agrária, os israelitas tentaram aprender os métodos agrícolas, e ter-se-iam saído bem não fosse um erro fatal, e a invasão persistente dos midianitas e amalequitas. Para se certificarem do sucesso agrícola, adotaram um sincretismo descarado. Edificaram em seus campos santuários a Baal e a Astarote, envolvendo-se na religião pagã da terra. O culto a Iavé era misturado com os rituais de fertilidade. A prosperidade deles era de curta duração. As forças devastadoras de Midiã e Amaleque, na época da colheita, assolavam a terra, levando o fruto de sua árdua labuta, juntamente com

seu gado e outros bens. Tais invasões continuavam implacáveis. Israel jamais estava fora de perigo.

Não é de admirar que Gideão malhasse o trigo em um lagar! Se os midianitas o encontrassem, ele perderia tanto o trigo como a vida. Olhe para a face dele, cheia de ira e angústia. Não há nada mais desestimulante do que saber que, quanto mais você trabalha, mais corre perigo. De nada valeu a adoração dos baalins. Mas onde estava Iavé, o Deus que opera maravilhas, que guiou o povo à Terra Prometida? Era isso o que Gideão e todo o Israel desejavam saber. O que deviam lembrar, porém, é que o Senhor jamais aceitaria um segundo lugar — nem mesmo um lugar igual — a qualquer outro deus.

Contudo, o Senhor não abandonou o seu povo. Numa época de desalento nacional, ele estava pronto para outro grande lance a favor de Israel. E Gideão seria a peça-chave de sua estratégia. Nada, na constituição natural de Gideão, o tornava um candidato ao heroísmo, e isso faz sua história tão significativa, pois o que aconteceu a ele pode acontecer a nós.

O Senhor interrompeu Gideão em Ofra com uma saudação que deve tê-lo deixado aturdido: "O Senhor é contigo, homem valente." Nada poderia estar mais longe da imagem que Gideão tinha de si mesmo. Na verdade não era, de modo algum, uma afirmação de Gideão. A Septuaginta é muito mais fiel ao original: "O Senhor é contigo, sim, o Senhor de coragem", ou "O Senhor, que é valente e poderoso, é contigo". O poderoso em coragem é Iavé, não Gideão. A visitação divina lembrava a Gideão a grandeza de Deus.

Essa apresentação levou a uma pergunta óbvia. Atente para o impertinente "se" e o "por quê" da fraqueza. "Ai, senhor meu, se o Senhor é conosco, por que nos sobreveio tudo isto? e que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém, agora o Senhor nos desamparou, e nos entregou nas mãos dos midianitas" (Juizes 6:13). Note a lamentosa consternação. E tudo culpa do Senhor. Nenhuma confissão de apostasia, nem procura do que ele e Israel teriam feito para trazer a calamidade sobre si mesmos. Muitas vezes nossas dúvidas e indagações, exigindo que o Senhor nos preste contas de suas ações, expressam quão distantes estamos da comunhão com ele.

"Então se *virou* o Senhor para ele". O que havia nesse olhar? Indignação pela apostasia de Gideão? Cólera pela sua obstinação? Seriam justificáveis tanto uma quanto a outra. Pelo contrário, Deus olhou não para o homem frágil, mas para o homem de fé em que se tornaria. Quanta bondade de Deus em não aceitar a nossa queixa a respeito de sua providência! Em vez disso, ele nos chama para mudar as muitas coisas que afligem tanto a nós como à nossa época. Gideão recebe uma chamada irrecusável na sua circunstância insustentável. "Vai nessa tua força, e livra a Israel da mão dos midianitas; porventura não te enviei eu?" (Juizes 6:14). O homem improvável, cheio de descrença e dúvida, responde como a maioria de nós o faz hoje, com o conhecimento de nossas fraquezas e da injustiça do mundo: "Ai, senhor meu, com que livrarei a Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manasses, e eu o menor na casa de meu pai" (Juizes 6:15). A resposta do Senhor era tudo o de que Gideão precisava: "Já que eu estou contigo, ferirás os midianitas como se fossem um só homem" (Juizes 6:16).

Gideão reage a essa tremenda promessa pedindo um sinal. A Escritura deliberadamente expõe a modéstia desse jovem, ao perguntar: "Se agora achei mercê diante de teus olhos, dá-me um sinal que és tu, Senhor, que me falas" (Juizes 6:17). Gideão determinou os requisitos do sinal. Ele preparou uma refeição de um cabrito e pães não levedados e os colocou sobre uma rocha. O

Senhor, sempre pronto a satisfazer à necessidade de segurança de seus heróis em perspectiva, consumiu esses alimentos com fogo surgido da rocha. Gideão, certo de que fora o Senhor que lhe havia falado, temeu morrer por ter tido um encontro face a face com Deus. Mas, para Gideão, o Senhor reservara vida e vitória. Disse ele: "Paz seja contigo! Não temas! Não morrerás!" (Juizes 6:23). Com temor e assombro o líder eleito construiu um altar e o chamou "Jeová Shalom". O Senhor é paz.

Estranho. A palavra para o novo e transformador relacionamento de Gideão com Deus era *paz*. Alguém, chamado para a guerra, conhecia tanto a paz de Deus como a paz com Deus. A paz do Senhor nos prepara para combater qualquer coisa em nós, em nossos relacionamentos ou ambientes que privem outros de paz. A paz interior nos capacita a viver sem medo em meio ao conflito. Para Gideão significava favor, afirmação e bênção, mas para nós significa algo muito mais profundo, mediante a reconciliação por Cristo. A batalha em nosso íntimo está acabada por causa do amor perdoador da cruz, e agora podemos nos tornar pacificadores. O preço dessa transformação geralmente é alto. Muitas vezes significa fazer frente aos inimigos da paz, os quais perturbam a nós e aos outros. Deus dá-nos a sua paz a fim de podermos continuar com ele em luta destemida pela paz durante toda a vida.

A segunda chave para desvendar o impossível é: *Gideão foi chamado a uma obediência constante*. Ele não poderia fazer nada acerca da apostasia de Israel até que ele mesmo limpasse o seu quintal. Literalmente. Havia um santuário de Baal nos campos de sua própria família! A primeira ordem que o Senhor deu a Gideão, antes que este pudesse liderar Israel, foi tomar dez homens e dois bois e, deliberadamente, derrubar e despedaçar o ídolo. Em seguida, ele devia pegar a madeira do santuário de Astarote, construir um altar a Deus e sobre ele sacrificar um boi de sete anos. Uma ordem e tanto! Especialmente quando ele sabia que tal ato de obediência ao Senhor traria, com certeza, ameaças à sua vida da parte de seus vizinhos, por demais apagados à adoração do ídolo. O futuro de sua nação pendia na balança. O Senhor não poderia abençoar a Gideão com a vitória enquanto não soubesse que ele lhe obedeceria sem discussão. A obediência de Gideão foi completa: ele derrubou o ídolo e sacrificou o boi para a glória de Deus, exatamente como o Senhor lhe ordenara.

Façamos uma pausa na história de Gideão e examinemos o desenrolar de nossa própria história. Qual é, em nossa vida, o ídolo competitivo? Que pessoa, posição, bens, plano ou propósito impedem uma obediência completa? Todos nós veneramos divindades secundárias que perturbam ou debilitam nossa vida cristã, e depois perguntamo-nos por que temos pouco poder, discernimento ou ousadia. A causa de nosso fracasso é a de nossa fidelidade dividida entre o Deus verdadeiro e um deus que nós mesmos confeccionamos ou recebemos como produto de nossa cultura. Os israelitas temiam uma dependência total de Deus. Quantas vezes cremos em Deus, mas nos apoiamos na segurança de nossos bens, nossas realizações, nossa auto-imagem ou na aprovação de outros. De onde você extrai a sua segurança? Pare a leitura e faça um inventário incisivo.

Uma das melhores maneiras de fazer esse exame é considerar o que você teria de dispensar se vivesse apenas na dependência de Deus. Que perda despedaçaria a sua segurança? De que, ou de quem você depende para o significado ou felicidade da vida, além de Deus? Ao fazer esse inventário, defronto-me com meu sistema de segurança que exige algo mais que Deus. Faz-me dolorosamente consciente de quão importantes são para mim o sucesso e a afirmação. Todos nós temos necessidade de levar a cabo os nossos alvos —

mesmo que, às vezes, usemos pessoas e coisas para alcançá-los. O perigo é que eles se transformam em deuses falsos. Nosso deus é tudo aquilo que domina o nosso pensamento e exige a nossa fidelidade com a exclusão de obediência absoluta a Deus. Qual é o baal do seu quintal?

Esse tipo de sinceridade geralmente não é popular. Ela desperta a ira e a indignação de sincretistas à nossa volta. No caso de Gideão, punha a sua vida em perigo. Quando os homens da cidade de Gideão perceberam o que ele tinha feito, reuniram uma turba de linchamento e se dirigiram ao pai dele, Joás, com a exigência: "Leva para fora o teu filho, para que morra; pois derribou o altar de Baal, e cortou o poste-ídolo, que estava junto dele" (Juizes 6:30).

Agora testemunhamos o poder da influência ousada e destemida. A obediência de Gideão ao Senhor atçou as chamas da fidelidade de Joás. A fidelidade de seu filho abriu-lhe os olhos para a sua própria evasiva. Joás deveria constar na lista de nossos heróis. Se seu pai não tivesse enfrentado a multidão enfurecida, Gideão não teria sobrevivido para fazer a vontade do Senhor. Ouça a sua recém--achada coragem e lealdade: "Contendereis vós por Baal? livrá-lo--eis vós? Qualquer que por ele contender ainda este manhã será morto. Se é deus, que por si mesmo contenda; pois derribaram o seu altar" (Juizes 6:31). Então ele fez algo notável que expressava a confiança e a admiração que tinha pelo filho. Deu a Gideão um novo nome: Jerubaal, que significa: "Que Baal por si mesmo contenda". Ele viu a transformação do seu filho. O homem no rapaz trouxe à superfície o homem no pai. Era como se ele dissesse: "Meu filho Gideão é uma nova pessoa. Alguma coisa lhe aconteceu. Baal não é nosso deus. Ele não tem poder sobre o meu filho. Vocês não devem contender com Gideão. Se Baal tem algum poder, deixe-o usá-lo contra Gideão". Nada aconteceu. Gideão, agora Jerubaal, tinha derrotado o inimigo espiritual do povo.

Há uma grande necessidade da coragem de Joás em nossos dias, em pessoas dispostas a assumir o custo do discipulado obediente. Mesmo desafiado pela fé dos filhos, cabe aos pais a grande responsabilidade de confirmar neles os primeiros estímulos da chamada de Deus. Do mesmo modo, precisamos apoiar os que fizeram um compromisso sem reservas com o Senhor. Todos nós precisamos de pessoas que se interponham entre nós e os amigos negativos, críticos e ameaçadores, ou mesmo companheiros alarmados por ousarmos colocar a Deus em primeiro lugar em nossa vida. Quem é o Joás em sua vida? Para quem você precisa ser um Joás?

Gideão desmascarou o inimigo dentro de Israel. Agora ele enfrentava o de fora. Os midianitas e amalequitas, cujo exército contava cento e trinta e cinco mil homens fortemente armados no vale de Jezreel, oprimiam e exploravam sem piedade os empobrecidos israelitas. Era preciso fazer alguma coisa. Gideão era o eleito de Deus para a ocasião, mas faltava-lhe poder. Nesse momento ele descobriu a terceira chave para realizar a tarefa impossível de libertar o seu povo do opressor estrangeiro. *Uma tarefa impossível preparou-o para receber poder ilimitado.* "Então o Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a rebate" (Juizes 6:34). A tradução do hebraico que mais se aproxima do original é: "O Espírito do Senhor revestiu-se de Gideão". Uma imagem poderosa. O Espírito encheu o homem assustado e inadequado. A personalidade de Gideão, bem como a sua humanidade, se tornaram a vestimenta de Deus! Talentos naturais foram aumentados ao máximo, dons extraordinários, acrescentados. A fê substituiu o medo, a coragem suplantou o comprometimento, e o carisma fluiu através de sua personalidade.

Até essa altura a conversão de Gideão fora uma reação humana a um

chamado divino. Mas agora ele se tornava o leito para o fluxo do Espírito do Deus que o chamara. Ao tocar a trombeta, ele convocou Israel às armas. Desse ponto em diante testemunhamos o que Deus pode fazer com uma pessoa possuída pelo seu Espírito. O homem indeciso, preocupado e tímido, que encontramos no lugar triturando o grão em secreto, está agora cheio de vigor e inspiração. Suas queixas foram substituídas por entusiasmo e vitalidade. O Deus de valor estava fazendo dele um homem de valor.

A reação das tribos de Israel ao chamado de Gideão é surpreendente. Estariam tão cansados da opressão que seguiriam prontamente a qualquer liderança? Ou teria sido o ato corajoso de Gideão ao desmascarar a impotência de Baal? Há algo mais. Foi Deus quem suscitou os exércitos israelitas. Foi ele quem lhes despertou o desejo de sair de debaixo do calcanhar dos invasores pagãos. Esta é uma lição que os líderes cristãos precisam ter em mente. A reação das pessoas à nossa liderança é induzida por Deus. A força por trás de todo o movimento de Gideão é o Senhor. Por que então milhares de israelitas se uniriam ao filho mais jovem da menor das tribos? A experiência de Gideão não nos dá o luxo de pensar que pouco ou nada acontece quando conduzimos outros numa causa de verdade e justiça.

O quarto segredo nos fala tanto de Deus quanto de Gideão. Também nos revela um pensamento confortador acerca de nossa própria necessidade de segurança. Gideão precisava de mais confirmação de que o Senhor, que o havia orientado até esse ponto, desejava que ele combatesse os invasores. Por que essa confirmação após sua chamada, conversão, consagração e revestimento do Espírito de Deus? Para muitos intérpretes, Gideão, ao pedir mais um sinal, ofendia ao que Deus já lhe havia dito. Nada disso. A Escritura salienta que Gideão dependeu do Senhor a cada passo do caminho. *A quarta chave para desvendar o impossível é uma resposta inquestionável à súplica por orientação.* Deus não nos dá apenas um chamado, mas também a confirmação clara ao longo do caminho.

A prova do velo mostra-nos que Deus não se detém enquanto não estivermos seguros. Do que você precisa para convencer-se de que a orientação recebida do Senhor está certa? Para Gideão essa certeza levou-o, não no lugar oculto, mas ao ar livre, a orar corajosamente ao Senhor (Juizes 6:36) — evidência de um ousado novo homem. Disse ele ao Senhor, uma noite, que poria uma porção de lã na eira. Se, pela manhã, o orvalho estivesse apenas na lã e o chão em volta, seco, então Deus libertaria Israel por meio dele, como havia prometido. Talvez Gideão não tenha dormido muito bem aquela noite, falando com os seus botões acerca do que encontraria pela manhã. Quando se levantou, achou a resposta de Deus: a lã estava tão cheia de orvalho que, ao espremê-la encheu uma taça de água. Depois, para ter toda a certeza, ele inverteu o teste: "Rogo-te que mais esta vez faça eu a prova com a lã: que só a lã esteja seca, e na terra ao redor haja orvalho." Deus foi fiel ao teste: pela manhã a lã estava completamente seca, e o chão estava coberto de orvalho. Quão bondoso é Deus!

Vemos ao nosso redor provas de respostas às nossas orações. Vemos as evidências do amor de Deus. Mas nas ocasiões especiais de desafio e perigo, ele concede um dom especial para nos convencer da sua presença conosco. Ele usa a Escritura, os amigos, e os eventos para nos convencer se uma direção em particular está certa ou errada. Contudo, jamais haverá substitutos para períodos de meditação profunda no recesso da oração. O Senhor usa as influências e os eventos externos somente para confirmar o que nos diz em nossas orações. Lembre-se que Gideão, até essa altura, não conhecia a Deus

muito bem. Quanto a nós, ele nos guia segundo nosso nível de crescimento. O que importa é sermos objetivos ao falar-lhe dos desafios que temos de vencer para a sua glória. Apresentemos a necessidade e esperemos nele com a certeza de que ele usará nossas mentes, nossos sentimentos e sensibilidades para nos conscientizar da sua vontade. Gideão recusou-se a cometer o erro de se apoiar em sua própria força. Deus honrou a sua necessidade de segurança. Ele não fará menos por nós.

Deste lado do Calvário, há muitas coisas claras quanto ao que devemos ser ou realizar. O desejo do Senhor para nós não é ambíguo. Se seguirmos o Mestre com entusiasmo, conforme os princípios básicos do discipulado — buscando primeiro o seu reino e a sua justiça — estaremos abertos à sua orientação específica. O segredo é a vontade. Quando desejarmos fazer a sua vontade, tal como ele prometeu, nós a conheceremos (João 7:17). Espalhe a sua incerteza na presença dele. O que você acha que deve fazer cumpre o que ele disse na Escritura? Fará bem a todos os interessados? É uma expressão do seu amor? Dar-nos-á uma mais profunda comunhão com ele? Fará com que o reino de Deus se estenda? Se pudermos responder afirmativamente a essas perguntas, deixaremos a dúvida de lado. Aquele que criou o mundo e ressuscitou a Cristo dentre os mortos, não pode comunicar sua vontade às nossas mentes e corações abertos? É claro que pode.

A seguinte e quinta chave para desvendar o impossível é *uma estratégia que não segue o padrão característico das demais*. Esta é a mais difícil das chaves. Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Planejamos, armamos as estratégias e dispomos o potencial humano para realizar a obra de Deus. O Senhor não deixou Gideão cair nessa armadilha. Quando os exércitos de Israel se reuniram no monte Gilboa, Gideão contou os seus soldados — trinta e dois mil ao todo. Em seguida ele olhou de um extremo ao outro, da fonte de Harode no sopé do monte através do vale de Jezreel até os midianitas e os amalequitas acampados ao pé do outeiro de More — cento e trinta e cinco mil. A proporção era de quatro para um. "Eis uma oportunidade de lutar com a ajuda do Senhor", pensou Gideão.

Compreenda o espanto do líder quando o Senhor mandou que ele reduzisse as fileiras! Ele devia submeter o recém-reunido exército a duas provas. A primeira era recitar as palavras prescritas nas leis para a guerra, dadas pelo Senhor a Moisés: "Qual o homem medroso e de coração tímido? Vá, tome-se para sua casa, para que o coração de seus irmãos se não derreta como o seu coração" (Deuteronômio 20:8). Embora Gideão não imaginasse como enfrentar o inimigo sem os seus trinta e dois mil homens, ele obedeceu ao Senhor e disse: "Quem for tímido e medroso, volte, e retire--se". Vinte e dois mil voltaram para as suas casas!

Esmoreceu o ânimo de Gideão ao olhar para os dez mil restantes e depois para o acampamento do inimigo? Sem dúvida, mas ele reuniu sua coragem e deu início aos preparativos. Contudo, o Senhor não havia ainda dado o caso por encerrado! Mandou que Gideão realizasse mais uma prova. Ele devia mandar o seu exército descer às águas. O rio corria entre o exército agora reduzido e as imensas forças de Midiã, de modo que os soldados israelenses pensaram que o estavam atravessando para a guerra. Isso é importante para compreendermos a prova do Senhor. Enquanto os soldados atravessavam o rio, alguns pararam, tiraram a armadura, puseram de lado as suas armas, ajoelharam-se e lamberam a água com a língua. Outros, firmes à liderança de Gideão e não tirando os olhos dele nem do inimigo, lamberam a água levando a mão à boca. O Senhor disse a

Gideão que somente aqueles que levaram a mão à boca estavam preparados para lutar. Eles atravessaram o rio sem ao menos parar para satisfazer às suas necessidades. O número dos que não passaram na prova foi nove mil e setecentos. Restaram a Gideão trezentos homens!

O Senhor sabia o que estava fazendo. Ele queria somente os que pudessem seguir a Gideão com disposição, obediência e fidelidade. Os que pensavam mais na satisfação de suas próprias necessidades foram tirados do exército. O Senhor queria um grupo de homens ousados, vigilantes e totalmente dedicados. Mas havia uma razão mais profunda para a redução dos soldados: a vitória pertenceria a Deus e ao seu poder. Nosso Deus se deleita em nos surpreender com o que pode fazer com algumas pessoas que confiam nele completamente, que põem o conforto e o orgulho pessoal de lado.

Se desejamos viver uma vida com os dons das possibilidades de Deus, devemos usar os seus métodos e revestir-nos de seu poder. Em virtude de nossa timidez, apoiamo-nos em talentos, habilidades e poder humanos, os quais muitas vezes nos atrapalham. Deus tem de romper esses laços antes de dar-nos o que tem de melhor para nós. Colocá-lo em primeiro lugar em nossa vida, buscar os alvos de seu reino, viver de seus recursos e na expectativa de suas intervenções, e receber o poder de seu Espírito — eis o único modo de viver uma vida realmente vitoriosa.

A última chave para desvendar o impossível é *a coragem inabalável*. Para isso, o Senhor deu a Gideão uma visão da vitória. Antes da batalha ele mostrou a Gideão que não havia dúvida acerca de seu êxito. Gideão recebeu a permissão de provar o doce sabor do cumprimento da vontade do Senhor antes de qualquer batalha. Eis como o Senhor o preparou para reivindicar o triunfo e seguir em frente com coragem e louvor pelo que o Senhor iria realizar. Gideão recebeu ordens de entrar à noite e furtivamente, com Pura, no acampamento de Midiã. Podemos imaginar o quadro dos dois homens descendo o terreno rochoso do monte Gilboa, atravessando o vale e subindo o outeiro de More. Conseguiram passar pelas sentinelas e se agacharam ao lado de uma das tendas negras, onde ouviram dois midianitas conversando. Um deles contava um sonho apavorante, no qual um pão de cevada veio rodando contra o arraial e deu de encontro à tenda do comandante, de maneira que esta se virou de cima para baixo. A interpretação que o outro soldado deu ao sonho foi um presente especial do Senhor a Gideão. "Não é isto outra coisa, senão a espada de Gideão filho de Joás, homem israelita", disse o intérprete do sonho. "Nas mãos dele entregou Deus os midianitas e todo este arraial" (Juizes 7:14).

Quão bondoso foi Deus ao encorajar Gideão, mostrando-lhe que os midianitas o conheciam e temiam o seu poder crescente em Israel, e que a vitória estava assegurada! Confortam-nos os persistentes esforços do Senhor para fortalecer a confiança de Gideão. O resultado foi que Gideão pôde agradecer a Deus, antecipadamente, a libertação de Israel.

Agradecer a Deus de antemão o que ele prometeu fazer, permite--nos imaginar como será receber a promessa que eliminará a impossibilidade em nossa vida. Isso exige oração, atenção cuidadosa e consciência das mensagens que ele nos envia através das pessoas e das circunstâncias inesperadas. Uma vez que a imagem da vitória esteja bem fixa em nossa mente, a solução dos problemas ou o sucesso dos projetos que ele nos deu, tudo pode ser levado a cabo com coragem.

Ao retornar a seus trezentos homens, Gideão estava pronto para dar o brado de guerra: "Levantai-vos, porque o Senhor entregou o arraial dos



midianitas nas vossas mãos" (Juizes 7:15). A vitória era um fato consumado.

O plano de ataque de Gideão foi brilhante. Estou certo de que os trezentos soldados questionaram a sanidade dele, quando o ouviram pela primeira vez. Mas, como tudo na preparação deles para a batalha vinha sendo estranho e misterioso, seguiram as ordens sem discutir. Gideão deu a cada um deles uma trombeta para segurar em uma mão e uma tocha para segurar na outra. Cada tocha era colocada dentro de um cântaro. "Olhai para mim e fazei como eu fizer. Chegando eu às imediações do arraial, como fizer eu, assim fareis. Quando eu tocar a trombeta, e todos os que comigo estiverem, então vós também tocareis a vossa ao redor de todo o arraial, e direis: Pelo Senhor e por Gideão!" (Juizes 7:17-18). Com um plano de ataque assim tão simples a orientá-los, os israelitas se puseram em marcha rumo a Midiã.

Na vigília da meia-noite, os trezentos homens cercaram o acampamento inimigo. Ao sinal de Gideão, quebraram os cântaros, expondo as tochas, e tocaram as trombetas. E com voz triunfante, bradaram: "Espada pelo Senhor e por Gideão!" A única espada que eles tinham era a coragem dada pelo Senhor.

Os midianitas e os amalequitas se despertaram do sono ao som assustador de trombetas e clamores de batalha. Saíram das tendas brandindo espadas, e, confusos na escuridão, começaram a atacar e a matar uns aos outros. Mas note a parte do Senhor: "O Senhor tomou a espada de um contra o outro, e isto em todo o arraial". Dos cento e trinta e cinco mil homens, cento e vinte mil se mataram uns aos outros, pensando que estavam combatendo a Gideão e seus homens. Os outros quinze mil fugiram, ao perceberem o que estava acontecendo. Foi uma vitória completa do Senhor para Gideão e Israel. E todo o louvor foi dado ao Senhor do impossível, que triunfara uma vez mais!

Esse relato revela a natureza real da coragem cristã. E a coragem do Senhor, não a coragem para o Senhor. Na qualidade de povo chamado e escolhido por Deus, recebemos nossa coragem da visão de seu envolvimento em nossas crises e aflições. Então, adquirimos a imagem certa do que ele fará e seguimos em frente crendo que, o que ele prometeu, cumprirá a seu modo e em tempo oportuno. Nossa única espada é o Senhor! A oração é a chave. Quando levamos ao Senhor as nossas impossibilidades e nada escondemos, recebemos confiança para avançar. Quanto mais dependemos dele, mais nossa coragem aumenta. Não necessitamos de justificar nossas ações, ficar na defensiva ou bater em retirada. Mais uma vez, como aprendemos com os heróis até agora estudados, se estivermos dispostos a reconhecer a Deus e a dar-lhe a glória, não haverá limites para as bênçãos que receberemos.

Em conclusão, a história de Gideão é um misto de grandeza e fracasso. Uma vez mais as Escrituras são honestas, de modo que podemos nos identificar com os seus personagens.

Gideão é muito bom para os homens que não passaram na prova do Senhor, antes da batalha, e foram excluídos do conflito. Ele os chama de volta para perseguir os quinze mil midianitas e amalequitas restantes. O inspirado líder conhecia a natureza humana: aqueles que não participaram da batalha ficariam enciumados e mais tarde hostis a ele. Gideão permitiu que eles partilhassem da glória. Até mesmo os homens de Efraim, que não foram avisados da primeira chamada, tiveram ótima acolhida. Porém argumentaram revoltados: "Que é isto que nos fizeste, que não nos chamaste, quando foste pelejar contra os midianitas?" (Juizes 8:2). É até certo ponto surpreendente o fato de dizerem que não sabiam. Como alguém em Israel poderia deixar de saber? Como o restante do povo, também sofriam a mesma opressão. E por certo sabiam que Gideão fora

chamado para conduzir Israel contra os invasores. No entanto, ficaram fora da batalha e se queixaram. Há pessoas assim em todas as épocas. Esperam até que a batalha termine e então se queixam de não terem recebido um convite por escrito para se alistarem, embora soubessem que a batalha também lhes pertencia. Você já se encontrou com pessoas assim? Já foi uma delas?

E tentador denunciar a evasiva dos efraimitas, mas Gideão *não* o fez. O Espírito do Senhor ainda pulsava através dele, quando lhes disse: "Que mais fiz eu agora do que vós? Não são porventura os rabiscos de Efraim melhores do que a vindima de Abiezer? Que pude eu fazer comparável com o que fizestes?" Foi então que a ira da casa de Efraim se abrandou. Quando o Senhor nos dá a vitória em alguma situação à primeira vista impossível, ele nos infunde de certa dose especial de humildade, a fim de darmos carinhosa atenção aos que podem não vir a partilhar de nosso triunfo. Isso também faz parte de dar a glória a Deus.

Quando Israel quis que Gideão se tornasse o seu rei e reinasse sobre o povo, ele recusou: "Não dominarei sobre vós, nem tão pouco meu filho dominará sobre vós; o Senhor vos dominará" (Juizes 8:23). Ele não estava disposto a tomar o lugar que pertencia a Deus. Ele sabia que, se realizara alguma coisa digna do louvor do povo, era somente devido ao poder do Senhor em sua vida. A Deus deu ele a honra do primeiro lugar em sua vida e nada menos que isso desejava para Israel.

Ficamos a indagar então como é que a vida espetacular de Gideão veio a ter um fim tão lastimável. Perto do fim do oitavo capítulo dos Juizes, ele comete um pecado de idolatria que ameaça o registro de sua coragem nas páginas da história. Não desejava ser rei e governar no lugar de Deus, mas pediu ao povo argolas de ouro do despojo. Desejava Gideão essas argolas como uma lembrança, um troféu, um símbolo? Talvez. Mas o povo deu-lhe não apenas uma, mas todas as argolas tiradas de todos os midianitas e amalequitas mortos. No total, cento e trinta e cinco mil argolas! O presente pesava mil e setecentos ciclos de ouro. E foi acrescido dos ornamentos, pendentes e colares.

Foi nessa altura que Gideão se desviou. Do ouro ele fez uma estola sacerdotal, a veste superior do sacerdote. Deve ter sido uma estola magnífica, de ouro e jóias. Não se diz que Gideão a tenha vestido, o que o teria elevado à posição de sacerdote. Mas ele a colocou em Ofra, sua cidade natal. Em Juizes 8:27 lemos: "E todo o Israel se prostituiu ali após dela; a qual veio a ser um laço a Gideão e à sua casa". Está implícito que a estola sacerdotal se tomou um santuário de adoração, memorial das grandes coisas que Gideão fizera ao derrotar Midiã e Amaleque. Ele concentrava a atenção do povo no que Deus havia feito no passado, sem que se preocupassem com o que Deus faria no futuro. Gideão vivia da glória dos feitos heróicos do passado. Ele tomou para si a glória que antes teve todo o cuidado de atribuir a Deus. O povo o tomou por ideal e se esqueceu do Deus que ganhara a vitória sobre o inimigo. À medida que se contava a história da sua grandeza a sua impotência foi ficando de lado. Agora o clamor de Israel era: "Por Gideão e pelo Senhor". Tornou-se uma armadilha em seu relacionamento com Deus. Ele tropeçou no auto-engrandecimento. O santuário a Baal, que ele com tanto zelo removera, estava de volta de outra forma.

Isso pode acontecer e de fato acontece conosco. Quando as pressões que nos forçaram a depender de Deus *são* aliviadas, nos esquecemos de quem nos tirou da confusão. As orações de agradecimento são substituídas por histórias intennináveis do que nós realizamos. O passado se torna mais estimulante que o

futuro, a herança, mais preciosa que a esperança.

E, contudo, a história de Gideão permanece. Ela nos incita à ousadia e nos previne do que pode acontecer se tirarmos nossos olhos do Senhor. Acima de tudo, a vida de Gideão, até o fim, demonstra que as bênçãos já recebidas do Senhor do impossível nada são comparadas com o que ele fará com as impossibilidades dos dias que se aproximam. O que o Senhor realizou nos dá as chaves para desvendar as impossibilidades de hoje e de todos os nossos amanhã.

Reputações são desrespeitadas por críticas depreciativas e sem escrúpulos. A lealdade parece ter sido lançada fora desta "geração do eu". Quem se importa?

Estudei, no verão passado, como os antigos obeliscos gigantes foram deslocados das pedreiras ao longo do Nilo. Perfuravam o granito ao longo da porção a ser escavada, enchiam os buracos com madeira e em seguida os saturavam de água. Ao se dilatar, a madeira forçava a clivagem gigantesca, que se desprendia, e por fim fazia romper as compridas colunas monolíticas, quadradas e levemente afiladas. Naquela época, estas colunas eram levadas de barcas rio abaixo, até Luxor, onde eram erigidas como parte dos templos. O que me fascinou e me deu uma nova parábola foi a expansão da madeira que causava a clivagem. Os buracos são como nossas atitudes desonestas, e a madeira nossas palavras ferinas e carentes de amor. Em nossa sociedade, a clivagem entre amigos, maridos e mulheres, pais e filhos, cidadãos e Governo, líderes e liderados, é o resultado da deslealdade que hoje se expande até rachar a base de nossa vida.

Quando percebemos ao nosso redor os relacionamentos desgastados e rompidos, somos forçados a reconhecer que o mal está ganhando algumas batalhas decisivas. Nada se afigura como motivo mais importante para um rompimento que a deslealdade — para com Deus e uns para com os outros. Deus vai vencer a batalha final sem dúvida alguma, mas, enquanto isso, a insegurança, a desconfiança, o desestímulo mútuo e as críticas depreciativas estão levando a vitória. Desde o início do tempo, o máximo de Deus vem sendo reduzido ao mínimo pela estratégia de deslealdade engendrada por Satanás. Perdemos a possibilidade de grandeza oferecida pelo Senhor do impossível quando nosso coração não reproduz a mesma lealdade de seu coração.

Recapitemos nosso retrato do Senhor do impossível. Temos focado as suas intervenções poderosas em momentos decisivos da história primitiva do seu povo. Os heróis que examinamos são distinguidos pelo que o Senhor fez neles e através deles. Em cada caso, o herói real é o próprio Senhor. Assim sendo, enquanto a narrativa bíblica prossegue o seu curso, ela passa de relatos do seu poder para uma revelação mais profunda da sua natureza. Depa-ramo-nos com um Deus que não é apenas poderoso, mas também amoroso. Por trás de suas intervenções para salvar o seu povo em épocas de crise, encontra-se um atributo essencial da sua natureza. Ele é leal para com seu povo chamado e escolhido.

O livro de Rute chama nossa atenção para o valor da lealdade, e maravilhoso como esse pequeno livro, com os seus oitenta e Cinco versículos, teve um lugar reservado no cânon do Antigo Testamento. Alguns eruditos propõem que, embora sua história tenha ocorrido no período dos Juizes, entre Josué e Samuel, ele foi escrito no reino de Davi para honrar à sua linhagem. A menção de Davi no final do livro indica sua origem, sem dúvida, como durante ou após o reino davídico. Outros argumentam que a história de Rute foi registrada no período pós-exílio, como um antídoto ao exclusivismo e ao preconceito

gritantes. A intenção do autor pode ter sido fazer um contraste da lealdade de um estrangeiro com a deslealdade de Israel antes e durante o exílio. A maioria das autoridades concorda, contudo, que a mensagem central do livro é a lealdade de Deus, a qual ele anseia reproduzir em seu povo. Em cada período da história, o povo de Deus tem sido tentado a ser desleal ao pacto divino e ao compromisso de partilhar a sua bondade com todo o povo. Noemi nos mostra o poder da lealdade em nosso testemunho. Rute exemplifica o que pode acontecer a uma pessoa que expressa a fidelidade de Deus numa pessoa fiel. Contradiz-se o exclusivismo e celebra-se o amor inclusivo.

Rute foi imortalizada como uma das mulheres mais importantes (na Bíblia por uma declaração de lealdade intensamente poética, fraseada com perfeição e harmonia, feita à sua sogra, Noemi. É uma declaração bem conhecida, citada com frequência acerca da fidelidade imorredoura, que tem suportado a prova do tempo na literatura por expressar um compromisso de lealdade que todos ansiamos receber daqueles a quem amamos.

Rute e Noemi partilhavam um pesar comum. Ambas perderam o marido. Noemi liberou Rute da responsabilidade de permanecer em sua companhia e de cuidar dela. A resposta de Rute encontra-se nos versículos dezesseis e dezessete do capítulo primeiro do pequeno livro do Antigo Testamento que leva o seu nome. Você precisa ouvir uma expressão de lealdade como essa? Prove-a nos recantos famintos de lealdade do seu próprio coração. Rute disse a Noemi: "Não me instes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerá eu, e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti".

Um exame do passado nos ajudará a compreender todo o impacto dessa declaração. Anos antes, Noemi e seu marido, Elimeleque, partiram de Belém de Judá por causa de uma fome na terra. Em companhia dos seus filhos, Malom e Quiliom, viajaram para a terra de Moabe em busca de comida. Embora não fosse fácil para esses hebreus habitarem numa terra onde o culto ao deus Camos incluía sacrifícios humanos, eles permaneceram fiéis a Iavé. Ao falecer Elimeleque, o coração de Noemi foi acometido pela dor. Porém, ela preencheu o seu vazio com a preocupação por seus filhos e suas esposas moabitas. Malom casou-se com Rute e Quiliom com Orfa. Todos viviam juntos debaixo da atenção leal e cuidadosa de Noemi. Ela amava suas noras moabitas como a suas próprias filhas, com dedicação incansável. Então a tragédia os surpreendeu novamente. Ambos os filhos, Malom e Quiliom, morreram, e as três mulheres ficaram viúvas. Essa dor adicional compeliu o coração de Noemi de volta a Belém. A prosperidade retornara a sua terra natal e ela ansiava por voltar ao lar. Seu cuidado caloroso e bondoso para com as noras fez com que ambas se prontificassem a acompanhá-la. As três viúvas partiram para Belém.

Numa encruzilhada, já próximo de Judá, Noemi parou e ofereceu liberdade a Rute e Orfa. Noemi desejava que as duas se sentissem livres para regressar a Moabe, liberadas do cuidado de uma velha mulher, pois em Judá seria difícil, como estrangeiras, encontrar marido. Além de poderem ser vítimas de preconceito, a preocupação delas com a sogra poderia diminuir-lhes as chances de um novo começo. Noemi suplicou-lhes que voltassem. Orfa concordou, mas chorava enquanto partia. Rute, contudo, não seria dissuadida da determinação de recompensar a lealdade de Noemi. As duas mulheres continuaram a jornada e se estabeleceram em Belém. Ali, Rute recebeu, como prêmio de sua lealdade, o

respeito das pessoas da cidade e o casamento com Boaz, um próspero fazendeiro e parente de seu falecido marido. O fruto de seu amor com Boaz foi um bonito filho a quem chamaram Obede. A espantosa providência de Deus é que Obede foi o pai de Jessé e este o pai de Davi. A genealogia da graça, assim iniciada, levou mais tarde ao nascimento de Jesus Cristo da linhagem de Davi! A leal Rute é mencionada na galeria de honra dos antepassados do Salvador (Mateus 1). Uma mulher moabita, convertida a Iavé, tornou-se parte da aliança e predecessora do Filho de Deus! O Senhor do impossível aceitou a lealdade como parte da sua preparação para a encarnação.

Há três coisas importantes acerca da lealdade que Rute nos ensina, e cada uma delas é extremamente necessária para a nossa vida e para a sociedade.

A primeira é que *não pode haver lealdade sem liberdade*. De modo oposto, não pode haver a liberdade sem lealdade. Noemi deu a Rute o presente da liberdade, para que ela pudesse escolher ser ou não leal.

Para nós, a liberdade e a lealdade são gêmeas siamesas, nascidas da madre da graça. Elas dependem uma da outra. Uma não pode florescer sem a outra. O inegável paradoxo da vida é que não podemos ser leais até que nos sintamos livres; mas, sem lealdade, nossa liberdade fica sem direção. A lealdade leva ao máximo a nossa realização de interdependência.

Nossa época dá grande importância à liberdade individual. Liberdade de repressões, de regras e regulamentos, de restrições a opiniões e tradições. O que quer que nos deixe "numa boa", está ok. "Faça o que lhe der o maior prazer e felicidade!" é o clamor da liberdade atual. Ostenta-se uma meia-verdade como a verdade fundamental.

Não ouvimos falar muito de lealdade hoje em dia. Mas ela é o fio dourado com que se tece a verdadeira liberdade. Sem ela, a roupagem de nosso caráter se enfraquece e perde o estilo. A lealdade envolve a liberdade em compromissos duradouros, coerência liberadora e constância amorosa.

O Senhor nos concede imensa liberdade a fim de sermos leais a ele. Ele nos chamou, escolheu e cuidou de nós com amor fiel. Todavia, ele sabe que não pode haver amor recíproco sem liberdade. Essa verdade impregnou a mensagem de Jesus. Ele apresentou os dois lados do paradoxo. Ele veio para libertar a humanidade do pecado, do egoísmo e do egocentrismo. Porém, chamou os que aceitavam a libertação para a lealdade do discipulado. Somente aqueles que, por lealdade, colocam o Salvador e a sua cruz em primeiro lugar, seguindo-o em obediência absoluta, podem crescer na realização de seu dom da liberdade. A cruz de Cristo granjeou-nos a liberdade; a nossa lealdade em levar a nossa *cruz nos* dará a vida liberada.

O apóstolo Paulo chegou a essa conclusão. Para ele, o preço da liberdade duradoura foi o custo do discipulado. Jamais se cansou de pregar e escrever acerca da liberdade do cristão alcançada no Calvário. Mas, raras vezes a mencionou sem se referir ao crescimento em lealdade, dele próprio e de outros. Seu toque de trombeta da liberdade cristã em 1 Coríntios 3:21-23 contém duas notas: "Por que tudo é vosso. . . seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus". Tudo é nosso — isso é liberdade; pertencemos a Cristo — isso é lealdade. O importante não é o número de coisas que possuímos, mas a quem pertencemos. Na verdade, pertencer a Cristo nos dá tudo o que a fé cristã oferece.

À mensagem aos gálatas proclama a mesma verdade. "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão" (Gálatas 5:1). Os gálatas foram tentados a fazer mau uso da

liberdade, ao voltar para a escravidão de antigos legalismos, em vez da lealdade a Cristo. Aquele que chamou a si mesmo de "servo de Cristo" acautelou--os acerca do mau uso da liberdade. Por ser ele servo de Cristo, estava livre em Cristo.

A mesma verdade se aplica a nós. E a nossa lealdade que nos preserva a liberdade. Se pertencemos a Cristo, tudo o que ele oferece *nos pertence*. Quando somos leais a ele e ao povo que ele nos dá para amar e cuidar, *tornamo-nos* pessoas realmente livres.

O motivo disso encontra-se na segunda coisa que o livro de Rute nos ensina. *Lealdade é o que Deus oferece e deseja em troca*. No Salmo 101, versículo 1, Davi diz: "Cantarei a bondade e a justiça; a ti, Senhor, cantarei." Foi o amor ilimitado, inexorável e coerente do Deus da aliança que fez que Davi desejasse cantar. Em sua lealdade a Saul ele reproduz a lealdade do Senhor, apesar do ciúme e temor do rei para com ele. Essa lealdade *está clara* no que ele disse aos homens de Jabes-Gileade, que foram fiéis a Saul até o fim: "Benditos do Senhor sejais vós, por esta humanidade para *com* vosso senhor, para com Saul, pois o sepultastes!" (2 Samuel 2:5). Davi é lembrado por suas lealdades — a Saul, a seus filhos, que muitas vezes se rebelaram, a suas tropas, que lutaram valorosamente com ele, e a seus amigos que o decepcionaram. Mesmo no grande fracasso da sua vida, o Senhor o trouxe de volta, quando contrito e arrependido ele se lembrou da lealdade do Senhor.

A sabedoria de Salomão, filho de Davi, baseou-se na lealdade de Deus para com ele e no seu anseio de ser leal a Deus. Provérbios está cheio de lealdade e fidelidade. "Não te desamparem a benignidade e a fidelidade; ata-as ao teu pescoço, escreve-as nas tábuas do teu coração. E acharás graça e boa compreensão diante de Deus e dos homens" (Provérbios 3:3-4). "O que torna agradável o homem é a sua misericórdia" (Provérbios 19:22).

Por todas as Escrituras, lealdade a Deus significa colocá-lo em primeiro lugar, renunciar a qualquer outro falso deus e demonstrar aos outros a fidelidade do Senhor para conosco.

Isso nos leva à terceira mensagem importante de Rute. *Lealdade é o vínculo que une a família de Deus*. O Senhor do impossível retém suas bênçãos até que expressemos sua lealdade em nossos relacionamentos. A cruz é o exemplo do extremo a que a lealdade deve ir. É através das lentes do Calvário que podemos ver um ao outro e dizer o que Deus nos diz: "Não o deixarei! Você pertence a mim; não renunciarei a você nem o deixarei partir."

Mais uma pausa para reflexão: Quem precisa saber disso? De quem você precisa ouvir ou sentir isso?

As recompensas da lealdade são inerentes a ela. Lealdade é a própria recompensa, porque ela satisfaz a uma necessidade dada por Deus. Ele nos criou para si mesmo e para um profundo relacionamento uns com os outros. Cumprimos o nosso destino quando somos leais. Tornamo-nos como nosso Deus. Tudo o que aconteceu a Rute — as bênçãos que recebeu e a felicidade que experimentou — foi por ela se ter sujeitado à lei espiritual da lealdade.

Talvez você esteja dizendo: "Espere um pouco, Lloyd. O que fazemos quando as pessoas nos desapontam ou fazem essas coisas indignas da nossa lealdade?" isso nos compele a examinar mais a fundo os ingredientes da verdadeira lealdade. A fidelidade deve ser demonstrada juntamente com a honestidade, a franqueza, a exortação e o ânimo. Quando as pessoas fazem coisas que ferem nossa lealdade, precisamos amá-las o bastante para partilhar com elas a nossa percepção do que está errado. A lealdade não é cega. Antes, vê a pessoa através dos olhos do amor — o que ela é e pode ser. A franqueza é, sem

dúvida, necessária a uma lealdade saudável. Deslealdade é fazer comentários acerca de uma pessoa em vez de ir diretamente a essa pessoa, objeto de tais comentários. Prometi a Deus, anos atrás, que jamais diria algo acerca de uma pessoa que já não tivesse dito a ela própria, ou que não fosse capaz de dizer--Ihe dentro de vinte e quatro horas. Tenho quebrado essa promessa, o que me forçou a buscar o perdão e fazer restituição. Todavia, o esforço por cumprir essa promessa tem cimentado relacionamentos de mútua confiança. Todos nós precisamos de pessoas que nos aconselhem ou nos critiquem. Aqueles que nos contam um fuxico, por certo vão fuxicar a nosso respeito. Devemos conversar com Deus acerca das coisas que nos incomodam no tocante às pessoas, e depois conversar diretamente com as pessoas na perspectiva dessas orações.

E se elas em vez de nos ouvir, continuarem magoando-se e destruindo-se a si mesmas e aos outros? Permaneçamos leais! Lealdade não é aprovação. É a ação de um tipo de amor que dá, perdoad e ama apesar de tudo. A lealdade não nega o certo nem desculpa a irresponsabilidade. Na verdade, por causa da lealdade não podemos permanecer alheios nem fingir que não percebemos o comportamento que destruirá essas pessoas. Comprometer-se com a lealdade significa envolvimento coerente no esforço de ajudar os outros a descobrir e fazer a vontade de Deus. Isso não é fácil e exige esforço incansável. Todos nós temos falhado repetidas vezes em ajudar as pessoas a expressar o seu potencial.

Esse é o motivo de a exortação e o estímulo serem elementos tão essenciais à lealdade. Exortar é descobrir os alvos reais das pessoas e estimulá-las a atingi-los. Estimular é aproximar-nos delas e incentivá-las. Ter amigos que partilham de nossos sonhos e desejam o melhor que Deus tem para nós é provar um pouco do céu. Mas ter amigos assim requer que sejamos esse tipo de amigo. William James disse: "O princípio mais profundo na natureza humana é o anseio de ser amado." Só Deus pode satisfazer a esse desejo. Não há sentimento de apreço mais profundo por uma pessoa do que compreendê-la. Isso significa conhecer tanto suas esperanças como também suas mágoas, e ser um incentivador leal enquanto elas correm em direção de seus alvos.

Boaz conferiu a Rute honra e reconhecimento por causa da sua lealdade. Excelência é ser tudo o que Deus deseja que sejamos. E o ponto de partida é a nossa aceitação de sua lealdade, expressa numa lealdade imorredoura a ele, a qual florescerá em lealdade duradoura para com as pessoas de nossa vida.

CAPÍTULO DOZE  
**EBENÉZER**  
*Samuel*

Faz algum tempo, um grupo de seminaristas me visitou para conversar sobre pregação. Um deles fez uma pergunta muito pessoal: "Na hora de se levantar para pregar, o que passa pela sua mente ao olhar para a congregação? O que sente quando olha para as faces das pessoas?" Ao responder, percebi que penso e sinto o mesmo quando inicio um capítulo de um livro: identificação, compaixão, amor.

Os meus leitores se transformam numa única pessoa diante dos meus olhos. Mediante o dom do discernimento vejo abaixo da superfície. O que me escreveram, o que confidenciaram em conversas particulares ou tornaram público em debates, tudo isso forma uma única voz que estrondeia, em minha mente e alma, a necessidade real das pessoas. De repente, sinto-me ferido com as suas feridas, sofro com as suas dores, espero com as suas esperanças, e desejo ser corajoso em seus desafios. Ao mesmo tempo, devo ser honesto acerca de uma profunda ansiedade: que o que escrevo faça diferença.

E isso é especialmente verdadeiro à medida que escrevo este capítulo. Meu



desejo é que ele seja uma separação significativa, um intervalo abençoado entre o passado e o futuro. Ouvindo o pulsar das esperanças e mágoas das pessoas, estou consciente de que muitos precisam de curar suas recordações. Precisamos desprender--nos do passado e avançar para o futuro como pessoas livres. O propósito deste capítulo é ajudar o leitor a dar início a um novo passado. E ele começa agora mesmo. A maneira como lidamos com as lembranças que nos perseguem ou embaraçam é que vai determinar que tipo de episódio passado vamos reviver hoje.

Três pressuposições reforçam o que desejo dizer: (1) Se não experimentarmos a cura do passado, iremos repeti-lo; (2) sem a cicatrização das lembranças, nada aprendemos do passado; e (3) a única maneira de mudar o passado é reconhecê-lo e em seguida renunciá-lo.

Somos tentados a lidar com o passado usando maneiras impróprias. O remorso é uma delas. Muitos de nós o sentimos. Fazemos um retrospecto de nossas ações ou omissões, e a dor oculta do remorso pulsa dentro de nós. "Por que agi daquela maneira?" "Por que permiti que aquelas palavras escapassem da minha boca?" indagamos. Por algum tempo, em minhas orações matutinas, pedia ao Senhor que colocasse um freio na minha língua. Anseio reagir ao movimento de seu Espírito, antes de abrir a boca. Você se sente assim? Naturalmente que sim. E quanto aos resíduos de remorsos cuidadosamente acumulados e ainda não solucionados? Fracassos, tolices, erros, oportunidades mal empregadas. E dizemos a nós mesmos: "Que direito tenho de ser feliz com lembranças desse tipo?"

Outros sentem pesar pelo passado. Embora não tão profundo como o remorso, o pesar também perturba a felicidade presente. "Se ao menos eu pudesse fazer aquilo de novo!", confessamos. As faces das pessoas que ferimos, negligenciamos ou maltratamos desfilam em nossa mente.

Ainda outros sentem aguda recriminação, ao tomar o passado em suas próprias mãos e assumir a responsabilidade do castigo. Criticamos os outros pelo que fizeram ou deixaram de fazer, ou, o que é pior, recusamo-nos a perdoar o que alguém nos fez. A lembrança se infecciona como uma farpa em nossa alma. Tomamos o controle de nossa parte do Universo e exigimos a abdicação de Deus, o único que pode nos absolver, ou aos outros pelo que fizemos ou fomos.

Ainda outros usam a renúncia. Sem purificar o passado, fazemos firmes promessas de agir de maneira diferente no futuro. Tentamos fechar a porta sobre o que já fomos, mas só conseguimos calar os dragões da memória. De vez em quando eles despertam em nossa consciência e ensaiam retomar a antiga cena numa nova situação. A renúncia de nossas lembranças parece muito espiritual. A única coisa errada é que ela não dá certo.

Na verdade, nenhuma dessas maneiras de lidar como o passado funciona. Só há um jeito de curar as recordações: *É regozijar-nos com o passado!* Você leu direito. *Regozijar-nos*. Seja o que for que nos leve a regozijar com o que aconteceu a nós e à nossa volta, inclusive as lembranças mais dolorosas, esta é a única forma de encontrar alívio. Significa voltar ao passado e superar, em comunhão com o Mestre, o que dissemos ou fizemos a alguém ou o que foi dito e feito a nós. Quando o ouvimos perdoar, a nós e aos outros, somos então capazes de perdoar a nós mesmos e aos outros. Então podemos regozijar-nos com o que aprendemos, permitir que escorra o pus da ferida e se cicatrize a carne nua da memória, agora purificada. O Senhor nada desperdiça e tudo faz para aproximar--nos mais a si e uns aos outros.

Foi isso o que Samuel fez por Israel. Samuel foi o profeta mais importante

desde Moisés, e também o último juiz de Israel. Prestamos um grande desserviço à memória desse grande homem, lembrando-nos dele como alguém que, embora relutante, aceitou a reivindicação de Israel por um rei, e ungiu a Saul e mais tarde a Davi. Seu melhor momento como servo especial de Deus se deu antes desses eventos. No final do período dos juizes, ele se projeta como aquele que cura lembranças, ao ajudar Israel a se arrepender e a regozijar-se com os fracassos do passado. Samuel preparou Israel para uma nova era, forçando-o a abandonar as lembranças das derrotas. Através dele entramos na posse de uma palavra que é agora a senha para o poder de Deus que cura as recordações: *Ebenézer!*

Em hebraico, "Ebenézer" significa "a pedra de ajuda". Samuel a usou numa época de vitória sobre os filisteus. Ele colocou uma enorme pedra entre Mispa a Sem, e a chamou Ebenézer, ao declarar: " 'Até aqui nos ajudou o Senhor' ". Ele tomava uma recordação amarga, de anos de derrota, e a substituía por um memorial, uma pedra de gratidão. Através dos séculos, o vocábulo se associou tanto com a oração de Samuel: "Até aqui nos ajudou o Senhor", que o significado passou a ser quase sinônimo. Israel se transformou pela purificação de recordações dolorosas mediante novas lembranças de louvor. Samuel tomou-se um dos grandes do Antigo Testamento porque fez de seu caráter um exemplo, ensinando a Israel a verdade liberadora do relacionamento inseparável entre a gratidão e a grandeza.

Alguns parágrafos de acontecimentos passados delineiam as implicações da liderança de Samuel para a nossa vida hoje. O grande profeta e juiz de Israel assumiu a liderança no período turbulento perto do final da colonização de Canaã e do início da monarquia hebréia. Ele nasceu no declínio do período dos juizes, quando Israel caiu de joelhos, não em adoração a Iavé, mas diante da humilhante derrota imposta pelos filisteus. O capítulo um de 1 Samuel revela que o profeta era um presente de Deus em resposta às orações insistentes de sua mãe. Ao dedicar Ana o filho ao Senhor na presença do sacerdote Eli, disse: "Por este menino orava eu; e o Senhor me concedeu a petição, que eu lhe fizera. Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver" (1 Samuel 1:27-28). Na oração de louvor que se segue, podemos perceber porque a gratidão se tornou a fonte da grandeza do filho de Ana nos anos posteriores. O rapaz assimilava bem a sua lição aos cuidados de uma mãe agradecida. A atitude de gratidão de Samuel permitiu a Deus usá-lo num dos períodos de maior ingratidão de Israel.

Ana deixou seu filho com Eli, para que o auxiliasse na ministração dos atos sacerdotais diante do Senhor. Foi ali que Samuel captou a sua chamada do Senhor. Em uma época em que a palavra do Senhor era rara e as visões pouco freqüentes, ele chamou a Samuel pelo nome (1 Samuel 3:1). Primeiro, o jovem pensou que era Eli a chamá-lo. Ele não conhecia o Senhor. Após chamadas repetidas e depois do conselho de Eli de que se ele ouvisse de novo a chamada provavelmente seria da parte do Senhor, deu-se o encontro decisivo. "Samuel! Samuel!", chamou o Senhor. Samuel respondeu com as palavras que lhe ensinara Eli. Elas haveriam de se transformar na essência do poder do futuro líder: "Fala, Senhor, porque o teu servo ouve" (1 Samuel 3:9). O Senhor disse ao jovem Samuel que estava para fazer uma grande coisa em Israel. Teria início com o julgamento da casa de Eli, por causa dos pecados que seus filhos cometeram ao tomar a oferta de sacrifício do povo e usá-la para satisfazer a si mesmos. No dia seguinte, Eli insistiu com Samuel a que lhe contasse o que o Senhor lhe havia dito. Foi um instante de verdade com sérias repercussões para o velho sacerdote,

que fora indulgente para com seus filhos. Eli confirmou que Samuel era profeta do Senhor. Daquele dia em diante todo o povo de Israel passou a respeitá-lo como tal. Posteriores revelações do Senhor vieram fortalecê-lo como profeta sobre o povo.

Seguem-se, então, três capítulos que nem mencionam Samuel.

Mas o que aconteceu em Israel naqueles anos compôs o cenário para o melhor momento do profeta. Os exércitos de Israel foram derrotados num local chamado Ebenézer. Logo em seguida os filisteus capturaram a Arca da Aliança, símbolo da presença do Senhor. Eli morreu e sua nora expressou o estado de espírito de todo o Israel ao chamar a seu filho recém-nascido de Icabode, que quer dizer: "Foi-se a glória de Israel." Suas palavras manifestavam a lastimosa condição do povo de Deus: "Foi-se a glória de Israel, pois foi tomada a arca de Deus" (1 Samuel 4:21).

Mas Deus foi fiel à sua aliança. Embora seu povo amado e escolhido persistisse no culto a Baal e a Astarote, acrescido de um vago compromisso com ele, Deus não desistiu dele. A captura da Arca só trouxe problemas aos filisteus. A história nos lega um fato irônico: os israelitas adotaram os deuses dos filisteus e falharam; os filisteus tentaram obter o poder de Iavé mediante a Arca e falharam! Dentro daquela Arca achava-se a razão do fracasso: as tábuas dos mandamentos, que iniciavam: "Não terás outros deuses diante de mim". Nem Israel nem as nações inimigas poderiam zombar de Iavé! Por fim, os filisteus clamaram: "Livremo-nos dessa Arca!" E ela foi devolvida a Israel. A devolução da Arca causou uma reação inesperada no povo de Deus. Em vez de júbilo e folguedos, houve um arrependimento nacional.

O povo se dirigiu a Samuel para pedir-lhe que oferecesse um sacrifício que expressasse a lamentação deles e o seu anseio pelo poder de Deus. Samuel foi categórico em dizer-lhes que o Senhor só os abençoaria se todos os ídolos de Baal e de Astarote fossem removidos. Lembrando-se do tom incisivo de Gideão acerca do culto pagão, Samuel sabia que o primeiro passo para um reavivamento em Israel era varrer da terra os ídolos e falsos deuses. *A cura de nossas lembranças sempre começa com uma volta decisiva ao Curador.*

O profeta levou o povo a Mispa, onde os dirigiu em adoração a Iavé. A notícia de que o povo de Israel se ajuntara chegou aos filisteus, que decidiram atacar. Quando os israelitas perceberam a aproximação dos filisteus, entraram em pânico e apelaram a Samuel para que clamasse ao Senhor por socorro. Tudo por que passara Samuel o havia preparado para esse momento. Uma geração inteira havia vivido e lutado sem testemunhar uma intervenção marcante do Senhor do impossível. A percepção do pecado de sincretismo e a impossibilidade de enfrentar o poderio militar dos invasores tornaram-nos receptivos ao que Deus sempre estivera pronto a dar -lhes. Samuel sacrificou um cordeiro. Em resposta, o Senhor apareceu na forma de uma violenta tempestade sobre os filisteus, que fugiram atemorizados. Israel aproveitou para atacar, expulsando-os até Bete-Car. O povo sabia que o Senhor vencera a batalha. A vitória do Senhor havia confirmado a contrição do povo.

Depois de ganhar a batalha, Samuel, em gratidão a Deus, construiu um altar e o chamou Ebenézer, a pedra da recordação. Diante de todo o povo ele disse: "Até aqui nos ajudou o Senhor." Ana teria ficado satisfeita, pois sua gratidão se tornou o poder da grandeza de seu filho. *O agradecimento nos prepara para um futuro triunfante.*

Todos nós precisamos dar graças pelo que passou e pelo que virá. A

expressão "até aqui" implica em reflexão e reconsagração. Duas coisas se salientam neste episódio central da vida de Samuel para a nossa atual peregrinação.

A primeira é que a *nossa capacidade de recordação, dada por Deus, deve ser enchida com a sua graça e com a nossa gratidão para compensar as severidades de nossos fracassos*. Quanta sensibilidade da parte de Samuel ao chamar de Ebenézer o seu altar de louvor! Anos atrás, os israelitas gemeram de dor pela derrota no local conhecido por Ebenézer. Não lhes seria possível esquecer essa derrota até que formassem uma nova imagem deles próprios, como um povo vitorioso e abençoado.

Isso possui tremendas implicações para nós. Todas as lembranças inquietantes devem ser trazidas à superfície mediante o poder transformador do Espírito Santo. Enquanto o Espírito não colocar novas memórias em nossa mente, em substituição às que nos enfraquecem, transformar-nos-emos nas derrotas do passado. Nosso Ebenézer é o local de descanso para a gratidão no meio das fortes correntes de nossa experiência. Somos forçados a louvar e a dizer: "Até aqui nos ajudou o Senhor." Podemos reconhecer os fracassos com o perdão do Senhor, e em seguida nos despojarmos deles, regozijando-nos com o que aprendemos.

Todos nós experimentamos o poder das memórias ruins em momentos quando menos esperamos. Uma face familiar ou uma série de circunstâncias traz de volta a percepção de nossa falta de coragem ou os resultados de algum compromisso. Revivemos toda a sujeira de nossas imperfeições. Então o Senhor começa a nos ensinar através do que já passamos. Jesus nos lembra que apenas Aqueles que foram perdoados muito possuem muito amor (Lucas 7:47). E, então podemos dizer: "Ebenézer! Até aqui me ajudou o Senhor!"

A segunda coisa que aprendemos com o Ebenézer de Samuel é que o *Senhor é o grande curador de recordações*. Ele sabe que não podemos agarrar o presente nem nos entregar ao futuro enquanto as recordações enfraquecedoras do passado não forem apagadas. Samuel ajudou Israel a lidar com o passado e a prosseguir para o desafio do futuro.

A expressão *até aqui* denota esse futuro. Ela não sugere que o povo de Israel já o tivesse alcançado, mas que o Deus que os trouxe até ali reservava-lhes um futuro empolgante.

Que recordações do passado ainda o perseguem e embaraçam? Ha recordações de mágoas que recebemos e infligimos. Pessoas de nosso passado remoto começam a surgir em nossa mente. Os demônios da culpa reprimida espreitam em nosso baú de recordações. Mas há, também, lembranças de triunfos, as quais, por acedermos à tentação, reivindicamos como realização nossa. O orgulho nos invade e nos distancia do louvor. Precisamos de um Ebenézer a lembrar-nos que foi o Senhor que nos trouxe até aqui, e não nossa inteligência ou habilidade.

Paulo conhecia a essência do Ebenézer que sempre se repete. "Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3: 13-14). Jamais chegamos à perfeição. Esta vida não pode conter tudo o que nosso Senhor preparou, e por isso precisamos da eternidade. Spurgeon captou a dinâmica da expressão *até aqui*, quando afirmou:

A expressão. . . aponta para algo mais além. Pois quando alguém chega a certo limite e escreve "até aqui", ele não está ainda no fim; há ainda um longo

caminho a ser percorrido. Mais provações, mais lutas, mais vitórias; e então a doença, a idade avançada, a debilidade física, a morte. Agora chegou ao fim? Não! Há mais ainda — despertar à semelhança de Cristo, tronos, harpas, canções, salmos, vestes brancas, a face de Jesus, a comunidade dos santos, a glória de Deus, a plenitude da eternidade, a infinidade de alegria. Oh, tenha bom ânimo, crente, e com grata confiança edifique o seu "Ebenézer".

Nossa confiança é que o Senhor, que até aqui nos tem ajudado, há de acompanhar-nos através de toda a nossa jornada! John Newton conhecia essa verdade. Cristo redimiu a sua vida, libertou-o do orgulho e da petulância e concedeu-lhe uma experiência tal de seu amor que ele pôde dar ao mundo muitos hinos de louvor, entre eles "Maravilhosa Graça". De traficante de escravos tornou-se ministro do evangelho e uma testemunha agradável e descontraída da liberdade de Cristo.

O epitáfio colocado em seu túmulo sintetiza o que Deus pode fazer quando começamos um novo passado:

JOHN NEWTON, ministro  
Outrora ateu e libertino  
Traficante de escravos da África:  
Foi pela rica graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo,  
Preservado, restaurado, perdoado  
E chamado a pregar a fé Que antes lutou tanto para destruir.

Só Cristo pode lidar com as nossas lembranças. Ele persiste conosco até que nos regozijemos. Para cada erro ou fracasso, ou para cada ação enfraquecedora ou destrutiva contra nós, o perdão é o único caminho para a liberdade que nos conduz ao futuro. Se tentarmos julgar ou expiar por nós mesmos e pelos outros, tropeçamos, e o passado fica trancado como fogo em nossos ossos. Samuel Johnson costumava dizer: "O sábio se apressa a perdoar, pois conhece o real valor do tempo". Só podemos obter a saúde interior através do perdão — e este é a única coisa que não podemos dar enquanto não o recebemos. Perdoar aos outros é o sublime resultado de perdoar-nos a nós mesmos como perdoados pela cruz.

Lembro-me de passar por um cemitério algum tempo atrás e notar uma lápide. A palavra "perdoado" estava gravada no centro do mármore, e ao fundo estava o nome de um líder cristão pioneiro naquela cidade. "Perdoado" é o segredo de um novo passado.

O Novo Testamento contém o Ebenézer de todas as épocas. E a pedra sobre o túmulo de Cristo no jardim de José de Arimatéia. foi colocada na porta do sepulcro onde depositaram o corpo sagrado do Salvador. Mas Deus teve a palavra final. Ele removeu a pedra e ressuscitou a Jesus dentre os mortos. Ele expiou na cruz todas as nossas recordações. Elas foram sepultadas com Cristo. Agora, a pedra entre nós e o futuro está removida, e uma nova

vida pode começar. Como Paulo declara: "Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nos em novidade de vida" (Romanos 6:4). Ebenézer! Até aqui nos conduziu o Senhor — até aqui nos ajudou o Senhor.

A estátua que Miguel Ângelo esculpiu de Davi e Golias, atualmente em um jardim de Florença, Itália, foi feita de um pedaço de mármore que outro artista havia rejeitado e jogado fora. Isso é o que Deus faz com o nosso passado. O que rejeitamos, ele transforma um algo de beleza duradoura. Ele nos dá poder para

regozijarmos com a nova pessoa que ele esculpiu das experiências infelizes de nossos dias passados. Nossa atenção, agora, pode concentrar-se no que será, em vez de no que tem sido. Deus afirma: "Dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jeremias 31:34). E dizemos com o salmista: "Não te lembres dos pecados de minha juventude." Porque o povo de Israel se arrependeu e confiou em Deus pela vitória em suas batalhas, um antigo Ebenézer de derrota humilhante se transformou num novo Ebenézer de humilde deleite.

O "até aqui" de Deus implica na promessa de "daqui em diante". Samuel experimentou essa verdade. O resto de sua vida foi uma luta com a exigência de Israel por um rei, em vez de firmar-se na confiança em Deus somente. Ele viu seu povo aceitar a vontade provisional de Deus por recusar a vontade perfeita desse mesmo Deus. Ele viveu através dos erros de Saul e encontrou a Davi um rei "segundo o coração de Deus". Os dias turbulentos dos últimos anos da vida de Samuel tiveram muitos Ebenézeres. Mas o que ele disse em sua primeira resposta ao chamado do Senhor permaneceu como a doutrina de sua vida. "Fala, porque o teu servo ouve." O profeta ouviu com toda atenção e respondeu com expressividade. "E julgou Samuel todos os dias de sua vida a Israel" (1 Samuel 7:15).

Robert Robinson imortaliza o Ebenézer de Samuel e ajuda-nos a reclamar o nosso no hino "Fonte Tu de Toda Bênção".

Cá meu Ebenézer ergo,  
Pois Jesus me socorreu;  
E, por sua graça, espero Transportar-me para o céu.

Qualquer de nós que tenha erguido um Ebenézer de cura das recordações, e da alegria de antecipar o futuro, sabe que já voltou para o lar. Os problemas da vida ou o poder da morte não nos podem assaltar. Bem-vindo ao lar, agora e para sempre. Ebenézer.

#### CAPÍTULO TREZE

## **RETARDANDO A AÇÃO DO IMPOSSÍVEL** ***Saul, um Rei Obstinado***

*Até* aqui, em nossa consideração do Senhor do impossível, vimos os exemplos do que ele pôde fazer nas vidas dos que cooperaram com ele. Agora, devemos ser tão honestos quanto a Bíblia no que diz respeito à nossa espantosa capacidade de limitar o poder do Senhor em nossas vidas. Há ocasiões em que nossas atitudes e ações claramente indicam que nada queremos com Deus. O que mais assusta é que às vezes ele nos dá o que queremos.

Deus, embora todo-poderoso, nos deu a capacidade de aceitar ou rejeitar suas intervenções em nossas impossibilidades. Recebemos tanto a vontade quanto a liberdade de escolha. Esse é o nosso potencial. Deus nos deu a habilidade de discernir e de fazer a sua vontade. Quando a fazemos, coisas admiráveis acontecem. Mas podemos também recusar suas propostas de amor e terminar com o mínimo, em vez de com o máximo que ele almeja para nós. E esse é o nosso problema.

Um dia desses, conversava eu por telefone com um velho amigo. Ele havia

restringido o Senhor em todas as situações, e dito um *não* à orientação divina. Agora ele se encontrava numa confusão, conseqüência natural de uma série de escolhas contrárias ao que ele sabia ser correto. Quando seu casamento se tomou monótono, ele, em vez de procurar ajuda, permitiu que uma paixão louca por outra mulher chegasse a um caso amoroso, que acabou por destruir tanto o seu casamento como o da amante. Sem desejar de fato continuar casado, ele exteriorizou sua frustração mediante ações que não deixaram à esposa outra escolha, senão pedir o divórcio. Quando sua vida profissional foi por água abaixo, ele começou a indagar por que Deus permitira tudo isso. Senti-me levado a retrucar: "Não é isso o que você desejava?" Seus verdadeiros desejos se tornaram realidade.

A mesma coisa, só que num contexto diferente, aconteceu a uma mulher que resistia constantemente à afeição do marido. Ele veio me consultar acerca do que fazer. Sugerí-lhe que parasse de aca-ricia-la e conversar com ela por algum tempo. Algumas semanas mais tarde a esposa veio me consultar. "O que aconteceu com meu marido?" perguntou-me zangada. Quando ela descreveu a frieza com que ele a tratava, perguntei: "Não era isso o que você vinha pedindo, de mil maneiras, que ele fizesse?" Ao perceber isso, ela assustou-se e encarou o problema mais profundo da manipulação mediante o afeto que dava ou negava.

Um diácono desabafou a triste história do que acontecia em sua igreja. Não havia vitalidade, crescimento, entusiasmo. Ele censurava o pastor. Algumas perguntas incisivas acerca da dinâmica real da situação revelou uma luta de poder entre ele e o pastor. A conversa revelou que o homem vinha desfazendo todo o esforço do pastor para reavivar a igreja. Agora, com a igreja dividida ele solicitou que o pastor entregasse o cargo. "Por que Deus não interfere e reaviva a nossa igreja?" perguntou ele. "E isso o que você realmente deseja?" respondi. "Parece que você tem desejado justamente o oposto, e obtido os seus desejos."

Recentemente, ao término de uma reunião, uma mulher me deteve para conversar. Ela estava preocupada com o fato de Deus não ter respondido a suas orações. Quanto mais falávamos sobre seu caso, tanto mais me tornava cômico de incidentes específicos nos quais ela rejeitava as respostas de Deus devido à sua religião, que dava ênfase à auto-justificação. Ela achava difícil entregar suas necessidades a Deus, temendo perder o controle de sua vida. "Você deseja realmente que Deus responda às suas orações?" perguntei. O seu sim soou como um não. Ela tinha dado a Deus a agenda dela. Na realidade, ele tentava fazer com que ela vivesse pela agenda dele. Quando ela resistia, por algum tempo Deus permitia o mais profundo desejo dela, implícito nas entrelinhas de suas orações. Ele lhe deu a liberdade de viver a sua própria vida. É alarmante refletir que, em algumas ocasiões, Deus nos dá o que realmente desejamos! Mesmo quando perdemos o seu melhor para nós, ele espera abençoar-nos até que busquemos de todo coração a sua vontade. Essa mulher teve de sofrer muitos desgostos até que, afinal, rendesse sua vontade ao Senhor.

Esses exemplos são alarmantes. Mais alarmante ainda é saber que uma multidão de membros da igreja são apanhados na sín-drome de necessitar das intervenções de Deus e resistir a elas. camuflamos a nossa obstinação com uma fachada de religiosidade. As vezes nos ocupamos no trabalho de Deus e não o desejamos de verdade. De milhares de maneiras adiamos as suas intervenções em nossos problemas. Persistimos em controlar as pessoas e as situações, rejeitamos a orientação que exige mudança de comportamento, e continuamos com padrões que intensificam as próprias dificuldades acerca das quais oramos.

É possível entrarmos para o Cristianismo sem ao menos entregar nossa vontade ao Senhor. Nossa vida pode se limitar ao que podemos fazer mediante a nossa própria força, sem ele. A oração pode se tornar vazia. É possível nossas igrejas se transformarem numa série de cultos e atividades que jamais nos levem a um decisivo encontro com o Deus vivo. A vida que realmente desejamos é a que obtemos!

Duro demais? Talvez. E, não obstante, essa possibilidade levou--me a alguns dos diálogos mais honestos que jamais tive com as pessoas. Muitos têm sido forçados a perceber que os problemas mais graves são causados pela falta de um relacionamento íntimo com Deus. Sinto-me feliz em dizer que o choque de constatar que suas palavras e ações traíam uma resistência obstinada a Deus, por fim os levou a uma genuína experiência de seu amor e poder.

Essa análise moderna, de uma das necessidades mais prementes de muitos cristãos, prepara o cenário para nosso exame de Saul, o primeiro rei de Israel. O propósito deste capítulo é mais que estudar o seu caráter. Ele tem aplicações repetidas para a vida atual. Saul mostra-nos um lado que muitos de nós precisamos encarar e pedir poder para mudar. Em Saul vemos a aterradora possibilidade de dizer não a Deus por tanto tempo que perdemos o desejo de dizer sim. Podemos ver o que acontece quando sempre damos as costas às aproximações do Senhor. A vida de Saul é um exemplo vivido da verdade perturbadora de que podemos receber o que desejamos. E, em análise final, Saul realmente não queria a Deus!

Em 1 Samuel 9, encontramos Saul pela primeira vez. De saída, defrontamo-nos com o seu misto de promessas e problemas, vantagens e desvantagens, forças e lutas. Saul possuía excelentes antecedentes familiares. Ele era filho de Quis, herdeiro de uma tradição de coragem da pequena tribo de Benjamim. Consta que ele era "moço, e tão belo que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele; desde os ombros para cima sobressaía a todo o povo" (1 Samuel 9:2). Essa explanação da sua estatura física contrasta-se com o que sugere a história que vem a seguir:

Quis mandou que Saul e um servo fossem procurar algumas jumentas extraviadas. Procuraram por muito tempo e chegaram A terra de Zufe, onde Samuel morava. Saul decidiu que a busca *era* inútil. O servo, não Saul, deu a seguinte sugestão: "Nesta cidade há um homem de Deus, e é muito estimado; tudo quanto ele diz, sucede: vamo-nos agora lá; mostrar-nos-á, porventura, o caminho que devemos seguir" (1 Samuel 9:6). Deduzimos deste versículo que Saul nada sabia acerca de Samuel ou das grandes questões que Israel enfrentava. Como seria possível um jovem, com o potencial de liderar a nação contra seus inimigos, não conhecer o profeta de Deus do momento?

O encontro com Samuel revelou mais que o modo de encontrar as jumentas. Nele, o profeta anunciou a Saul o que o Senhor lhe havia dito. O filho de Quis deveria reinar sobre o povo de Deus e comandar os seus exércitos na incessante batalha contra os filisteus. Samuel ungiu a Saul e deu-lhe instruções misteriosas. Ele devia seguir para casa, pois no caminho encontraria dois homens que lhe dariam o relato da recuperação das jumentas. Mais além, ele encontraria três homens a caminho de Betel, onde sacrificariam, os quais lhe dariam bolos de pão, que ele devia receber. Logo a seguir, Saul encontraria um grupo de profetas. "O Espírito do Senhor se apossará de ti, e profetizarás com eles, e tu serás mudado em outro homem" (1 Samuel 10:6). Para Saul, isso deve ter soado um tanto místico e estranho. Tudo o que desejava era encontrar as suas jumentas. Agora, via-se recrutado pelo Senhor para ser rei de Israel e



general dos seus exércitos. Não há registro de uma resposta da parte de Saul. A instrução final de Samuel era mais desconcertante que as outras. No futuro, Saul devia ir a Gilgal onde o profeta ofereceria holocaustos e apresentaria ofertas pacíficas a Deus. As ordens eram que Saul aguardasse ali sete dias, e então Samuel lhe diria o que fazer. A hierarquia do comando estava claramente estabelecida: o Senhor, seu profeta e o rei designado. Samuel tinha plena certeza de que este rei o manteria informado de tudo. Se Israel exigia um rei, este cumpriria as ordens do profeta.

Quando Saul deixou Samuel, experimentou um movimento dinâmico do Espírito do Senhor dentro dele. Era uma confirmação de tudo o que o profeta lhe revelara. A informação que temos é que Deus deu-lhe um novo coração, isto é, ele foi dotado de uma nova disposição, de uma abertura para com o Senhor, de um desejo de servi-lo e de uma certeza de sua chamada. Outrora, os anseios e a disposição de Saul consistiam em preocupar-se consigo mesmo e com suas responsabilidades domésticas. Não há referência alguma de que ele tenha tido uma experiência prévia com o Senhor, algum interesse nele, em suas bênçãos ou na situação do povo.

A caminho de casa, tudo o que Samuel disse aconteceu. De tudo, o mais importante foi seu encontro com o grupo de profetas, o qual lhe deu uma nova experiência com o Senhor. Como havia recebido um novo coração, Saul agora se enchia do Espírito do Senhor. Ele se uniu aos profetas, o que resultou, pelo que se presume, numa combinação de elocução profética, louvor extático e canto exuberante. E o mais significativo foi o espanto de seus compatriotas, atônitos, a comentarem uns com os outros: "Que é isso que sucedeu ao filho de Quis? Também Saul entre os profetas?" (1 Samuel 10:11). Essa indagação realça ainda mais a falta de religiosidade na vida de Saul.

E para Saul, o que tudo isso significava? Sabemos que quando ele encontrou seu tio e este inquiriu acerca das jumentas, ele relatou seu encontro com Samuel. O tio, sem dúvida cômico da experiência de Saul com os profetas, e muito interessado no que havia acontecido quando ele esteve com Samuel, pediu-lhe: "Conta-me, peço--te, que é o que vos disse Samuel?" A resposta veio cheia de reservas e estranhas precauções. Nada disse de sua chamada, de sua unção para ser rei ou do novo coração que o Senhor lhe deu e vivificou com o seu Espírito. Alguns podem interpretar a ação de Saul como humildade. Entretanto, eu gostaria de conhecer a real sensação de Saul acerca da sua experiência ou da urgência da sua chamada para conduzir os exércitos de Israel contra o inimigo.

Evidência posterior a esse respeito vem à tona quando Samuel reuniu o povo de Israel em Mispa. Uma vez mais o povo pediu um rei que reinasse sobre eles. Com relutância, Samuel, seguindo a orientação do Senhor de dar-lhes um rei, anunciou que este seria escolhido da tribo de Benjamim. E então, para surpresa de todos, declarou que Saul, filho de Quis, havia sido escolhido rei. Mas ninguém conseguia encontrá-lo em parte alguma. Na verdade, o -vistoso Saul estava escondido entre a bagagem! O próprio Senhor disse onde encontrar o rei. Correram e o levaram a Samuel. Estando ele no meio do povo, era o mais alto e sobressaía a todo o povo do ombro para cima. A aprovação de Samuel parecia contradizer a óbvia relutância de Saul. "Vedes a quem o Senhor escolheu? Pois em todo o povo não há nenhum semelhante a ele". E o povo exultou em ter finalmente um rei, e exclamaram: "Viva o rei!" Mas outros disseram: "Como poderá este homem salvar-nos?"

O relato do chamado de Saul expõe os problemas essenciais que o

acompanharam por toda a vida. Ele tinha grande estatura, mas pequeno caráter. Ele era qual uma torre acima de todo o povo e, contudo, se acovardava diante do desafio de liderá-los. Ele recebera poder do Senhor para uma causa que não lhe prendia, sequer, a atenção e o interesse. Pessoas como essas podem ser perigosas. Elas fazem o que se requer delas por motivos errados. Não possuem rigidez de caráter. O plano e os propósitos do Senhor se desvirtuam na necessidade que têm de reconhecimento e engrandecimento. Saul, em vez de realizar a obra de Deus pelo poder de Deus, ele a realiza para a sua própria glória.

No princípio de sua carreira militar, Saul demonstrou sair-se de forma espetacular. O Espírito do Senhor não só o abençoou nas batalhas, mas também deu-lhe uma atitude magnânima para com aqueles que zombaram da sua coroação.

Dois anos mais tarde, Saul cometeu o primeiro de vários erros fatais que deram início à sua queda. Antes de uma batalha, em vez de esperar por Samuel, que ofereceria o sacrifício, Saul assumiu a direção, fazendo-o ele próprio. As ordens do profeta eram que ele esperasse sete dias. Como Samuel não aparecesse, Saul apresentou o sacrifício sozinho. O problema era de obediência ao que o Senhor havia ordenado através do profeta. Quando Samuel chegou e inquiriu: "Que fizeste?" Saul se desculpou, acusou o povo e expressou sua impaciência. Ele havia usurpado a autoridade do profeta e recusado o equilíbrio de autoridade entre profeta e rei no cumprimento das ordens de Deus. A resposta de Samuel foi devastadora: "Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou; pois teria agora o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre. Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada, e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, por enquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou" (11 Samuel 13:13 - 14).

Podemos imaginar o pânico do coração de Saul. Ele relutara em ser rei. Então, quando a aprovação do povo e o sabor do poder começaram a preencher o seu vazio interior, ele se tornou dominador e impetuoso. Porque o Senhor e os seus mandamentos não eram a paixão da sua vida, ele persistia na desobediência. O medo de perder a sua nova glória apenas intensificou sua compulsiva determinação.

Mas não vamos ser muito duros com Saul. Ele sempre reconhecia que o poder do Senhor é que lhe dava a vitória nas batalhas que travava. Ele erigia altares para honrar a lavé. Mas a mudança fatal se efetudara. Sua chamada devia-se tanto à sua fraqueza como ao seu vigor, de modo que o povo ficasse espantado com o que Deus, não Saul, podia fazer. O que acontecia com Saul era que, apenas *para seu próprio intento e propósitos, ele desejava o poder de Deus*. Saul jamais parecia manter um relacionamento de confiança com o Senhor, de modo que pudesse entregar cada passo à estratégia divina. Embora constituído rei sob condições muito claras, ele sempre se opunha à autoridade de Deus e à distinta posição de Samuel como porta-voz do Senhor. Por não manter uma comunhão com o Senhor, ele reagia contra o inimigo sem um plano de batalha voltado para os objetivos de Deus.

A mesma coisa nos pode acontecer quando desejamos que Deus siga os nossos planos, em vez de seguirmos os dele. É possível desejarmos o miraculoso poder de Deus a fim de conseguir coisas para nós, e ao mesmo tempo impedirmos que ele nos torne íntegros e consolidados no firme fundamento de seu amor e aceitação. Deus nos quer, mas não exatamente para o que podemos fazer para

ele. Quando ele nos possui através da constante entrega de nossos desafios diários, então o impossível acontece a nós e aos que estão à nossa volta.

Mas, com demasiada freqüência, à semelhança de Saul, nos tornamos pessoas que reagem, ao invés de pessoas que agem. Partimos de um problema para outro, clamando: "Senhor, tira-me desta!", em vez de: "Senhor, ajuda-me através disto e do que vier segundo os teus alvos para mim." O poder do Senhor é para seus propósitos, e não uma muleta em que nos apoiemos enquanto vencemos um problema e nos preparamos para outro.

Muitos dos problemas de Saul eram auto-induzidos. Percebemos uma autonegação crescente, chegando à beira da autodestruição. Esse tipo de distúrbio emocional faz, normalmente, que nos tornemos intratáveis, colocando os outros em dificuldades. Por não cremos que Deus nos ama, começamos a pensar que os outros também estão contra nós. Serve como exemplo na vida de Saul o relacionamento dele com seu filho Jônatas. Um dia, Saul ordenou que nenhum de seus soldados se alimentasse até o anoitecer. Quando ele deu a ordem, Jônatas não se achava presente, pois em local distante lutava com os filisteus. Depois de conquistar um segmento das forças inimigas, Jônatas tornou a juntar-se às principais forças de Israel. Numa área da floresta, encontrou mel que gotejava de uma colméia. Por desconhecer as ordens do pai, mergulhou a sua vara no mel para se recuperar da batalha. A notícia de sua aparente desobediência chegou ao rei, e este, irado, decidiu lançar sortes entre ele e seu filho. Quando a sorte apontou a culpa de Jônatas, Saul condenou-o à morte. É estranho que Saul ordenasse a proibição na ausência de Jônatas, que, portanto, não podia ter conhecimento dela. Alguns propõem que Saul, com essa ordem, criou uma situação sem saída para o seu filho. Jônatas era um soldado muito atraente e valoroso. Suas vitórias na batalha traziam--lhe grande aclamação. Estaria Saul com ciúmes? Somente a objeção do povo salvou o rapaz.

*Quando o Senhor deixa de ser a nossa segurança, somos tentados a expor-nos à mágoa e a romper relacionamentos.* Por estarmos fora do fluxo da graça para os nossos fracassos, sem ao menos refletir criamos circunstâncias nas quais somos punidos. Nós nos voltamos até mesmo contra as pessoas mais achegadas. Quanto mais expressiva é a pessoa que nos fere, tanto mais dolorosa é a angústia que daí resulta. Quando quebramos nosso relacionamento com o Senhor, como o nosso único juiz, e, por conseqüência, nossa única fonte de perdão, planejamos para que a vida e as pessoas reforcem os maus sentimentos que temos por nós mesmos. Quando nos sentimos mal acerca de nós mesmos, é fácil criarmos situações em que as pessoas concordem com a nossa auto-estima negativa.

Isso esclarece, mais adiante, por que Saul, sob forte compulsão, fazia conscientemente aquilo que o colocaria em dificuldades com Samuel. O rei não tinha segurança de sua própria autoridade e, portanto, tinha de pôr à prova a autoridade de Samuel repetidas vezes. Na verdade, ele forçava a mão de Deus, como quando saiu para guerrear os amalequitas. Por meio de Samuel, o Senhor deu ordens claras para que não tomasse nem despojo nem prisioneiros. A ordem parece cruel, mas deve ser compreendida no contexto desse período histórico. O ponto em discussão, no presente estudo de Saul, é que ele não obedeceu às ordens. Ele tomou a Agague, rei dos amalequitas, bem como o espólio, o melhor das ovelhas, dos bois, e dos cordeiros "e o melhor que havia, e *não os quiseram destruir totalmente; porém a toda coisa vil e desprezível destruíram*" (1 Samuel 15:9). Se a motivação de Saul tivesse sido a compaixão, o caso seria bem diferente. Em vez disso, ele não fora capaz de seguir as ordens, de maneira que teve de criar uma situação que prejudicaria ainda mais o seu relacionamento com

Deus. Quando não desejamos realmente a autoridade de Deus sobre nós, insistimos em repetir aquelas coisas que abusam da sua paciência. Da mesma forma que fazemos com que as pessoas se tornem nossas Inimigas, assim também nos portamos ao resistirmos a Deus. Se não o conhecemos como um amigo, muitas vezes o projetamos na mente como um inimigo. Acabamos pensando que Deus está contra nós, em vez de a nosso favor.

A neurose espiritual de Saul revelou-se numa visível arrogância quando, logo após sua vitória sobre Agague, foi ao monte Carmelo e levantou um monumento, não para Iavé, mas para si mesmo! Quando Samuel tomou conhecimento do fato, sua dor pela desobediência de Saul transformou-se em indignação santa. O encontro do profeta com o rei nos momentos subseqüentes é cheio de drama e pesar. Ao cumprimentar Saul o profeta, suas palavras traíam o quanto ele se afastara da realidade. "Bendito sejas tu do Senhor; executei as palavras do Senhor" (1 Samuel 15:13). Mas Samuel, ao ouvir o balido das ovelhas do despojo proibido, disse: "Que balido, pois, de ovelhas é este nos meus ouvidos, e o mugido de bois que ouço?" (1 Samuel 15:14). A resposta de Saul é absurda. Ocultando o fato de haver construído um altar para si mesmo, ele protestou haver tomado o melhor das ovelhas e dos bois a fim de os oferecer ao Senhor em sacrifício. A resposta de Samuel é incisiva. Ela expõe o problema real de Saul — a insegurança, que ele jamais permitiu ao Senhor curar. "Porventura, sendo tu pequeno aos teus olhos, não foste por cabeça das tribos de Israel, e não te ungiu o Senhor rei sobre ele?" (1 Samuel 15:17). *O problema de Saul era que embora ele fosse o mais alto em Israel, ele era pequeno a seus próprios olhos.* Tornar-se rei jamais curou a ferida aberta de seu caráter. O julgamento de Samuel atingiu o âmago de seu problema. Em resposta ao protesto piedoso de Saul, de que havia tomado o despojo para o sacrificar ao Senhor, mesmo que através da desobediência, Samuel declarou: "Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em que se obedeça à sua palavra? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria e a obstinação é como a idolatria e culto a ídolo do lar. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei" (1 Samuel 15:22-23).

Essa repreensão levou Saul a cair de joelhos. Ele suplicou por perdão, por outra oportunidade e pela aprovação de Samuel para com ele diante dos anciãos de Israel. O profeta não ofereceu graça de mão beijada. Saul rejeitara ao Senhor e o Senhor deu-lhe o que suas ações diziam ser o seu verdadeiro desejo. Samuel disse-lhe que, por causa de sua rejeição do Senhor, o Senhor o rejeitara como rei sobre Israel. O reino seria transferido a outro. Quando Samuel se virou para partir, Saul se agarrou à orla de seu manto, suplicando-lhe que ficasse e o perdoasse. E tocante como o profeta ajudou Saul a adorar ao Senhor outra vez, demonstrando perdoá-lo como pessoa, porém ele perdera a oportunidade de ser rei. Esse chamado seria oferecido a outro. Saul resistira tempo demasiado ao Senhor. O Senhor não podia mais usá-lo.

Chocante? Sim. Deus perdoa, mas nosso pecado pode nos custar a posição, os relacionamentos ou o status que prezamos. Não nos atrevemos a generalizar a maneira como o Senhor tratou a Saul nem aplicá-la a toda pessoa em dificuldades por recusar-se obstinadamente a fazer a vontade de Deus. Ele é de uma originalidade sem limites na forma como nos trata. A mensagem aqui é que, se insistentemente não desejarmos a autoridade divina sobre nós, podemos tornar-nos não usáveis. Nossa rebelião pode enfraquecer nosso caráter ao ponto de nos tornarmos incapazes de grandes responsabilidades. Deus tanto amou a

Saul que não o quis na posição de rei, pois isso pioraria a sua neurose. Na verdade, Saul não desejara ser rei e muito menos o tipo de rei de que o Senhor precisava. Sem dúvida, Saul teria sido um grande rei se percebesse que suas imperfeições não eram desvantagens, mas uma oportunidade para permitir que o Senhor realizasse suas obras através dele, um homem imperfeito. Essa é a chave. Quando confessamos nossas necessidades ao Senhor, ele glorifica a si mesmo ao realizar, em nós, o que de outra forma seria impossível. Ele se deleita nisso. Quando, porém, nossa insegurança nos torna obstinados e empedernidos, negamos ao Senhor a glória de usar a nossa humanidade como um leito para o fluxo do seu poder. A relutância de Saul em confiar no Senhor, manifesta através da rebelião, finalmente resultou em ações intoleráveis. *Saul, na verdade, não aceitou a si mesmo como rei. Eventualmente, o Senhor concordou com ele!*

Saul continuou no posto de rei sem a bênção de Deus. Isso não significa que o Senhor não o havia perdoado ou deixado de amá-lo. O Senhor dava andamento ao seu propósito de preparar um novo rei. Sua escolha foi um jovem pastor de ovelhas, que amava ao Senhor de todo o coração. Davi, filho de Jessé. É interessante notar que desta vez o Senhor escolheu um homem que o conhecia, amava-o e confiava nele, antes de ser chamado para ser rei.

A esta altura, não posso deixar de abrir um parêntese, como historiador bíblico. Não seria a vontade máxima do Senhor para Saul que este servisse com grandeza alicerçada em sua graça, através de um longo reinado, e então, próximo de sua morte, fosse sucedido por Davi? Penso que sim. O tipo de rei que Saul se tornou não era o que Deus pretendia. Saul rejeitou o melhor de Deus. Mas o seu melhor para Israel não poderia ser impedido ou sacrificado no altar do ego distorcido de Saul. Nós podemos retardar o plano providencial do Senhor, mas não o podemos impedir.

Saul passou o resto da vida em defensiva manipulação. O perdão de Deus naquele dia em Gilgal com Samuel não o havia mudado. Ele resistia ao amor do Senhor em cada circunstância. Os últimos capítulos de sua vida foram cheios de intriga, discussões, suspeita e ciúme.

Davi se tomou o escudeiro de Saul e permaneceu fiel ao rei durante toda a vida dele. Temos, mais adiante, uma evidência do egoísmo de Saul quando Davi abateu Goliás. Lembremo-nos bem da história, mas se meditarmos no incidente teremos um discernimento mais profundo do que Saul sentia. As forças filistéias e as israelitas se alinharam para a batalha. O orgulho dos filisteus era um descendente de Enaque, de quase dois metros e meio de altura. Esse guerreiro sobressaía a todos os filisteus e, de armadura completa, era uma visão aterradora para os israelitas. Destes escarneceu ele com um terrível desafio: "Para que saís formando-vos em linha de batalha? Não sou eu filisteu e vós servos de Saul? Escolhei dentro vós um homem que desça contra mim. Se ele puder pelejar comigo, e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer, e o ferir, então sereis nossos servos, e nos servireis" (1 Samuel 17:8-9).

O pânico tomou conta das forças israelitas. Davi aceitou o desafio, e, com apenas uma funda e uma pedra, matou o gigante filisteu. A questão permanece: por que o homem mais alto de Israel, Saul, não aceitou o desafio em nome do Senhor e do povo? Ele permitiu que um jovem corresse o risco. E, depois da vitória de Davi, o desconfiado Saul perguntou: "De quem és filho, jovem?" Suspeitava ele que a profecia de Samuel significava que o Senhor escolheria um de seus patrícios para rei?

As suspeitas de Saul se aprofundaram e se transformaram em ciúme quando Davi se tomou um poderoso guerreiro. O povo não ajudava. Espantados

pela bravura de Davi, fizeram dele o seu herói. Depois de uma grande batalha, as mulheres cantaram em antifona: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (1 Samuel 18:7). Era o início do último capítulo da deposição de Saul. Ele fez de Davi um inimigo e um criminoso procurado, com um alto preço por sua cabeça. Saul tinha um problema consigo mesmo o qual se fixava em Davi! Sua ira e ciúme crescentes, por fim, romperam seus últimos elos com a realidade. Blasfemou ao consultar uma médium, agiu com irracionalidade e por fim suicidou--se lançando-se sobre a sua própria espada no monte Gilboa. Saul procedia desta maneira, passo a passo, ano após ano, enquanto seu ódio por si mesmo crescia em proporções monumentais. Seu último ato despótico foi tirar a sua própria vida.

Saul impedira o acontecimento impossível em sua vida e, por algum tempo, em Israel. Sua história pode parecer não ter uma aplicação para nós hoje. Ao escrever este capítulo, fui movido profundamente a pensar a respeito de nosso espantoso poder de dizer não ao máximo de Deus. Contudo, ele também levou-me de novo à cruz, à ressurreição e ao poder do Pentecoste. Cristo morreu por aquela parte de mim e de você que, obstinadamente, o rejeita. Ele nos livrou da síndrome da justificação própria que leva ao ódio de nos mesmos. Sua ressurreição nos oferece o poder da regeneração. Podemos nos tornar novas criaturas que desejem fazer a vontade de Deus. E quando o seu Espírito nos invade, e o vazio é substituído pelo seu poder, podemos dizer: "Não a minha vontade, mas a tua seja feita."

De repente descobrimos o que queremos que o Senhor faça por nós, e podemos dizer. "Senhor, quero realmente a ti, e anseio ser uma pessoa obediente. Perdoa-me os desejos superficiais de controle próprio e olha somente para o meu desejo mais profundo de conhecer-te e amar-te."

E então, na calma, nosso desejo de orar se torna um presente dele. Talvez não tenhamos tanto poder para limitar o impossível quanto pensávamos. Será que a transformação de nossos desejos de querer fazer a sua vontade é uma das maiores impossibilidades que ele realiza em nós todos os dias, neste instante? Creio que sim. E desejo essa transformação acima de tudo.

CAPÍTULO QUATORZE  
**UMA PESSOA SEGUNDO O**  
**CORAÇÃO DE DEUS**  
**Davi**

O segredo de receber o poder do Senhor do impossível é um coração aberto e receptivo. Davi exemplifica esse segredo. Ele foi chamado o maior santo e também o maior pecador do Antigo Testamento. Talvez seja por isso que o amamos tanto. Admiramos a sua força e compreendemos a sua fraqueza. Nosso coração se eleva com o seu em seus salmos de louvor, e identificamos nossa própria falibilidade em sua confissão e contrição.

A vida de Davi é um ingrediente essencial para nossa compreensão do Senhor do impossível, porque nela percebemos o que Deus pode fazer com aqueles que a ele se entregam como canais de seu poder, e buscam o seu perdão nos fracassos.

Incluí Davi em nossa consideração dos heróis do Antigo Testamento porque ele contradiz o mito de que o vigor humano, ou a perfeição, são condições para experimentar o poder desafiador do Senhor.

Davi era um homem segundo o coração de Deus. "Achei a Davi, o filho de Jessé", disse o Senhor, "um homem segundo o meu coração, que fará a minha vontade". Esse espantoso elogio afirma que Deus tem um coração, e que o segredo de nossa vida abundante é receber o seu coração em nossos corações.

As palavras-chave são *coração* e *segundo*. A psicologia hebraica considera o coração como a sede da mente e da vontade, junto com todas as emoções físicas. É a dimensão interior da personalidade humana. Seria estranho à visão hebréia a plenitude da personalidade, tal como a concebemos hoje, separando o intelecto da emoção.

O que queremos dizer quando falamos do coração de Deus? O coração dele é a sua natureza essencial: sua inteligência, mais o seu amor e bondade e mais a sua vontade soberana. A maior maravilha do ser humano é que podemos pensar os seus pensamentos, receber e expressar o seu amor e desejar a sua vontade. A capacidade de nosso coração corresponde de forma sublime à do coração de Deus.

A palavra *segundo* une o coração de Deus ao nosso. Significa: que vem logo depois, que corresponde a, em busca de, moldado em semelhança a, e em completa harmonia com. Quando um escultor toma a argila e esculpe um busto "segundo" a nossa imagem, ou um pintor pinta um quadro "segundo" a nossa aparência, assim também um coração segundo o coração de Deus é um em que o coração de Deus é reproduzido — intelectual, emocional e volitivamente. Davi tem a honra de ser um dos maiores homens do Antigo Testamento, porque ele ansiava pelo coração de Deus. Do segundo rei de Israel descobrimos o propósito básico da vida: ser pessoas segundo o coração de Deus. Acima de tudo, aprendemos que o mais profundo desejo do Senhor é o de sermos argila nas suas mãos, para que nos molde, como o Oleiro, segundo a sua imagem— com os seus pensamentos em nosso cérebro, com o seu Espírito em nossas emoções e com a sua vontade em nossa vontade, de modo que possamos seguir a sua orientação.

Primeiro, vemos Davi como o jovem pastor. Que viu Deus viu nesse rapaz que cuidava das ovelhas de seu pai, que o identificou como o rei de Israel em potencial? O Salmo 23 reflete a humildade de Davi na sua confiança em Deus, como supremo pastor de sua vida. Nesse precioso salmo Davi expressou a fé que lhe deu coragem como rapaz. Deus era todo-suficiente para Davi. Ele era o seu protetor, provedor e propósito. O que Davi procurava ser para o seu rebanho, Deus era para ele. O Senhor era o seu amigo e companheiro. A qualidade de fé sem reservas que Deus desejava, mais que qualquer outra coisa em seu povo, tão carente na natureza rebelde de Saul, ele a encontrou num jovem pastor nas colinas de Judá. A maneira como Davi encarava o perigo, em completa dependência de Deus, convenceu o Senhor de que aqui estava um rapaz, logo a se tornar homem, que poderia enfrentar os perigos que sempre afligiam a Israel. A mente de Davi era receptiva, suas emoções sinceras e espontâneas, sua vontade pronta a obedecer.

Se ele podia enfrentar e derrotar os leões e lobos que atacavam o seu rebanho, ao confiar no Senhor, como o seu Pastor, então ele podia também, como homem de Deus, derrotar os inimigos de Israel. *Davi era um homem cativado por Deus, que desejava agradar e servir a seu Senhor mais que qualquer outra coisa.*

A chamada de Davi e sua unção por Samuel põe um ponto de exclamação na qualidade de coração que Deus desejava no novo rei. Os filhos mais velhos de Jessé, todos exemplares e formidáveis, foram submetidos à inspeção cuidadosa



de Samuel. Enquanto ele avaliava cada um como um rei em potencial, o Senhor o advertia: "Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei, porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (1 Samuel 16:7). Depois de examinar os sete filhos de Jessé, o profeta foi categórico ao afirmar: "O Senhor não escolheu a estes". Em seguida, perguntou: "Acabaram-se os teus filhos?" Jessé, nem por um instante, pensou em seu filho mais moço como candidato a rei. "Ainda falta o mais moço, que está apascentando as ovelhas". Samuel pediu que Davi fosse trazido à sua presença.

A descrição do jovem pastor na presença de Samuel salienta a manifestação exterior de seu coração. "Era ele ruivo, de belos olhos e boa aparência". Enquanto Samuel estudava a face de Davi, o Senhor falou de sua escolha em voz de comando: "Levanta-te, e unge-o, pois este é ele". E assim, o idoso profeta tomou do seu chifre de azeite e ungiu a Davi, enquanto seus irmãos e seu pai observavam estupefatos. O Espírito do Senhor se apossou de Davi, e daquele dia em diante Deus confiou o seu coração ao coração pronto e receptivo do jovem pastor.

Deus está à procura dessa qualidade de coração em mim e em você. Em cada época de crise, ele busca uma pessoa cujo coração deseja o seu coração. O marcante no chamado de Davi é que ele não via a si mesmo como o futuro líder de Israel, o qual precisaria da ajuda de Deus para realizar a sua auto-imagem de grandeza. Ele ansiava pelo coração de Deus e Deus fez o resto. Quando colocamos Deus em primeiro lugar em nossas vidas, ele pode nos usar. Não devemos buscar a Deus para realizar os nossos propósitos. Amemos a Deus pelo que ele é, não pelo que possa fazer por nós. Nossa idéia do que ele seria capaz de realizar através de nós, está normalmente longe da verdade. Um autêntico chamado vem sempre seguido de surpresa e mistério. Somos responsáveis somente pelo que está em nosso coração, mente, emoções e vontade. Comece aí e deixe os resultados com Deus!

A unção de Davi, significando a infusão do coração de Deus no seu, é importante. Ao ver o que aconteceu como resultado da vida de Davi, desejo saber se é possível obter essa mesma infusão hoje. Creio que sim. O Senhor do impossível está disposto a nos ungir hoje mesmo com o seu Santo Espírito. Quando desejamos a Deus de todo o coração, ele nos concede dons especiais muito além do talento humano. Qualquer indivíduo que tenha aceitado o amor de Deus e o perdão de Jesus Cristo, e abriu o seu coração, sem reservas, numa entrega incondicional, é um candidato, tanto à tarefa humanamente impossível como à suficiência de poder sobrenatural — sabedoria para o intelecto, cura e desprendimento das emoções, determinação apaixonada de conhecer e fazer a vontade de Deus. Agora mesmo, neste instante, Deus está dizendo de mim e de você: "Levanta-te, e unge-o, pois este é ele".

*Vemos o poder da unção de Davi em sua coragem*, como o escudeiro de Saul. Como notamos no capítulo anterior, Davi nada temia em sua confrontação com Golias. Há alguma coisa terrível acerca do jovem que se apresenta destemido diante do gigante. Sua simples funda e cinco pedras parecem insignificantes comparadas ao tamanho de Golias, e sua espada e armadura fora de proporções. E, contudo, o poder do Senhor, mais a coragem e o arrojo de Davi, obtiveram a vitória. O autor de Primeiro Samuel toma o maior cuidado em pintar um quadro informativo da impossibilidade da situação. A precisão de Davi em acertar na testa do gigante resultará de anos de prática, mas somente a unção do Senhor poderia ter adicionado a força balística e a exatidão para que aquela pedra atingisse fatalmente o alvo. A vitória sobre os filisteus naquele dia assegurou a

Davi que o Senhor estava, realmente, com ele. Também convenceu a Israel. O jovem foi impulsionado a uma popularidade e poder imediatos.

É assim que Deus opera. Depois de achar um coração segundo o seu coração, ele concede dons especiais, e, a seguir, um exemplo claro do que ele pode fazer com esse coração e com as impossibilidades dessa pessoa. Ele deseja que todos nós estejamos seguros da sua presença.

Os anos de Davi na corte de Saul amadureceram o seu coração ungido. As convicções de sua mente controlavam a expressão de suas emoções. À semelhança de sua antecedente Rute, seu coração cheio de Deus é leal e fiel. Há um desprendimento atraente em Davi, quando este procura servir ao rei. Em nenhum momento ele é visto a lutar por uma posição ou poder. Mesmo quando o desordenado Saul se via possuído de paranóia, Davi permanecia firmemente em submissão. Davi se surpreende com o ciúme e competição de Saul. Suas atitudes estão permeadas de inocência. Quando Saul o expulsa como um proscrito, Davi busca um relacionamento ainda mais profundo com o coração de Deus, a fim de entender e suportar a rejeição e a hostilidade. Seus salmos expressam os pensamentos e os sentimentos de seu coração nesse período, revelando sua total dependência de Deus. Ele experimentava Deus na vitória e o conhecia profundamente nas vicissitudes. Frequentemente, depois do primeiro rubor do sucesso resultante de sua unção, Deus nos manda dificuldades que nos impelem a uma mais íntima comunhão de coração para coração.

Durante esse período de angústia, Davi exibia outras características dignas de admiração e imitação. Ele desprendia um calor pessoal em seus relacionamentos com os outros. Sua amizade com Jônatas, filho de Saul, tomou-os mais chegados que irmãos. O coração de Deus em nosso coração produz uma vitalidade robusta, compreensiva em nossos relacionamentos. Quando em nosso coração mora o coração de Deus, somos atraentes, carinhosos, e ansiámos por fazer amizades duradouras. "A alma de Jônatas se ligou com a de Davi; e Jônatas o amou, como à sua própria alma" (1 Samuel 18:1). Porque Davi possuía o coração de Deus, havia espaço para um amigo.

Essa mesma qualidade de calor e fidelidade a seus amigos ganhou, para Davi, um grupo de homens que se comprometeu a ficar com ele durante seus anos de exílio. Davi era o tipo de pessoa que exercia uma atração magnética nas pessoas. Ele era fiel, bondoso e atencioso. Seus companheiros estavam dispostos a viver e morrer por ele. A razão era que o Espírito de Deus se estendia através de Davi e dava a eles um senso de afirmação e auto-estima. Quando apreciamos a pessoa que somos, por causa do Espírito de Deus em nós, outros nos apreciarão e se deleitarão em nossa companhia.

Vemos mais das profundezas do coração de Davi quando observamos sua lealdade a Saul, mesmo depois das repetidas tentativas do ciumento monarca de matá-lo. Quando Davi tem a oportunidade de matar o rei, ele se recusa. E depois de Saul morrer pela sua própria espada, Davi sofre essa dor, e elogia os soldados que arriscaram a vida para enterrar o rei.

Depois que Davi é constituído rei de Israel, percebemos outro aspecto de seu caráter. O primeiro ato do rei após a unificação do reino, ao derrotar os inimigos internos e externos, é trazer a Arca da Aliança para Jerusalém. Ele é visto em campo aberto à frente da procissão que leva a Arca, dançando com entusiasmo e louvor. Davi era um homem de *emoção imensa*. Suas convicções intelectuais acerca de Deus liberavam a sua expressão emocional. "Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor" (2 Samuel 6:14). Um coração cheio do coração de Deus se sente livre tanto para glorificar como para se deleitar em

Deus. Não havia rigidez no relacionamento de Davi com Deus. Ele podia expressar a tristeza de sua solidão e temor ao Senhor, mas também podia dançar com fervor incontido. Quando amamos a Deus de todo o coração, podemos, sem constrangimento, expressar nossas emoções a ele, e então, aos outros. Ele deseja que lhe sejamos sinceros. Tanto no vale do desespero como nos picos da alegria, podemos dar vazão aos nossos sentimentos.

A liberdade e o entusiasmo de Davi em expressar o seu louvor estão em contraste com a reserva e o desprezo de sua esposa Mical. Ela sentia aversão à falta de decoro religioso do rei diante da Arca de Deus. Sua vergonha era resultado da sua própria falta de desprendimento. Mical era como o seu pai Saul. Sua energia emocional não se orientava pelas firmes convicções acerca da graça e soberania de Deus. Pouco havia em sua mente do amor e da bondade de Deus, e, portanto, sua capacidade de deleite emocional era muito pequena. O que ela não podia expressar, ridicularizava em Davi.

Estamos cercados de Micals, pessoas cujas mentes estão famintas pela verdade liberadora de Deus e cujas emoções estão tolhidas pela má nutrição de uma fé ardorosa. A convicção da graça de Deus resulta numa expressão de alegria que não podemos conter. A tragédia da religião é que ela produz mais Micais que Davi. Sinto--me sempre grato quando minha congregação sacode o templo entoando um dos grandes e históricos hinos, ou se sente livre para bater o pé enquanto canta um hino moderno. Louvo a Deus pelas pessoas que podem rir e bater palmas, chorar quando profundamente comovidas, e falar com entusiasmo acerca do que Deus tem feito em suas vidas. Um coração que nunca sentiu a presença de Deus na dor ou na tristeza, raras vezes expressará o seu deleite em adoração e louvor.

As chamas do Espírito de Deus em nosso coração nos deixarão radiantes e cheios de fervor. Resta-nos saber: Somos mais parecidos com Davi, dançando diante da Arca, ou com Mical, possuída de reservas e críticas corrosivas?

Um amigo meu fala de uma igreja evangélica a que frequenta, a qual perdeu sua alegria em legalismo fanático. Ele ouvia as pessoas falando acerca de "nascido de novo" e pensava que estavam confessando estarem "entediadas de novo". Pode ser que ele estivesse transferindo suas atitudes, ou sua capacidade de audição; mas, na realidade, salienta a falta de vivacidade, prazer e carisma de muitos cristãos que agem como se fossem "entediados de novo".

Davi nada tinha de enfadonho. Seu coração vivaz estava cheio de adoração exuberante, tanto em épocas de alegria como de desapontamento. Nenhum exame do coração de Davi pode ignorar a maneira como ele recebeu a rejeição do Senhor ao seu grandioso plano de construir-lhe uma casa. "Olha, eu moro em casa de cedros, e a arca de Deus se acha numa tenda" (2 Samuel 7:2). Davi mandou que o profeta Nata pedisse a orientação do Senhor. Isso é crucial. Davi, diferentemente de Saul, honrou a posição e o poder do profeta designado por Deus na terra. O coração do rei era guiado pelo Senhor, e, portanto, Davi reinava em Israel em cooperação com o profeta do Senhor. A resposta do Senhor por intermédio de Nata não foi a que o rei esperava. Não seria ele quem construiria uma casa para o Senhor. Sinta o coração de Davi responder nesta oração de fidelidade e obediência. Recebemos um vislumbre das profundezas do seu leal coração:

"Agora, pois, ó Senhor Deus, quanto a esta palavra que disseste acerca de teu servo e acerca da sua casa, confirma-a para sempre, e faz como falaste. Seja para sempre engrandecido o teu nome, e diga-se: O Senhor dos Exércitos é Deus sobre Israel; e a casa de Davi teu servo será estabelecida diante de ti. Pois tu, ó

Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, fizeste ao teu servo esta revelação, dizendo: Edificar-te-ei casa. Por isso o teu servo se animou para fazer-te esta oração. Agora, pois, ó Senhor Deus, tu mesmo és Deus, e as tuas palavras são verdade, e tens prometido a teu servo este bem. Sê, pois, agora servido de abençoar a casa do teu servo, a fim de permanecer para sempre diante de ti, pois, tu, ó Senhor Deus, o disseste; e com a tua bênção será para sempre bendita a casa do teu servo" (2 Samuel 7:25-29).

Agora, podemos entender por que Deus chamou a Davi um homem segundo o seu coração, que faria toda a sua vontade. Há ocasiões quando nosso coração deve se associar de novo com o coração de Deus. Há ocasiões em que o que desejamos fazer para Deus não é o seu plano para nós. Para Davi, construir um templo para adoração de Deus parecia lógico, natural e magnânimo. Pense nos planos que temos desejado executar para Deus. Pareciam tão corretos, mas não eram o melhor de Deus. Ele possui um plano especial e singular para cada um de nós. Quando ele diz sim a uma estratégia e não a outra, somos desafiados a obedecer-lhe. A tarefa de construir o templo se destinaria a Salomão e não a Davi. E a oração de Davi orienta a compreensão intelectual, a reação emocional e a obediência volitiva de nosso coração, quando Deus fecha uma porta e abre outra.

Como — perguntamos — poderia o mesmo Davi que fez esta oração e outras semelhantes registradas nos salmos, cometer adultério com Bate-Seba, a esposa de Urias, um dos seus fiéis soldados? A maneira como Davi se arrependeu do seu pecado demonstra que ele tinha um coração segundo o coração de Deus. Não é necessário repetir os detalhes lamentáveis do adultério, ou o ardil subsequente que culminou com a morte de Urias. O que importa é como Deus lidou com Davi. Ele enviou Nata para desmascarar o rei. Habilidoso com as parábolas, Nata apontou a espada da verdade para a consciência de Davi, antes que ele soubesse o que se passava. Ao dizer: "Tu és o homem!", Nata cravou a espada. O coração de Davi se quebrou ao perceber agora, que havia partido o coração de Deus. Sua oração de arrependimento no Salmo 51 revela uma nova profundidade do seu caráter. Nosso pecado e fracasso podem ser diferentes dos de Davi, mas, ao sermos confrontados com a sua realidade, podemos também ficar horrorizados com a apostasia de nosso coração. Creio que foi a afirmação de Nata do perdão de Deus que capacitou Davi a fazer esta oração de anelo pela retidão para com Deus:

"Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar. . . Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário. Então ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti" (Salmo 51:1-4, 10-13).

Pessoas de grande coração têm experimentado a angústia diante de seus pecados, ao fazer esta oração. O fato é que Deus atenta para o desejo mais profundo de nossos corações, mais profundo que os desejos mal orientados que nos colocaram em dificuldades. É seu propósito levar-nos à nossa verdadeira pessoa interior, que anseia reconciliar-se com ele. Ele nos mostra a deslealdade, o

egoísmo ou a paixão que nos levou ao pecado. Depois, nos ajuda tanto a assumir o pecado como a livrar-nos dele, no clima abençoado do seu perdão.

Não se esqueça do terror do coração de Davi, quando suplica a Deus para que não retire dele o seu Santo Espírito. Ele sabia que o segredo de sua liderança e habilidade era a unção de Deus. Ele havia testemunhado o que aconteceu a Saul quando o Espírito se separou dele. Mais que qualquer coisa, Davi precisava da presença perdoadora de Deus. Ele não tentou apresentar desculpas por seu pecado ou oferecer sacrifícios. Tudo o que restava a Davi para oferecer a Deus era *um coração quebrantado e contato*.

Freqüentemente, quando consideramos um coração segundo o coração de Deus, pensamos numa vida perfeita e imaculada, e de moral impecável na conduta social. Nada disso. É tanto no sucesso quanto no fracasso que nosso coração se abre. E o coração de Deus é perfeitamente suscetível à nossa necessidade. Sempre que nos arrependemos verdadeiramente do nosso pecado, o seu coração está aberto e pronto para receber-nos. Comove-me sempre o fato de que Davi jamais se esqueceu da bondade de Deus para com ele. Na verdade, ele deu o nome de Nata a um dos seus filhos (1 Crônicas 3:5), em memória da bondade de Deus ao expor o seu pecado e perdoá-lo. A memória do coração de Davi estava curada.

Gostaria que a história de Davi tivesse um final do tipo "E foram felizes para sempre". Mais uma vez as Escrituras demonstram sua honestidade para com nossos heróis. Os últimos dias de Davi foram cheios de guerra, conflito, incesto, rivalidade entre irmãos e intensa angústia por seu filho rebelde, Absalão. Da mesma forma que Davi magoou a Deus, assim também o coração de Davi estremeceu por sua família.

Absalão possuía o carisma do pai, mas não o seu coração. Ele era simpático e talentoso como Davi, mas não buscava nem seguia a orientação do Senhor. Davi amava a Absalão e lamentava que seu filho não tivesse um coração semelhante ao seu. Quando Amnom violentou sua irmã Tamar, Absalão fez justiça com as próprias mãos. Ele armou em segredo uma cilada de morte para Amnom e fugiu. Davi chorou amargamente por causa de Absalão. Ele se viu forçado a perceber o mais íntimo recesso do coração de Deus, enquanto tentava equilibrar justiça e misericórdia. Por fim, mediante sugestão de seu general Joabe, através de uma mulher sábia de Técoa, ele se convenceu de que a misericórdia para Absalão era mais importante que o seu desterro.

Absalão deu pouca prova de gratidão. Ele estava de todo entregue à cobiça do poder e, finalmente, conduziu uma insurreição contra Davi. Com os dissidentes, levantou um temível exército. Davi foi forçado a fugir de Jerusalém. A luta de Absalão pelo poder causou divisão e intranqüilidade em todo o Israel. No final, Davi teve de fazer a coisa mais dolorosa da sua vida: enviar seu exército contra o próprio filho. Joabe sabiamente preveniu a Davi que não fosse com eles. Bom conselho. Davi não poderia ter feito o que Joabe tinha de fazer. Prendendo-se os longos cabelos de Absalão nos galhos de um enorme carvalho, Joabe o matou. Quando a notícia chegou a Davi, a dor esmagou-lhe o coração. "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (2 Samuel 18:33).

Davi não culpou a Deus pela morte do filho. Ele sabia haver falhado em revelar o seu coração a Absalão. Sua dor era um misto turbulento de perda e de fracasso como pai.

A vida prega duros golpes aos nossos corações. Os desapontamentos com as pessoas que amamos são os que mais nos fazem sofrer. Talvez alguém que

você ame esteja a dar-lhe o mesmo motivo para o lamento, como Absalão deu a Davi. Ou talvez algum amigo de sua confiança voltou-se contra você. O que fazer quando todos os esforços para ajudar uma pessoa amada são repelidos e rejeitados? É aí que você e eu precisamos, mais que tudo, de um coração segundo o coração de Deus. Nossa dor nos impele para o coração divino. Não há outro refúgio! E aí ele espera para nos ajudar. Quando oramos de coração para coração podemos contar-lhe nossa angústia e receber o seu amor e paciência. Um dos maiores milagres do Senhor do impossível é a cicatrização de corações partidos.

Já experimentei esse milagre muitas vezes. Quando meu coração está repleto da dor do desapontamento e da frustração, sei que somente uma experiência renovada do coração do Senhor pode dar-me forças. Ele está atento enquanto desabafo meus sentimentos. Depois, em resposta, ele me ajuda a sentir-me como uma pessoa segundo o seu coração. Ele me induz a uma análise profunda da causa real do problema. Então, peço-lhe que me mostre que atitudes devo tomar. Em minha imaginação ele revela um quadro do tipo da pessoa que devo ser com o seu coração. E, o mais importante, ele me dá o dom da fé para confiar nele no que diz respeito ao futuro de alguém. Aparece-me um quadro daquela pessoa cheia do amor divino. Essa imagem rompe o laço da preocupação. Logo, sinto o coração de Deus fluindo através do meu, o que resulta num desejo renovado de não desistir. Quando penso na paciência do Senhor para comigo, sinto-me investido de uma nova disposição para orar: "Senhor, ajuda-me a ser para essa pessoa a expressão de amor que tens sido para mim". Como resultado, recebo um novo coração.

Buscar um coração segundo o de Deus não é fácil. Significa desistir de nossos julgamentos, da necessidade de estarmos certos e dos sentimentos de mágoa. Essa renúncia exige a renovação diária — e às vezes a cada hora — de nossos corações com o coração de Deus. E depois de fazermos tudo, somos forçados a deixar os resultados com Deus e esperar. E enquanto esperamos, ele nos lembra de nosso propósito básico e novamente nos põe a trabalhar em sua obra. Quando sentimos que falhamos miseravelmente, ele nos encoraja para um novo desafio.

Assim Deus fez com Davi. O Senhor deu-lhe, mais uma vez, o vigor e a coragem para ser o líder de que seu povo precisava. O reino precisava de unificação e restauração. Somente um rei forte poderia unificá-lo. Davi teve de perceber que o seu propósito fundamental era conhecer e executar a vontade de Deus. Ele era mais do que seus fracassos. Ele era o homem de Deus com um futuro. E a confiança que o Senhor tinha nele, apesar de tudo, tornou-se o antídoto para a sua dor. Davi passou o resto da vida em guerra com os inimigos de Israel, buscando consolidar e unir a nação, e infundir liderança dinâmica no reino que estava sendo preparado para Salomão. Até o fim, o coração de Davi foi moldado à semelhança do coração de Deus.

Israel jamais se esqueceu do rei-pastor. Davi se tornou a personificação de Israel, e os profetas, muito tempo após a sua morte, esperavam ansiosamente o Messias que nasceria de sua linhagem e semelhança. E quando Jesus veio, na plenitude dos tempos, muitos o chamaram de filho de Davi. Através dele descobrimos o significado real do que é ser uma pessoa segundo o coração de Deus. Jesus Cristo veio como o coração de Deus encarnado. João compreendeu esse maravilhoso mistério: "Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (João 1:18). Nossa busca em conhecer o coração de Deus está agora completa. Podemos contemplar a sua glória e coroá-lo como nosso Senhor.

Agora temos a revelação clara e incontestável do significado de uma pessoa segundo o coração de Deus. Quanto mais conhecemos a Cristo, tanto mais experimentamos o coração de Deus. Quanto mais profundo for o nosso relacionamento com ele, tanto mais de seu caráter será transplantado em nós. O coração de Deus, cheio de graça e de verdade, que habitou entre nós, revelou como ele é e o que ele deseja que sejamos. Ele nos ensinou o que significa abrir sem reservas o nosso coração e colocar nele, em primeiro lugar, a pessoa de Deus. Do princípio ao fim do seu ensino, ele revelou que os nossos corações são o verdadeiro tesouro. O impacto total do ensino de Jesus é que o repositório divinamente criado para o tesouro do Espírito é o nosso coração. Jesus foi à cruz a fim de abrir os nossos corações e prepará-los para receber a sua presença ressurreta! Foi o que aconteceu no Pentecoste, quando seus seguidores ficaram cheios de seu Espírito.

Assim, para nós hoje, uma pessoa segundo o coração de Deus o alguém cuja mente, emoções e vontade estão cheios do Cristo vivo. Quando ele é o nosso propósito, paixão e poder, somos unidos com o seu Espírito e crescemos à sua semelhança de glória em glória. Experimentamos em medida sempre crescente o que o Senhor do impossível reservou para nós. Esta vida não passa de pequena fração daquela na eternidade, na qual os nossos corações e o dele se tornam um.

A beleza singela do hino que aprendi quando me tornei crente jamais deixou meu coração. Apresento-o em oração todos os dias. Quando meu coração está aflito ou alegre, quebrantado ou jubilante, dorido ou triunfante, eu canto:

Em meu coração,  
Em meu coração,  
Vem hoje entrar, ó Cristo;  
Vem hoje entrar, sim, vem morar,  
Em meu coração, ó Cristo.  
Harry D. Clarke E ele vem — e entra!

## CAPÍTULO QUINZE

# **FOGO SAÍDO DAS CINZAS**

## **Elias**

Meu amigo estava muito desanimado. Atendendo ao apelo da esposa e do pastor, ele foi a um retiro de homens de negócios numa área de lazer nas montanhas, onde o assunto que eu apresentava era esgotamento físico e nervoso. Após uma das reuniões noturnas, ele e eu nos sentamos sozinhos numa cabana, diante de uma lareira em chamas, e conversamos até tarde da noite.

O homem era crente, mas uma série de desapontamentos lançaram-no no poço do desânimo. Ele falou de uma dor penetrante e que não desaparecia. O ambiente tenso onde trabalhava estava acabando com ele. Ele estava física e emocionalmente exausto de trabalhar horas seguidas num serviço que muito exigia dele. Uma combinação de perfeccionismo, comprometimento em excesso com o trabalho e retidão de caráter haviam produzido uma alta ansiedade e desapontamento com o seu próprio desempenho e com o dos outros.

"Ninguém se interessa tanto como eu. . . ninguém trabalha tanto como eu. . . ninguém é tão responsável como eu", dizia sombriamente. Isso o forçava a trabalhar ainda mais, com pouco resultado. Suas defesas caíram por terra e seu

mau humor veio à tona, deixando-o despreparado para as crises que o atingiram. Ficou chocado ao perceber que seus superiores não apreciavam seus esforços heróicos, próximos do martírio.

E as coisas não corriam melhores em casa. Por consumir a maior parte de sua energia no trabalho, ele tinha pouco tempo ou pouca paciência para com as necessidades da esposa e dos filhos. O mínimo que podiam fazer, dizia ele, era reconhecer que todo o seu esforço visava a mantê-los livres de problemas em casa. As crises da família o surpreendiam sem disposição e capacidade para enfrentá-las. Exercício, recreação a repouso haviam sido sacrificado» no altar da pressão do trabalho. Ao mesmo tempo, ele se sentia incapaz de dizer não a outras responsabilidades, o que acentuava a sua síndrome de desânimo. Ultimamente seu casamento vinha sofrendo um desgaste emocional que afetava sua vida familiar ao extremo, por causa das mesmas atitudes críticas no trabalho. Noites de insônia e sem descanso estavam acabando com ele. O mundo inteiro estava nos seus ombros, pensava. Nisso tudo, ele levava a si mesmo a sério demais, e não levava a Deus suficientemente a sério.

Enquanto conversávamos, o fogo da lareira diminuiu até chegar às brasas e depois se extinguiu, deixando a grelha cheia de cinzas. "Minha vida agora é como aquele monte de cinzas", disse ele com desânimo. "Tudo queimado." Depois, disse alguma coisa que denotava a profundidade de sua dor. "Se Deus se importa, como pôde permitir que isso acontecesse comigo?" Agora, até mesmo Deus era um inimigo, sob o mesmo juízo que ele havia feito de seus companheiros de trabalho e sua família.

Assegurei-lhe que Deus não estava contra ele e que ele poderia ajudá-lo a reordenar as suas prioridades e fazer com que sua vida se normalizasse. Conversamos acerca de sua fé. Embora ele tivesse sido ativo como membro e diácono de sua igreja, jamais confiara a vida a Deus. Ele cria em Deus, mas não experimentara o alívio de entregar-lhe a si mesmo e a todas as áreas de sua vida ao seu senhorio, o que explicava a imensa falta de liberdade e de uma saudável auto-aceitação, que o compelia para alvos suspeitos jamais entregues a Deus. Falamos da grande diferença entre trabalhar para alcançar nossos alvos para Deus, e o de permitir que Deus trabalhe em nós na realização dos planos que tem para nós.

Em seguida, conversamos sobre o que ele poderia fazer para redescobrir um novo romance e deleite em seu casamento. O Senhor estava lá a orientar-nos acerca do que seria necessário. E as crianças? Elas precisavam muitíssimo dele. Ele teria de desistir de sua indiferença, da fuga de suas funções de pai, e permitir que Deus o libertasse, a fim de não transferir aos filhos o seu perfeccionismo. As crianças precisavam de estímulo e afirmação, a fim de ser tudo o que poderiam ser.

Ao final dessa análise detalhada de sua vida, pedi-lhe que imaginasse um quadro de si mesmo livre do desânimo e vivendo sob o fluxo da graça e da aceitação. Que tipo de descanso, refrigério e libertação das críticas receberia? O que aconteceria se ele amasse a si mesmo tanto quanto Deus o amava? Que atitudes orientariam seus relacionamentos? Como ordenaria as prioridades da sua vida como homem de Deus, comprometido a receber e comunicar esperança e visão?

Era o momento de orar. Propus que pedíssemos ao Senhor que curasse a dor do desânimo dele. Deus haveria de mostrar-lhe o caminho e encorajá-lo a dar os passos específicos para um nova qualidade de vida.

Enquanto orávamos, alguns pedaços de lenha entre as cinzas da lareira começaram a arder. Ao ouvir o seu estalido, levantamos os olhos. "Percebe?" — comentei— "Deus pode fazer com que o fogo surja das cinzas!"

A fim de tornar mais íntimas as implicações daquela parábola, tomei algumas toras de pinho e pedi a meu novo amigo que as marcasse, como se cada uma delas fosse um passo exigido por seu novo compromisso. Enquanto, em espírito de oração, ele colocava cada uma das toras nas chamas que tremeluziam



em meio às faíscas que saltavam das cinzas, o fogo começou a ficar mais intenso, até mesmo mais forte do que no início da conversa, bem antes do anoitecer. "Deus não só pode fazer com que o fogo surja das cinzas", declarei. "Ele pode usar os gravetos de nossa rendição e disposição de espírito para nos inflamar outra vez de nova alegria e coragem." O homem sorriu de alívio e depois se retirou para a primeira noite completa de sono e descanso, que havia muito tempo não desfrutava.

Mantive contato mais de perto com o meu novo amigo nos meses que se seguiram àquele momento decisivo de sua vida. Ele traçara o tipo de pessoa que desejava ser, ao assumir os passos específicos que tinha de dar. Junto com a esposa, ele escreveu por extenso os elementos essenciais de um novo estilo de vida, e a cada dia ele os lê como parte de sua oração matutina e estudo devocional. A cada semana o casal examina com honestidade o seu progresso. Ele se uniu a um pequeno grupo de homens de negócios que se reúnem todas as semanas para discutir como lidar com a tensão e orar uns pelos outros. Ele se considera responsável pela conservação de suas novas prioridades. O Senhor do impossível está transformando a sua vida. Meu amigo descobriu o segredo de permitir que o Senhor alimente o fogo que surge das cinzas.

Desânimo. Todos nós o experimentamos às vezes. Alguns raras vezes se vêem livres desse mal-estar espiritual. Este capítulo se aplica a três tipos de pessoas. Há aquelas que sofrem da enfermidade espiritual do desânimo agora mesmo, enquanto lêem. Outras, conheceram esse vírus da debilidade da alma no passado e sabem que estão mal preparadas para o próximo ataque. Outras, ainda, estão muito preocupadas pelos entes queridos ou amigos imobilizados pelo desânimo e anseiam ajudá-los. Sei, de experiência, que os três grupos estão presentes no auditório cada vez que prego. Ao conversar com pessoas que lêem os meus livros, constato que os mesmos grupos estão entre os meus leitores. E com profundo amor e preocupação por todos que desejo enfrentar as causas e as curas da dor enfraquecedora do desânimo.

Mais uma vez fico espantado com a maneira prática da Bíblia nos ajudar a achar as respostas. Elias, o profeta, é um caso clássico de desânimo. O que lhe aconteceu e o que Deus fez para curá-lo deixam bem clara a maneira como somos levados ao esgotamento total. E a história do que o Senhor pode fazer para que o fogo surja das cinzas.

Elias era um tesbita de Gileade, uma região ao norte da Palestina, ao leste do Jordão. Deus o chamou para ser profeta numa época de crise em Israel, durante o reinado de Acabe. Este rei fraco e vacilante casara-se com Jezabel, uma estrangeira, natural de Tiro. Ela trouxe consigo os sacerdotes e a adoração de Baal e Astarote. Sua paixão na vida era a supressão do culto a Iave e o estabelecimento da adoração de Baal como religião nacional. O problema do sincretismo, que consideramos em capítulos anteriores, tornou--se mais sério que antes. Só que agora havia uma diferença assustadora. A rainha não promovia uma mistura de religiões, mas o culto exclusivo a Baal como deus em Israel.

No momento mais tenebroso da apostasia, o Senhor enviou Elias para enfrentar o rei. O nome do profeta significa a sua missão: Iave é Deus. Elias apresentou suas credenciais e surpreendeu a Acabe com um julgamento severo: "Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos segundo a minha palavra" (1 Reis 17:1). Com isso, ele deixou o rei a ponderar quem, na verdade, era Deus em Israel. E teve início uma longa seca, como predisse Elias.

Nos meses seguintes o Senhor preparou Elias para uma batalha decisiva com a enfermidade espiritual que se abatera sobre o seu povo. Ele o enviou ao leste do Jordão, onde constatou que o Senhor poderia satisfazer a todas as suas necessidades. Ele foi alimentado por corvos que lhe traziam pão e carne. Em seguida, foi conduzido a Sarepta, uma cidade de Sidom, onde ficou sob os cuidados de uma viúva. O Senhor multiplicou milagrosamente os escassos recursos da mulher, de modo que ela pôde alimentar o profeta. Depois, como confirmação da mão do Senhor sobre ele, Elias recebeu poder para curar o filho dessa viúva e trazê-lo de volta à vida. O Senhor desejava que seu profeta tivesse certeza do seu poder. Uma vez que nada pode acontecer através de nós que não tenha sido demonstrado em nós, o Senhor preparava Elias para confiar plenamente no poder do Senhor do impossível. Ele devia se apresentar de novo a Acabe e combater os profetas de Baal e Astarote até o fim.

Elias retornou à presença de Acabe com um desafio que poria fim à questão de quem era Deus em Israel. "Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas do poste-ídolo, que comem da mesa de Jezabel" (1 Reis 18:19). Acabe aceitou o desafio e convocou todo o Israel ao monte Carmelo.

Quando o povo e os sacerdotes estrangeiros e o profeta se reuniram na montanha, Elias estrondeou a sua mensagem: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o" (1 Reis 18:21). O povo concordou, dizendo: "É boa esta palavra".

A batalha tinha começado. Os profetas de Baal clamaram durante todo o dia: "Ah! Baal, responde-nos!", mas nenhum fogo desceu sobre o altar deles. Depois de zombar da impotência deles e do silêncio de Baal, Elias preparou o seu altar de um modo que somente o Senhor do impossível poderia enviar o fogo. Ele ordenou ao povo que derramasse doze barris de água sobre o altar de lave. A água correu das bordas do altar e encheu a valeta ao redor dele. Então, ao anoitecer, Elias orou: "O Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique hoje sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que segundo a tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que tu, Senhor, és Deus, e que a ti fizeste retroceder o coração deles" (1 Reis 18:36-37). E fogo caiu sobre o altar, consumindo o boi, a lenha e sorvendo a água da valeta. Deus e Elias venceram. O povo se convenceu. "O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!", clamaram, prostrando-se em terra.

Essa batalha teria sido mais que suficiente para exaurir os recursos espirituais de Elias. Mas ele estava funcionando em alta velocidade. O fogo do altar não era suficiente para ele. Com compulsão frenética ele liderou o povo na matança dos profetas de Baal e Astarote junto ao ribeiro de Quisom.

Depois, foi o momento de orar por chuva. Despendendo energia sobre-humana, Elias colocou a cabeça entre os joelhos e derramou tudo o que lhe ia no íntimo em oração por chuva, para acabar com a seca. Depois de algum tempo, finalmente, uma nuvem apareceu no horizonte sobre o mar. Logo o céu escureceu com nuvens e uma chuva pesada caiu sobre a terra. O Senhor respondera novamente.

Quando Acabe viu a chuva cair, achou que era hora de voltar e contar a Jezabel as coisas espantosas a que havia testemunhado. Ele aparelhou a sua carruagem e a conduziu velozmente através da chuva. Podemos apenas imaginar o seu assombro quando ele viu Elias correndo ao lado e depois adiante de sua carruagem com vigor inacreditável. O profeta do Senhor corria mais rápido que a carruagem de Acabe!

No final daquele dia espetacular e cheio de acontecimentos, Elias estava exausto. Ele havia despendido todos os seus recursos físicos e espirituais no trabalho do Senhor. Não restava nada. O fogo do Senhor descera sobre o altar, mas o fogo de Elias se apagara. Psicologicamente, ele não estava preparado para a mais cruciante prova de sua resistência, que ainda viria.

Jezabel ficou furiosa quando Acabe contou-lhe acerca da matança dos seus profetas no Carmelo. Ela enviou a Elias uma mensagem amarga e ameaçadora: "Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles" (1 Reis 19:2).

Em outra ocasião qualquer Elias teria recebido essa mensagem sem o mínimo receio. Mas, depois de tudo por que havia passado, despendendo tudo o que tinha dentro de si em sua batalha pelo Senhor, a mensagem o abateu com desânimo insuportável. Ele pensava que no monte Carmelo se dera a batalha final com o mal. Jezabel a viu como uma escaramuça. E Elias conheceu uma emoção que ele jamais experimentara antes. Estava com medo. O poderoso profeta corria para salvar a vida. Com cinzas de amargura na alma, de correu em direção do sul, para Berseba, e daí para o deserto. Quando não pôde correr mais por causa da completa exaustão, ele se sentou debaixo de um zimbro e suplicou a Deus que o deixasse morrer. A descida em espiral da dúvida íntima para o desapontamento, e deste para o desânimo, atingiu o fundo, o desespero. "Basta", disse ele, "toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais".

Esgotamento total. Os componentes do que eu chamo de "Complexo de Elias" são dignos de análise, porque podem acontecer a todos nós. Há cinco fatores que contribuíram para o desânimo e a depressão de Elias.

O primeiro é que ele estava *completamente exausto*. Não há exaustão tão perigosa quanto a que vem de nos esforçarmos demais por causas justas. Elias tinha despendido suas energias por lavê, em vez de ter sido um canal do seu poder. Deus respondeu com fogo sobre o altar e chuva dos céus, mas Elias achava que a demonstração dependia de sua pregação e persistência. Ele não percebeu o quanto lhe custara restabelecer Deus como Senhor em Israel.

Segundo, Elias era *ingênuo*. Simplesmente, ele acreditava que a derrota de quatrocentos e cinqüenta profetas acabaria com a ameaça do mal em Israel. Contudo, ele tinha apenas tocado a ponta do iceberg. A sua batalha de "uma-vez-por-todas" tinha sido apenas um início. Mas ele estava cansado demais para perceber esse fato, e a ameaça de Jezabel era tudo o que faltava. Quando estamos abatidos, basta um pequeno aborrecimento para derrotar-nos. Também nós às vezes supomos que a realização de alguma tarefa para o Senhor vai dar cabo da batalha. Em contraste com generais como Napoleão e Washington, que jamais foram tão perigosos quanto depois da derrota, Elias e muitos de nós somos extremamente vulneráveis após uma vitória que nos esvazie de todos os nossos recursos humanos.

Quase todo dia converso com cristãos que se esgotaram completamente no trabalho de Deus. São pastores, diáconos e professores, membros da igreja e pessoas ativas em boas causas. Nossa atividade ardorosa para Deus pode ser a mais perigosa ameaça ao nosso relacionamento com ele, se preferimos trabalhar mediante nossos próprios esforços em vez de no fluxo de seu Espírito. A mudança de uma dependência dele para o esforço próprio e auto-justificante é sutil. Nosso trabalho para Deus pode resultar numa fonte de orgulho e extensão de nossos próprios egos.

Vejo isso acontecer de três maneiras. Há aqueles que surgem com boas

idéias, que, embora dignas, não foram enviadas pelo Senhor. Esperamos que ele nos confirme e nos dê vigor a fim de estarmos preparados para o que determinamos ser a sua vontade. A segunda maneira é muito mais frustrante. Buscamos a vontade de Deus, sentimo-nos guiados para tomar uma direção em particular, e, então, disparamos à frente do seu tempo e da sua estratégia. Perdemos contato com Deus quando a tarefa se torna mais importante que ele! Isso ocorre quando redobramos nossos esforços para assegurar o sucesso, tomamo-nos críticos de outros que não partilham de nosso compromisso e visão e, por fim, fazemos com que nossa impaciência se volte contra nós mesmos. A terceira é a mais difícil de romper. Acontece quando confundimos o nosso valor com o nosso desempenho. Sempre que somos tentados a assumir que somos amados por Deus pelo que fazemos e não pelo que somos, sobrecarregamos nossas vidas além do que podemos suportar. O fogo do Espírito vai-se apagando até se extinguir totalmente.

O próximo aspecto do complexo de Elias se relaciona bem de perto com o anterior: *perfeccionismo*. O profeta expressou esse narcótico intoxicante ao afirmar: "Pois não sou melhor do que meus pais". Quem é que disse que ele tinha de ser? O Senhor o chamou para a tarefa que lhe foi dada, não para comparar-se com alguém mais. O significado bíblico de *ser perfeito* é executar a finalidade ou o propósito para o qual nascemos. Perfeccionismo é algo muito diferente. É o nosso esforço de levar tudo ao máximo com nossas próprias forças. Jamais nos contentamos com o que temos, e estamos sempre intranquilos com as realizações dos outros. Elias desejava sobrepujar a seus predecessores e a todos ao seu redor. Ele perdeu o contato com a sua humanidade e permitiu que o precioso dom da vulnerabilidade se tornasse ineficaz para comunicar-lhe a graça de Deus.

Muitos de nós conhecemos aquilo por que ele passou. Desejamos também estabelecer padrões e vivê-los de forma irrepreensível. O erro está em nos conduzirmos à luz do desempenho dos outros, em vez de seguirmos a orientação divina. Mas quando é que o suficiente é suficiente? Em poucas ocasiões. E aí esgotamos as nossas forças pressionando-nos a nós mesmos em direção a uma imagem que jamais se realiza.

O perfeccionismo leva ao *isolamento*. Este é o fator seguinte que percebemos no desanimado Elias. No monte Carmelo ele declarou com altivez: "Só eu fiquei dos profetas do Senhor". Ele se esqueceu de que Obadias ocultara uns cem profetas do Senhor (1 Reis 18:4), e por certo havia outros. Nem todo o povo se deixou enganar por Jezabel. Muitos joelhos não se haviam dobrado diante de Baal. Mas Elias não podia perceber tal coisa por estar por demais possuído de seus próprios e apaixonados esforços pela causa. Quando suas forças minguaram e Jezabel o ameaçou, tudo o que pôde dizer foi: "e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida". Com orgulho ferido, ele abandonou até mesmo o seu fiel servo. Como não havia ninguém que partilhasse sua dor, ele não tinha com quem conversar sobre o seu desânimo. O solitário ficou sozinho para fazer o seu vôo ao poço sem fundo da auto-condenação.

Uma das principais causas do esgotamento é o isolamento, nossa obstinada independência. Todos nós precisamos de pessoas que nos ajudem a perceber que o que sentimos agora elas já sentiram antes. O desânimo aprofunda-se mediante a falsa idéia de que ninguém mais sente como sentimos. Há poder de cura nas palavras de um amigo: "Sei como você se sente; já estive lá!" E a encarnação, inclusive, vista de um modo mais sublime, expressa a capacidade definitiva do Senhor de compreender os problemas alheios. Não há nada que não possamos suportar que o Senhor já não tenha enfrentado como o

nosso Emanuel. Deus conhece, compreende e se importa!

Por fim, o desânimo de Elias chegou ao fundo quando ele considerou a *futilidade do futuro*. Ele estava tão amarrado a si mesmo que tomou a mensagem sarcástica de Jezabel como um motivo para fechar as cortinas da história. Por que tentar? Que esperanças poderia alimentar? Ele havia perdido a visão da soberania de Deus. E o mais importante, ele havia desistido do significado de seu nome: Iavé é Deus. Na realidade, *Elias* era o deus de Elias.

O que Deus pode fazer com um desânimo como o de Elias? O que ele fez foi exatamente o que está pronto a fazer por nós. Fico entusiasmado ao constatar que, como havia cinco elementos no complexo do profeta, havia também cinco maneiras de Deus lidar com Elias. A cura do nosso desânimo está em todas elas.

O primeiro remédio foi colocar o exausto guerreiro do Senhor para dormir. Psicologicamente, ele se achava por demais cansado para raciocinar ou receber nova esperança. Há ocasiões em que é essencial a restauração de nossas forças físicas. O primeiro passo para sairmos do desânimo é amar-nos a nós mesmos o bastante para reorganizar nossas vidas de modo a dormirmos o suficiente, passarmos horas em lazer, em exercícios e atividades à parte de qualquer programação. O problema, contudo, é que quando estamos deprimidos pensamos que se redobrarmos nossos esforços sairemos dessa situação angustiada. Essa é a razão de precisarmos de amigos que reconheçam os sinais denunciadores de que estamos a ponto de estourar e nos ajudem a deixar o Universo com Deus, enquanto recobramos nossas energias. Ao despertar, Elias estava racional o bastante para sentir fome. A batalha do monte Carmelo vencera a sua resistência. Ele precisava de *comida*. O Senhor satisfez à sua necessidade. "Levanta-te e come", foi a simples ordem. O profeta comeu e bebeu dos pães e da água providenciados, e caiu no sono novamente. Deus, que nos conhece melhor que nós mesmos, prove exatamente o necessário para dar prosseguimento à nossa vida.

Quando Elias estava descansado, o Senhor ordenou-lhe que prosseguisse para o monte Horebe. O lugar onde Moisés se encontrou com Deus e recebeu os Dez Mandamentos devia ser o lugar da cura. Quando Elias chegou, o Senhor fez-lhe uma pergunta muito estranha: "Que fazes aqui, Elias?" Por que a pergunta, se o próprio Senhor tinha enviado o profeta? Por uma boa razão: para ajudar o profeta a conscientizar-se do que lhe acontecia e despertar seus verdadeiros sentimentos. A reação de Elias refletiu essa conscientização. Ele repetiu toda a situação que motivara o seu desânimo. "Tenho sido zeloso pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares, e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida". Tendo Elias focalizado seus sentimentos e idéias, o Senhor podia começar a lidar com a causa mais profunda do desânimo do profeta.

O Senhor faz isso comigo e com você. O que você faz aqui? O que causou essa situação? Como aconteceu? A pergunta a Elias era uma expressão de profundo amor. O Senhor não o estava censurando pelo desânimo; ele simplesmente pedia um relato das circunstâncias e de seus sentimentos. Um meio infalível de cura para o nosso desânimo é nos desabafarmos perante o Senhor acerca de como nos sentimos em termos exatos e das causas da nossa condição. O Senhor deseja fazer-nos essas mesmas perguntas tema e incisivamente. Quando somos desafiados a apresentar a causa de como chegamos ao nosso desânimo, estamos no início do caminho de volta à saúde.

Deus não argumentou com Elias a respeito da culpa que este transferiu aos

outros. Sua resposta foi o próximo passo para a cura. Ele mandou Elias apresentar-se diante dele na montanha. A maior necessidade do profeta era *renascer em seu relacionamento com o Senhor*. Ele precisava de uma demonstração do poder divino, de uma reafirmação de que, apesar de tudo, o Senhor ainda estava no controle. Foi isso exatamente o que aconteceu. Primeiro, houve um vento impetuoso que fendia os montes e despedaçava as penhas em volta do profeta. Depois, um terremoto fez a terra tremer debaixo dos pés de Elias. Finalmente, uma chama saltou para fora da encosta da montanha. O profeta ficou abalado e horrorizado diante das manifestações físicas da presença de Iavé. Porém, mais importante que o vento, o terremoto e o fogo foi a experiência interior da graça no coração de Elias. O Espírito do Senhor falou-lhe em tom baixo e calmo — um sussurro suave — que trouxe calma e segurança. As demonstrações externas de poder estavam unidas a uma manifestação interior de amor e ânimo. O vento de Deus apagou a tensão da auto-justificação. O terremoto no coração de Elias o ajudou a passar do antigo fundamento do perfeccionismo para o novo fundamento de ser amado e aceito como era. O fogo de Deus extinguiu por completo a palha miúda do desespero e realimentou a chama da boa disposição para o serviço no coração de Elias. O mais dinâmico dom de Deus para o desanimado é acender uma nova chama de esperança para o futuro. O entusiasmo retoma; a empolgação pelo Senhor e sua causa se inflamam de novo. O fogo do Senhor é para pessoas completamente esgotadas!

A cura final do desânimo de Elias foi fazê-lo *voltar ao trabalho*. O Senhor deu-lhe instruções específicas, fortalecendo a segurança do profeta de que Deus não desistira de Israel ou do desdobramento do drama da história. Ele recebeu ordens para ungir seu sucessor. A obra de Elias teria prosseguimento! Em seguida, ele devia ungir a Hazael rei da Síria, e a Jeú, rei de Israel. O Senhor tinha planos para o seu povo escolhido. Elias não tinha de carregar o mundo sobre os ombros sozinho. Para esclarecer isso ao profeta, o Senhor informou-o acerca de sete mil pessoas que haviam permanecido fiéis e não haviam adorado a Baal. O isolamento de Elias foi curado pelo conhecimento humilde e enaltecido de que ele não era o único homem fiel a Deus em Israel.

O que Deus fez por Elias ele pode fazer por nós. Se as cinzas do desânimo estão latentes em seu coração, esteja certo de que Deus pode acender uma chama e vai fazê-lo. Ele não desistiu de nós. Portanto, não estamos acabados. Preste atenção ao vento. Sinta o terremoto de seu poder. Sinta o calor do novo fogo. E o mais importante: fique atento, pois o Senhor falará. Você ouve a sua voz? Ele diz: "Eu amo você. Jamais desistirei de você. Temos trabalho para realizar juntos. Você já não precisa trabalhar *para* mim. Deixe que eu faça o meu trabalho *através* de você! Ainda sou o Senhor do impossível."

CAPÍTULO DEZESSEIS  
**A LUTA PELO PODER**  
*Jonas*

Ouve-se muito falar de lutas pelo poder no momento atual. A batalha interminável pelo domínio e autoridade continua em cada nível da vida. Quem manda aqui? Quem dá as ordens? Quem está no controle? A disputa pelo poder permeia a nossa existência.

As notícias jamais nos permitem esquecer a luta pela liderança do mundo entre a Rússia e os Estados Unidos. Há uma constante manipulação pelo poder no governo local e nacional. As companhias manobram para conseguir vantagens sobre os competidores, na luta pelo primeiro lugar. As pessoas lutam por posições mais elevadas e mais reconhecimento, passando por cima umas das outras, como degraus de uma escada que as levem ao topo. Todos desejam ser chefe de alguma coisa — do almoxarifado até às salas dos executivos. Na igreja cristã infelizmente, não é muito diferente. As denominações competem por superioridade estatística. Líderes de igrejas disputam a popularidade. Dentro das congregações, os santos se conduzem quase sempre de modo nada santo, na

tentativa de obter, conservar e assegurar a sua posição em alguma pista de corrida nos negócios do reino. As famílias não estão isentas dessa luta. Maridos e esposas competem pelo controle um do outro de maneiras sutis e abertas. O predomínio é determinado tanto pelo que se dá como pelo que se tira. As crianças são apanhadas nas situações sem saída da rivalidade entre irmãos e aprendem, em tenra idade, a como manipular os pais. As amizades freqüentemente se limitam pela síndrome superioridade-subserviência. A vida é uma luta pelo poder.

Mas a maior luta de todas se trava entre nós e Deus. Deus assumiu o risco mais temível da história ao confiar o livre-arbítrio à humanidade. Sua intenção era deixar-nos livres para decidirmos a receber ou rejeitar o poder de seu amor. Com o poder de nossa vontade, somos capazes de dizer sim ou não a Deus. Jamais escapamos | pergunta: Quem está no controle de minha vida? A pergunta está diante de nós quando somos desafiados a começar a vida crista; devemos responder a ela a cada dia, à medida que enfrentamos cada oportunidade ou perplexidade. Desejar fazer de Deus o Senhor de nossas vidas e seguir a sua orientação não é fácil. Quase sempre resistimos. Muitas vezes achamos que sabemos o que é melhor, e colocamos em dúvida a sua direção. Perdemos a sua bênção numa batalha de vontades. A luta decisiva pelo poder está em nossos corações.

E. Stanley Jones disse: "A vida é ou terrivelmente simples ou simplesmente terrível". A diferença está em recebermos ou rejeitarmos o que Deus tem para nós. Precisamos desesperadamente de seu poder, mas muitas vezes obstruímos o canal de seu fluxo ao engajar Deus numa luta pelo poder.

Um telespectador fez-me uma pergunta que focaliza o problema. "O que desejo saber", escreveu ele, "é como cooperar com o melhor que Deus tem para a minha vida. Estou cansado de lutar com ele. Desejo conhecer a vontade de Deus e trabalhar com ele, não contra ele." Este capítulo é a minha resposta a essa indagação.

Temos considerado o poder do Senhor do impossível. Agora, voltemos a nossa atenção para a luta pelo poder que se trava quando, por causa de nossos preconceitos e críticas, julgamos impossível realizar o que ele nos orientou, embora perfeitamente praticável. Perdoar àqueles que julgamos imperdoáveis, aceitar o inaceitável, amar a nossos inimigos — são desafios que encontram uma resistência obstinada em nossos corações. Dizemos não, e a luta pelo poder continua!

O profeta Jonas é um exemplo típico de uma pessoa em luta com Deus pelo poder. O nome deste profeta significa "pombo". "Gavião" teria captado melhor o seu caráter combativo. Jonas era de Gate-Hefer, no território de Zebulom, hoje conhecido como Galiléia. Ele profetizou durante o reinado de Jeroboão II. A referência histórica a Jonas em 2 Reis 14:25 evidencia o seu fervor nacionalista. Jeroboão "restabeleceu os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da planície, segundo a palavra do Senhor, Deus de Israel, a qual falara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amitai o profeta, o qual era de Gate-Hefer". Foi algum tempo depois desse trabalho que Jonas começou a sua luta com Deus, motivado pelo ódio que nutria para com o arquiinimigo de Israel, a Assíria. A instrução do Senhor foi bem clara quanto a ida de Jonas a Nínive, a capital dos assírios, para pregar o juízo. A luta do profeta com essa ordem é o assunto do pequeno livro que leva o seu nome. A luta foi registrada mais tarde como a base de uma mensagem perturbadora contra o exclusivismo.

A história de Jonas confronta-nos com uma batalha de vontades, a qual muitos de nós experimentamos hoje em dia. Jonas personifica a maneira de



questionarmos a orientação divina e resistirmos ao que, no mais íntimo de nosso coração, sabemos ser a sua vontade para nós. Somos um Jonas que sempre acha difícil dizer sim ao melhor que Deus tem para nós.

Vou recontar a história dinâmica e familiar de Jonas, dispondo de esclarecimentos pouco familiares, aplicáveis às nossas lutas com Deus pelo poder. Ao preparar-nos para o que o Senhor quer dizer--nos, gostaria que, com os olhos da mente, nos concentrássemos nas pessoas que achamos mais difíceis de amar. No vídeo de sua consciência, ponha em cena as faces das pessoas, os tipos e grupos de pessoas que você mais critica e reprova. Pense naqueles que você deprecia, esperando jamais encontrar, acerca de quem você pode dizer: "Nunca mais vê-los de novo é ainda cedo demais", ou: "Seja o que for que lhes aconteça, é menos do que merecem!" Essas são as pessoas que se tornaram inimigas em sua mente por causa do que fazem, dizem ou acreditam. Deus pode ter algumas ordens a respeito dessas pessoas para nós, que hão de nos desafiar a uma luta pelo poder acerca de sua vontade.

Foi o que aconteceu a Jonas. "Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim" (Jonas 1:1-2).

"Nínive, Senhor? Deve estar brincando! A capital dos assírios? O centro de poder do pior inimigo de Israel?" A luta pelo poder começava. Jonas poderia concordar com a perversidade e pecado de Nínive. Mas que lhe importava? Iavé era o Deus exclusivo dos hebreus. A Palestina era o seu reino. O que aconteceria se os ninivitas respondessem e se arrependessem? Essa era a essência da resistência de Jonas. A última coisa que desejava era tomar-se responsável pela salvação de seus inimigos. Ele não iria! O resto do livro de Jonas registra as fugas do relutante missionário. Gosto de chamá-lo de o mensageiro mais rebelde do Antigo Testamento, Podemos vê-lo a correr de Deus, a correr para Deus a fim de salvar sua vida, e a correr com Deus por um breve período de sucesso profético e depois correr adiante de Deus, cheio de ira e preconceito. Cada parte enfoca a base da progressão da curta história biográfica de Jonas.

Quando a surpreendente revelação da vontade de Deus atingiu o coração nacionalista e exclusivista de Jonas, ele pediu a demissão. *Começou por fugir para bem longe.* Ele já havia trabalhado para o Senhor, mas não estava disposto a trabalhar com ele. Nínive estava situada a noroeste, na margem leste do rio Tigre, ao norte da confluência do rio com o Zab Superior. Escavações de suas paredes, de treze quilômetros de circunferência, apontam uma cidade de amplas dimensões. Os antigos hebreus realmente pensavam em Nínive como uma associação de cidades que incluía Cala, trinta quilômetros ao sul; Resen, entre Cala e Nínive, e Reobote-Ir, que significa: "Lugares espaçosos da cidade". Para Jonas, Nínive significava o centro do poder assírio — de onde os imperadores sedentos de sangue planejavam a destruição de Israel. Ele não iria! Em vez de ir, fugiu para Jope. Pagou a passagem, embarcou num navio e partiu para Târsis, uma sossegada vila pesqueira no litoral da Espanha. Tendo recebido ordens para ir para o noroeste, Jonas foi para o oeste. Nínive e Târsis. Duas cidades em direções opostas, cada uma significando algo muito diferente para Jonas. Nínive era a síntese de tudo o que ele fora ensinado a odiar. Esse temido inimigo de Israel era sinônimo de destruição e derramamento de sangue. Para Jonas, era uma cidade dominada pelo pecado, paga, idolatra e em expansão, e nada poderia ser mais repugnante que ir lá e pregar arrependimento.

A atitude de Jonas refletia o narcisismo de Israel. Amor próprio e orgulho distorcido excluía a possibilidade de esse povo escolhido ser um agente de

reconciliação para a salvação do mundo inteiro. À semelhança de Narciso, da mitologia grega, Jonas sofria da doença da contemplação de sua própria imagem. Ele estava comprometido com a exclusividade e o separatismo. Não havia espaço em seu coração preconceituoso para seus inimigos. Na realidade, também não havia espaço para Deus. Ao correr, Jonas pensava poder fugir de Iavé. Ele tinha um conceito afunilado da Providência — de que o poder e domínio de Deus se limitassem à Palestina e ao povo de sua aliança.

Társis era o lugar mais longínquo a que Jonas podia fugir da presença de Deus. A pequena e sossegada vila simbolizava escape e libertação da chamada e da presença divina. Apenas algumas semanas de jornada o colocariam no anonimato. Ele fugia da realidade de Iavé no afã de evitar qualquer responsabilidade. E, o mais importante, Jonas esperava pôr um fim à luta pelo poder.

Muitos têm suas próprias Ninives e Társis. Nínive é a cidade da obediência e da confrontação; Társis é um lugar de fuga e evasiva. Nossa Nínive é a revelação inegável da vontade de Deus para nós, focalizada em pessoas, oportunidades, problemas ou perplexidades. Tudo o que nossas críticas transformaram em nosso inimigo, pode ser a nossa Nínive. Alguns são simples. Nínive pode ser simplesmente a exortação do Senhor à qual ignoramos, uma obediência que exige mais do que estamos prontos a dar. Seja o que for, Nínive é a chamada de Deus a soar em nossos corações para servi-lo, para sermos a sua pessoa escolhida e dar-lhe o primeiro lugar em nossas vidas.

A fuga para a nossa Társis pode acontecer em nossas almas bem antes de seguirmos fisicamente para uma Jope, ou embarcarmos num navio para a Espanha. Alguns estão fugindo de Deus sem jamais sair do local. Podemos estar fugindo quando preenchemos nossa vida com boas coisas, de modo que não deixamos tempo para Deus, quer para atender a um trabalho específico, quer para lidar com pessoas que ele colocou em nossa agenda. Alguns estão fugindo em muitas direções, mas não sob a direção de Deus.

Em uma conferência, anos atrás, pedi a um grupo de cristãos que identificasse a Nínive deles. Para a maioria, não significava ir a algum lugar, mas ser o povo fiel de Deus onde estavam e expressar amor, perdão e reconciliação aos outros. Certo homem confessou: "Gastei a maior parte da minha vida fugindo de Deus! Ele tem-me seguido há anos. Creio nele e freqüento a igreja regularmente. Na verdade, sou muito ativo como líder e colaborador. As pessoas pensam em mim como um 'bom' cristão. Mas, por dentro, venho tentando esquivar-me à sua vontade. Levo uma vida de frenética atividade, mas estou correndo na direção errada." Anos atrás, o Senhor tocou suas atitudes e pediu certas mudanças. Ele ainda foge do impacto desse encontro. Társis pode estar dentro de nossas próprias almas!

Não perca a implicação alarmante da chamada que pôs Jonas a fugir de Deus. Quando nos tornamos cristãos, Deus inicia a transformação de nossa preocupação narcisista. Ele procura colocar-nos no assunto central do reino, fazer com que nos movamos com ele ao amar pessoas e expressar-lhes o que ele tem feito em nós. Não há vãos solitários. Não podemos agarrar a Deus como uma posse particular, para que nos ajude a levar até ao fim os nossos alvos. Ele nos pôs em mira para surpresas inesperadas com pessoas improváveis, e com desafios não antecipados.

Jonas apostou a sua vida na falsa idéia de que poderia fugir da presença de Deus. E perdeu. Em Jope, ele embarcou num navio para Társis e imediatamente anestesiou o coração rebelde com o sono. Ele se esqueceu de que Iavé é Senhor

da terra e do mar. A vastidão do Mediterrâneo estava tanto sob a providência de Deus como a sua amada Gate-Hefer. Os ventos começaram a soprar e o mar se agitou. O capitão do navio e sua tripulação foram tomados pelo pânico. Os deuses estavam irados, pensavam — zangados com alguém no navio. Lançaram sortes para descobrir o culpado, e estas caíram sobre Jonas. "Quem é você? Qual é a sua ocupação? De onde veio?" perguntaram. Jonas respondeu-lhes que era um hebreu e pertencia ao Deus de Israel. Então confessou que estava fugindo da presença de seu Deus. Os marinheiros suplicaram a Jonas para que orasse ao seu Deus, e todos se uniram numa fervorosa oração por segurança, mas nada adiantou. Finalmente, Jonas pediu que o lançassem ao mar. Os marinheiros tentaram tudo antes de atenderem ao estranho pedido. O masoquismo está muito perto do narcisismo. Quando não podemos construir o nosso mundo em tomo de nós mesmos, com freqüência esperamos e às vezes assumimos a responsabilidade de castigar-nos a nós mesmos.

Você sabe o que aconteceu. Jonas foi lançado ao mar e a tempestade amainou. Deus foi o autor da tempestade e ele desejava prosseguir com o capítulo seguinte da sua luta pela vontade de Jonas. A intervenção do "grande peixe", ou baleia, lembra-nos que os pensamentos de Deus para nós são "de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais" (Jeremias 29:11). O segundo capítulo de Jonas revela que, no ventre do peixe, *Jonas correu em espírito para Deus*. A excelente oração que fez, cheia de citações dos salmos e ditos de Israel, expressam a redescoberta de Jonas da onipresença de lavê e de sua boa vontade em livrar aqueles que, em sua angustia, se voltam para ele.

Todos nós conhecemos ocasiões de desespero, nas quais clamamos: — Deus, me ajude, por favor! — quando caímos prostrados sobre os nossos rostos, enquanto fugíamos dele. Criamos muita confusão. A vida caiu sobre nós. O Senhor, de quem estávamos tentando escapar, torna-se a nossa única esperança. Não merecemos a sua intervenção ou uma segunda oportunidade, mas nada resta a fazer, senão clamar por sua ajuda.

Não devemos ser simplistas acerca da dificuldade. Há ocasiões em que o problema indica que estamos sendo fiéis e enfrentando o mal. Outras vezes, o problema aparece em nosso caminho sem a mínima explicação ou propósito. Indagamos por que não estamos isentos de dificuldade. Então, geralmente depois de perplexidade frustrante, olhamos para o passado e percebemos que através dela crescemos na graça de Deus. Há, também, ocasiões em que o problema é um som de alarme que nos leva a correr de volta para Deus, fazendo-nos questionar o propósito e a prioridade de nossas vidas. Às vezes, quando as coisas se desmoronam, percebemos que o propósito jamais foi permanecer intatas. Estávamos forçando alguma coisa de nossa própria vontade obstinada.

Para Jonas, a corrida na direção de Deus pedindo ajuda exigia uma nova teologia e uma atitude transformada. Ele não poderia escapar da presença de Deus. Não havia lugar para onde correr, que Deus não estivesse lá esperando por ele.

Quando Jonas foi cuspidado na praia, Deus estava pronto para retornar ao plano zero. O Senhor não alterou a sua ordem. O rebelde profeta se humilhou e começou a jornada para Nínive. Por um breve período *ele correu com o seu Senhor*. Os resultados foram alarmantes e terríveis. Ao chegar a Nínive, recebeu uma mensagem de acordo com o seu coração censurador. Mas ele não tinha idéia do arrependimento e reavivamento que imediatamente produziria. O colérico hebreu caminhou com largas passadas pelas ruas da capital assíria, bradando condenação com clareza indiscutível: "Ainda quarenta dias, e Nínive será

subvertida".

Podemos imaginar que as pessoas tenham perguntado: "Quem diz tal coisa?" Jonas falou-lhes acerca do julgamento de Iavé sobre o pecado de suas vidas e sobre a iniquidade de Nínive. Lendo nas entrelinhas do relato do terceiro capítulo, percebemos a poderosa atividade do Espírito de Deus na metrópole pagã. Quando o rei de Nínive ouviu a mensagem, ele conduziu um movimento nacional de arrependimento. A cidade inteira cingiu-se de panos de saco e cinzas de contrição e angústia.

O que se segue é um ato duplo de arrependimento, que nos impele mais a fundo em nossa compreensão do Senhor do impossível. O povo se arrependeu, e Deus também! "Viu Deus o que fizeram, como se converteram do seu mau caminho: e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez" (Jonas 3:10). Usa-se a mesma palavra para o arrependimento do povo e o de Deus. O Senhor mudou de idéia em resposta à confissão do povo. Isso é muito importante para nós. Deus é contra o pecado, mas é por nós. Não podemos fugir de diante de sua face de retidão e justiça. O julgamento do pecado é a separação de Deus, agora e para sempre. Mas, no momento em que nos voltamos para ele, ele nos recebe com graça e perdão. É um novo começo!

Jonas suspeitava dessa verdade o tempo todo, e foi essa a razão de não desejar obedecer à ordem do Senhor para ir a Nínive. Agora, o corredor que correu com Deus tão eficazmente proclamando a sua palavra a Nínive, *corria bem à frente dele, revoltado*. Por que estava irado? Porque Deus, graciosamente, se arrependeu do julgamento. A luta pelo poder havia recomeçado a todo o vapor. O que Jonas menos desejava era que Nínive alcançasse perdão, pois tal arrependimento significava que ele teria de mudar de atitude para com os seus inimigos. Ele estava mais comprometido com os seus juízos negativos e com seu mau humor do que com Deus. A sua "oração", se é que podemos chamá-la assim, expressa o estado de seu coração vingativo. "Ah! Senhor não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para Târsis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal" (Jonas 4:2).

Jonas não era capaz de desistir da luta pelo poder. Ele continuou a lutar até o último e fatal assalto, no qual questionava a natureza e o propósito de Deus. Ele preferia morrer a desistir. Estamos às vezes tão comprometidos com nossas predições acerca de pessoas e situações que nos desagradam, que nem mesmo a mente de Deus pode mudar as nossas mentes! É fácil empenharmos na destruição de pessoas e situações, de tal modo que a força destrutiva se volta contra nós mesmos. O fato de nosso ego assegurar o fracasso de alguma coisa ou alguém produz resultados assustadores. O comentário: "Veja só, eu não disse?" ou "Eu estava certo o tempo todo!" é sinal claro de que estamos correndo adiante de Deus e alimentando nossa ira. Você já sentiu uma satisfação interior quando alguém de quem você não gosta satisfaz às suas piores expectativas? Você já se sentiu surpreendido pelo seu próprio deleite quando um concorrente fracassou de acordo com o seu prognóstico? Muitas de nossas lutas pelo poder com as pessoas são uma extensão de nossa luta pelo poder com Deus.

Quando Deus passa por nosso negativismo e abençoa a outros, o que podemos fazer? Jonas tinha duas opções: unir-se ao povo de Nínive, confessando o seu próprio pecado, ou tomar em suas próprias mãos o julgamento de si mesmo. A batalha final de vontades com Deus surge quando bancamos Deus de nosso próprio destino com auto-condenação. Jonas desejava morrer porque não podia fazer que Deus marchasse segundo o seu ritmo. Alguns são mais sutis:

eliminam a pessoa especial que são em morte lenta através da ira dirigida para dentro, contra si mesmos.

Jonas estava correndo adiante de Deus ao se sentar a leste de Nínive, contemplando do alto a cidade e esperando a sua destruição. O sol escaldante e os ventos quentes, como de uma estufa, atingiam a sua cabeça, excedidos apenas pelo forno da ira que rugia em sua alma. Uma vez mais o Senhor tentou alcançá-lo com cuidado e amor. Ele fez uma planta enorme crescer e tapar o sol. Isso satisfaz ao interesse próprio e narcisista do profeta. Mas não por muito tempo. O Senhor queria curar o coração turbulento de Jonas, e enviou um verme que atacou a planta, fazendo-a murchar. O propósito de Deus era lembrar ao profeta que ele, o Senhor, da mesma forma como dá suas bênçãos as tira, caso elas não tragam os corações para ele. O Senhor é bondoso em sua luta final pela vontade de Jonas. A expressão: "É razoável essa tua ira?" é uma maneira bondosa de perguntar quem de fato tem o direito de ficar zangado. Se houvesse justificação de alguma ira, era o Senhor quem tinha o direito de irar-se com o seu profeta petulante. Em vez disso, ele persistiu em oferecer compaixão. Mas é difícil parar alguém que corre velozmente adiante do Senhor e tenta dizer-lhe, ao mesmo tempo, como dirigir o Universo. O livro de Jonas termina abruptamente. O que aconteceu ao profeta? Não sabemos. Talvez isso seja bom. Podemos escrever o final nós mesmos. Como gostaríamos que o livro terminasse? Ou, mais em particular, como desejamos que a nossa própria história termine? Esteja certo de que, numa luta com Deus pelo poder, a única maneira de ganhar é permitir que ele vença. As palavras finais de Deus a Jonas são cheias de graça, a qual ele anseia que o profeta partilhe. "E não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda?" (Jonas 4:11). O de que Nínive precisava, Jonas precisava ainda mais. Seu julgamento, resultando em ira, procedia da falta de percepção de que ele também devia ser julgado por Deus. O perdão de Deus para ele devia ter produzido a preciosa compaixão de que ele tanto carecia. O livro de Jonas termina de repente, sem essa importante reação da parte do relutante profeta.

A história da luta de Jonas com Deus pelo poder inquieta-nos como indivíduos e como igreja. Deus está fazendo algo grandioso no mundo. Exclusivismo e julgamento são luxo que não devemos ter. O mesmo Deus que lutou com Jonas e com seu povo Israel, a fim de fazê-los amar a todos os povos, veio ao mundo no "maior do que Jonas" —Jesus Cristo — para revelar sua compaixão e graça. Quando renunciamos à nossa luta pelo poder e aceitamos o perdão de Deus e seu poder capacitador em Cristo, podemos correr com ele para a nossa Nínive.

O segredo da vida abundante é que quando sabemos que possuímos poder, a luta pelo poder termina. Uma experiência do poder de Cristo, que habita em nós, liberta-nos da luta pelo poder com ele ou com outras pessoas. E quando percebemos que o seu poder que nos foi dado tem o propósito de conhecermos e fazermos a sua vontade, então as nossas lutas se convertem numa paz sublime. Sabemos que somos amados e aceitos. Já não temos necessidade de lutar por vantagem nem competir por autoridade. Todo o poder no céu e na terra é nosso!

Uma surpresa final para a nossa consideração de Jonas não provém da Escritura, mas do quadro de Miguel Ângelo no teto da Capela Sistina. De todos os profetas, apóstolos e patriarcas retratados pelo grande artista, nenhum apresenta um semblante mais radiante do que o de Jonas! Miguel Ângelo sabia de algo que não sabemos? Ou quem sabe desejasse que o profeta conhecesse a graça a que

tanto resistiu? Talvez imaginasse que Jonas desistiu da luta pelo poder e se tornou um comunicador do amor, em vez da ira.

O mais emocionante é que podemos pintar o próprio semblante no teto de hoje e na eternidade. A luta pelo poder pode terminar, e um fluxo da bondade e do poder de Deus pode começar dentro e através de nós. O retrato não está terminado. Seu último capítulo ainda não foi escrito. Louve a Deus por isso!

CAPÍTULO DEZESSETE  
**A SOLIDÃO DE DEUS**  
***Oséias***

Você já pensou na solidão de Deus? Falamos tanto de sua glória e poder. Não deixemos de atentar para a solidão de seu coração. Podemos nos identificar com essa solidão de nossa própria experiência.

Há um tipo de solidão que é mais do que a ausência de outras pessoas. É o anseio de que as coisas estejam bem entre nós e aqueles a quem amamos. Relacionamentos rompidos causam a nossa mais cruciante solidão. Podemos estar em companhia de alguém e não termos comunhão com essa pessoa. A distância entre as pessoas é mais que geográfica; é psicológica, originada da quebra das relações. As pessoas, com freqüência, conversam comigo acerca da solidão que sentem no casamento, na família ou nas amizades.

Há uma dor na separação que advém de sonhos não partilhados, intimidade não experimentada e sentimentos mais profundos não correspondidos. Erich Fromm disse: "A necessidade mais profunda do homem é a de superar a sua separação, de deixar a prisão da solidão." Deixar essa prisão e

construir pontes em lugar de paredes não é sempre fácil. Especialmente quando as pessoas que amamos fazem coisas que necessitam de nosso julgamento, e quando temos de encontrar maneiras aprimoradas e criativas de auxiliá-las a atingir o seu potencial máximo.

Todos nós já sentimos a solidão do interesse profundo, que não podemos expressar por causa da resistência de outra pessoa. Quando percebemos alguém que amamos fazendo uma embrulhada de sua vida, ANSI

aamos estender a mão para ajudar, sem, contudo, nos opormos à liberdade da pessoa nem a privarmos da fibra de caráter que cresce através da dificuldade. Nossa tentação como cônjuges, pais, irmãos, irmãs e amigos é assumir a responsabilidade. Queremos resolver tudo, aliviar as dificuldades e dirigir a vida das pessoas com mais eficácia que pensamos que elas podem.

Lembro-me de estar de pé na linha lateral de um campo de futebol, enquanto um dos meus filhos era o goleiro do time da casa. O time visitante não o deixava em paz. Embora ele fizesse o possível para não perder a calma por causa do aborrecimento persistente e das decisões injustas do juiz, o conflito terminou numa luta corporal entre meu filho e os valentões do time adversário. Quando não pude mais ficar ali observando meu filho ser maltratado, dei o primeiro passo para intervir. Um amigo me agarrou pelo ombro: "Não faça isso! O rapaz deve lutar suas próprias batalhas. Não entre, se você deseja que ele se torne um homem." Bom conselho, mas doloroso! Há uma solidão de querer ajudar uma pessoa amada e saber que é melhor não interferir.

Aí fico a pensar num amigo profundamente preocupado acerca da vida sem direção de alguém que ele amava muito. Ele tentou ajudar, mas o seu interesse foi repellido. "Que posso fazer?" clamou. "Quando tento admoestá-lo no que é certo, ele se afasta de mim. Ele está decidido a destruir a sua vida. Sempre que ofereço conselhos prudentes ou um suave corretivo, é como se escavasse entre nós um abismo cada vez maior. É doloroso vê-lo despejar sua vida num bueiro, mas os esforços para ajudar têm prejudicado o nosso relacionamento. Sinto-me solitário. Não posso alcançá-lo!"

E então considero a solidão e alienação que uma esposa sentia pelo marido. Ela desejava confortá-lo em seus problemas, mas não podia tolerar o estilo de vida dele, que corria rápido em direção ao fracasso. Ela se sentia sozinha em sua dor. E me disse que tudo o que dizia era interpretado como interferência. Ela está confinada a um cárcere de solidão, por causa das suas ajuizadas opiniões que ele precisa ouvir, mas com a percepção de que quanto mais tenta desenredar os valores e os objetivos distorcidos de seu marido, tanto mais ele se distancia.

O coração de cada pai pode identificar-se com essa solidão. Um homem me contou que está chocado porque seu filho não partilha sua fê e seus bons propósitos. Ele sente a desgraça de ter falhado em comunicar amor. "Amo muito o meu filho", disse ele, "mas como posso comunicar-lhe esse amor sem afirmar as coisas que ele está fazendo e que sei vão arruinar-lhe a vida? Sinto-me preso nas minhas próprias convicções, às quais não posso renunciar, mas não posso viver a vida de meu filho por ele. O que posso fazer? Sinto--me sozinho sem a amizade que uma vez tive com ele."

Quando nos simpatizamos com essas pessoas e sentimos semelhante frustração, estamos nos aproximando das profundezas do coração de Deus. O problema dele com você e eu, da mesma forma que com milhões de seu povo, não é diferente. E o relacionamento complexo de justiça e graça. Ele nos criou para si mesmo e para o companheirismo espiritual de conhecê-lo, amá-lo, e permitir que ele nos ame. Mas a luta que observamos em Jacó e em Jonas está em todos nós.

Fazemos coisas que magoam o coração de Deus. Com frequência estamos decididos a voltar-lhe as costas e fazer as coisas a nosso modo. Não é sempre que o pomos em primeiro lugar. Buscamos coisas que ele não nos destinou. Adoramos falsos deuses erigidos pelo nosso orgulho. Resistimos à sua orientação e fechamos o fluxo de seu amor remediador.

Como consequência, nossos relacionamentos com os outros estão-se fragmentando pela falta de amor perdoador e de bondoso encorajamento. Quebramos os mandamentos divinos e o mandamento essencial do amor. O que pode ele fazer conosco?

Às vezes, resistências imperceptíveis ou ruidosas à sua vontade para nós deixam-nos incômodos em sua presença. A oração se torna menos íntima, depois formal e finalmente sem efeito. Tentamos usar Deus para satisfazer a nossa agenda e desejos egoístas. O que desejamos, muitas vezes, não é o melhor para nós. Esquivamo-nos de ser honestos com ele ao elaborar teorias bem sutis acerca de orações não respondidas. Deixamo-nos levar ao sabor das ondas. Uma saudade de Deus se desenvolve em nossas almas. Mas não podemos ir para casa em razão do que temos sido ou por causa de nossos argumentos presunçosos, levantados contra o Todo-poderoso pelo modo como falhou em satisfazer às nossas expectativas. Nossa falta de amor-próprio criativo não permite que Deus preencha o nosso vazio. Suportamos o afastamento por causa das condições que impomos. Os outros, o destino, as circunstâncias, inclusive o próprio Deus, a culpa é de todos — pensamos. E Deus, que não nos rejeita obliterando nossa liberdade, busca uma maneira de tornar-nos dispostos a estarmos dispostos. Como resultado de nossa independência motivada pela culpa, Deus fica solitário. Solitário pelo enlevo da reconciliação, da intimidade para a qual fomos criados.

Muitos de nós não conseguimos nos identificar com a solidão do coração de Deus, até que a experimentamos com alguém que amamos. É um dom magnífico da Providência, quando nos simpatizamos de repente com a solidão de Deus por nós. Sintonizamos a sua angústia quando sentimos o doloroso desinteresse e a resistência doentia de alguém que amamos, e que tem provocado tanto a nossa indignação como a nossa preocupação quando tudo fizemos para ajudar. Quando uma pessoa que amamos profundamente nos mantém à distância e resiste ao nosso desejo de ajudar, temos a oportunidade sagrada de saber como Deus lida com a solidão em relação a nós.

Pensamos no céu como felicidade duradoura, e ditosa alegria. Certamente há louvor incessante de anjos, arcanjos e santos de todos os tempos, ao redor do trono de Deus. E Deus fica satisfeito. Mas eu acho que o coração de Deus está sempre voltado para o arrogante planeta Terra, para seus filhos, por quem ele anseia com amor paternal — por você e por mim. A atenção principal de Deus é para com o povo que se diz dele, mas o nega com orgulho rebelde; que não pretende conhecê-lo, mas finge que sim. Pense nessa dolorosa solidão, quando as pessoas que você ama sofrem pela própria obstinação e você nada pode fazer, senão observar. Sinta o que Deus sente quando você chega à conclusão de que julgá-las só vai afastá-las de você. Identifique-se com o problema de Deus quando você sabe que a cortesia barata ou a aprovação solícita, de valor baixo, só farão de você um co-conspirador na ruína de alguém. Tudo o que você pode fazer é esperar. E no que diz respeito à pessoa, resta a dor. Solidão!

O profeta Oséias, através de seu próprio casamento, descobriu a solidão de Deus. Sua esposa o deixou para ser uma prostituta nas orgias sexuais do culto a Baal. O que podia ele fazer? Ele não podia perdoar-lhe o sacrilégio, e de sua



condenação veio a expulsão dela para bem longe. Então, por inspiração divina, ele percebeu o espantoso paralelo entre a sua angústia por causa de sua esposa e o desapontamento de Deus por causa de seu povo. No momento mais dramático de sua crise pessoal, o profeta estava pronto para falar a verdade a Israel com amor. Dizem alguns que uma má esposa fez um bom profeta. Talvez. Mas, de uma maneira mais profunda, Oséias se afasta da proclamação profética geral porque usa sua vida e experiência como mensagem. Em certo sentido, Deus escreveu o roteiro da dor de Oséias e a seguir pregou sua mensagem através do profeta!

Tal como Copérnico, que nos levou a perceber a verdade da cosmologia, Oséias levou o povo à descoberta espiritual da verdadeira natureza do perdão de Deus e de seu amor inexorável. A sua profecia do julgamento de Deus estava unida à mensagem de sua experiência da graça de Deus. Da sua experiência com Gômer, sua esposa, e da solidão que sentia por causa do pecado dela, Oséias captou o pulsar contínuo da aspiração de Deus por seu povo. A mensagem do Senhor a Efraim — nome que associava todas as tribos de Israel com o povo de Deus — era uma combinação do equilíbrio delicado entre o julgamento correto e o anseio profundo de restabelecer uma nova e perfeita comunhão entre ele e seus filhos rebeldes. A mensagem que Oséias escreveu e comunicou ao reino do Norte, entre os anos 750 e 725 a.C, saiu ardente do caldeirão de suas dificuldades familiares. O que ele proclamou era muito mais que uma transferência de sua luta a Deus. Oséias não passou pela dor de sua solidão por causa do pecado e separação de Gômer, e então de súbito disse: "Isso é como Deus deve se sentir acerca de Efraim." Pelo contrário, na profundidade da comunhão com Deus, o profeta recebia uma nova verdade acerca da natureza divina e a orientação de como reconciliar-se com a esposa. Logo depois ele anuncia, com urgência pessoal, a sua profecia ao povo de Deus.

O que Deus disse a Oséias e este, como profeta, transmitiu a Israel, é digno de um livro. Para os nossos propósitos aqui, podemos chegar à essência do livro de Oséias considerando a orientação de Deus para o profeta a respeito de Gômer, no terceiro capítulo, e então decifrando o dilema do amor genuíno com duas passagens, uma do quarto e outra do décimo primeiro capítulo.

*Primeiro, Deus revela o seu amor ilimitado em graça insondável.* Sinta com Oséias a perplexidade do que fazer acerca de Gômer. Para um hebreu, nenhum pecado poderia ter sido mais desprezível do que a adoração de Baal. Gômer fora atraída aos rituais de fertilidade pagã de fornicção no culto a Baal, e então se tornou uma escrava do culto. A coisa mais acertada a fazer era julgá-la e esquecê-la. Mas a separação resultava na angústia inexplicável da solidão. Seu coração ansiava pela esposa desafeiçoada. Então Deus mandou que ele fizesse algo que parecia contradizer toda a decência e integridade. "Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses" (Oséias 3:1). Atente para o emprego da palavra *amor*. Ê como se o Senhor estivesse dizendo: "Você ama sua esposa, agora vá e a ame com um amor mais profundo, como o que eu tenho por Israel."

O que o Senhor queria dizer? Somos tentados a ser simplistas. Deus sempre perdoa — esse é o negócio dele — dizemos, e assim podemos nos esquecer de nossas normas e oferecer perdão. Nada disso! O restante do livro de Oséias revela o alto custo desse perdão. Quanto mais fundo Oséias penetrava no coração de Deus, mais percebia que Deus compreendia a luta que ele teria de enfrentar para reconciliar-se com a esposa.

Isso nos leva ao que parece ser um paradoxo insolúvel: o amor de Deus versus o seu juízo. O quarto capítulo declara o juízo divino sobre o seu povo: "Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo" (Oséias 4:17). Isso soa como o fim da paciência de Deus. *Uma parte da solidão de Deus é que em certas ocasiões, em virtude de sublime sabedoria, ele deve nos deixar.* Ele nos ama tanto que se recusa a fazer um curativo na ferida do pecado com uma graça barata.

Todos nós conhecemos o sentimento de abandono da parte de Deus. Há dias, semanas, às vezes meses, quando sentimos que ele está ausente, e seu cuidado não existe. Ele se torna uma lembrança nublada de dias melhores.

Davi conhecia esse sentimento. Leia o Salmo 13 e capte a frustração de um homem que indaga onde Deus está: "Até quando, Senhor? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o teu rosto? Até quando estarei eu relutando dentro em minha alma, com tristeza no coração cada dia? Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo?" (Salmo 13:1-2). Não estamos isentos do que a maioria dos grandes santos sentiram muitas vezes em suas vidas.

Afirmamos com Isaías: "Verdadeiramente, tu és um Deus que ocultas a ti mesmo". Oramos, e nossas orações parecem retornar sem resposta. Nenhum sinal de seu cuidado amoroso; nenhum sussurro de sua orientação; nenhum som em nossas almas. Ele nos deixa a sós com nossa rebelião, como um pai a lidar com o acesso de raiva do filho. Desejamos que ele nos afaste dessa situação e nos impeça de macular nossa dignidade. Como um criminoso assustado que deixa pistas, escrevendo no local de seus crimes: "Alguém me detenha, por favor!", queremos que Deus intervenha. Nada, exceto o silêncio! Ou, na dor de nossos erros auto-infligidos, ansiamos pelos braços de um pai que nos assegure que tudo está bem, que realmente não fez diferença nenhuma. Silêncio de novo. Ou, oramos pedindo respostas rápidas para problemas que levamos anos a criar, e petulantemente batemos os pés no chão: "Deus, onde está você?" Aonde Deus vai quando precisamos dele? Dizemos com o profeta: "Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutaras?" (Habacuque 1:2). A pergunta feita na frivolidade de nossos esforços por fazer que Deus obedeça às nossas ordens, deve ser respondida nas profundezas de nossa solidão, que é igual à sua solidão por nós!

Esse é o outro lado da solidão. Deus conhece a solidão profunda, enquanto espera que cheguemos ao fim de nossos recursos. Quão fácil seria reduzir o tempo na fornalha ardente, o qual é necessário para criar pessoas realmente temperadas! Ele nos ama demais para fazer isso. Descobrimos, no capítulo onze, o triste preço que a solidão de Deus lhe custa.

Oséias revela o coração de Deus quando ele parece mais distante, inalcançável. Atente para o que Deus declarou acerca de Efraim. O mesmo se aplica a mim e a você, e às pessoas que tanto amamos: "Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os nos meus braços mas não atinaram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor. . . Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como a Admá? Como fazer-te um Zeboim? Meu coração está comovido dentro em mim, as minhas paixões à uma se acendem. Não executarei o furor da minha ira; não tornarei para destruir a Efraim" (Oséias 11:3-4a, 8-9a). O aparente desinteresse de Deus é contrabalançado pelo seu envolvimento compassivo. Ele não pode revelar-se de outra maneira; sua graça perdoadora é muito maior do que seu justo juízo.

No relato de Oséias temos um quadro de Deus com as mãos presas, mordendo os lábios em restrição auto-imposta, tudo para não invadir as nossas vidas e recusar-nos o privilégio de crescer através de nossos erros. Em seguida, vemos seus braços estendidos enquanto ele corre em nossa direção. O severo

olhar de desagrado é substituído por um compassivo sorriso de aceitação, quando esboçamos a menor inclinação para dar as costas ao pecado e correr em sua direção. Deus sente-se solitário por mim e por você. Ele nos deseja de volta ao seu coração, onde é o nosso lugar!

Quando ouvimos Deus dizer-nos: "Não posso deixá-lo ir!", podemos declarar (e enfatizar) aos outros: "Porque Deus jamais me deixará ir, eu jamais o deixarei ir." Todos nós, em nossas vidas, precisamos de pessoas cujo amor possua essa qualidade de paciência capaz de transmitir-nos afirmação e segurança. Elas ganharam o direito de estar ao nosso lado quando nos atracamos com a vida e não obtivemos o máximo desejado. Podemos abrir-lhes o nosso coração, sabendo que elas não esmagarão a tenra planta do desejo de melhorar. Elas não nos destruirão com censura severa nem extravasarão sobre nós sua impaciência consigo mesmas. Pacientemente, elas esperarão até que estejamos receptivos e intensifiquemos o nosso desejo de mudar.

Então, de repente compreendemos. Se precisamos dessas pessoas em nossa vida, assim também devemos ser para aqueles cujas vidas Deus nos confiou. Quando pedimos que Deus nos ajude a saber o que fazer e o que dizer, sua orientação não é diferente da que deu a Oséias. Devemos nos dirigir à pessoa a quem amamos, ser o amor de Deus para ela, e, depois, confessar-lhe a nossa solidão e o nosso anseio de ser útil. O verdadeiro amor, que é mais que uma troca comercial ou uma recompensa, fará com que a pessoa deseje mudar. Se pudermos, ao lado de outros, ser a pessoa que ansiamos que os outros sejam, em breve o nosso exemplo alcançará os seus objetivos.

Isso não é simples nem fácil. Opiniões condenatórias a críticas exacerbadas revelam muito de nossa tendência natural. Mas essa não tem sido a atitude de Deus para conosco, e nossa expressão de amor genuíno jamais pode ser menor.

A cruz é o único lugar onde o amor pode nascer e ser nutrido. O Calvário revela plenamente o mesmo amor solitário que Oséias experimentou e depois liberou. Juízo do pecado, sim, mas também amor inextinguível, que expõe o verdadeiro e eterno coração de Deus. "Não posso deixá-lo ir, porque o amo muito. Sinto solidão por você!" Que nossa resposta seja permitir que seu amor encha os nossos corações solitários, e que estes, depois, revelem esse amor às pessoas que ele colocou em nosso caminho.

CAPITULO DEZOITO  
**NOVA A CADA MANHÃ**  
*Jeremias*

Muitas das cartas que recebo revelam a necessidade de esperança. A cada semana centenas de pessoas me informam, de muitas maneiras, que sua esperança está a acabar-se. A carta de certo homem, contudo, era especialmente aguda e comovente:

"Perdi toda a esperança!" escreveu ele. "Um ano atrás a vida pareceu despedaçar-se. Uma boa parte do problema era culpa minha, mas outras pessoas também tinham culpa. Nada parecia dar certo. Amigos me diziam que as coisas estavam tão ruins que não poderiam ficar piores. Bem, elas pioraram! Assim, pedi que Deus entrasse e acertasse as coisas. O que faz você quando pede a Deus que realize algum milagre e, em lugar disso, obtém mais problemas? Como se pode ter esperanças quando pede ajuda a Deus e nada acontece?"

Que resposta você daria a esse homem? Ele precisava de algo mais do que palavras bonitas como conselho. A vida o havia levado ao limiar de uma descoberta importante. Não quis que essa descoberta se perdesse, dizendo-lhe

que aguardasse mais tempo e reunisse mais coragem para esperar. Ele havia perdido sua esperança utilitária e autogerada e estava prestes a receber a dádiva da esperança infundida por Deus.

Quando conversamos face a face, disse-lhe algo que o assustou e o deixou perplexo:

— Você é uma pessoa muito abençoada.

— Uma o quê? — retrucou angustiado. — Como você pode dizer uma coisa dessas depois de tudo o que me aconteceu? Perdi as esperanças, e tudo o que você faz é parabenizar-me?

Pelo menos consegui a atenção dele para o que tinha a dizer, e, pela graça de Deus, ele demonstrou receptividade.

— Não é possível produzir esperança autêntica. O que você perdeu foi seu senso de expectativa e seu ardente desejo. Você não perdeu a esperança. A verdadeira esperança não é uma capacidade produzida por meios humanos e adquirida mediante atitudes corretas ou pensamentos positivos. A esperança é um dom que se relaciona de um modo inseparável e inexplicável com o Doador. Você precisa de Deus muito mais que das respostas dele a seus problemas. Quando experimentamos um relacionamento íntimo com ele, a esperança será um dos mais agradáveis subprodutos. A esperança duradoura não é um ocasional anseio para que Deus atue em nosso favor. Antes, é uma inabalável confiança de que ele é a nossa vida, agora e para sempre, e que nem a vida nem a morte pode separar-nos dele.

Sou agradecido porque, na tarde que conversamos, esse homem desesperançado recebeu esperança ao reconhecer a Deus, realmente, como o Senhor da sua vida. Ele estabeleceu a ordem das coisas: o Reino de Deus, a comunhão com Deus e a disposição de realizar a vontade de Deus. Nos dias que se seguiram, o dom da verdadeira esperança começou a crescer.

A descoberta mais dolorosa que já fiz, e que devo redescobrir mais e mais vezes, é que a esperança é a faculdade de fazer, acidentalmente, descobertas felizes. Ficaremos desapontados se buscarmos a esperança como um fim em si mesma. A esperança dinâmica vem de algo ou de alguém fundamentalmente confiável. Nenhum amigo e nenhuma pessoa amada, nenhum líder e nenhuma instituição pode ser a fonte da esperança. Essas pessoas ou coisas jamais tiveram esse propósito. Pessoas, causas, movimentos, partidos — ou o fraco desejo de que em dado momento as coisas vão dar certo — sempre nos decepcionam.

"Há esperança?" E o que muitos perguntam hoje, unindo-se ao coro de outros cuja expectativa está imersa no vazio. Quando contemplo minha congregação a cada semana, vejo a pergunta escrita nas faces de centenas de pessoas. Amor e honestidade devem responder sim e não. Não, não há esperança no pedido que fazemos a Deus; sim, há esperança no que Deus deseja ser em nós e realizar por nosso intermédio.

Há três níveis de esperança. Os dois primeiros são fac-símiles, o terceiro é confiável. Todos nós temos um anseio interior pelo progresso, pelo sucesso e pelo cumprimento de nossos sonhos e planos mais acalentados. Algumas pessoas, que esperam ansiosas pelo melhor, têm sido abençoadas com uma disposição radiante. Mesmo as mais positivas das pessoas, quando enfrentam problemas e perplexidades, são forçadas a pedir ajuda a Deus a fim de resolver as coisas de acordo com a pressuposição delas. Mas é quando ele não satisfaz às nossas expectativas, ou não marcha conforme o nosso ritmo, que somos abençoados com a crise de desejar Deus por Deus, e não pelo que ele realiza como cumpridor de

nossos planos. É neste nível mais elevado que nasce a esperança.

A transição turbulenta de uma esperança utilitária para a esperança real é a história da vida de Jeremias. Ele é conhecido como o "profeta chorão". Na verdade, a palavra *jeremiada*, que significa "história de lamentos", "desapontamento" ou "desânimo", decorre de uma compreensão superficial da vida e do ministério de Jeremias. Na realidade, o profeta se tornou um homem de profunda esperança.

Mas ele não experimentou esse tipo de esperança logo no início, ou com facilidade. Foi o presente de anos posteriores, quando as orações pareciam sem respostas, quando o seu anseio pelo povo não se cumprira, e quando já se achava exaurido por completo. Esta é a razão por que é tão importante uma consideração de Jeremias para o nosso tempo. As experiências dele nos quarenta anos de seu ministério profético no Reino do Sul, sua liderança até a conquista e destruição de Jerusalém por Babilônia em 586 a.C, e os dias lastimosos que se seguiram com o exílio de seus compatriotas, forjaram um homem que apela à nossa condição. Jeremias não vivia na superfície do mar turbulento da história da Judá; ele foi um mergulhador que desceu às profundezas e apareceu com uma pérola genuína posta à prova. Ele recebeu o dom da esperança verdadeira e partilhou o segredo.

O capítulo três de Lamentações descreve a descida de Jeremias às profundezas e a sua ascensão à sublime esperança. O livro de Jeremias foi escrito após a destruição de Jerusalém e o início do exílio. É uma compilação de elegias. O título do livro e a primeira palavra do primeiro capítulo em hebraico é *Ekah*, literalmente, "Ah, como?" ou "Ai de mim!" Os manuscritos antigos traziam uma síntese inicial explicando o título e o conteúdo. "E aconteceu que, depois que Israel foi levado em cativo e Jerusalém foi destruída, Jeremias sentou-se a chorar e pranteou esta lamentação sobre Jerusalém, dizendo. . ." E o que ele disse está cheio de pesar e por fim de indignação, que se aproxima da blasfêmia, acerca da providência divina. Como pôde Deus permitir tal coisa? O povo havia pecado, sim. É bem verdade que se haviam feito de surdos para as advertências mais ardentes do profeta. O povo escolhido adotou falsos deuses e aliados políticos incrédulos e desobedientes, sem dúvida. Mas Jeremias havia orado durante todo esse tempo. Deus não atentou para suas orações? Não se importou?

A pergunta angustiada, enfocada em especial no capítulo quatorze, versículo 8, permeia o livro de Jeremias: "O Esperança de Israel, e Redentor seu no tempo da angústia, por que serias como estrangeiro na terra? Como viandante que se desvia para passar a noite?" Jeremias poderia aceitar o juízo de Deus com respeito à apostasia de seu povo, como havia predito, bem como confirmar a permissão de Deus para a queda de Jerusalém e o exílio dos seus mais honrados cidadãos — mas desde que tudo isso fosse sem angústia e sofrimento tão terrível, com uma pergunta séria acerca da extensão do castigo de Deus. Foi então que Jeremias clamou em alta voz por amparo pessoal, a fim de suportar a sua dor, como abandonado e esquecido. Imaginava que estivesse do lado do Senhor através da angústia que seu povo experimentava, mas tudo o que obteve em troca desse mesmo povo que tentou ajudar foi rejeição, ódio e hostilidade.

Os primeiros dezoito versículos do capítulo três de Lamentações captam a presença da esperança utilitária. O sofrimento do povo não conduziu ao fim que Jeremias esperava. Nem os meios nem o fim pareciam benéficos. Do mesmo modo como muitos só se satisfazem com a esperança de que Deus venha cumprir a sua visão, Jeremias chegou a duvidar da intervenção divina. As imagens que emprega

para explicar o seu empenho assumem realismo surpreendente. Jeremias tinha visto aflição, mas era a vara da ira de Deus que ele questionava. Sentia-se sozinho na escuridão da aparente rejeição do Todo-poderoso. Deus não apreciara seus esforços por tantos anos? Aprisionado, ele sentia-se sozinho e abandonado. Quando orava, parecia não haver resposta. "Ainda quando clamo e grito, ele não admite a minha oração. Fechou os meus caminhos com pedras lavadas, fez tortuosas as minhas veredas. Fez-se-me como urso à espreita, um leão de emboscada. Desviou os meus caminhos, e me fez em pedaços; deixou-me assolado" (Lamentações 3:8-11). Observe os pronomes de petulância. "Minhas veredas"; "meus caminhos". A esperança dele, de que Deus atenderia ao seu chamado, engolfava a sua alma. O ridículo e a zombaria do povo nada era comparado ao silêncio de Deus. O lamento de Jeremias atinge o ponto mais alto com o clamor: "Já pereceu a minha glória, como também a minha esperança no Senhor" (Lamentações 3:18). Ele estava próximo do ponto de ruptura. Ele estava sendo quebrantado para experimentar a esperança verdadeira.

Repetidas vezes o profeta retornava ao que tinha acontecido. Ele fazia mau uso da memória para enfocar de novo todos os seus desapontamentos. Deus se lembrava? Sim, Jeremias! "Lembra-te da minha aflição e do meu pranto, do absinto e do veneno. Minha alma continuamente os recorda e se abate dentro em mim" (Lamentações 3:19-20).

Então, de repente, um raio da verdade penetrou no calabouço da memória de Jeremias. Ao alcançar bem o fundo, ele se agarrou a uma lembrança que transformou o seu complexo de consternações. Nas profundezas do desespero, ele conseguiu o dom da esperança. E o Doador era o dom. "Disso eu me recordo, portanto tenho esperança." O "Ah, como?" de Jeremias se transforma em: "Ah, eis a esperança!"

E tão freqüente ouvirmos e repetirmos as infundadas palavras: "Ah, eis a esperança!" Jeremias faz essa declaração com algo mais que o fino e desgastado fio do desejo. O impacto dos próximos seis versículos denotam a importância da percepção estimulante de "Eis a esperança, deveras!"

O profeta emerge de sua noite escura com três grandes convicções que levam a uma experiência liberadora de esperança inabalável.

A primeira baseia-se nos *atos passados de Deus*. "As misericórdias do Senhor não têm fim" (v. 22a). A tradução alternativa do hebraico é: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos". Jeremias estava agarrado à convicção de que o julgamento de Deus vinha de par com a possibilidade de um novo começo. O exílio do povo era na verdade menos do que eles mereciam. Eles podiam ter sido totalmente extintos. Já me indaguei muitas vezes se as palavras de Deus para os exilados, enviadas através de Jeremias, tornaram-se em segurança pessoal para o profeta quando ele chorava por Jerusalém e seu povo. "Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensa mentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais" (Jeremias 29:11). Deus não havia completado a sua obra com o seu povo ou com seu profeta. Ele tinha planos. O que Jeremias pensava ser o fim, na verdade era um ponto-e-vírgula na preparação de um novo começo — e tudo por causa da paciência de Deus.

Nosso processo de cura começa quando pensamos que toda esperança se foi, e então nos lembramos de como Deus tem sido perseverante conosco, apesar de nossa rebelião e resistência. Por causa de Deus, "o que poderia ter sido" toma-se numa base para o louvor e para os primeiros estímulos da esperança. Quando medito no passado de minha vida e considero o que poderia ter acontecido se

Deus não me tivesse guiado pelos vales, fico muito mais disposto a confiar-lhe o meu futuro. A contemplação de sua misericórdia prepara-me para uma esperança maior que o pensamento cheio de desejos. Pense nos momentos em que você foi poupado dos resultados de decisões erradas, resistência à orientação de Deus e recusas clamorosas em fazer a sua vontade.

Em seguida, Jeremias lembrou-se das *compaixões do Senhor* que nunca falham. "Pois suas compaixões nunca falham". Os atos passados de Deus se expressam em seu perdão e em seu desejo de congregar-nos a ele. Deus não volta atrás em sua palavra. O que ele disse a Josué aplica-se a nós também: "Assim serei contigo: não te deixarei nem te desampararei" (Josué 1:5). Muito daquilo que nos faz perder a esperança resulta de nossas próprias palavras e ações, bem como de outras pessoas. Desejamos saber por que Deus não provoca um curto-circuito em nossa liberdade humana e constrói um mundo melhor. E, contudo, suas compaixões persistem e ele usa até mesmo os nossos erros para o nosso crescimento e para a sua glória.

Quando nos lembramos das suas misericórdias passadas, nossa disposição em assumir uma visão diferente do futuro começa a crescer. O que mais importa, realmente?

E conhecemos muito mais das compaixões de Deus do que Jeremias. Olhamos para a encarnação, a cruz, a ressurreição e o Pentecoste. Deus não desiste. Cristo foi misericórdia encarnada em seu ministério, graça imerecida em sua morte e fonte de verdadeira esperança na sua ressurreição. Os atos poderosos de Deus dispersam a desesperança. Ele é o Senhor que intervém, que invade, o Senhor da criação e da história humana. A cruz e o túmulo vazio lembram-nos que Deus pode usar o pior para realizar o melhor. Cristo derrotou o poder do pecado na cruz e a morte na manhã da Páscoa. Nossa magra esperança é substituída por uma esperança viva.

Pedro passou pela mesma transição. Suas esperanças estavam fixas no fato de que Jesus de Nazaré realizaria o que Pedro supunha que ele devia realizar. O Calvário destruiu sua esperança utilitária. O Senhor vivo da ressurreição partiu as correntes das esperanças terrestres e abriu o céu e a vida abundante para o apóstolo. Preste atenção à sua palavra estimulante para a igreja primitiva, que se havia desviado ao usar Cristo como um meio de realização de suas esperanças temporárias, felizmente malogradas no sofrimento: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (1 Pedro 1:3-5). A ressurreição de Cristo é a base de nosso crescimento na esperança.

E não apenas a ressurreição de Cristo, mas também a nossa! A esperança nasce quando morrem as nossas falsas esperanças de fazer com que o Senhor obedeça às nossas ordens. Somos crucificados na morte da esperança temporária e ressuscitados para a esperança eterna. Estamos vivos para sempre mediante o nascer de novo. O céu começou. Nada pode destruir esse acontecimento. A compaixão de Deus nos salvou do desespero — com nós mesmos, com os outros e com o mundo.

Mas essa experiência tem de ser atualizada, renovada, repetida a cada dia. Jeremias descobria que as misericórdias de Deus eram novas a cada dia. Sua antecipação da paciência e do perdão de Deus o levou à *fidelidade do Senhor*. "Renovam-se a cada manhã; grande é a tua fidelidade" (Lamentações 3:23). A



esperança renasce dia a dia, a todo momento, em cada desafio e crise; a cada intervenção, quando a ressurreição acontece de novo dentro e ao redor de nós. As misericórdias de Deus não apenas se renovam a cada manhã, elas transformam as noites em dias.

Essa é a razão, a julgar de nossa perspectiva deste lado do Pen-tecoste, pela qual a invasão do Espírito de Cristo com o batismo de seu Espírito é tão importante. Sua mente ficou conturbada e apegou-se novamente à constância e coerência de Deus. Uma época de desesperança não deveria nos compelir, em vão, a uma busca da esperança, mas a uma busca de Deus. E então ficamos espantados ao perceber que até mesmo o desejo de seguir ao Senhor está associado à sua dinâmica procura por nós. Mesmo a percepção de novas misericórdias é um dom do Senhor. Ele nos capacita a apreciar a maravilha de seus avanços diários em nossa vazia expectativa. Ele nos proporciona o dia e mostra o caminho. Então podemos cantar:

Tu és fiel Senhor, meu Pai celeste; Pleno poder a teus filhos darás; Nunca mudaste, tu nunca faltaste; Tal como eras, tu sempre serás. Tu és fiel Senhor, tu és fiel Senhor Dia após dia, com bênçãos sem fim; Tua mercê me sustenta e me guarda Tu és fiel, Senhor, fiel a mim!

Jeremias elevou-se cada vez mais da auto-condenação e das críticas para uma percepção bem mais importante que a sua desesperança. Ele lembrou-se de Deus e da bondade divina, apesar de tudo o que ele e Israel haviam feito e sido.

Mas essa introspecção apenas preparou o profeta para a descoberta mais importante acerca da esperança. *Experimentamos a esperança genuína em união com o próprio Deus*. A fonte sublime da esperança está na comunhão constante com o Senhor que nos criou para si mesmo, e que, conforme a sua integridade, deve *desfazer* toda fonte competitiva de esperança. "A minha porção é o Senhor, diz a minha alma, portanto esperarei nele" (Lamentações 3:24).

Chegamos, com Jeremias, ao Santo dos Santos: o coração de Deus. Nada mais pode nos dar esperança duradoura.

Para aumentar o impacto dessa descoberta, faz-se necessário um conhecimento do conceito do Senhor como nossa porção. Quando se dividiu a terra prometida entre as tribos de Israel, a tribo de Levi não recebeu nenhuma herança. Essa tribo estava distribuída entre as outras, e cada uma era responsável pela conservação da parte deles e da dos levitas, que ficariam responsáveis pela manutenção do santuário e das obrigações sacerdotais. O Senhor prometeu que, em vez de terra, ele seria a porção dos levitas. Jeremias se apropria da linguagem e do conceito. O Senhor, não a segurança, a prosperidade, a preservação de Jerusalém ou a sua própria dignidade e reputação, seria a porção do profeta. A perda da terra de Judá estava no coração sensível do pregador. Jerusalém estava vazia da glória passada. O que sobrava? Deus! Somente ele era a porção de Jeremias. E esperança. A recém-achada intimidade florescia na esperança.

Jeremias havia mudado. Em vez de desejar a esperança do Senhor, ele quis experimentar a esperança *no* Senhor. A esperança insuficiente fora substituída por uma esperança ativa e inextinguível.

O mais espantoso é que o Senhor permitirá o que for preciso para levar-nos a crer que somente ele é a nossa porção. Ele não nos envia problemas, pois não precisa enviá-los. Há já bastante em volta, nesta criação decaída. Mas quando as tragédias, as perdas e a dor chegarem, quebrantando os nossos corações, e as coisas não saírem como planejamos, podemos ainda experimentar a esperança.

Jeremias desejava partilhar suas experiências. A voz profética nele se desprende novamente, mas agora com a amabilidade do Senhor que ele encontrara, não superficial, mas na profundidade de um encontro decisivo. O que ele tem a dizer agora procede da vitória sobre a desesperança. Ele havia servido a Deus, ficado em silêncio, e Deus concedeu-lhe esperança. Deus proporcionou-lhe uma experiência de seu Espírito.

"Bom é o Senhor para os que esperam por ele, para a alma que o busca; bom é aguardar a salvação do Senhor, e isso em silêncio" (Lamentações 3:25-26).

Um dos principais temas da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, é a transição turbulenta da falsa para a verdadeira esperança. Ao desenvolver sua tese, ele toma Abraão como exemplo. Abraão, "esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações" (Romanos 4:18a). Como constatamos em nosso estudo de Abraão, ele recebeu o dom da esperança quando suas próprias esperanças malograram. A verdadeira esperança deve sempre combater a esperança de origem humana.

Em Romanos 5, Paulo continua a informar-nos acerca da esperança verdadeira na comunhão com Deus: "Justificados, pois, mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Romanos 5:1-5). O amor de Deus, mais a fé, é igual à esperança. É uma esperança que não nos desaponta, tão estável e segura quanto o próprio Deus.

Passemos, agora, ao passo seguinte do *crescimento na esperança*. Em Romanos 8, Paulo trata do poder da esperança com relação ao futuro. "Porque na esperança fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança, pois o que alguém vê, como o espera?" (v. 24). A verdadeira esperança nos auxilia nos problemas e decisões do dia-a-dia. Paulo declara que o Espírito de Deus conhece nossos corações, concedendo-nos aquilo que ousamos desejar através da esperança, como parte do plano de Deus para nós. "E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos." Em outras palavras, recebemos orientação de como esperar e pelo que esperar na vontade de Deus para nós. Quando oramos pelo que Deus está disposto e pronto a dar, nossas esperanças não são a projeção de nossos sonhos e desejos, mas a realização do plano divino. Quando ele é a nossa esperança, temos o desejo de executar a sua vontade revelada. E podemos esperar com confiança, sabendo "que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8:28). Isso é esperança!

A esperança e o Espírito de Deus são um. Quando estamos cheios do Espírito, temos esperança. Quando obstruímos o fluxo do Espírito e exigimos que o seu poder execute nossos planos, a esperança diminui e desaparece. É este o efeito da palavra final de Paulo acerca da esperança para os cristãos em Roma: "E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de *esperança no poder do Espírito Santo*" (Romanos 15:13).

Paulo lembra aos efésios que eles, antes da conversão, estavam

abandonados "não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Efésios 2:12). Viver sem Deus no mundo é, afinal, enfrentar a desesperança.

Mas o sublime discernimento do apóstolo está em sua carta aos Colossenses, que revela o mistério da esperança: "Cristo em vós, a esperança da glória" (Colossenses 1:27). Aí está de novo: a nossa esperança procede do Espírito de Cristo. A glória de ser recriado à semelhança de Cristo e viver com ele para sempre é a esperança que nos impulsiona para a frente, numa vida sem morte, a qual nada pode anular.

Seja o que for que a vida nos dê ou nos tire, é uma bênção se rompe o laço da esperança utilitária que sempre nos desaponta, a fim de podermos experimentar uma esperança tão certa quanto o próprio Senhor. A esperança que Jeremias encontrou nova a cada manhã, é nossa a cada momento, pois o Senhor não é apenas a nossa porção — ele é o nosso poder, poder para esperar!

#### CAPÍTULO DEZENOVE

## **UM QUARTO HOMEM NO FOGO** **Sodraque, *Mesaque e Abede-Nego***

Um amigo meu estava enfrentando uma operação de vida ou morte. Certa noite, antes da cirurgia, sua esposa tentou encorajá-lo com algumas palavras de conforto. "Tudo vai dar certo", disse ela com ternura, "você vai ficar bom."

Depois que ela saiu do quarto, suas palavras ficaram revolvendo--se na mente do meu amigo. Em dado momento, durante a longa noite de espera, ele sentiu uma profunda calma interior e disse a si mesmo: "É mesmo se não der, vou ficar bom!" Ele encarou a realidade de que talvez pudesse não sobreviver. E, contudo, sabia que nada — nem a doença, nem a dor, nem a própria morte — poderia separá-lo do cuidado amoroso e bondoso de Deus. Naquele momento de crise ele conheceu uma segurança eterna e ficou convencido de pertencer a Deus, sobrevivesse ou não à operação.

A verdadeira liberdade é mais que simples respostas às orações pelo que desejamos ou pensamos ser melhor para nós. Não haverá permanente livramento

de nossa ansiedade, enquanto não formos capazes de afirmar: Mesmo se não der certo, como planejamos ou esperamos, alcançaremos vitória maior. Estamos vivos para sempre. Nada nesta vida nos pode derrotar.

Grande parte de nossa fé depende de conseguirmos que Deus realize certas coisas, das quais nos consideramos necessitados. Medimos a nossa fé pelas respostas às nossas petições. Permanecemos fiéis quando há um fluxo constante de milagres a nosso favor, mas quando enfrentamos reveses ou longos períodos de espera pelas respostas à oração, achamos que alguma coisa está errada. Às vezes, questionamos até mesmo a fidelidade de Deus.

A história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego apresenta-nos o quarto Homem na fornalha ardente mediante quatro expressões de fé. Durante o exílio babilônico, os três amigos de Daniel super visores administrativos do povo de Deus, foram fiéis a Iavé e jamais adoraram os deuses babilônicos. Quando Nabucodonosor erigiu uma imagem de ouro de quase trinta metros de altura e quase três de largura, na província de Babilônia, eles não a adoraram. A notícia dessa desobediência deixou o rei tão furioso que ele ordenou que trouxessem os três hebreus à sua presença. "É verdade, ó Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vós não servis a meus deuses nem adorais a imagem de ouro que levantei? Agora, pois, estai dispostos e, quando ouvirdes o som da trombeta, do pífaro, da citara, da harpa, do saltério, da gaita de foles, prostrai-vos e adorai a imagem que fiz; porém, se não a adorardes sereis no mesmo instante lançados na fornalha de fogo ardente. E quem é o deus que vos poderá livrar das minhas mãos?" (Daniel 3:14-15).

A resposta dos corajosos hebreus foi cheia de confiança e ousadia: "O Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a quem servimos quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei" (Daniel 3:16-17). A declaração deles, mais adiante, expressa o segredo da sua ousadia: "Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste" (v. 18).

"Se não!" Duas palavras com as quais podemos enfrentar qualquer coisa. A fé que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego possuíam não dependia do livramento, mas baseava-se no conhecimento de que Deus cuidaria deles, não obstante a fornalha. Só teremos vida abundante quando pudermos proferir essas palavras. Os três hebreus não poderiam ser coagidos ou intimidados. Eles não adorariam a nenhum deus, exceto Iavé. Nem esperavam que Iavé se curvasse para eles! Nada havia de submissão permutada. Eles não confiavam em Deus para abrir-lhes o caminho, mas para um caminho através de qualquer provação e sobre qualquer provação.

Não há poder real na vida cristã até podermos declarar "se não". Estas são palavras de rendição que proporcionam vigor duradouro e revelam uma maturidade incapaz de insistir em que Deus marche segundo as nossas ordens. Jamais entregaremos realmente um problema a Deus enquanto não pudermos fazê-lo com a confiança de um "se não".

Perturbador? Sim! Mas sublimemente libertador. Todos temos lutas que exigem o poder e a ajuda de Deus. Muitos vivem no nível da fé que faz um pedido e espera uma resposta. Quando nos deparamos com uma oração aparentemente não respondida, sentimo-nos esquecidos e desanimados. No entanto, é então que temos uma abençoada oportunidade de crescer. Quando olhamos além da resposta interesseira e vemos que Deus tem planos ainda melhores, descobrimos uma paz que "ultrapassa o entendimento".

É de surpreender a coragem dos companheiros de Daniel. Porém, sabemos muito mais acerca de Deus e de seu poder hoje do que eles então. Podemos permanecer de pé com uma ousadia iluminada. Através de Jesus Cristo possuímos "uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus. . ." (1 Pedro 1:4). Todas as nossas orações devem descansar na perspectiva da vitória de Cristo sobre o mal e a morte. A luz dessa fé podemos abrir mão de nossas necessidades, certos de que Deus sabe o que é fundamentalmente melhor para nós. Mesmo que ele não responda como gostaríamos, esse fato pode ser apenas uma vírgula no triunfante relato de nossa aventura cristã, cuja vitória final é certa.

Assim, a primeira coisa que aprendemos de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego é *enfrentar a fornalha*. E na fornalha que nossa obediência enfrenta as chamas do mal no mundo. Alguns arranjam problemas por razões erradas como orgulho, obstinação e arrogância. Os três hebreus estavam em apuros por não se curvarem diante de uma imagem pagã. Também à nossa volta se levantam deuses falsos, e alguns de nós enfrentam uma fornalha de dificuldades por não se curvarem diante deles. Há imagens de ouro em nossa sociedade, a exigirem a nossa adoração: materialismo, sucesso, poder ou popularidade. Quando recusamos a nos curvar diante delas, podemos sofrer a rejeição e as críticas. Para outros, a fornalha pode ser sofrimento físico ou problemas emocionais. Quando a vida nos desaponta, somos tentados a adorar uma imagem de frustração e futilidade.

A fornalha mais ardente, contudo, é a sensação de que Deus nos abandonou. Ela arde como resultado da nossa adoração de um deus que nós mesmos esculpimos — um deus que obedeça a nossas ordens e atenda a nossos pedidos. Ele é terreno, não celestial; um rapaz de recados, não o Soberano eterno de toda a criação. Mas Deus não quer estar em nossa agenda; ele nos quer na dele!

Com freqüência, as pessoas de nosso círculo de amizade não ajudam. Quando oramos e não obtemos resposta, declaram: "Deve haver algo errado com você! Algo deve estar errado em sua vida espiritual, se você pede e não recebe exatamente o que pediu." Essa capciosa sugestão induz-nos a erigir uma imagem de ouro pagã: nós mesmos. Devemos tornar-nos adequados e perfeitos para que Deus ouça e aceite nossas orações. Como conseqüência, quando enfrentamos as fornalhas da vida, duvidamos de nós próprios e também de Deus.

Enfrentar a nossa fornalha significa nos atracarmos com a realidade. Sejam quais forem os problemas — perplexidades, doenças, desapontamentos nas relações humanas — podemos enfrentá-los de frente, seguros de que, mesmo que Deus não nos livre deles de acordo com os nossos desejos, ele nos ajudará através deles. Enfrentamos a fornalha quando a entregamos à sábia providência de Deus e confiamos nele para que nos fortaleça e nos coloque além dela.

Quando estou com pessoas que enfrentam a fornalha das dificuldades da vida, tento demonstrar-lhes compreensão enquanto vivem o processo de entregar suas necessidades com um confiante "se não". Esse processo força-as a colocar as coisas em perspectiva. O problema não é tudo na vida. Elas pertencem a Deus e estão vivas para sempre, seja qual for o resultado do problema. Regularmente, visito pessoas hospitalizadas, que podem não melhorar. Em cada caso, ajudo-as a prosseguirem com a investigação do que lhes acontecerá se as orações pela sua recuperação não forem atendidas. Onde estarão elas depois? Quando a segurança da infalível graça de Deus é mais importante que a resposta secundária da cura imediata, nada mais importa. Elas recebem a liberdade para

afirmar com Paulo: "Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos quer morramos, somos do Senhor" (Romanos 14:8). É estimulante que o momento da renúncia seja freqüentemente o princípio da cura ou da solução de um problema difícil.

Perguntaram a Lutero onde ele estaria ao enfrentar os furiosos bispos, os cardeais e o Papa na Dieta de Worms. Sua resposta vale para todas as fornalhas da vida que tivermos de enfrentar: "Naquele momento, como agora, estarei nas mãos do Deus Todo-poderoso!"

A segunda coisa que aprendemos de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego é entrar em nossa fornalha e *deixar os resultados com o Senhor*. Quando Nabucodonosor ouviu a ousada declaração acerca do cuidado de Deus, ele se encheu de ira. Contorcendo-se de raiva, ele ordenou que o fogo fosse aquecido a uma temperatura sete vezes maior que a de costume. Os três hebreus foram atados em suas próprias vestes a fim de não se moverem ou pôr-se de pé. Depois foram atirados na fornalha ardente. Mas as chamas não podiam com o fulgor da fé em suas faces. Eles confiavam em Deus, quer por livramento, quer por vigor a fim de suportar a dor das chamas.

Façamos essa declaração e deixemos os resultados com Deus. Não somos responsáveis pelos resultados; somos responsáveis pela obediência. A sarcástica pergunta dirigida a Jó: "Jó ama a Deus por nada?" podemos responder com firmeza: "Amamos a Deus por Deus!" Não afirmamos mais: "Deus, se tu fizeres isto por mim, farei isto por ti", ou: "Deixarei de fazer isto ou aquilo, se prometeres fazer isto por mim!" Que possamos afirmar: "Senhor, deixo os resultados em tuas mãos."

Essa foi a confiança de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, com resultados espantosos para eles e surpreendentes para o rei. Nabucodonosor olhou para a fornalha e viu os três hebreus andando no meio do fogo, sem nenhum dano, o que nos leva ao terceiro aspecto da história. Quando enfrentamos a nossa fornalha e deixamos os resultados com Deus, *podemos estar certos de sua presença conosco no fogo*. Nabucodonosor não viu apenas os três homens livres, mas também um quarto homem entre eles. "Vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses" (Daniel 3:25). O Senhor estava com eles no fogo. Ele é o quarto Homem no fogo!

O Senhor sempre atende à oração. Quando a resposta não é a que desejamos ou a que pedimos, ele nos dá um presente bem melhor — ele próprio. A encarnação é a sublime segurança de que ele suporta o fogo conosco. Deus viveu entre nós em Jesus Cristo e passou pelas chamas de nossa humanidade por nós, a fim de que pudéssemos ter a certeza de que ele jamais se ausenta quando precisamos dele. Ele está conosco agora. Com ele ao nosso lado, podemos suportar nossa fornalha ardente. Foi o quarto Homem no fogo que impediu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego de serem queimados. É interessante que Nabucodonosor tenha reconhecido a quarta Pessoa no fogo como um ser divino, declarando que o seu aspecto era semelhante a um filho dos deuses. Sabemos que esse Homem não era outro senão o Verbo, o Filho de Deus, que mais tarde veio como Jesus de Nazaré — Emanuel — Deus conosco. Note que ele não extinguiu o fogo nem tirou os três homens da fornalha.

Quando estamos dispostos a confiar na sua providência, o Senhor intervém a tempo e no seu tempo. Quando entramos na fornalha, os resultados ficam a critério do seu plano e horário, e sua intervenção convencerá os outros do poder que ele tem.

Depois do livramento dos hebreus, o rei deu glória a Deus. Atente para o que ele disse aos oficiais da corte: "Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, a servirem e adorarem a qualquer outro deus, senão ao seu Deus. Portanto faço um decreto, pelo qual todo o povo, nação e língua que disser blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas em monturo; porque não há outro Deus que possa livrar como este" (Daniel 3:28-29).

Partindo de quem, momentos antes, desejava a morte dos três hebreus, esta é uma declaração e tanto! Foi preciso um acontecimento extraordinário na vida do rei para mudar-lhe a atitude com relação ao povo de Deus, cruelmente deportado para Babilônia. Era preciso fazer algo para reassegurar ao povo que o poder de Iavé não se limitava a Jerusalém e à terra prometida. O que aconteceu na fornalha ardente transformou, não apenas o rei, mas também o povo hebreu. Deus realmente estava no comando! A intervenção divina abalou toda a terra, desviando a atenção de todos dos deuses pagãos para o verdadeiro Deus, e infundindo coragem e esperança no povo cativo.

Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram soltos e receberam propriedades na província de Babilônia. O rei reconheceu a coragem deles, cujo testemunho levou-o, e a seus presidentes, a adorarem o Deus Altíssimo. O povo de Deus, exilado por causa da sua apostasia, evangeliza os seus captores. De fato, Deus tem a última palavra!

Não perca a mensagem principal dessa história. Os três hebreus fiéis não podiam prever os resultados da sua obediência ao Senhor.

Teria sido uma boa história se eles soubessem, de antemão, o que Deus faria. É uma excelente história porque eles não sabiam. A confiança deles não dependia do livramento, de acordo com os critérios humanos.

Por último, aprendemos de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego que *não há limite para o que Deus fará se dermos a ele a glória*. A obediência deles resultou em glória para Deus. É freqüente desejarmos passar por provações, desde que sejamos reconhecidos pela nossa galhardia. Não foi assim com os três que encontraram o quarto Homem no fogo. A presença do Senhor na fornalha não passou de uma etapa de um plano maior. Os três saem do cenário, mas a glória do Senhor permanece. Nosso futuro poder da oração depende de darmos ao Senhor a glória por tudo o que aconteceu no passado.

Há pessoas que observam o que está acontecendo com você e comigo. Uma delas pode ser a que causou os nossos problemas. O que nossas provações fazem conosco e o que Deus faz em nós por causa delas, tocarão poderosamente a vida dessas pessoas. Como resultado, elas não devem ficar impressionadas conosco, e, sim, atemorizadas pelo que Deus fez com as nossas circunstâncias entregues a ele. Nosso testemunho deve ser que somente Deus poderia ter feito o que fez, e que mesmo que tivesse feito de modo diferente, ainda confiaríamos nele.

De nossos estudos dos heróis e heroínas do Antigo Testamento, um tema constante se nos afigura. O Senhor do impossível chamou a todos para se arriscarem, e nenhum deles sabia como a provação ou o desafio terminaria. Eles não buscaram heroísmo; tão-somente obedeceram a Deus e confiaram nele para que o Senhor realizasse os seus propósitos através deles.

Em vista do que temos considerado, cabe aqui uma pergunta pessoal. Estamos dispostos a abrir mão dos temores do que nos possa acontecer? Cada um de nós enfrenta algum tipo de desafio para ser obediente a Deus em

circunstâncias difíceis. Os falsos deuses estão todos ao nosso redor, tentando curvar-nos diante deles na busca de soluções fáceis, sem dor nem frustração. O mais tentador de todos é o deus "quebra-galho", o qual moldamos de nossos desejos de manipular a Deus. Mas uma oportunidade sagrada e abençoada está diante de nós. "O mundo, meu Deus é capaz de me livrar da fornalha de fogo ardente, e de me libertar das muletas. Mas, mesmo que não o faça, não vou servir aos teus deuses!" Se pudermos proclamar nossa independência de outros deuses, então poderemos levar nossas necessidades ao único Deus verdadeiro.

Quando proferimos e enfatizamos as duas palavras no fogo — "Se não" —, o quarto Homem fará muito mais do que esperamos — e de um modo incomparavelmente melhor.

#### CAPÍTULO VINTE

## **QUANDO TUDO O MAIS FALHA**

### ***Ezequiel***

Em um restaurante onde de vez em quando almoço, notei um anúncio interessante: "Dieta de último recurso". O jogo de palavras atraiu a minha atenção, mas foi a frase explicativa, abaixo do título, que prendeu o meu interesse. As palavras me intrigaram e permaneceram em minha mente por muitos dias. "Uma dieta é de último recurso quando tudo o mais falhou".

Você entendeu bem. Comecei a imaginar uma dieta espiritual que pudéssemos seguir quando nada mais desse certo. Você já conheceu alguma época em sua vida quando nada parecia dar certo? Alguma área de sua vida? Um relacionamento ou uma responsabilidade? Algum problema que resiste à solução ou ao desafio, com o qual você parece não poder lidar? Já ficou abatido ao ponto de se desiludir da vida como um todo? O que faz você quando nada dá certo, quando os melhores esforços e os maiores dispêndios de energia somente parecem piorar a situação?



Alguns experimentam esse tipo de fracasso em épocas de doença. Outros o sentem com pessoas a quem buscam amar ou ajudar. Outros o sofrem nos seus empregos ou nos seus casamentos. Ainda outros conhecem a frustração ao tentar renovar suas igrejas. Todos nós já o sentimos em tarefas que pesam muito em nossos corações. O que você pode fazer quando nada dá certo?

Foi numa época em que nada dava certo que Deus nomeou Ezequiel profeta para o seu povo. Ele nasceu por volta de 621 a.C. Os primeiros vinte e sete anos de sua vida ele os viveu através do declínio político e espiritual de Judá e Jerusalém. Ele viu o templo perder a sua glória, ao ser despojado de ornamentos e acessórios, num último esforço para afastar a derrota, pagando tributo. O profeta testemunhou a ascensão e a queda de quatro reis. Os babilônios assumiram o domínio do mundo e fizeram de Judá um estado vassalo. Finalmente, por volta de 597, Ezequiel foi levado para a Babilônia juntamente com o rei Jeoaquim e outros cidadãos distintos, como príncipes e artesãos.

No primeiro ano de exílio, Ezequiel observou o povo de Deus e condeu-se de sua triste condição espiritual. As notícias desanimadoras de Jerusalém intensificavam a angústia deles.

A vida na Babilônia não era tão ruim quanto havia sido para os cativos do Reino do Norte, ao tempo do império assírio, os quais perderam a sua identidade e se espalharam. Os babilônios permitiram que os judeus vivessem em comunidades e desenvolvessem uma aparência de existência normal. Mas os altivos hebreus não conseguiam esquecer a sua derrota e humilhação. Para eles, a Providência e a soberania de Deus se limitavam à Terra Prometida e a Jerusalém. Eles se sentiam sozinhos e abandonados na Babilônia. A universalidade e a onipotência de Deus não constavam de sua teologia. Estar fora da Palestina era estar longe do Senhor. O ridículo e o escárnio de seus captores somente aumentavam a angústia deles. O Salmo 137:16 expressa o seu desânimo, bem como a sua compreensão limitada do Senhor de toda a criação:

Às margens dos rios de Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros que lá havia pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião. Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor na terra estranha? Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria.

Se não podemos cantar a canção do Senhor na terra estrangeira e estranha da adversidade, as possibilidades de podermos cantá-la não existem! Mas todos nós já passamos por épocas em que nossa canção de louvor se apega à garganta como um osso atravessado, e não temos alegria sequer para cantar. Parece faltar a melodia da vida e nenhuma disposição sentimos para cantar, porque nada deu certo. Foi numa época de abatimento, sem canção, que Deus levantou a Ezequiel com uma nova canção. E a canção de esperança que ele ensinou ao povo de Deus em terra estranha foi a primeira que lhe ensinou o Senhor. O que Deus desejava para o seu povo, ele primeiro produziu em seu profeta.

A chamada de Ezequiel continha três admoestações estimulantes. A primeira, era que ele permanecesse firme, de modo que Deus pudesse falar-lhe. Era como se o Senhor ordenasse: "Atenção!" e Ezequiel tivesse de se apresentar com um pronto: "Sim, senhor!" O Senhor desejava de seu profeta completa atenção, pés firmes, prontos para se mover com fidelidade. "Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo!" A segunda admoestação era acompanhada de um

dom. O Espírito do Senhor penetrou na alma esvaziada de Ezequiel, quando lhe disse: "Tu lhes dirás as minhas palavras." E para que a ordem se cumprisse, o profeta recebeu um rolo da Palavra de Deus. A terceira ordem, foi: "Tu, ó filho do homem, ouve o que eu te digo, não te insurjas como a casa rebelde; abre a boca, e come o que eu te dou." O rolo foi dado a Ezequiel com um urgente: "Filho do homem, come o que achares; come este rolo, vai e fala à casa de Israel" (Ezequiel 2:1, 7, 8; 3:1).

Há uma dieta de último recurso, sem dúvida! *Levante-se, mova-se, coma e digira a Palavra de Deus.* Quando nada mais dá certo, é isso precisamente o que o Senhor faz por nós. Ele atrai a nossa atenção, dá-nos um desafio para que dependamos somente de seu Espírito para o nosso sustento, e nos alimenta com a sua orientação, enquanto mastigamos e digerimos as suas palavras de estímulo. O tema central da Bíblia é a ressurreição, poder de soerguimento, inato ao Senhor do impossível. Ele pode tomar pessoas mortas, igrejas mortas, casamentos mortos, amizades mortas, projetos mortos, e ressuscitá-los para uma nova vida mediante a efusão de seu Espírito! Foi essa a mensagem esperançosa e liberadora de Ezequiel ao povo de Deus, através dos vinte anos de seu ministério na Babilônia a partir de 592 a.C.

Naquele tempo ele permaneceu com o povo à medida que uma esperança após outra se desfazia. Ele anunciou a verdade decisiva acerca da tomada e destruição de Jerusalém. Quando a cidade caiu em 586 a.C, ele teve uma visão do que Deus era capaz de fazer por seu povo, que pensava que nada mais daria certo. Ezequiel se tornou o profeta da glória de Deus. Sua mensagem básica era acerca da onipresença divina, que se faz sentir no meio de seu povo para ressuscitá-lo. Para o povo de Deus, Ezequiel era um ponto decisivo, a marcar a inversão do fluxo de pensamento e expectativa da morte para a vida. Ele era um profeta do poder ressuscitador de Deus.

A poderosa mensagem restauradora de Ezequiel baseava-se numa promessa e numa visão, registradas para nós nos capítulos 26 e 27 de sua profecia. O prelúdio para a visão era uma grande esperança. Ao profeta, o Senhor assegurou que levaria o seu povo do exílio para Jerusalém, mas eles *não* seriam o mesmo povo tirados da sua terra natal. Para todos eles o exílio seria como humilhação e morte. E das sepulturas do fracasso e da apostasia, Deus ressuscitaria um novo povo. Ele lhes daria um novo coração e colocaria o seu Espírito dentro deles — outra garantia de uma dieta de último recurso, quando nada mais dava certo. A promessa do Senhor é a de que todos nós precisamos: "Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus" (Ezequiel 36:26-28).

Então o Senhor deu a Ezequiel uma revelação de como isso aconteceria. Ele se apoderou do profeta e deu-lhe a visão do vale de ossos secos.

Os hebreus exilados tinham um provérbio que permeava a conversação deles: "Nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança. Estamos de todo exterminados". Fico a imaginar se este provérbio se revolveia na mente de Ezequiel. Além disso, havia o rumor, proveniente de Jerusalém, de que numa batalha final, a carne dos guerreiros abatidos havia sido esfolada, e os seus ossos deixados a secar ao sol escaldante. Mas, por certo, a influência mais forte era a percepção do desalento espiritual do seu povo. Eles se tornaram os mortos entre os vivos. Deus desejava que Ezequiel testemunhasse como ele os faria reviver

dentre os mortos!

Afirma a Bíblia que o profeta foi arrebatado pelo Espírito. Sentiu--se fora de si, viu a condição real de seus irmãos judeus e viu também o que Deus estava prestes a realizar. O que Deus lhe revelou deve ser compreendido no contexto da interpretação após a visão. "Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel" (Ezequiel 37:11). E eles podem ser os nossos também e de nossa igreja!

O Espírito do Senhor mostrou a Ezequiel o vale dos ossos secos e o fez andar no meio deles. Os ossos estavam espalhados, des-conjuntados e bem secos. Então, semelhante à pergunta feita a Elias: "Que fazes aqui?", o Senhor fez uma pergunta expressiva a Ezequiel, não por desconhecer a resposta, mas por desejar que o profeta dos israelitas espiritualmente mortos conhecesse a sua resposta. "Filho do homem, acaso poderão reviver estes ossos?" Note como o Senhor se aproveita do provérbio de desespero que circulava entre o povo: "Os nossos ossos se secaram". Ele desejava saber se o profeta acreditava que eles pudessem reviver. Ezequiel respondeu com humildade e realismo, de par *com* temor e espanto: "Senhor Deus, tu o sabes" (37:3). Era uma resposta de rendição e franqueza, como se dissesse: "Ó Senhor, eles não podem viver sem ti. Somente tu podes trazê-los à vida!"

Ezequiel recebeu ordens para profetizar aos ossos secos e dizer: "Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. . . Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele, e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o Senhor" (Ezequiel 37:4-6).

Ezequiel seguiu as ordens e fez como o Senhor lhe disse. Enquanto profetizava, houve um ruído estrepitoso, e os ossos começaram a se ajuntar, cada osso à sua junta correspondente. Então os tendões cresceram por cima deles, seguidos de carne e pele. O resultado foi um vale de corpos mortos, faltando apenas a respiração que os trouxessem à vida plena de novo. Para esse fim, o Senhor instruiu a Ezequiel que ordenasse a volta da respiração aos corpos mortos. Tendo ele feito isso, os corpos voltaram à vida e se puseram em pé como um grande e expressivo exército. Uma ressurreição dos mortos acontecera!

O Senhor foi rápido em apresentar à *mente* de Ezequiel as implicações da visão.

"Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados. Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair delas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. Sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas, e vos fizer sair delas, ó povo meu. Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabalecerei na vossa própria terra. Então sabereis que eu, o Senhor, disse isto, e o fiz, diz o Senhor" (Ezequiel 37:11-14).

Duas coisas importantes essa visão nos revela, quando pensamos que nada mais dá certo. A primeira é: *reconheça os ossos!* O Senhor desejava que não houvesse ambigüidade acerca do significado da visão. Os ossos eram Israel. O significado para nós é que também podemos estar espiritualmente mortos, enquanto fisicamente vivos. Estamos entre os mortos-vivos sempre que nossa capacidade para a esperança se acaba, sempre que o nosso amor por Deus e pelos outros começa a esfriar-se e se torna superficial, e sempre que a nossa fé se restringe a um hábito e um dever monótono. Nossa finalidade é a de ser vibrantes e radiantes. Reconheçamos os ossos da monotonia, da aparência triste e da falta

de alegria. Não há nada mais ineficiente do que a religiosidade que perdeu o entusiasmo e a atração. Se não estamos entusiasmados com a vida, nossas vidas estão entre os ossos secos — fragmentadas e espalhadas. E o Senhor afirma: "Você está morto, seco, vazio, mortalmente triste. Mas eu vou dar-lhe nova vida!"

Muitas vezes a igreja é como Israel no exílio. Quando a fé e a vida estão separadas, a repetição familiar e irrefletida de ritos e rituais pode tornar-se enfadonha e sem atrativos. Verdades estimulantes podem ser enunciadas com uma piedade sem alegria, que erra o alvo das necessidades reais do povo. Pretensos resultados são atribuídos a organizações, programas e prédios, nos quais depositamos nossa confiança.

Quanto mais falo com líderes e membros da igreja atual, mais convencido fico de que a nossa maior necessidade é reconhecer os ossos do nosso institucionalismo morto. Nada deu certo! Devemos admitir, como indivíduos e como um corpo, nossa necessidade da ressurreição diária e do sopro do Espírito Santo para nos encher. Há ciclos de morte e ressurreição nas vidas dos crentes como indivíduos, assim como nas igrejas. Quando apreciamos o nosso passado mais que o nosso futuro, começamos a morrer. A experiência de Deus no passado jamais pode substituir o que ele anseia ser para nós agora e no futuro.

Já passei por experiências repetidas de ter de reconhecer os ossos de minha própria indiferença espiritual. Quando as coisas secundárias bloqueiam a intimidade com o Senhor, começo a morrer. Quando fico chocado pela percepção de que me juntei ao vale dos ossos secos entre a multidão de enfadonhos líderes da igreja, devo com sinceridade admitir esses ossos. Cada igreja a que servi passou pela experiência do reavivamento, quando o Espírito do Senhor nos conduziu ao arrependimento do nosso comodismo ou da resistência às novas direções que ele esteve tentando nos dar. Tivemos de reconhecer os ossos de programas que não mais davam certo, costumes que se perpetuaram no passado mas não ajudaram ou resolveram os conflitos íntimos das pessoas, ou o exclusivismo embutido que falhou em cumprir a ordem do Senhor de alcançar aqueles que não o conhecem e não o amam. O Senhor quebranta as igrejas bem como as pessoas. Ele permite que elas cheguem ao ponto em que nada mais dá certo! Ele nos faz a pergunta que fez a Ezequiel: "Acaso poderão reviver estes ossos?"

Antes de responder, devemos admitir que são eles os nossos ossos. Deus não nos pede que generalizemos acerca dos ossos mortos de nossas igrejas. Ele deseja mais que teorias intermináveis e técnicas engenhosas de renovação da igreja. Precisamos de muito mais que um novo programa de evangelização ou de levantamento de fundos, ou de atividades para os membros. Devemos reconhecer os ossos. "Senhor, estamos mortos. Mortos em comparação com o que desejas da tua igreja. Enfadonhos, comparados com o Cristianismo contagioso que percebemos nas páginas de Atos. Desejamos voltar à vida. Mais vivos que jamais fomos antes. Ansiamos ser um centro de nova vida, pregação dinâmica, conversões, uma comunidade amorosa, aberta para a compreensão, alcance e acolhimento, onde as pessoas são amadas e livres para viver a vida abundante." Reconhecer os ossos, oração que jamais voltará sem resposta. A ressurreição da igreja pode acontecer e acontecerá. Os ossos vão ganhar vida!

A ressurreição espiritual exige uma combinação da franqueza com o desejo de viver no mais alto nível para o Senhor. Deve começar com o pastor e os oficiais. Depois, quando eles confessarem os ossos mortos de seus esforços, Deus dá início a uma ressurreição neles individualmente e em conjunto. As coisas pelas quais ansiamos em nossas igrejas não podem ser realizadas apenas

mediante o esforço humano.

Somente Deus pode dar entusiasmo e vida à pregação de sua Palavra. Ele é o único que pode capacitar as pessoas à reação. Ele é o agente da conversão e a fonte da dádiva da fé. Ele traz as pessoas para uma igreja que está viva. Ele inspira líderes a desenvolverem uma qualidade de programa que realmente satisfaça às necessidades das pessoas.

Não há nada pior do que gastar nossas energias tentando ser bons membros de igreja. Mas no momento em que o povo de Deus franqueia os seus corações a ele e uns aos outros, ele dá direção inovadora, que os mais inteligentes não são capazes de produzir. Ele gera uma prontidão e uma responsabilidade em seu povo, que é nada menos que um milagre.

A maioria de nós é tão orgulhosa e auto-justificadora que evita a todo o custo a experiência de reconhecer os ossos. Na verdade, a percepção do que está morto em nós ou em nossas igrejas é um sinal de grande maturidade. A única coisa pior que o próprio fracasso, é o fracasso em admiti-lo e em permitir que Deus conceda o dom da ressurreição. Quando nos recusamos, Deus precisa achar um meio de nos revelar o quanto estamos mortos. Seus métodos muitas vezes são dolorosos e alarmantes. Para Israel foi necessário o exílio. Mas Deus estava pronto para começar novamente com o seu povo, no momento em que se arrependessem. Quando nada mais dá certo, a pergunta mais importante é: "Por que nada deu certo?"

As críticas de outras pessoas de nada adiantam. Os "se apenas", apontados para os amigos, ou entes queridos ou líderes, não ajudam a experimentar a nova vida. O Senhor assevera: "Admita os ossos — eles são seus!" Aí é quando os ossos obtêm tendões, carne e pele. A ressurreição não está muito longe.

A segunda coisa que descobrimos na visão de Ezequiel relaciona--se bem de perto com a primeira. Depois que admitimos os ossos devemos repudiá-los. O Senhor deu a Ezequiel um quadro vivido do que ia acontecer, antes de pedir-lhe que profetizasse.

A dieta espiritual de Deus para Israel e para nós é um novo espírito e um novo coração, que sejam capazes de receber e conter o seu próprio Espírito doador da vida. Os ossos foram ligados. Os esqueletos receberam nervos e carne, mas não houve vida até o Senhor assoprar-lhes o seu Espírito. Quando nada sai certo, o Senhor nos dá tanto um novo espírito quanto o seu Espírito. Sempre me intrigou o fato de sua promessa a Israel ser um novo espírito humano capaz de receber o Espírito Santo. Minha interpretação é que nosso novo espírito seja uma nova disposição, uma atitude diferente, uma perspectiva liberada. Quando Ezequiel recebeu ordens para profetizar aos ossos, recebeu um novo espírito de expectativa e antecipação de que aquilo que o Senhor prometeu poderia acontecer. Deus prepara os nossos corações através da confrontação, confissão e confirmação de seu amor, antes que haja uma prontidão de nossa parte para receber o seu Espírito. Seu Espírito é o autor da preparação e do enchimento interior. Rendição completa é o prelúdio para a ressurreição dos ossos mortos de nossos sonhos desfeitos e alvos não alcançados.

O segredo da vida nova e abundante nos é oferecido por meio da morte e ressurreição de Cristo, e do poder do Espírito Santo. Ele morreu para que pudéssemos ser perdoados, e ressuscitou para que a morte não mais seja nossa inimiga. Ele retorna a cada um de nós para ser a fonte de nossa ressurreição pessoal. "Eu sou a ressurreição e a vida", revelou-nos ele. Não apenas ele nos oferece a promessa de uma nova vida para os nossos ossos mortos em nosso auto-imposto exílio espiritual, mas também oferece o poder para torná-la

realidade. Nossa esperança não se baseia apenas na ressurreição dele, mas no fato de que nós mesmos ressuscitamos para uma nova vida que jamais findará. A ressurreição para uma vida cheia do seu Espírito promete a regeneração de nosso caráter e de todo o nosso ser. Não só ele nos arranca das nossas sepulturas de impotência, mas também nos dá o poder para viver com liberdade e alegria, como novas pessoas.

Os discípulos não poderiam sobreviver sem o Pentecoste. Nem o podemos nós. O fato de os discípulos terem convivido com Jesus durante os três anos de seu ministério, fez deles as pessoas novas e poderosas que transformaram o mundo. O período entre a ressurreição e o Pentecoste foi como um vale de ossos secos. O que trouxe aqueles discípulos esgotados à vida foi o derramamento do Espírito Santo. O que aconteceu aos ossos secos na visão de Eze-quiél foi um prelúdio ao que aconteceu na Páscoa e no Pentecoste.

Quando leio essa história, vejo que o renascimento espiritual sempre começa com pessoas que admitem os ossos e depois os repudiam através da experiência do arrependimento e da aceitação do poder do Senhor. O momento em que vivemos é mais emocionante porque Deus permitiu a tantos de seu povo, leigos e ministros, testemunharem o fracasso de seus planos e programas, esgotaram-se o esforço, a habilidade e a inteligência humanos. Mas logo em seguida ao arrependimento vem a ressurreição, e depois desta a regeneração. Os ossos mortos retornam à vida!

Se você se encontra em uma dessas ocasiões em que nada está dando certo, agradeça-a Deus. Se você sente que está frio o seu coração, creia que Deus o substituirá por um coração de carne — aberto, caloroso e receptivo. *Você* está pronto para receber o sopro da vida, o Espírito do próprio Senhor.

Recentemente, uma jovem viúva veio consultar-me. Seu marido havia morrido alguns anos antes, mas ela não permitiu a si mesma sentir tristeza e atravessar a dor da perda. Em vez disso, ela encheu a vida de atividades. Entretanto, ela começou a perceber uma frieza crescente dentro de si, a qual mantinha as pessoas à distância. Logo se sentiu como que rejeitada por Deus. Era-lhe difícil orar. "Meu coração é como uma laje fria", disse ela, começando a chorar. "Sinto-me morta por dentro. Já tentei de tudo e nada parece dar certo."

Depois de um longo período de soluços, a jovem mulher estava pronta para aceitar o que Deus esteve tentando dar-lhe o tempo todo. Ao reconhecer e admitir o seu entorpecimento emocional e espiritual, permitiu que Deus colocasse um "coração de carne" no lugar de seu "coração de pedra". Nós oramos, e o Espírito Santo invadiu o seu ser por completo — mente, emoção, vontade, corpo — de modo que ela abandonou o vale dos ossos secos. Aquela tarde marcou o início de uma vida movida pelo poder do Espírito, que a libertou para viver e amar novamente. Quando nada mais deu certo, ela aceitou a dieta do último recurso. A mesma coisa pode acontecer comigo e com você.



---

**A** melhor literatura evangé-  
lica

- inspira
- informa
- satisfaz

Uma pequena amostra dos  
excelentes livros Vida . . .

---